



**Universidade do Estado do Rio de Janeiro**

Centro de Educação e Humanidades

Faculdade de Educação

Máira Conceição Alves Pereira

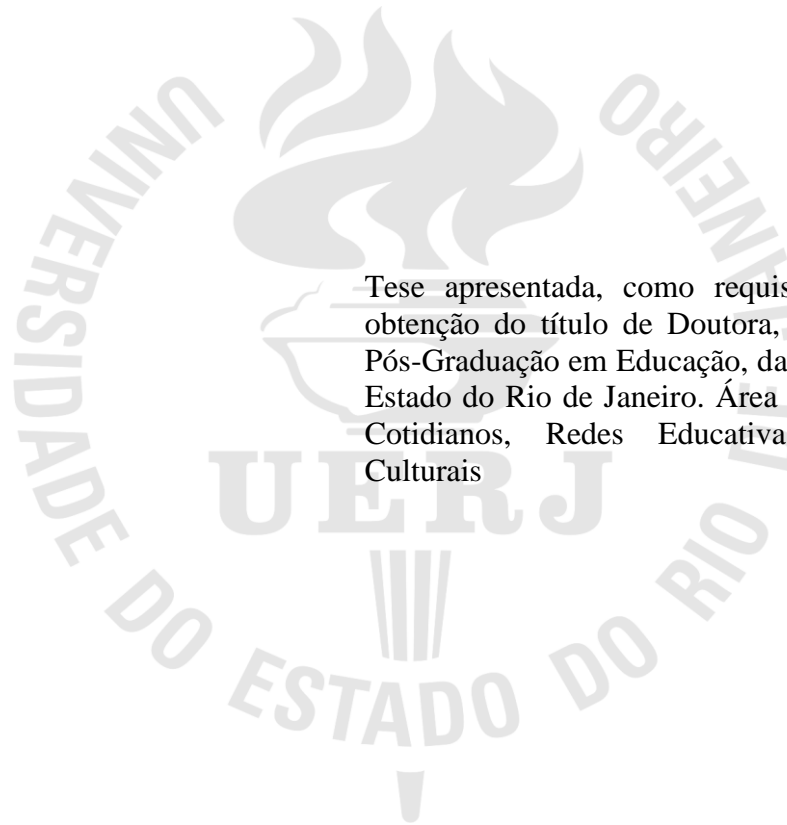
**Redes Educativas no Terreiro *Ilê Omidayê*:  
uma pesquisa com os cotidianos na cibercultura**

Rio de Janeiro

2018

Máira Conceição Alves Pereira

**Redes Educativas no Terreiro Ilê Omidayê: uma pesquisa com os cotidianos na  
cibercultura**



Tese apresentada, como requisito parcial para obtenção do título de Doutora, ao Programa de Pós-Graduação em Educação, da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Área de concentração: Cotidianos, Redes Educativas e Processos Culturais

Orientadora: Prof.<sup>a</sup> Dra. Stela Guedes Caputo (Maristela Gomes de Souza Guedes)

Rio de Janeiro

2018

CATALOGAÇÃO NA FONTE  
UERJ / REDE SIRIUS / BIBLIOTECA CEH/A

P455      Pereira, Máira Conceição Alves.  
              Redes Educativas no Terreiro Ilê Omidayê: uma pesquisa com os cotidianos  
              na cibercultura / Máira Conceição Alves Pereira. – 2018.  
              279 f.

              Orientador: Stela Guedes Caputo  
              Tese (Doutorado) – Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Faculdade de  
              Educação

              1. Educação – Teses. 2. Narrativas – Teses. 3. Candomblé – Teses. I.  
              Caputo, Stela Guedes. II. Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Faculdade  
              de Educação. III. Título.

es

CDU 37

Autorizo, apenas para fins acadêmicos e científicos, a reprodução total ou parcial desta  
tese, desde que citada a fonte.

---

Assinatura

---

Data

Máira Conceição Alves Pereira

**Redes Educativas no Terreiro *Ilè Omidayè*: uma pesquisa com os cotidianos na  
cibercultura**

Tese apresentada, como requisito parcial para  
obtenção do título de Doutora, ao Programa de  
Pós-Graduação em Educação, da Universidade do  
Estado do Rio de Janeiro. Área de concentração:  
Cotidianos, Redes Educativas e Processos  
Culturais

Aprovada em 22 de fevereiro de 2018.

Banca Examinadora:

---

Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Stela Guedes Caputo (orientadora)  
(Maristela Gomes de Souza Guedes)  
Universidade do Estado do Rio de Janeiro

---

Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Edméa Oliveira dos Santos  
Universidade do Estado do Rio de Janeiro

---

Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Maria Luiza Sússekkind Verissimo Cinelli  
Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro

---

Prof. Dr. Roberto Sidnei Macedo  
Universidade Federal da Bahia

---

Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Rosemary dos Santos de Oliveira  
Universidade do Estado do Rio de Janeiro

Rio de Janeiro

2018



## **DEDICATÓRIA**

Para minha mãe, Valda Alves C. Pereira, com todo amor.

## AGRADECIMENTOS

Agradeço as companhias, as escutas, as conversas, as aprendizagens e os encontros na travessia da pesquisa-rio.

Agradeço a Stela Guedes Caputo, orientadora no Doutorado, pelas portas abertas no grupo de pesquisa em 2013. Foi naquele ano que o projeto da pesquisa ganhou forma. Seu amor pela pesquisa com as crianças de terreiros transborda e inspira. Agradeço as partilhas, a amizade e o convite para soprar com você os dentes-de-leão pelo mundo, que são as delicadezas, complexidades e sabedorias que existem nos terreiros de Candomblé. Foi formativo percorrer o caminho da pesquisa com autonomia e parceria. Obrigada por sua inspiradora ousadia, sensibilidade e inventividade. Obrigada por reparar miúdo, revelando as grandezas dos saberes kékeré com seu olhar caçador de belezas.

Agradeço os professores que aceitaram o convite para participar da banca da minha defesa de tese de Doutorado. Vocês seguirão nas memórias afetivas da travessia comigo, inspirando novos afluentes da pesquisa-rio.

Edméa Oliveira dos Santos, amiga querida e de muitas travessias. Obrigada por ter me apresentado a Nilda Alves e a Stela Guedes Caputo antes de eu me supor doutoranda do ProPEd/UERJ. Já durante o Doutorado, agradeço por ter me apresentado a Maria Luiza Sússekind. Foi em suas belas aulas no Doutorado que conheci mais profundamente o trabalho de Roberto Sidnei Macedo. Obrigada por reunir e me apresentar pessoas tão fundamentais em minha formação. Antes, muito antes, porém, fui apresentada à vitalidade, ao amor e à alegria que você carrega e compartilha por ser professora e pesquisadora. Agradeço-lhe muito por viver este importante momento formativo comigo. Agradeço também o valioso presente dos seus rastros de leitura em meu texto de qualificação. Um agradecimento especial ao GPDOC – Grupo de Pesquisa Docência e Cibercultura, que você coordena e que reúne pessoas tão queridas e engajadas, entre as quais, Rosemary dos Santos, também membro da banca. Sinto-me parte do grupo.

Maria Luiza Sússekind, querida, agradeço muito o seu interesse, carinho, sensibilidade e entusiasmo com a pesquisa-rio. Você e Vitoria, interlocutora da pesquisa, fazem aniversário no mesmo dia. Lembro bem do seu encantamento com as narrativas dela no meu texto de qualificação. Delicadezas no oceano que tudo atravessa.

Nilda Alves, inspiradora e querida professora. O conceito de redes educativas esteve comigo desde as primeiras linhas do meu projeto de pesquisa. Mãe Márcia d'Oxum,

interlocutora da presente pesquisa, sempre demonstrou interesse e carinho por seus conceitos e contribuições que lhe apresentei em artigos ao longo da pesquisa. Isso demonstra seu trânsito por redes e cotidianos diversos, despertando todos os sentidos. Agradeço-lhe por aceitar sempre pronta e delicadamente o meu convite para participar da travessia. Obrigada pelo cuidado e gentileza na leitura e nas recomendações em relação ao texto da qualificação.

Roberto Sidnei Macedo, agradeço profundamente o seu aceite e também a companhia ao longo da travessia com sua obra-correnteza, tão importante e inspiradora na pesquisa-rio. Obrigada pelo encontro que desloca a experiência, vibra e realiza o acontecer, como aprendi com você.

À querida Rosemary dos Santos, agradeço o pronto aceite para participar da banca. Obrigada também por ter percebido aspectos do meu caminho de formação e por ter revelado esses achados em sua inspiradora tese.

Carly Machado, que cursou Psicologia comigo, agradeço muito pelo carinho com que recebeu o meu convite para participar da banca como suplente.

Expresso toda gratidão e solidariedade aos professores, professoras, funcionários, funcionárias, alunos e alunas da UERJ. Não é possível desconsiderar o contexto em que a UERJ e toda a rede de Educação do Estado do Rio de Janeiro se encontram no tempo da minha pesquisa. Avançamos nas produções intelectuais, nas aulas e nas demais atividades acadêmicas e de pesquisa sob as condições mais adversas, com dedicação, garra e esperança, cultivando nossos jardins. Que possamos florescer, após todas as lutas, em todas as cores do arco-íris.

Deixo agradecimentos especiais a sempre tão atenciosa Jorgete Costa Martins e a todos os funcionários da Secretaria e do Departamento Financeiro do ProPEd/UERJ.

Agradeço a cada um dos companheiros e companheiras do grupo de pesquisa Kékeré: Adailton Moreira, André Porfiro, Cristiano Sant'Anna, Elaine Marcelina, Luciana Monsore, Lucio Sanfilippo, Marcos Serra, Patrícia Roif, Pedro Castanheira de Freitas, Raíssa Teixeira e a todos e todas que fizeram parte de sua história.

Agradeço a José Renato Baptista, que trouxe para o nosso grupo a presença amiga e os conhecimentos da etnografia.

Agradeço profundamente, com todo respeito e carinho imenso, a Márcia Dória Pereira, Mãe Márcia d'Oxum, por me acolher com afeto e confiança em seu terreiro, em seu coração e em sua vida e por compartilhar tantos sonhos, lutas, desejos e projetos. Muito obrigada pelos ensinamentos da água, pelos sentimentos e gestos cuidadosos que inspiram, fecundam, educam e transformam. O caminho da pesquisa-rio nos aproximou, mas são muitos os elos

que nos unem pela vida. Alegria, amor e gratidão por nos encontrarmos e nos escutarmos sensivelmente na travessia.

Agradeço a Adelaine Neves, Arethuzá Dória, Brenno Santos, Carlos André, Guara Freitas, Luiz Fernando Ferreira, Rhuan Lima, Rodrigo Ramos, Vinícius Pereira, Vitoria Dias, Yuri Baruque e a cada um dos membros do Egbé Ilè Iyá Omidayè Aşé Obalayo, terreiro de Candomblé que é campo na presente pesquisa. Agradeço a todos e todas por cada gesto de carinho e pela receptividade com que sempre fui recebida e acolhida. Agradeço os interlocutores e as interlocutoras da pesquisa, pessoas especiais e que tanto me ensinam. Agradecimentos, com muito carinho, às crianças do Ilè Omidayè: Ana Clara Pereira, Ana Luiza, Beatriz Santos Barbosa, João Pedro Pereira, José, Júlia Pereira, Letícia, Matheus, Rafaela, Safyra Ayrá Marinho e meu querido afilhado Victor Hugo.

Agradeço a Laura Lima pelas belas fotografias compartilhadas.

Agradeço, com todo amor, a minha mãe, Valda Alves C. Pereira, e ao meu tão querido pai, Luís Anastácio Pereira. A travessia que nos une é imensa. Tão bom saber que vocês caminham comigo.

Para a minha mãe, um agradecimento especial por contribuir para me proporcionar um ambiente tranquilo para o estudo. É como se ela pusesse um Alá (pano branco de Oxalá) sobre a casa para enchê-la de paz. Por cada delicadeza, obrigada.

Agradeço a Oxum, a dona da água do mundo, por seu rio perpétuo em minha vida, representante do poder feminino, a Iroko, Orixá-Árvore e Orixá-Tempo, por sua firmeza em mim, guardião da memória e da ancestralidade, protetor de toda travessia, a Ogun, a Oxóssi e a todos os seus azuis que colorem minha travessia, a Logunedé, a Oyá, a Oxumarê, a Ewá, a Iemanjá, a Xangô, a Oxalá e a todos os Orixás.

A todos e todas que estão comigo nesta travessia, modupé (também existe a forma adupé), que é como agradecemos na língua yorubá falada em alguns terreiros de Candomblé.

“Vou mostrando como sou e vou sendo como posso. Jogando meu corpo no mundo, andando por todos os cantos. E pela lei natural dos encontros, eu deixo e recebo um tanto” (Novos Baianos, em trecho da canção “O Mistério do Planeta”). Por cada encontro, modupé.

Tempo ê!

Os processos seguem teu passo

Inexorável

As caminhadas duram de acordo contigo

A chegada acontece ao teu comando

Até o jardim, que somos

Tempo ê!

Avançamos sob geadas, secas, granizos e insetos

Persistimos sob temporais, pragas e ervas daninhas

E no teu ordenamento

Florescemos em todas as cores do arco-íris

*Daniela Luciana Silva*

## RESUMO

PEREIRA, Máira Conceição Alves. Redes Educativas no Terreiro Ilê Omidayê: uma pesquisa com os cotidianos na cibercultura. 2018. 291 f. Tese de Doutorado em Educação – Faculdade de Educação, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2018.

Esta tese origina-se na pesquisa de doutoramento desenvolvida no Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade do Estado do Rio de Janeiro – ProPEd/UERJ –, cujo objetivo é compreender as redes educativas constituídas em um terreiro de Candomblé e como elas se relacionam com os percursos formativos dos membros da comunidade-terreiro por meio de suas narrativas em interface com outros espaçostempos da cibercultura, especialmente o Facebook, e nos projetos e atividades culturais com os quais estão implicados. O campo da pesquisa é o terreiro Egbè Ilê Ìyá Omidayè Aṣé Obálayó, em sua forma abreviada, Ilê Omidayê, situado no município de São Gonçalo, no Rio de Janeiro, liderado por Mãe Márcia d'Oxum, em interface com o ciberespaço, sobretudo com o Facebook. Constituem-se como interlocutores da pesquisa os membros do terreiro. A pertinência da pesquisa inscreve-se no movimento da perspectiva epistemológica da multirreferencialidade com os cotidianos e pela adoção do método da etnografia, apresentado em minha proposição como etnografia na cibercultura. A intenção deste trabalho foi revelar como as narrativas produzidas e circuladas dentrofora do Ilê Omidayê constituem, criam, recriam e ampliam redes educativas. Com o mergulho no campo, alguns eventos e projetos culturais relevantes nos cotidianos do terreiro pesquisado emergiram como dispositivos da pesquisa, ao lado de interações nas redes sociais, incluindo as realizadas no fotodiário online de pesquisa, muitas conversas, online e presenciais, e participação nos eventos. Os achados da pesquisa revelam que as narrativas e criações diversas dos interlocutores da pesquisa se relacionam com seus percursos formativos e com sua implicação com o terreiro, promovendo processos de autorização, em que se tornam autores de si mesmos, o que é potencializado com seus usos do digital em rede. O papel que Mãe Márcia assume como formadora e articuladora nessas redes educativas, com seus saberes e narrativas da água, inspirados em um modo de ser, fazer, pensar e estar no mundo como Oxum, como laço e conexão, reunindo e engajando pessoas, também se caracteriza como achado da pesquisa.

Palavras-chave: Redes Educativas. Narrativas. Cibercultura. Cotidianos. Candomblé.

## ABSTRACT

PEREIRA, Máira Conceição Alves. Educational networks at Ilè Omidayè: a research with the daily contexts in the cyberculture. 2018. 291 f. Tese de Doutorado em Educação – Faculdade de Educação, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2018.

This work stems from the doctoral research developed in the Post-Graduation Program in Education in Rio de Janeiro State University - ProPEd / UERJ -, whose objective is to understand the educational networks constituted in Candomblé communities and how they relate with the formative paths of their members through their narratives in interface with other spaces of cyberculture, especially Facebook, and in the cultural projects and activities with which they are involved. The field of research is the Candomblé community Egbè Ilè Ìyá Omidayè Aṣé Obálayó, in its abbreviated form, Ilè Omidayè, located in the city of São Gonçalo, in Rio de Janeiro, led by Mãe Márcia d'Oxum, in interface with the cyberspace, especially with the Facebook. The members of the Candomblé community are constituted as research subjects. The pertinence and relevance of this study enrolled a broad movement of the epistemological perspective of multiple references to the daily contexts and by the adoption of the method of ethnography, presented in my proposition as ethnography in cyberculture. The intention of this work was to reveal how the narratives produced and circulated within Ilè Omidayè constitute, create, recreate and expand educational networks. With the dive in the field, some events and relevant cultural projects in the daily life of the community researched emerged as research devices, along with interactions in social networks, including those carried out in the online photodiary of research, many conversations, online and in person, and participation in events. The research findings reveal that the narratives and diverse creations of the research subjects relate to their formative pathways and their involvement with the Candomblé community, promoting authorization processes, in which they become authors of themselves, which is enhanced by their uses of digital network. The role that Mãe Márcia assumes as a formator and articulator in these educational networks, with their knowledge and narratives of water, inspired by a way of being, doing, thinking and being in the world as Oxum, as a bond and connection, gathering and engaging people, is also characterized as a finding of the research.

Keywords: Educational Networks. Narratives. Cyberculture. Daily Contexts. Candomblé.

## LISTA DE FIGURAS

Figura 1 –	Perfis dos Interlocutores da Pesquisa no Facebook .....	45
Figura 2 –	Mãe Márcia d’Oxum .....	46
Figura 3 –	<i>Selfie</i> de Mãe Márcia d’Oxum .....	47
Figura 4 –	Mãe Márcia e suas narrativas da água .....	48
Figura 5 –	Cartaz do Festival da Utopia de 2016 .....	51
Figura 6 –	Mãe Márcia com equipe do Projeto Matrizes Que Fazem em 2012 .....	52
Figura 7 –	<i>Selfie</i> de Ade com seus alunos da Educação Infantil .....	53
Figura 8 –	<i>Selfie</i> de Ade publicada como foto de perfil no Facebook .....	54
Figura 9 –	Foto de capa de Ade publicada no Facebook em 7/7/2014 .....	55
Figura 10 –	Passos de Ade .....	56
Figura 11 –	Ade esperando Victor Hugo .....	57
Figura 12 –	Vitoria em foto de perfil no Facebook em 14/9/2017 .....	58
Figura 13 –	Vitoria no Presente de Iemanjá de São Gonçalo – foto de capa no Facebook em 24/4/2015 .....	59
Figura 14 –	Vitoria no Presente de Iemanjá de São Gonçalo de 2016 .....	60
Figura 15 –	Brenno Santos filmando evento no <i>Ilè Omidayè</i> em 22/8/2015 .....	61
Figura 16 –	Brenno em foto de capa publicada no Facebook em 15/7/2015 .....	63
Figura 17 –	Membros do <i>Ilè Omidayè</i> em foto de capa de Mãe Márcia no Facebook .....	64
Figura 18 –	Fotodiário <i>online</i> de pesquisa no Facebook .....	82
Figura 19 –	As fotografias, o movimento e o tempo nas águas da pesquisa .....	86
Figura 20 –	Na pesquisa-rio que encontra o mar .....	91
Figura 21 –	Roda de Oxum de 2009 no <i>Ilè Omidayè</i> no documentário <i>iCandomblé</i> .....	94
Figura 22 –	João Velho entrevista Mãe Márcia d’Oxum <i>para o</i> documentário <i>iCandomblé</i> .....	95
Figura 23 –	Convite para lançamento do Ponto de Leitura de São Gonçalo divulgado por Ade em 16/4/2013 .....	96
Figura 24 –	Ade com Mãe Márcia e seu barco – fotos publicadas no Facebook em 07/5/2013 .....	97
Figura 26 –	Foto publicada por Ade na página do Projeto Matrizes Que Fazem no Facebook .....	102



Figura 27 – Convite publicado no Facebook para festa de Xangô no terreiro de Mãe Márcia em 2013 .....	105
Figura 28 – Narrativa criada pela autora, com imagens e texto, inspirada no <i>Alujá</i> .....	107
Figura 29 – Mãe Márcia abraça Iroko em foto da campanha contra a intolerância religiosa no Facebook .....	110
Figura 30 – Mãe Márcia com seus filhos de santo, membros do <i>Egbè Ilè Ìyá Omidayè Aṣé Obálayó</i> .....	116
Figura 31 – Campanha de Mãe Márcia no Facebook.....	119
Figura 32 – Cartaz do X Fórum de Ensino Religioso .....	120
Figura 33 – Manual de Bioética e outros materiais distribuídos pela SEEDUC aos professores do Estado do Rio de Janeiro durante o X Fórum de Ensino Religioso .....	122
Figura 34 – Ilustração da página 68 do manual denunciado .....	122
Figura 35 – Stela Guedes Caputo e grupo de pesquisa na Audiência Pública em 30/5/2014 .....	122
Figura 36 – Grupo de pesquisa na escadaria da Alerj após a Audiência Pública.....	123
Figura 37 – Foto de Stela Guedes publicada no Facebook com a legenda “Mãe Márcia na audiência contra o Manual, atuando, mais uma vez, contra as discriminações”.....	124
Figura 38 – Foto da capa do livro “Candomblé – um culto à natureza” publicada por Stela no Facebook.....	125
Figura 39 – Página do Projeto Matrizes que Fazem no Facebook .....	127
Figura 40 – Convite para encerramento do Matrizes do Futuro no Facebook .....	131
Figura 41 – Foto da primeira aula do Matrizes do Futuro no Facebook.....	132
Figura 42 – Foto de atividade do Matrizes do Futuro no Facebook.....	134
Figura 43 – Ade e Mãe Márcia no encerramento do Matrizes do Futuro .....	134
Figura 44 – Foto do evento de encerramento do Matrizes do Futuro .....	135
Figura 45 – Foto da turma no evento de encerramento do Matrizes do Futuro no Facebook.....	136
Figura 46 – Foto de minha participação no evento de encerramento do Matrizes do Futuro.....	137
Figura 47 – Com Mãe Márcia no Terreiro do Gantois em novembro de 2014.....	138
Figura 48 – Foto de capa de Mãe Márcia no Facebook com a legenda “seja água” .....	140
Figura 49 – Página do Seminário Fela Kuti no Facebook.....	140

Figura 50 –	Divulgação das oficinas de Mãe Márcia e Ade na página do Seminário Fela Kuti no Facebook .....	141
Figura 51 –	Mãe Márcia na oficina no Seminário Fela Kuti .....	142
Figura 52 –	Mãe Márcia dança para Iroko em sua oficina no Seminário Fela Kuti .....	144
Figura 53 –	Foto após a oficina de Mãe Márcia no Seminário Fela Kuti .....	145
Figura 54 –	Público, com membros do terreiro, como Carlos André e Vitoria, na foto com Ade .....	146
Figura 55 –	Ade em sua oficina no Seminário Fela Kuti .....	146
Figura 56 –	Narrativa publicada por Ade após sua oficina de tranças-afro .....	147
Figura 57 –	Foto de Ade esperando Victor Hugo .....	148
Figura 58 –	<i>Selfie</i> de Vitoria.....	149
Figura 59 –	Imagem da capa do evento público no Facebook para o Presente de Iemanjá de São Gonçalo de 2015.....	154
Figura 60 –	Ensaio no <i>Ilè Omidayè</i> para o Presente de Iemanjá de São Gonçalo em 02/2/2015 .....	155
Figura 61 –	Mãe Márcia e Vitoria no ensaio no <i>Ilè Omidayè</i> para o Presente de Iemanjá em 02/2/2015.....	156
Figura 62 –	Mãe Márcia e membros do <i>Ilè Omidayè</i> reunidos após o ensaio para o Presente de Iemanjá de São Gonçalo em 02/2/2015 .....	158
Figura 63 –	Mãe Márcia, Stela e Dorian no Sexto Presente de Iemanjá de São Gonçalo, em 08 de fevereiro de 2015.....	159
Figura 64 –	Capa da página “Petição Para Aprovar PL 7447 - Povos Tradicionais” no Facebook.....	160
Figura 65–	Fotos de Mãe Márcia e com seus amigos Ìyá Marcinha e seu marido, Mogbá Tainã para divulgar PL 7447 .....	160
Figura 66 –	Foto de filhos de santo e amigos de Mãe Márcia para divulgar PL 7447.....	161
Figura 67 –	Divulgando PL 7447 no Sexto Presente de Iemanjá.....	162
Figura 68 –	Stela e eu em nossas pesquisas que se encontram no Sexto Presente de Iemanjá.....	164
Figura 69 –	Stela com as crianças e sua câmara no Sexto Presente de Iemanjá de São Gonçalo .....	165
Figura 70 –	Foto do abraço de Stela e Ìyá Marcinha no Sexto Presente de Iemanjá .....	166
Figura 71 –	Stela fotografando Vitoria no Sexto Presente de Iemanjá de São Gonçalo....	166
Figura 72 –	Vitoria no Sexto Presente de Iemanjá de São Gonçalo.....	167

Figura 73 –	Vitoria no Sexto Presente de Iemanjá de São Gonçalo.....	168
Figura 74 –	Foto de Vitoria publicada no Facebook .....	169
Figura 75 –	Xirê no Sexto Presente de Iemanjá de São Gonçalo.....	170
Figura 76 –	Mãe Márcia durante o xirê no Sexto Presente de Iemanjá de São Gonçalo ...	170
Figura 77 –	Momentos do Sexto Presente de Iemanjá de São Gonçalo.....	171
Figura 78 –	Brenno Santos no Sexto Presente de Iemanjá de São Gonçalo .....	171
Figura 79 –	Apresentações artísticas e culturais no Sexto Presente de Iemanjá de São Gonçalo.....	171
Figura 80 –	Show de Danilo Dourado no Sexto Presente de Iemanjá de São Gonçalo .....	172
Figura 81 –	Show da banda Seu Ivo (Romeu Silva à direita, cantando e tocando triângulo) no Sexto Presente de Iemanjá de São Gonçalo .....	173
Figura 82 –	Público no show da banda Seu Ivo no Sexto Presente de Iemanjá de São Gonçalo .....	173
Figura 83 –	Apresentação cultural no Sexto Presente de Iemanjá de São Gonçalo .....	173
Figura 84 –	Saída do barco para a entrega do Sexto Presente de Iemanjá de São Gonçalo .....	175
Figura 85 –	Aguardando retorno do barco na Praia das Pedrinhas .....	175
Figura 86 –	Vitoria dança no Sexto Presente de Iemanjá de São Gonçalo .....	177
Figura 87 –	Foto editada e publicada por Vitoria no Facebook no seu aniversário de 13 anos .....	178
Figura 88 –	Vitoria com Ogan Bangbala.....	181
Figura 89 –	Campanha contra a intolerância religiosa da Casa de Oxumarê no Facebook.....	182
Figura 90 –	Mãe Márcia na campanha contra a intolerância religiosa no Facebook .....	183
Figura 91 –	Ana Clara e uma conversa sobre conchas.....	184
Figura 92 –	Vitoria nos preparativos para o Sétimo Presente de Iemanjá .....	185
Figura 93 –	Imagem de divulgação do Sétimo Presente de Iemanjá no Facebook .....	186
Figura 94 –	Danilo Dourado na divulgação do Sétimo Presente de Iemanjá no Facebook.....	187
Figura 95 –	Priscila, do Movimento Cultural RFS – Rede Funk Social – na divulgação do Sétimo Presente de Iemanjá no Facebook .....	187
Figura 96 –	Mãe Vânia e Mãe Neuza de Oyá na divulgação do Sétimo Presente de Iemanjá no Facebook .....	188

Figura 97 – Mãe Nilza de Oxossi e Mãe Márcia d’Oxum na divulgação do Sétimo Presente de Iemanjá no Facebook.....	188
Figura 98 – Roda de conversa no terreiro nos preparativos para o Sétimo Presente de Iemanjá.....	189
Figura 99 – Crianças e jovens do terreiro pintam detalhes do barco para o Sétimo Presente de Iemanjá .....	189
Figura 100 – Foto da gravação do vídeo mostrando ensaios no terreiro do Afoxé Ará Omi no Facebook.....	192
Figura 101 – Vitoria na janela – foto da gravação do vídeo do ensaio no terreiro do Afoxé Ará Omi no Facebook.....	193
Figura 102 – Parte do Afoxé Ará Omi no Sétimo Presente de Iemanjá.....	194
Figura 103 – Brenno, Vitoria e Carlos André prontos para o Afoxé Ará Omi no Sétimo Presente de Iemanjá .....	194
Figura 104 – Brenno fotografando no Sétimo Presente de Iemanjá.....	195
Figura 105 – Foto do ensaio de Brenno no Complexo da Maré.....	196
Figura 106 – Foto do ensaio de Brenno no Complexo da Maré.....	197
Figura 107 – Fotos do ensaio de Brenno no Complexo da Maré em agosto de 2015.....	197
Figura 108 – Foto da entrega do Sétimo Presente de Iemanjá .....	198
Figura 109 – Grupo da disciplina “Fotografia e Pesquisa em Educação” no Facebook.....	199
Figura 110 – Fotografada em campo no Sétimo Presente de Iemanjá de São Gonçalo.....	200
Figura 111 – Brenno Santos no Sétimo Presente de Iemanjá.....	201
Figura 112 – <i>Abèbè</i> de Oxum no <i>Ilè Omidayè</i> .....	202
Figura 113 – Detalhe do barco no Sétimo Presente de Iemanjá.....	204
Figura 114 – Bonecas no barco no Sétimo Presente de Iemanjá.....	204
Figura 115 – Fotografia que chamei de “Beijo de Infinito no Oceano” no Sétimo Presente de Iemanjá .....	205
Figura 116 – Rosilânia no Sétimo Presente de Iemanjá.....	207
Figura 117 – <i>Post</i> de Vitoria no Facebook em reação às sugestões para alisar seu cabelo .	208
Figura 118 – A rede de Iemanjá .....	209
Figura 119 – Vitoria durante o xirê no Sétimo Presente de Iemanjá .....	209
Figura 120 – Stela fotografando Vitoria no Presente de Iemanjá de 2017.....	210
Figura 121 – Reunião da Comissão Organizadora do Presente de Iemanjá de 2017 .....	211
Figura 122 – Mãe Márcia divulga campanha para troca de perfil em apoio ao 8º Presente de Iemanjá.....	220

Figura 123 – Comentário de Stela no fotodiário <i>online</i> de pesquisa no Facebook.....	221
Figura 124 – Fotografia de Vitoria no 8º Presente de Iemanjá na exposição Parede Meia..	223
Figura 125 – Florindo caminhos com a barca de Oxum .....	226
Figura 126 – Idés de Oxum .....	230
Figura 127 – I Encontro de Mulheres Negras e de Matrizes Africanas de São Gonçalo .....	232
Figura 128 – Mesa da tarde no I Encontro de Mulheres Negras e de Matrizes Africanas de São Gonçalo .....	232
Figura 129 – Brenno no I Encontro de Mulheres Negras e de Matrizes Africanas de São Gonçalo .....	237
Figura 130 – Após a qualificação, com Nilda Alves, Maria Luiza Sússekind, Edméa Santos, Stela Guedes Caputo e Mãe Márcia .....	239
Figura 131 – Programação de Roda de Conversa no Ilè Omidayè .....	241
Figura 132 – Na conversa de pesquisa no Ilè Omidayè .....	243
Figura 133 – Ana Luiza e Matheus no Ilè Omidayè .....	246
Figura 134 – Capa do evento Cultura Afro em Ação em São Gnçalo no Facebook.....	249
Figura 135 – Fotografias Kékeré no Ilè Omidayè.....	250
Figura 136 – Com Stela, Júlia e João Pedro no Ilè Omidayè.....	251
Figura 137 – Com Ana Clara .....	253
Figura 138 – Cartão digital divulgado no Facebook em 2015 .....	257
Figura 139 – Cartão digital divulgado no Facebook em 2016 – com Arethuza e Mãe Márcia .....	258
Figura 140 – Cartão digital divulgado no Facebook em 2016 – roda de conversa .....	259
Figura 141 – Cartão digital divulgado no Facebook em 2016 – com Matheus e Guilherme .....	259
Figura 142 – Cartão digital divulgado no Facebook em 2017 – com Mãe Márcia.....	260
Figura 143 – Cartão digital para a festa de Xangô de 2015 no Ilè Omidayè .....	262
Figura 144 – Mãe Márcia pela democracia .....	263
Figura 145 – Cartão digital em homenagem ao <i>odun</i> de 50 anos de Oxum de Mãe Márcia .....	267
Figura 146 – Conversas com Mãe Márcia no quarto de Oxum.....	274

## SUMÁRIO

	<b>DAS REDES E RIOS QUE ME LEVARAM A ENCONTRAR OS CAMINHOS DA PESQUISA</b> .....	21
1	<b>COMO NAVEGUEI E MERGULHEI NA PESQUISA-RIO</b> .....	29
1.1	<b>Dos que navegaram comigo: os interlocutores da pesquisa-rio</b> .....	41
1.2	<b>Considerações sobre a pesquisa etnográfica em ambientes digitais e a proposição de uma etnografia na cibercultura</b> .....	64
1.3	<b>Rastros digitais dos interlocutores da pesquisa no Facebook</b> .....	74
1.4	<b>Na correnteza da pesquisa aberta ao acontecimento para compreender a experiência e a emergência dos seus dispositivos</b> .....	78
1.5	<b>O fotodiário <i>online</i> de pesquisa</b> .....	81
2	<b>A CHEGADA AO CAMPO, A COMPREENSÃO DO TERREIRO <i>ILÈ OMIDAYÈ</i> E OS PRIMEIROS MERGULHOS NA PESQUISA-RIO</b> .....	94
2.1	<b>Com passos firmes, no ritmo do Alujá</b> .....	101
2.2	<b>Aprender com a Ancestralidade e formar para reinventar-se no presente: Matrizes Que Fazem e Matrizes do Futuro</b> .....	126
2.3	<b>Dançando com Fela e ocupando novos espaços</b> .....	140
3	<b>O PRESENTE DE IEMANJÁ DE SÃO GONÇALO: <i>ILÈ OMIDAYÈ</i>, MAR, CIDADE E FACEBOOK EM NOVAS REDES</b> .....	149
3.1	<b>Presente de Iemanjá de 2015: o reconhecimento de um importante dispositivo da pesquisa e um projeto de lei</b> .....	154
3.1.1	<u>Mais do que aprendi com o Presente de Iemanjá de 2015: os personagens conceituais e a força dos acontecimentos na pesquisa</u> .....	176
3.2	<b>Presente de Iemanjá de 2016: ainda mais colaboração com as lições aprendidas em 2015</b> .....	185
3.3	<b>Presente de Iemanjá de 2017: os movimentos de Vitória em espaços multirreferenciais de aprendizagens</b> .....	210
4	<b>A BARCA DE OXUM: TRAVESSIAS DE FORMAÇÃO NA PESQUISA-RIO</b> .....	225
4.1	<b>Os Idés de Oxum e o Elo Que Nos Une</b> .....	230
4.2	<b>Conversas de Pesquisa no <i>Ilè Omidayè</i></b> .....	238
4.3	<b>Notas de uma experiência <i>Kékeré</i> na pesquisa-rio</b> .....	248

4.4	<b>A Festa de Oxum: ocupando o Facebook com narrativas da água e reflexões sobre (co)autorias curriculantes no <i>Ilê Omidayê</i>.....</b>	<b>255</b>
	<b>VAMOS COMIGO CONHECER A HISTÓRIA DESSE RIO QUE AINDA ESTÁ A CORRER?.....</b>	<b>268</b>
	<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>275</b>

## DAS REDES E RIOS QUE ME LEVARAM A ENCONTRAR OS CAMINHOS DA PESQUISA

Carrego meus primórdios num andor.  
Minha voz tem um vício de fontes.  
Eu queria avançar para o começo.  
Chegar ao criancimento das palavras.  
Lá onde elas ainda urinam na perna.  
Antes mesmo que sejam modeladas pelas mãos.  
Quando a criança garatuja o verbo para falar o que não tem.  
Pegar no estame do som.  
Ser a voz de um lagarto escurecido.  
Abrir um descortínio para o arcano.

*Manoel de Barros*

“Minha voz tem um vício de fontes” como a do Manoel de Barros. Para seguir adiante, preciso “avançar para o começo”. Só assim consigo “abrir um descortínio para o arcano”, seguir, voltar atrás para avançar uma vez mais, revelando os encontros e as redes que possibilitaram que o tema, o campo e as questões da pesquisa emergissem. Para contar os caminhos da pesquisa e apresentar seu objetivo e suas questões, sinto o desafio para delinear na minha narrativa as fronteiras entre o que é início, meio ou fim, ainda que de forma provisória. Fim, início e meio se costuraram em minha vida juntando pedaços de estudos, referências e experiências de tempos diferentes que ganharam novos significados e sentidos em minha história recente e presente e me levaram, ora mansinho, ora ligeiro, ora com mergulhos profundos, rio adentro para uma pesquisa que mora em mim e mora, muito, muito mais, no mundo. Um mundo de redes que se descortinaram. Um mundo feito de, por e com pessoas inteiras. Pessoas que aprendem, ensinam, questionam, lutam, se encantam, desejam, se autorizam, vivem. Pessoas que cultuam deuses ancestrais e os escutam nos rios, nas árvores, no trepidar do fogo e no vento, os percebem no cheiro da terra molhada e em seus desejos, contentamentos e desafios cotidianos.



Com essas pessoas me relaciono e aprendo. Por elas me interesse e me encanto. Ora sinto que as conheço e as compreendo. Ora as estranho, assim como me estranho e me interrogo. Estou em redes educativas com elas. Estou em outras redes educativas também. Sou psicóloga (Universidade Federal do Rio de Janeiro, UFRJ), com formação e experiência profissional nas áreas clínica e organizacional.

Em 2003, concluí o Mestrado Acadêmico em Administração Pública (Escola Brasileira de Administração Pública e de Empresas da Fundação Getúlio Vargas, EBAPE/FGV) com pesquisa sobre competências profissionais. Em paralelo ao Mestrado, comecei a atuar como professora em cursos *online* e presenciais.

Também passei a trabalhar na formação de professores, sobretudo para a docência *online*. Encantei-me com a docência colaborativa e com as formas de se comunicar, aprender e ensinar na cibercultura. Dediquei-me por algum tempo ao trabalho e ao estudo das competências requeridas para a docência *online* com foco e interesse nas autorias docentes, na criação de dinâmicas, estratégias e dispositivos de mediação pedagógica em ambientes virtuais de aprendizagem.

Em minha itinerância profissional, além da docência no ensino superior e do exercício da psicologia clínica, trabalhei com a formação de pessoas em contextos de trabalho em processos de mudança organizacional e também com a coordenação de cursos e de projetos em instituições de ensino superior e em consultorias educacionais. Entre as experiências nesse caminho, destaco a participação na concepção, implantação e gestão de programas de educação *online*.

Minha busca pelo Doutorado começou com a aproximação de alguns programas de pós-graduação no Rio de Janeiro. Interessava-me, de forma geral, em como as pessoas se relacionavam com o conhecimento e com o trabalho em tempos de cibercultura.

Inicialmente, sentia-me instigada, em particular, pelas maneiras por meio das quais bens e serviços intensivos em conhecimento são produzidos, distribuídos e consumidos na sociedade da informação em rede<sup>1</sup> (CASTELLS, 1999). Pretendi, por um momento, pesquisar os modos de geração de renda por meio da criação e distribuição de forma aberta de bens e serviços relacionados aos setores da economia criativa que pudessem emergir ou serem propostos com base nas práticas e iniciativas de indivíduos e coletivos situados à margem dos processos produtivos formais, que passavam a ocupar a rede com a liberação do polo de emissão, de forma autônoma, empreendedora, colaborativa e inventiva.

---

<sup>1</sup> O conceito é discutido no primeiro capítulo da tese

Nessa busca e após ser ouvinte em disciplinas de alguns programas, encontrei o grupo de pesquisa coordenado por Stela Guedes Caputo no Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade do Estado do Rio de Janeiro, ProPEd/UERJ. Passei a participar em março de 2013 do grupo de pesquisa, que então se chamava *Ilé Obá Oyó*<sup>2</sup>. A oportunidade de acompanhar o grupo havia chegado pelo Facebook, quando Stela o divulgou e publicou um convite para conhecê-lo em sua linha do tempo. O que mais despertou o meu interesse no convite foi a proposta de se discutir biografias de algumas matriarcas do Candomblé brasileiro. A primeira delas seria Mãe Menininha do Gantois.

A partir de setembro de 2016, o grupo de pesquisa passou a se chamar *Kékeré*, pequeno em *yorubá*, em uma alusão às crianças de Candomblé, que passaram a ocupar, de forma cada vez mais detida, a centralidade das discussões e dos referenciais teórico-práticos do grupo. É preciso avançar para o começo uma vez mais, cerca de um ano antes da minha entrada no grupo de pesquisa, para identificar como foi propiciado o encontro com as questões preliminares do estudo.

Pesquisa para mim é também, em alguma medida ao menos, memória que se reescreve. Sinto dificuldade em situar o encontro com algumas questões da pesquisa sem o meu memorial. Como parte do processo seletivo para o Doutorado foi pedido, além do projeto de pesquisa, um escrito sobre o percurso acadêmico e profissional chamado memorial. Nele contei que, quando criança, queria ser muitas coisas e gostava de juntar palavras. Todo meu percurso confirma esse gosto por atuar em diferentes e interligadas frentes. As imagens também sempre me encantaram e inquietaram, desde as fotos das turmas no colégio, passando por álbuns de família e outras tantas narrativas.

Aproximei-me do grupo de pesquisa por meio de imagens, fotografias e narrativas. Inicialmente, chegou a mim, por *email* e também via Facebook, a imagem da capa do livro *Educação nos terreiros*<sup>3</sup>, em um convite, enviado pela amiga Edméa Oliveira dos Santos, para o lançamento do livro no Museu da República, no Rio. Preciso ir! Era este meu pensamento. O que havia sido deixado para trás em meu percurso? Que pontos era imperativo religar? Fui ao lançamento do livro em março de 2012 e gostei de estar ali falando abertamente sobre o

---

<sup>2</sup> *Ilé Obá Òyó* significa na língua *yorubá* "A Casa do Rei de Òyó", que é Xangô, Orixá associado à justiça. O grupo de pesquisa do ProPEd, Programa de Pós-Graduação em Educação da UERJ, da linha Cotidianos, Redes Educativas e Processos Culturais, é liderado por Stela Guedes Caputo. O grupo, que desde setembro de 2016 passou a se chamar *Kékeré*, é registrado e certificado no Diretório de Grupos do CNPq: <[dgp.cnpq.br/dgp/espelhogrupo/4684900250577755](http://dgp.cnpq.br/dgp/espelhogrupo/4684900250577755)>. Acesso em 08/01/2018.

<sup>3</sup> Caputo, Stela Guedes. *Educação nos terreiros: e como a escola se relaciona com crianças de Candomblé*. 1ª ed. Rio de Janeiro: Pallas, 2012

Candomblé. De uma forma estranha, eu me sentia em casa com aquelas pessoas. Algumas delas, eu tinha acabado de conhecer.

Li o livro rapidamente e me emocionei com os relatos de crianças e adolescentes que escondiam sua fé por temer discriminações. Eu havia sido uma criança e uma adolescente de Candomblé. No início da vida adulta, contudo, afastei-me do terreiro que eu frequentava, que pouco tempo depois encerrou suas atividades. Não quis ir a nenhum outro e silencieei essas memórias em mim por mais de 15 anos. Permaneciam em mim, porém, o carinho, o respeito aos Orixás, uma saudade muda.

Conectei-me à rede de amigos de Stela no Facebook e passei também a segui-la no Instagram. Então, eu que sempre gostei de fotografia e trazia em mim a memória afetiva silenciada de imagens, cheiros, sons, sabores e sensações de estar no solo sagrado dos terreiros, encontrei nas imagens publicadas por ela profunda beleza, com pessoas em demonstrações de cuidado com o outro, de alegria e de celebração. Estava também ali a possibilidade de aprender com as pessoas que vivem os cotidianos dos terreiros e estão no mundo em redes diversas.

Além do olhar sensível da própria Stela, percebi nas fotografias que ela compartilhava nas redes sociais a existência de outros olhares curiosos e singulares, que produzem suas próprias imagens, narrativas e compreensões. Algumas imagens de Stela publicadas em seu perfil pessoal no Facebook<sup>4</sup> e na página do livro *Educação nos Terreiros*<sup>5</sup>, mostram como candomblecistas, mais especificamente as crianças de sua pesquisa, se encantam com os diferentes artefatos digitais e produzem narrativas diversas, como fotografias e vídeos, o que se viabiliza e se intensifica por dispositivos móveis, como *tablets*, *smartphones* e câmeras digitais. Imagens e narrativas podem ser compartilhadas, acessadas e comentadas por muitas outras pessoas, adultos e crianças, *dentrofora* dos terreiros.

As lembranças deram as mãos para ressignificar o passado e, mais ainda, para encontrar o que ainda não era e poderia vir a ser. Aquelas narrativas podiam contar muitas histórias e tinham muito a ensinar. O esboço do projeto de pesquisa nasceu do encontro com essas imagens e narrativas no Facebook e com as aprendizagens e histórias contidas ali em potencial.

---

<sup>4</sup> Perfil de Stela Guedes Caputo no Facebook: <<https://www.facebook.com/stelinhaguedes?fref=ts>>. Acesso em 12/10/2015.

<sup>5</sup> Página do livro *Educação nos Terreiros* no Facebook: <<https://www.facebook.com/EducacaoNosTerreiros/?fref=ts>>. Acesso em 12/10/2015.

Meu ingresso no grupo de pesquisa se deu graças a uma peça pregada por Mãe Menininha, cuja biografia tanto me atraiu e que nunca chegou a ser ali discutida. Em meus levantamentos iniciais em páginas de comunidades tradicionais do Candomblé no Facebook, encontrei entre as imagens de matriarcas reverenciadas, muitas de Mãe Menininha. Ficava ali fitando aqueles olhos de quem soube me envolver em uma rede potente, vivificando memórias e me unindo a pessoas, a temas e a atividades que viriam a ser tão relevantes em minha vida.

Com a entrada no grupo de pesquisa, surgiram oportunidades de ir a festividades em alguns terreiros de Candomblé. Eu não pisava em um há mais de uma década. Fui a algumas festas em terreiros diferentes. Em cada uma delas, reparei nos usos dos dispositivos móveis para se comunicar e para fotografar o evento. Eu não ia a terreiros há tanto tempo que me causou espanto essa percepção da inserção desses espaços na cibercultura, com o dilema acerca da circulação de fotografias em redes sociais digitais, o que era permitido em alguns locais e não era em outros. Passei a acompanhar as formas de ocupação das redes sociais digitais por narrativas do Candomblé, inicialmente por meio de páginas temáticas no Facebook, com compartilhamento de informações, imagens e fotografias. Com essas inquietações iniciais e com minha atenção concentrada nas narrativas circulantes nas redes sociais, cheguei ao terreiro que se tornou, em seguida, campo da pesquisa em interface com o ciberespaço.

A pesquisa-rio se revelou e foi atualizada enquanto seguíamos. Eu, o grupo de pesquisa e todas as pessoas que concedem vida e movimento à pesquisa, os seus sujeitos ou interlocutores. Às vezes, esse seguir era um voltar um pouco atrás. A importância da pausa em alguns momentos do percurso se deve à velocidade e também ao volume das narrativas que foram e são estudadas na vastidão do ciberespaço, mais especificamente nas redes sociais digitais, sobretudo no Facebook. Era preciso parar, escutar, sentir e buscar compreender as narrativas dessas pessoas e como elas ampliavam e constituíam redes educativas. Era preciso estar nessas redes sociais na internet com os sentidos de pesquisadora em formação despertos.

O Candomblé, que se atualiza de diferentes formas, parece criar-se e recriar-se também por meio das narrativas digitais produzidas e compartilhadas por seus membros, pelo menos no recorte desta pesquisa. Seus membros estão no mundo, vivem e fazem parte de outras tantas redes.

Encontrei no movimento das águas dos rios a imagem para a minha pesquisa multirreferencial com os cotidianos na cibercultura do terreiro de Candomblé *Egbè Ilè Ìyá*

*Omidayè Aşé Obálayó*, o *Ilè Omidayè*, e as redes educativas que o atravessam em interface com o Facebook.

O **objetivo geral** da pesquisa é compreender as redes educativas constituídas no *Ilè Omidayè* e como elas se relacionam com os percursos formativos dos membros da comunidade-terreiro por meio de suas narrativas em interface com outros *espaçostempos* da cibercultura, especialmente o Facebook, e nos projetos e atividades culturais com os quais estão implicados.

Para tentar alcançar o objetivo no curso da pesquisa-rio, identifiquei algumas outras questões que se complementam, a saber:

- ✓ Como as redes educativas do terreiro pesquisado se ampliam e se recriam com as narrativas de seus membros no Facebook?
- ✓ Como as aprendizagens e conhecimentos que circulam no terreiro, sobretudo nos projetos culturais realizados, se desdobram e se expandem, como ressonâncias, nas narrativas, imagens e fotografias no Facebook?
- ✓ Como os membros do terreiro pesquisado se relacionam com as redes sociais da internet, sobretudo o Facebook, produzindo suas próprias narrativas, imagens e fotografias?
- ✓ Como essas narrativas se entrelaçam com os cotidianos dos interlocutores da pesquisa?
- ✓ De que formas os membros do *Ilè Omidayè* atuam sobre as narrativas no Facebook, produzindo-as, discutindo-as e modificando-as?
- ✓ Como se relacionam os *espaçostempos* do terreiro e do Facebook?
- ✓ Qual o papel das fotografias e das imagens nas narrativas criadas pelos interlocutores da pesquisa?

A complexidade das questões de estudo se alarga com o volume e a intensidade de narrativas criadas e as inter-relações a elas associadas. Constituíram-se desafios da pesquisa as estratégias que precisei continuamente acionar para lidar com dados que são produzidos em campo sem cessar. Agradeço a beleza do encontro com os sujeitos da pesquisa e com suas narrativas e a oportunidade de mergulhar no campo desde o início do curso do Doutorado.

A tese está estruturada em quatro capítulos, ao longo dos quais busco responder as questões da pesquisa, com o intuito de revelar como as narrativas produzidas e circuladas *dentrofora* do *Ilè Omidayè* em interface com outros *espaçostempos* da cibercultura, mais

notadamente o Facebook, constituem, criam, recriam e ampliam redes educativas. Para tecer minhas argumentações, em uma busca compreensiva, acionei os eventos e projetos culturais concebidos no terreiro como dispositivos da pesquisa.

No primeiro capítulo, “Como naveguei e mergulhei na pesquisa-rio”, apresento as abordagens e perspectivas epistemológicas e metodológicas adotadas. Uma forma abreviada de compreender essa parte do trabalho é afirmar que se trata do “capítulo de metodologia” da tese, assim entre aspas porque empiria e teoria estão imbricadas na forma como concebo a pesquisa, tanto que também apresentei a tão cara noção de *redes educativas* (ALVES, 2003, 2008) nesse capítulo. Além disso, há reflexões metodológicas presentes nos demais capítulos, embora tenham sido concentradas nessa parte da tese com o objetivo de posicionar-me desde o início sobre como lidei com os dados produzidos em campo com os *interlocutores em interação*.

Elaborar o primeiro capítulo foi um grande desafio, escrito em paralelo, gradualmente, ao longo de toda a pesquisa, mas organizado e finalizado somente em um estágio bem mais avançado, próximo a sua conclusão provisória. Início a discussão questionando sobre as formas de se conhecer e de se relacionar com o conhecimento no Candomblé, dialogando com algumas de suas referências e cosmovisões. Apresento a perspectiva multirreferencial com os cotidianos, na qual a pesquisa-rio se insere. Em seguida, apresento os que navegaram comigo, os interlocutores da pesquisa, demarcando, assim, seu papel como parceiros intelectuais e companheiros de travessia. Apresento-os por meio de uma descrição densa (GEERTZ, 2015), modo de etnografar que me acompanha na tese.

Também no primeiro capítulo, trago uma discussão acerca das etnografias em ambientes digitais e assumo uma *etnografia na cibercultura*, de forma propositiva. Apresento a noção de *rastros digitais* (BRUNO, 2013) com que trabalhei ao acompanhar as narrativas dos interlocutores no Facebook. Demarco a pesquisa como aberta à experiência e ao acontecimento, inspirada em Macedo (2015, 2016), identificando os seus dispositivos (ARDOINO, 2003), tanto os concebidos por Mãe Márcia e pelos demais interlocutores, membros do *Ilê Omidayè*, quanto os criados por mim, entre os quais destaco o *fotodiário online de pesquisa*.

No segundo capítulo, “A chegada ao campo, a compreensão do terreiro *Ilê Omidayè* e os primeiros mergulhos na pesquisa-rio”, narro minha aproximação do campo e o apresento em suas complexidades culturais e simbólicas, explicitando sua história fundante. Conto sobre dois eventos em que Mãe Márcia e Adelaine, interlocutoras da pesquisa, realizaram ações

formativas dentro e fora do terreiro em 2014: o curso “Matrizes do Futuro”, coordenado por ambas e sediado no terreiro, e as oficinas oferecidas por cada uma no I Seminário Internacional Fela Kuti da UERJ, organizado por nosso grupo de pesquisa. Acompanhei os eventos pessoalmente e também as narrativas digitais vinculadas a eles em suas ressonâncias no Facebook.

No terceiro capítulo, “O Presente de Iemanjá de São Gonçalo: *Ilè Omidayè*, mar, cidade e Facebook em novas redes”, a pesquisa-rio deságua no oceano para presentear Iemanjá. Acompanhei no Facebook a organização e também as ressonâncias da sexta, da sétima e da oitava edições do Presente de Iemanjá de São Gonçalo, em 2015, 2016 e 2017. Estive no evento nessas oportunidades, na Praia das Pedrinhas, anotando e fotografando o campo, conversando com os sujeitos da pesquisa. No evento de 2015, pude também conhecer novas pessoas e ampliar as redes de interlocução na pesquisa. As seções do capítulo referem-se às aprendizagens e às redes educativas tecidas e relacionadas a cada uma das edições do evento em que embarquei na companhia de Vitoria, interlocutora da pesquisa, com suas narrativas, imagens e fotografias no Facebook.

O quarto capítulo, “A barca de Oxum: travessias de formação na pesquisa-rio”, traz, em quatro seções, experiências e acontecimentos variados no *Ilè Omidayè*, muitos deles acompanhados de notas-narrativas do fotodiário *online*, que aciono como dispositivos (ARDOINO, 2003) para discutir processos de formação, criação e autorização (ARDOINO, 2003; MACEDO, 2013, 2016), que corroboram, ainda, a caracterização do terreiro como espaço multirreferencial de aprendizagem (FRÓES BURNHAM, 2000, 2012). Entre as experiências e narrativas apresentadas, trago o vídeo *Elo Que nos Une*, gravado no terreiro e produzido por Brenno Santos, interlocutor da pesquisa. Narro também a conversa de pesquisa realizada no *Ilè Omidayè* logo após a qualificação do Doutorado, um momento de profícuas partilhas e aprendizagens.

Trago de forma preponderante as parcerias com os sujeitos da pesquisa, sejam crianças, jovens ou adultos, com suas próprias narrativas. Demarco esta posição em minha escrita e na forma com que tenho caminhado na pesquisa.

Convido o leitor a navegar comigo na travessia da pesquisa-rio.

## 1 COMO NAVEGUEI E MERGULHEI NA PESQUISA-RIO

Costumo abrir as portas do terreiro para pesquisadores. Acho que assim o conhecimento sobre o Candomblé pode ocupar outros espaços, o que é sempre bem-vindo na luta contra a intolerância religiosa. Só acho uma pena eu não ter mais notícia do pesquisador nem do trabalho depois. Quando vou perguntar da pesquisa, fico sabendo que nem para a defesa da tese a pessoa me chamou. Eu gostaria de participar mais, de saber o resultado, de ter notícia, pelo menos... Acho que a pessoa depois poderia apresentar aqui no Egbè, se quisesse, para meus filhos, amigos e para quem quisesse vir. Tudo é conhecimento.

*Márcia Dória Pereira, Mãe Márcia d'Oxum, interlocutora da pesquisa*

Início este capítulo com as portas abertas por Mãe Márcia d'Oxum<sup>6</sup> a mim e à pesquisa que se tornou rio em meu mergulho no campo. A narrativa é de 2014, ano de início do meu Doutorado, e foi colhida em uma de nossas primeiras conversas. Conversas que se tornaram mais constantes ao longo do percurso da pesquisa e que eram realizadas pessoalmente, por telefone e *online*.

Dois aspectos me parecem centrais e marcantes na narrativa de Mãe Márcia: o seu desejo de participar do processo de pesquisa, compartilhando-o com a sua comunidade-terreiro, e a sua compreensão de que tudo é conhecimento. A narrativa me fez refletir profundamente sobre os modos de conceber e trilhar teórica e metodologicamente a pesquisa, convidando-me também a pensar sobre o que é considerado conhecimento e quais são as epistemologias privilegiadas nas pesquisas antropológicas, principalmente no campo educacional. Que pesquisa desejo realizar? Como irei percorrer esse caminho? Foram essas as questões que me fiz na época cujas respostas compartilho neste capítulo, situando, assim, como me posicionei no encontro com o que emergiu em campo com os sujeitos da pesquisa,

---

<sup>6</sup> Apresento Mãe Márcia d'Oxum um pouco mais adiante, na seção 1.1 deste capítulo, em que também discorro sobre Oxum, seu Orixá.



que me deram pistas a respeito de quais métodos adotar em meu processo de busca compreensiva.

Minha forma de estar em campo, de lidar com os dados nele produzidos e de *fazerpensar*<sup>7</sup> a pesquisa encontrou na narrativa de Mãe Márcia tanto uma fonte inspiradora quanto um complexo desafio vivenciado no percurso da aventura pensada (MACEDO, 2004, 2015) organizada e compartilhada nesta tese.

Para navegar nas correntezas desafiadoras da pesquisa que se fez rio, encontro inspirações na vocação criativa e desbravadora do nosso grupo de pesquisa<sup>8</sup>. Consideramos a epistemologia singular do Candomblé, isto é, modos próprios das comunidades-terreiro de conhecer e de conceber novas práticas e teorias, gerando conhecimento, um novo e fecundo campo de pesquisa, em particular no que diz respeito às redes educativas (ALVES, 2008) criadas por crianças e jovens de terreiro. Para nosso grupo, a inclusão de uma epistemologia do Candomblé no contexto das pesquisas em Educação desloca “olhares acostumados”, como nos diz Stela Guedes Caputo<sup>9</sup> em muitas conversas de orientação, desestabilizando hegemonias discriminadoras, excludentes e invisibilizadoras na sociedade, em particular, na escola.

Autorizamo-nos (ARDOINO, 2003) a assumir que estamos inaugurando um campo de pesquisa apoiando-nos no percurso das pesquisas iniciadas por Stela há mais de 20 anos, que nos abre muitas veredas e afluentes (CAPUTO, 2005, 2012; CAPUTO e PEREIRA, 2016, 2017). Para tanto, é preciso que criemos métodos igualmente singulares, recorrendo a referências plurais para nos formarmos com nossas pesquisas. O novo campo, assim como as formas de abordá-lo, tem sido por nós inventado na encruzilhada de várias áreas, reunindo,

<sup>7</sup> Para os pesquisadores cotidianistas em geral e, especificamente, para Alves (2008), a escrita diferenciada de termos como *fazerpensar* e *espaçotempo*, por exemplo, relaciona-se à busca da superação da formação que tivemos dentro do modo hegemônico de pensar, que é representado pela ciência moderna, em que as dicotomias são preponderantes. Alguns termos, como espaço e tempo ou dentro e fora, são vistos como “pares”, mas opostos entre si. Por concordar com a autora e nela me inspirar, adoto em meu texto a grafia diferenciada, com palavras unidas, em alguns momentos.

<sup>8</sup> O nosso grupo de pesquisa, o *Kékeré*, coordenado por Stela Guedes Caputo, está inserido na linha *Cotidianos, Redes Educativas e Processos Culturais* do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade do Estado do Rio de Janeiro – ProPEd/UERJ. Seu nome atual, que significa pequeno na língua *yorubá*, muito revela da nossa implicação: a de aprender com crianças e jovens de terreiros de Candomblé, que criam, recriam e atualizam saberes, conhecimentos e significações. Por isso, a noção de redes educativas (ALVES, 2008) nos é tão cara. Dialogo um pouco mais com os compromissos, desafios e conquistas do grupo nos capítulos 2 e 4.

<sup>9</sup> Ao longo do texto, refiro-me à minha orientadora Stela Guedes Caputo como autora e referência bibliográfica, citando-a de acordo com as normas vigentes da ABNT, mas também como Stela, simplesmente, quando se tratar de alguma conversa de orientação no grupo, alguma narrativa sua no Facebook, incluindo suas narrativas fotográficas, alguma interação direta comigo realizada em situações em que estivemos juntas em campo ou quando somos interlocutoras uma da outra no dispositivo do fotodiário online da pesquisa, criado por mim e apresentado mais adiante neste capítulo.

além da Educação, a Sociologia, a Antropologia, a História, entre outras, considerando, ainda, que vivemos em tempos de cibercultura (CAPUTO e PEREIRA, 2016).

Além disso, privilegiamos o que nos dizem, praticando a escuta sensível (BARBIER, 2002), e o que nos ensinam os sujeitos da pesquisa, solo fértil para produção, em parceria, de dados e de novos conhecimentos e significações. A escuta sensível, tão cara às abordagens dos sujeitos em nosso grupo de pesquisa, é definida por Barbier (2002) como uma presença meditativa, em que se está na presença com aquilo que é, no momento do aqui e agora, na mínima atividade cotidiana, suspendendo julgamentos e teorias preconcebidas, em uma *escuta-ação* espontânea nas conversas que acontecem nos encontros com os interlocutores da pesquisa. Barbier (2002) caracteriza a escuta sensível como um *escutar-ver*, englobando todos os sentidos e múltiplos referenciais, que se apoia na empatia e que requer uma *abertura holística*.

Trata-se na verdade de se entrar numa relação de totalidade com o outro, tomado em sua existência dinâmica. Alguém só é pessoa através da existência de um corpo, de uma imaginação, de uma razão e de uma afetividade, todos em interação permanente. A audição, o tato, a gustação, a visão e o olfato se aplicam à escuta sensível. (BARBIER, 2002, p. 4).

Para Barbier (2002), a escuta sensível é sempre multirreferencial (ARDOINO, 2003) e também permite surpreender-se. Stela nos diz que é preciso reparar, escutar e perceber miúdo, com delicadeza, os nossos sujeitos em campo, estranhando e nos surpreendendo com o que nos revelam. O recente campo de pesquisa também nasce multirreferencial (ARDOINO, 2003; MACEDO, 2010, 2013, 2015, 2016), perspectiva epistemológica que apresento neste capítulo e que me acompanhou ao longo de toda pesquisa-rio.

Para “não mutilar a pesquisa”, seguindo o conselho de Caputo (2012, p. 24), dedico-me ao longo da tese a descrever densamente (GEERTZ, 2015) o processo da pesquisa, incluindo alguns tropeços, equívocos, dilemas, encantamentos, idas e vindas em suas águas, ora serenas, ora agitadas, ora cristalinas, ora turvas. A travessia mostrou-se valiosa, não me sendo também possível, como aprendi com Caputo (2012), apartar os resultados de seu processo, do como esse caminho não linear foi percorrido. Da mesma forma, não é possível separar a teoria da empiria, em permanente conexão, o que estendo, aprofundo e revitalizo com a oportunidade oferecida por Macedo (2015, 2016) de pensar e operar com a experiência e o acontecimento nos movimentos da pesquisa-rio.

Nesse percurso sem linearidade, compartilho a memória de uma interação com Mãe Márcia logo após o meu exame de qualificação do Doutorado. Ela estava lá, ouvindo tudo

atentamente, participando. Durante a noite, recebi sua ligação para me parabenizar e compartilhar comigo uma dúvida que a inquietava: o que é epistemologia? Ela desejava saber o que significava aquela palavrinha, principalmente porque ela havia sido dita por uma das professoras da banca, Maria Luiza Sússekind<sup>10</sup>, que sugeriu que eu ampliasse em meu trabalho a discussão referente a uma epistemologia do Candomblé ao mencionar um trecho em que eu fazia alusão aos *itàn*, lendas ou histórias em *yorubá*, caracterizados por mim, em seu rico conjunto na mitologia *yorubá*, como delicadezas e mistérios soprados, recriados e dispersos com a força da oralidade<sup>11</sup>. Ao ouvir minha breve explicação, ouvi de Mãe Márcia, que parecia aliviada: “Ah!!! É isso?”, aos risos, “Mas eu acho que você já fez isso no seu texto de algum jeito sim. No seu jeito de escrever, acho. É que o conhecimento do Candomblé está em todo lugar”. Ela fez uma pausa e continuou:

Talvez, não tenha ficado assim tão claro para quem não é do Candomblé. Eu percebi. A gente conhece na oralidade, com as histórias, com as memórias, com nossas matriarcas, com nossos irmãos, com as festas, com os rituais, as cantigas, as rezas, as danças, com as comidas, com a natureza, com as folhas, com a água, com o vento, com os orixás, com nossos projetos culturais lá no *Omidayè*<sup>12</sup>. (Mãe Márcia d’Oxum, interlocutora da pesquisa)

A epistemologia do Candomblé segundo Mãe Márcia é aquela em que se conhece e em que são realizadas práticas que atravessam os cotidianos do terreiro, a memória, a oralidade, a dimensão do sagrado e os próprios projetos que nascem das questões e demandas desses cotidianos, no caso do terreiro pesquisado. Está tudo conectado e ela afirma perceber que faço isso, de algum modo, ainda que incompleto e encoberto, por meio da escrita do meu texto.

Considerando que tudo é conhecimento, como me disse Mãe Márcia, trago para minhas reflexões *teóricometodológicas* e para falar um pouco mais da epistemologia do Candomblé uma prece entoada nas festividades do Orixá Xangô<sup>13</sup>, acompanhada da tradução, que entendo mais como uma versão explicada, encontrada em Pessoa de Barros (2009):

---

<sup>10</sup> Endereço do currículo da Professora Maria Luiza Sússekind na Plataforma Lattes: <<http://lattes.cnpq.br/3054907039826552>>. Acesso em: 02/01/2018.

<sup>11</sup> Referência ao que escrevi no Capítulo 3 desta tese, em que converso com o Presente de Iemanjá de São Gonçalo, ao trazer, na seção sobre a edição de 2016 do evento, o *itàn* do *abèbè*, leque em *yorubá*.

<sup>12</sup> Nomenclatura abreviada do terreiro *Egbè Ilè Ìyá Omidayè Aşé Obálayó*, cujo significado explícito na seção 1.1 deste capítulo.

<sup>13</sup> Considerado deus da justiça e do fogo, sobre o qual discorro no Capítulo 2 da tese.

*Ìmọ wá monà mọwé  
Kó jẹ nà mimọ àṣé  
Kó jẹ nà mimọ àṣé  
Kó jẹ nà mimọ àṣé*

Procurar o conhecimento, certamente torna inteligente.

A comida (amalá<sup>14</sup>) faz adquirir e aumenta o conhecimento do Axé.  
(PESSOA DE BARROS, 2009, p. 104)

Na prece, o conhecimento – *ìmọ* em *yorubá* – é assimilado, sorvido, processado, compartilhado pela comida, transformando-se e conectando-se ao sagrado, uma vez que é potencializado e animado pelo Axé, a energia, a força vital. Na compreensão de Pessoa de Barros (2009), “a reza indica que, ao se desfrutar da comida sagrada, descobre-se o axé, isto é, a força, que dá conhecimento e sabedoria aos que dela usufruem” (p. 105). Compreendo que conhecimento e Axé são, no complexo cultural do Candomblé, indissociáveis. O conhecimento, pleno de Axé, alimenta, renova e movimenta a vida.

O axé surge de todo processo ritual de encantamento da natureza, podendo se extinguir, sendo indispensável, portanto, uma renovação periódica, expressa no cumprimento das prescrições religiosas. É necessária, portanto, uma continuada relação com a comunidade para que a produção, transmissão dessa força ocorra.  
(PESSOA DE BARROS, 2010, p. 83)

É na continuada relação com a comunidade-terreiro que se dá a produção de Axé. Isso nos permite compreender que sem as relações e as interações cotidianas entre as pessoas da comunidade-terreiro, não há geração e circulação de conhecimentos, uma vez que o Axé não é cuidado e renovado. Há um provérbio africano que diz que “o conhecimento é como um jardim. Se não for cultivado, não pode ser colhido”. As pessoas conhecem umas *com* as outras por meio das histórias compartilhadas oralmente, incluindo-se os *itàn*, as preces, os cânticos e as memórias que também se desdobram em suas relações, nos seus afazeres e ritos.

No Candomblé, a comida fortalece as relações entre as pessoas e também as relações das pessoas com as divindades, com o sagrado. Frequentemente, se diz que o melhor local para se aprender no Candomblé é a cozinha de santo ou cozinha ritual, e não somente em relação aos modos de preparo das diferentes comidas. Ali são contadas muitas histórias. Afinal, cada ingrediente tem sua própria história. Ali se aprende a preparar as comidas das divindades com todos os sentidos, bem como um conjunto de comportamentos que conectam as pessoas aos Orixás, nutrindo o Axé. Tempero meu texto com a análise de Lody (2006) sobre o conceito de comer no âmbito das religiões afro-brasileiras:

---

<sup>14</sup> Amalá é a comida ritual de Xangô, feita à base de quiabos e camarões secos.

Tão dinâmico na ação biológica e convencional de comer é o conceito de comer no âmbito das religiões afro-brasileiras. Comer equivale a viver, a manter, a ter, a iniciar, a comunicar, a reforçar memórias individuais e coletivas. Assim, fundada nesse princípio, a vida é a grande celebração realizada entre os homens e seus deuses. Isso se dará preferencialmente por meio da comida. Isso se dará na compreensão diversa e complexa do ato de comer, quando tudo come, até o homem. (LODY, 2006, p. 93)

Ao encontrar a reza de Xangô e articular conhecimento, comida e Axé, atualizo minhas compreensões da narrativa de Mãe Márcia escolhida como epígrafe deste capítulo, em que pretendo delinear os caminhos, a metodologia da pesquisa-rio, com as abordagens e estratégias (MORIN, 2004) acionadas para acessar e me relacionar com os dados produzidos em campo. Compreendo que, para Mãe Márcia, não há geração e circulação de conhecimento com as pesquisas para as quais ela abre as portas do terreiro se estas não forem comunicadas e se não forem criadas oportunidades, espaços e condições para essa partilha, com participação e, preferencialmente, o desenvolvimento de uma relação. Se a pesquisa não é compartilhada na comunidade, como se compartilha a comida, o Axé não é renovado e, portanto, não há circulação do conhecimento gerado.

De acordo com o posicionamento e a abordagem *teóricometodológica* aqui adotados, a própria pesquisa não se realiza, não se movimenta sem a energia vital emanada pelas e com as experiências, situações e acontecimentos (MACEDO, 2015, 2016) e compartilhada no encontro e nas relações com os interlocutores em campo, com quem muito aprendemos. Por isso, preferimos, nas pesquisas com os cotidianos e, em particular, em nosso grupo de pesquisa, pesquisar *com* os membros dos terreiros, em uma relação geradora de saberes e conhecimentos, e não *sobre* eles.

Seguindo em diálogo com a narrativa de Mãe Márcia em que tudo é conhecimento, compreendo a sua reivindicação da validade e da coautoria desses conhecimentos gerados no contexto cultural e político do terreiro. Recorro a Santos e Meneses (2009) para desenvolver minhas reflexões, pensando com eles acerca da importância em reconhecer e valorizar a diversidade de saberes e conhecimentos, combatendo o desperdício da experiência social em meus modos e estratégias para pesquisar e produzir conhecimento. Os autores ampliam o conceito de epistemologia ao afirmarem que:

Toda experiência social produz e reproduz conhecimento e, ao fazê-lo, pressupõe uma ou *várias epistemologias*. Epistemologia é toda noção ou ideia, reflectida ou não, sobre as condições do que conta como conhecimento válido. É por via do conhecimento válido que uma dada experiência social se torna intencional e inteligível. Não há, pois, conhecimento sem prática e actores sociais, diferentes tipos de relações sociais podem dar origem a diferentes epistemologias. E como umas e

outros não existem senão no interior de relações sociais, diferentes tipos de relações sociais podem dar origem a diferentes epistemologias. [...] No seu sentido mais amplo, as relações sociais são sempre culturais (intra-culturais ou inter-culturais) e políticas (representam distribuições desiguais de poder). Assim sendo, qualquer conhecimento válido é sempre contextual, tanto em termos de diferença cultural como em termos de diferença política. Para além de certos patamares da diferença cultural e política, as experiências sociais são constituídas por vários conhecimentos, cada um com seus critérios de validade, ou seja, são constituídas por conhecimentos rivais. (SANTOS; MENESES, 2009, p. 09, *grifo da autora*)

Se tudo é conhecimento, nos seus mais distintos e múltiplos contextos, e há várias epistemologias, questiono com Santos e Meneses (2009) o fato do domínio, nos últimos dois séculos, de uma epistemologia da ciência moderna que subtraiu da reflexão epistemológica o contexto cultural e político da produção e reprodução do conhecimento. Como efeitos dessa hegemonia podem ser citados, por exemplo, o não reconhecimento e a invisibilização dos saberes e conhecimentos produzidos por atores sociais em múltiplos contextos não hegemônicos como os terreiros de Candomblé, em uma hierarquização epistemológica em que apenas é considerado válido o conhecimento produzido e reproduzido na academia de acordo com os pressupostos da ciência moderna, algo para mim de difícil compreensão uma vez que há heterogeneidade de contextos dentro dos campos constituintes da própria ciência moderna.

Outro efeito colateral de uma hegemonia epistemológica é a apropriação do conhecimento gerado em outro contexto sem o estabelecimento de pontes dialógicas para a contínua produção desses conhecimentos. Ainda mais árida é a constatação em muitos textos acadêmicos de um conhecimento que só é tido como válido após a sua apropriação, apagando-se o papel e a participação daqueles atores sociais em sua construção, em uma espécie de conversão epistemológica mutiladora ou de uma pilhagem de conhecimentos.

Atenta às armadilhas de uma epistemologia hegemônica, posiciono-me no *fazerpensar* a pesquisa aprendendo com a experiência em interação com os sujeitos nos cotidianos do terreiro, com seus saberes, conhecimentos e significações. É na perspectiva das pesquisas com os cotidianos, como ensina Alves (2008), que se pensa e se faz ciência de forma imersa nos e com os conhecimentos cotidianos, sem separar sujeito de objeto e aprendendo a olhar nos olhos dos outros, nossos interlocutores de pesquisa, aprendendo a escutá-los, senti-los, o que também requer que olhemos para dentro de nós mesmos.

Meu mergulho na pesquisa-rio, entendido como um dos dispositivos (ARDOINO, 2003) acionados em campo, insere-se no movimento descrito por Alves (2008), inspirada no poeta Carlos Drummond de Andrade, como *sentimento do mundo*. Para a autora, fundamental

para as pesquisas com os cotidianos e, em particular, para o nosso grupo de pesquisa, para pesquisar e sentir os cotidianos, é necessário ultrapassar os limites do que a visão nos apresenta como sentido privilegiado nos modos de *fazerpensar* a pesquisa na perspectiva hegemônica da ciência moderna, e “executar um mergulho com todos os sentidos no que desejamos estudar” (ALVES, 2008, p. 42). É impossível se isolar para pesquisar com os cotidianos humanos, sendo necessário, portanto, estarmos neles mergulhados para que possamos compreendê-los e contribuir para as mudanças de forma solidária (OLIVEIRA e ALVES, 2008).

Mergulhada de forma implicada com os cotidianos do *Ilê Omidayè*, prossigo apresentando algumas outras características dos estudos com os cotidianos, que se alinham e dialogam com o contexto *teóricometodológico* da complexidade. Na concepção do estudo com os cotidianos não há separação entre os diversos *espaçostempos* e processos de aprendizagens. A abordagem metodológica das pesquisas com os cotidianos também critica o fazer científico típico da modernidade, “que para se ‘construir’ teve a necessidade de considerar os conhecimentos cotidianos como ‘senso comum’ a serem ‘superados’ pelos conhecimentos científicos” (ALVES, 2003, p. 4). Essas considerações também fundamentam o desenvolvimento da noção de *redes educativas* (ALVES, 2008, 2010), compreendidas como *espaçostempos* diferenciados e complexos articulados entre si, sem linearidades e hierarquias, e nos quais e a partir dos quais são criadas redes de conhecimentos e significações. Aprendo com Alves (2010) que:

dessa maneira, a existência de múltiplas redes educativas, que em contextos diferenciados vão nos proporcionando complexas compreensões do mundo, dos seres humanos e das ações a serem desenvolvidas (...) precisam ser compreendidas em suas particularidades, ao mesmo tempo que devem ser vistas nas múltiplas relações que estabelecem umas com as outras (ALVES, 2010, p.54).

Redes educativas nos formam e nelas nos modificamos, contribuindo para as mudanças que se processam em fluxo, como um rio, cotidianamente. Essas redes atravessam e se costuram na trama dos cotidianos dos indivíduos e grupos sociais, tecendo saberes e fazeres, estruturando suas formas de agir no, sobre e com o mundo. As redes educativas se constituem nas mais diversas perspectivas: familiar, do bairro, dos afetos e desafetos, no espaço escolar, nos terreiros de Candomblé e em muitas outras perspectivas e relações que permitam *aprenderensinaraprender*, gerando conhecimentos e significações nos cotidianos vividos. Alves (2012) enuncia que:

em seu viver cotidiano, os seres humanos se articulam em múltiplas redes educativas que formam e nas quais se formam – como cidadãos, trabalhadores, habitantes de *espaçotempos* diversos, criadores de conhecimentos e significações e de expressões artísticas, membros de coletivos vários (famílias, religiões, expressões nas mídias), usuários de processos midiáticos etc. (ALVES, 2012, p. 1).

Por isso, a noção de redes educativas (ALVES, 2008, 2010, 2012) é fundamental na presente pesquisa. O entendimento das redes educativas pressupõe a existência de uma conexão estreita, indissociável, entre os múltiplos processos e *espaçotempos* de aprendizagem. Uma rede educativa, como o terreiro, por exemplo, incorpora outras tantas redes como a escola, a cidade e, mais recentemente, as redes sociais da internet por meio das diversas narrativas digitais produzidas nesses *espaçotempos*. O conjunto e a intersecção dessas redes exercem papel formativo. “Somos esse acúmulo de ações e acontecimentos culturais cotidianos, insignificantes, mas formadores necessários”, nos lembra Alves (2003, p. 1).

A presente pesquisa inscreve-se no movimento da perspectiva epistemológica da multirreferencialidade com os cotidianos, em que os dados são as narrativas dos interlocutores, como Mãe Márcia, que emergem no movimento da pesquisa-rio.

A visão complexa admite os contrários, o avesso das coisas, não os nega, não os separa e os reúne na compreensão da realidade. A complexidade remete à multirreferencialidade, muito mais além da tradição disciplinar que rege nossa forma de ver o mundo, de lidar com os problemas e de fazer Ciência. A disciplinaridade, isto é, a separação dos diferentes conhecimentos por áreas específicas e estanques, tem sua origem na formação das universidades modernas, no Século XIX, conforme observou Morin (2007). Trata-se de uma fragmentação do conhecimento que insiste em marcar presença na atualidade e limita nosso potencial de solucionar problemas, reconhecer alteridades, compreender o outro e promover mudanças, além de inibir ações colaborativas e inclusivas.

A abordagem multirreferencial (ARDOINO, 1998, 2003; MACEDO, 2010, 2013, 2014, 2015, 2016) amplia as possibilidades de leitura e compreensão dos fenômenos, práticas e acontecimentos pesquisados ao recorrer e ao se nutrir de sistemas de referências distintos e plurais, com diferentes esquemas de apreensão da realidade para assim lidar com a complexidade desses mesmos fenômenos, práticas, saberes, experiências e acontecimentos. Ardoino (1998) relaciona o aparecimento da multirreferencialidade ao reconhecimento da complexidade e da heterogeneidade dos fenômenos educacionais, que requerem linguagens, olhares e, acrescento, sentidos, plurais. A abordagem multirreferencial oferece, dessa forma,



uma nova perspectiva para a compreensão dos fenômenos educativos complexos, em que a pluralidade e a heterogeneidade são aspectos fundamentais.

Para Macedo e Guerra (2014) a heterogeneidade é seu ponto de origem ético, político, epistemológico e formativo, “reconhecida como irreduzível para se pensar e trabalhar com as práticas educacionais e formativas” (p. 5). Os autores consideram que o maior mérito do argumento epistemológico e formativo multirreferencial é “fazer entrar, de forma original e fecunda, na epistemologia das Ciências da Educação e Antropossociais, um sistema de pensamento e uma perspectiva de práxis educacional” (p. 5) em que essa heterogeneidade, composta de referências múltiplas, assume o lugar de ponto de partida. O argumento epistemológico da multirreferencialidade convoca à leitura plural dos objetivos, práticos e teóricos, sob os mais variados pontos de vista.

O mergulho nos cotidianos pesquisados se dá *com* outros, *implicadamente*. Destaco um aspecto relevante e estruturante nesta pesquisa que é o da *implicação* (MACEDO, 2012), que remete a movimentos e laços de afetos e de comprometimento com o que e com quem se pesquisa, em suas dores e dificuldades e também em seus contentamentos, conquistas e tantas criações. Neste rio que é a pesquisa, implicar-se significa também reconhecer esses mundos de saberes articulados aos seus contextos e com suas redes educativas, compreendendo, ainda, que algo deve e pode mudar.

Costuro em minhas reflexões epistemológicas e metodológicas, inspirada em Macedo (2012), considerações acerca da *etnopesquisa implicada* por reconhecer muitas afinidades em minha forma de me posicionar na pesquisa-rio e me relacionar no campo com os interlocutores. Na etnopesquisa implicada, aprendemos com Macedo (2012) que:

*as empatias, identificações, mimeses e epifanias* nascem de encontros, de tudo que o encontro entre sujeitos sociais criadores de saberes produz através dos seus *etnométodos*, no âmago dos seus cotidianos e orientados pelos seus fins práticos. (MACEDO, 2012, p. 21).

Macedo (2012), baseando-se em Ardoino e Berger (2009), debate a presença de uma *epistemologia militante* fruto de um conteúdo de militância observado nas ciências antropossociais com mais ênfase do que em outras ciências. Para os autores em que Macedo (2012) se inspira, militância significa estar dentro do processo efetivamente, dentro das invenções, e não do instituído dogmático. Esse conteúdo de militância se expressa por um gosto pela não naturalização do social, acolhendo e cultivando, portanto, “o imaginário social, suas itinerâncias e errâncias criativas” (MACEDO, 2012, p. 32). A ideia de militância implica outra cosmovisão, um dos pontos que aproxima caminhos e modos de pesquisar entre o

*Kékeré* e o FORMACCE<sup>15</sup>, contando, ainda, com contribuições valiosas e a mediação do GPDOC<sup>16</sup>, vinculado ao FORMACCE e que apresentou possibilidades metodológicas e estabeleceu pontes entre os grupos, abrindo muitos riachos e afluentes de diálogos.

Nesses termos, haveria uma epistemologia de perspectiva militante, na qual implicação e engajamento, potencializando a criticidade que objetiva – por processos ricos em descobertas e rigor constituídos por uma densa e responsável dialogicidade e dialeticidade – fecundariam essa epistemologia acionalista e existencialmente vinculante. (MACEDO, 2012, p. 33)

Essa epistemologia militante abriria passagem, então, para uma *etnopesquisa implicada*, em que o *fator vinculante* significa, além de compromisso e comprometimento:

(...) vinculação social, cultural, existencial, profissional, erótica, espiritual, vivida e explicitada na pesquisa, a partir de uma experiência refletida de pertencimento, *sabendo-se dos profundos motivos inconscientes e muitas vezes opacos que trabalham para que o conhecimento seja o que ele é.* (MACEDO, 2012, p. 34)

A forma de rigor praticada pelo etnopsiquisador se dá em um mergulho contextualizado e crítico dos significantes da realidade pesquisada, caminhando entre as compreensões dos atores sociais, considerados “cronistas cotidianos do mundo” (MACEDO, 2012, p. 89), capazes de crítica e de elaborar teorizações enraizadas sobre suas realidades singulares. Reconheço em minhas relações com os atores sociais, interlocutores da pesquisa, que persigo e adoto esse rigor para desenvolver minhas compreensões das suas compreensões. Essas compreensões de compreensões com que a etnopesquisa opera se viabiliza, com uma autoria responsável, por meio da descrição das inteligibilidades sociais produzidas para seus contextos, no encontro de diferentes formas de teorizar o mundo. Os atores sociais muito ensinam no processo da pesquisa e são compreendidos como teóricos de seu mundo, com formulações expressas em suas etnonarrativas.

O esforço empreendido no método etnográfico está em sintonia com o desenvolvimento há pouco explicitado das compreensões de compreensões. Para Macedo de

---

<sup>15</sup> FORMACCE, Grupo de Pesquisa em Currículo e Formação do Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGE) da Faculdade de Educação da Universidade Federal da Bahia (FACED/UFBA), coordenado pelo Professor Roberto Sidnei Macedo. *Link* do grupo no CNPq: <<http://dgp.cnpq.br/dgp/espelhogrupo/3443866122682096>> Página do grupo: <<https://formacce.ufba.br/>>. Acesso em: 04/01/2018.

<sup>16</sup> GPDOC, Grupo de Pesquisa Docência e Cibercultura, do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (ProPed/UERJ), coordenado pela Professora Edméa Oliveira dos Santos. *Link* do grupo no CNPq: <<http://dgp.cnpq.br/dgp/espelhogrupo/3401139746734507>>. Página do grupo: <<http://docenciaonline.pro.br/moodle/>>. Acesso em: 04/01/2018.

Sá (2012), as compreensões na etnografia “são fruto das nossas criações sobre as criações socioculturais dos outros” (p. 83), sobre eles mesmos e sobre as suas relações.

Na etnografia, caracterizada por Geertz (2015) como uma *descrição densa*, o pesquisador enfrenta, em seus cotidianos no campo, múltiplas estruturas conceituais complexas, muitas delas entrelaçadas umas às outras, “que são simultaneamente estranhas, irregulares e implícitas, e que ele tem que, de alguma forma, primeiro apreender e depois apresentar” (GEERTZ, 2015, p. 7).

Concordo com Macedo de Sá (2012) quando a autora afirma que nos trabalhos em que se busca a compreensão e a descrição densa dos contextos culturais, deve ser assumida uma perspectiva aberta e vinculante, sendo também fundamental compreender os campos simbólicos dos atores sociais. Dessa forma, a própria experiência no campo fornecerá pistas dos melhores caminhos para a prática etnográfica.

Assim como Macedo de Sá (2012), também compreendo a etnografia como opção epistemológica, metodológica e política, como uma atitude de pesquisa implicada e como uma experiência aprendente, acontecimental e vinculante (MACEDO DE SÁ, 2012; MACEDO, 2016). Dedico uma seção neste capítulo a algumas considerações referentes à minha escolha pelo método etnográfico como processo de busca compreensiva para lidar com as complexidades emergentes no campo e para navegar na pesquisa-rio. Trago também a discussão acerca dos cotidianos de pesquisa imersos na cibercultura e das principais terminologias e características relativas à etnografia nos meios digitais.

Para lidar com fenômenos complexos como os abordados e vividos nesta pesquisa implicada, são necessários um novo olhar, uma nova escuta, uma nova abordagem *teóricometodológica* e novas formas de estar no campo, se relacionar com os sujeitos e dialogar com os dados produzidos ao longo da pesquisa. O contexto da complexidade requer novas estratégias e considera as mais variadas redes educativas (ALVES, 2008). Utilizo a noção de estratégia inspirada em Edgar Morin, que a define como “a arte de utilizar as informações que aparecem na ação, de integrá-las, de formular esquemas de ação e de estar apto para reunir o máximo de certezas para enfrentar a incerteza” (MORIN, 1999, p. 192).

As estratégias para pesquisar as redes educativas do *Ilè Omidayè* em tempos de cibercultura são descritas neste capítulo e organizadas nas seções seguintes em que apresento o *espaçotempo* do Facebook, os dispositivos multirreferenciais acionados em campo, entre eles o fotodiário *online* de pesquisa, além da proposição de uma *etnografia na cibercultura* como método em que embarquei para navegar nas complexidades dos fenômenos,

acontecimentos, experiências e narrativas diversas na pesquisa-rio. Estão aqui concentradas minhas reflexões *teóricometodológicas* com a apresentação das estratégias em meu *fazerpensar* a pesquisa, embora essas reflexões se façam presentes ao longo de toda a minha escrita etnográfica nos demais capítulos.

Primeiramente, entretanto, apresento meus companheiros de travessia: os interlocutores da pesquisa. No encontro com eles me formei, de forma implicada e empenhada em compreender e descrever densamente o que vivem nas variadas redes educativas que atravessam o *Ilè Omidayè*, em que tudo é conhecimento.

### **1.1 Dos que navegaram comigo: os interlocutores da pesquisa-rio**

O papel das pessoas que estiveram ao meu lado na elaboração dos saberes e conhecimentos emergentes com a pesquisa, me inspirando e me ensinando com suas histórias de vida, seus sonhos, seus projetos, seus desafios pessoais e coletivos, seus modos de estar no mundo, se mostrou fundamental desde as primeiras conversas e contatos iniciais com o campo.

Para apresentar aqueles que navegaram comigo na pesquisa-rio, aciono a noção de *descrição densa*, tão cara à etnografia, desenvolvida por Geertz (2015). Impossível descrever densamente fenômenos, experiências, acontecimentos e aprendizagens no percurso da pesquisa, sem dedicar às pessoas que embarcaram comigo o mesmo cuidado, apresentando-as da forma mais densa possível. Somente assim sinto que se pode avançar, produzindo saberes e conhecimentos, descortinando os encantos e mundos inteiros que eles compartilharam comigo. Afinal, o fazer etnográfico é também construir relações. Com isso, demarco também a centralidade de cada um e cada uma em meu modo de pensar e de fazer a pesquisa por meio do lugar privilegiado dos dados produzidos por e com eles, expressos em suas narrativas diversas, imagens e fotografias.

Com o desafio do método etnográfico assumido no caminho da pesquisa, tomo como referência a Teoria Interpretativa da Cultura, em que a etnografia é menos um conjunto de técnicas e procedimentos e mais uma *descrição densa* de determinada cultura, cuja discussão é introduzida por Geertz (2015) da seguinte forma:

Segundo a opinião dos livros-textos, praticar a etnografia é estabelecer relações, selecionar *informantes*, transcrever textos, levantar genealogias, mapear campos, manter um diário, e assim por diante. Mas não são essas coisas, as técnicas e os processos determinados, que definem o empreendimento. O que o define é o tipo de esforço intelectual que ele representa: um risco elaborado para uma descrição densa, tomando emprestada uma noção de Gilbert Ryle. (GEERTZ, 2015, p. 4, *grifo da autora*)

O principal objetivo de Geertz (2015) é “criar descrições densas de práticas sociais de indivíduos ou redes de indivíduos (coletividades), com o propósito de entender diferentes aspectos de diversas culturas” (POLIVANOV, 2013, p. 62). Cabe ao etnógrafo, muito mais do que meramente reportar os eventos e experiências observados, compreender como essas dinâmicas e experiências sociais constituem teias de significado em uma determinada cultura.

Geertz (2015) defende o conceito de cultura como sendo essa teia de significados tecida pelos seres humanos e pelas coletividades e a sua análise, não podendo, portanto, a cultura ser tomada como “uma ciência experimental em busca de leis, mas como uma ciência interpretativa, à procura do significado” (GEERTZ, 2015, p. 4). Como descrever densamente práticas sociais de indivíduos ou redes de indivíduos, sem mergulhar nos mundos desses indivíduos e sem desenvolver com eles uma relação genuinamente empática e ética? Como fazer etnografia sem compreender os significados que os indivíduos ou coletivos atribuem às suas próprias práticas e modos de viver no contexto complexo em que estão inseridos?

Inspiro-me e concordo com Geertz quanto à importância da descrição densa, desafio abraçado e risco assumido em minha forma de pesquisar e em minha escrita. Refuto, todavia, o termo *informante* em meu modo de conceber e de navegar na pesquisa-rio. Chamar os sujeitos de informantes é algo incompatível com o papel ativo, participante, pensante, criativo e coautoral por eles assumido nesta pesquisa. A noção de informantes os limita e não é capaz de descrevê-los como fazedores de culturas, saberes e conhecimentos no contexto da pesquisa, anulando seu protagonismo crítico e criativo. Os sujeitos da pesquisa são muito mais que meros informantes. Eles são meus companheiros de travessia e interferem continuamente no processo que se desenvolve no *fazerpensar* da pesquisa. Refiro-me aos sujeitos da pesquisa como *interlocutores*.

A figura do interlocutor evidencia uma reorientação da tradição etnográfica no contexto contemporâneo de estudos que focalizam a interpretação dos sentidos e significados de modos de viver, sentir e pensar que constituem a pluralidade de mundos coexistentes e conectados na atualidade. Desta interpretação, os “pesquisados” não estão excluídos, tornando-se parceiros intelectuais dos pesquisadores na compreensão de fenômenos e na elaboração do conhecimento. O encontro etnográfico, neste caso, é objeto de constante análise crítica e lugar de negociações e acordos sobre objetivos, destinos, formas de divulgação e autoria da pesquisa. (SANDOVAL SCHMIDT, 2008, pp. 394-395)

As reflexões de Pimentel (2009) acerca da *escrita etnográfica como dimensão ética do estar-junto* inspiraram-me profundamente na busca compreensiva em minha tese, em que trabalhei com um *rigor outro* (MACEDO, GALEFFI e PIMENTEL, 2009) perseguido e adotado no *fazerpensar* da pesquisa. Nessa perspectiva, *estar-junto* com outro se faz necessário “na busca de sentido para a definição das condições de significação dos cenários da investigação” (PIMENTEL, 2009, p. 152). Destaco o desafio imenso em articular no texto os acontecimentos vividos e pensados que constituíram a experiência (MACEDO, 2015), fundamental para a minha formação como pesquisadora. Para *estar-junto* aos interlocutores da pesquisa desde o início em minha escrita etnográfica por meio de uma *descrição densa* (GEERTZ, 2015), na construção da minha autoria com os “desdobramentos narrativos da experiência pós-campo” (PIMENTEL, 2009, p. 155), trago estas importantes considerações:

À medida que buscamos compreender a escrita etnográfica como tomada de posição nas relações eu-outro em que buscamos tornar compreensíveis as configurações culturais em que os indivíduos se apresentam em seus contextos vivenciais, nos remetemos ao compromisso ético que, seja no nível do ato moral, conforme compreensão de Geertz, seja no nível da construção ontológica do ser-no-mundo, conforme compreensão do filósofo, promove as fusões entre as nossas escolhas pessoais e as nossas escolhas técnicas no ato da descrição. O cotidiano descrito torna-se, por assim dizer, um cenário antropológico em que estar-junto é, acima de tudo, condição ética de envolvimento e construção de autoria nos desdobramentos narrativos da experiência pós-campo.

A escrita, neste sentido, implica numa aprendizagem de auto-referenciação do etnógrafo no estabelecimento das correlações necessárias entre as suas notações de campo e os conceitos com os quais busca sedimentar as suas análises. Cumpre-se uma árdua e inacabada tarefa de mediação entre o vivido e o pensado, que exige atitudes de preocupação e ocupação no âmbito dessa outra forma de conversação que é a descrição etnográfica. (PIMENTEL, 2009, p. 155).

Com suas reflexões, Pimentel (2009) me ajuda a demarcar no texto meu posicionamento em minhas relações com o outro e também a evidenciar os desafios e dilemas da escrita etnográfica.

Com os interlocutores da pesquisa, exercitei e pratiquei uma escuta sensível (BARBIER, 2000), buscando compreender as suas compreensões e pontos de vista, estabelecendo com eles uma relação dialógica, de parceria e confiança mútua. Concordo com Macedo (2016) quanto ao que é fundamental em uma relação dialógica entre *interlocutores em interação*:

Assim, numa relação dialógica, é fundamental transformar os momentos de ouvir em um “verdadeiro encontro etnográfico” (OLIVEIRA, 2000), em que o pesquisador e os outros sujeitos da pesquisa passem a assumir a posição de

interlocutores em interação, num patamar de igualdade e respeito, proporcionando uma “fusão de horizontes”. (OLIVEIRA, 2000) (MACEDO, 2016, p. 84)

Eu, Mãe Márcia, Adelaine, Vitoria e Brenno, além de outros membros do terreiro pesquisado, posicionamo-nos como interlocutores em interação, nos formando mutuamente. O encontro etnográfico com os interlocutores e todas as nossas interações representaram para mim oportunidades fecundas de questionamento, encantamento, estranhamento e aprendizagens, reconhecendo nossas afinidades e singularidades. Mais uma vez na companhia de Macedo (2016), reflito sobre a experiência do encontro com o outro no processo de *fazerpensar* a pesquisa:

Para Ardoino (2012), por exemplo, a experiência mais extrema, às vezes, cruel, mas provavelmente, a mais enriquecedora que podemos ter da heterogeneidade, é a que nos é imposta através do encontro com o outro, enquanto limite do nosso desejo, de nosso poder e de nossa ambição. É aqui que a experiência como processo vibra, sai dos trilhos, balança em direção a diversos polos, inclina-se, retorna, incomoda-se, ensimesma-se, reflete e, na busca da compreensão valorada, se faz, fazendo-se, criando o acontecimento. (MACEDO, 2016, p. 37)

No encontro com os interlocutores, os acontecimentos e as experiências da pesquisa, me formei e me formo continuamente. Identifiquei em Macedo (2016), um vínculo profundo com a minha experiência no encontro com os interlocutores na pesquisa-rio: “No encontro, a experiência se desloca, vibra, institui, realiza o acontecer” (p. 37). Por isso, ainda que os interlocutores estejam presentes ao longo dos capítulos da tese com suas narrativas, os apresento neste momento para continuar navegando com eles.

Figura 1 – Perfis dos Interlocutores da Pesquisa no Facebook



Fonte: imagem criada pela autora com base nos perfis pessoais dos interlocutores no Facebook

Márcia Dória Pereira<sup>17</sup> é **Mãe Márcia d'Oxum**, Ìyalorixá ou Ialorixá<sup>18</sup>, sacerdotisa no culto aos Orixás. Foi com sua narrativa que abri este capítulo. Ela nasceu no dia 03 de julho de 1958 e viveu em Salvador, “rodeada por pessoas de Candomblé, entre danças encantadas e toques de atabaques, no entorno do Alto do Gantois”<sup>19</sup>. Mãe Márcia foi iniciada no Terreiro

<sup>17</sup> Perfil pessoal de Márcia Dória Pereira, Mãe Márcia d'Oxum, no Facebook: <<https://www.facebook.com/profile.php?id=1651043521>>. Existe também a página no Facebook que é administrada pela própria Mãe Márcia com auxílio de membros do terreiro: <<https://www.facebook.com/maemarciadeoxum/?fref=ts>>. Acesso em: 25/01/2016.

<sup>18</sup> Ialorixá é a palavra *yorubá* para designar Mãe de Santo, sacerdotisa responsável pelo Candomblé. É a senhora ou mãe do Orixá.

<sup>19</sup> Trecho do prefácio do pesquisador e candomblecista Luiz Fernando M. Ferreira no livro de Mãe Márcia, “Candomblé: um culto à natureza”, de 2011. Ele é também marido de Mãe Márcia e ocupa um importante cargo na hierarquia do Candomblé no *Egbè Ilè Ìyá Omidayè Aşé Obálayó*.



do Gantois<sup>20</sup> (*Ilê Iyá Omin Aşé Iyá Massê*), localizado em Salvador, Bahia, em 2 de fevereiro de 1968, aos nove anos de idade, por Mãe Menininha do Gantois. Alguns anos depois, veio morar no Rio de Janeiro, no município de São Gonçalo, com seus pais, Ivone e Pedro.

Figura 2 – Mãe Márcia d’Oxum



Fonte: foto publicada no perfil pessoal de Mãe Márcia no Facebook em 30/05/2017. Foto: Arethuzia Dória

Mãe Márcia se define como mulher, brasileira, negra e apaixonada pelo Candomblé e por todo o movimento de cultura que foi preservado no interior das religiões de matrizes africanas. Mãe Márcia também se considera ativista contra o racismo e contra a discriminação religiosa, ocupando redes sociais digitais com narrativas relativas a essas temáticas, especialmente o Facebook.

Mãe Márcia d’Oxum traz seu Orixá em seu nome, em sua assinatura. Eu estava ao seu lado em duas oportunidades, em uma palestra na UERJ e na minha qualificação para o Doutorado, quando ela comentou comigo que havia assinado Márcia d’Oxum e não Márcia Dória Pereira na lista de presença. “De novo, Máira! Olha só! Assinei Márcia d’Oxum... Vou deixar. Já é meu nome mesmo”, foi o que me disse na segunda vez. Por isso, cabe agora apresentar Oxum.

<sup>20</sup> Site do Terreiro do Gantois, lançado em 2014: <<http://terreirodogantois.com.br/>>. Acesso em: 14/10/2017.

“Tudo o que sou é Oxum”, foi o que Mãe Márcia disse em uma roda de conversa em março de 2017 em seu terreiro para um grupo de jovens, seus filhos e filhas de santo. “Vocês precisam entender que minha vida, toda ela, minha família, minhas escolhas, minha militância, tudo isso é Oxum. A mulher que luta, ama, sonha, cria e resiste é Oxum. Ela é minha vida. Ela é meu caminho”. Eu pude perceber o quanto era importante para Mãe Márcia que compreendêssemos os significados de Oxum em sua vida.

Figura 3 – *Selfie* de Mãe Márcia d’Oxum



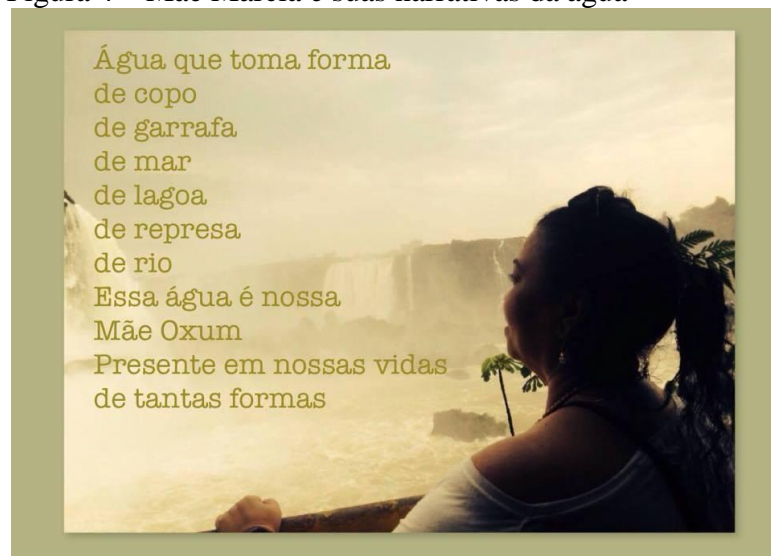
Fonte: Perfil pessoal de Mãe Márcia no Facebook

Oxum é o Orixá que reina sobre as águas doces dos rios, o amor, a fertilidade, a beleza, a diplomacia, a intimidade. Nas palavras de Mãe Márcia, “Oxum não mora na água nem no rio. Oxum é a água. Oxum é o rio”. Esse modo de ser água e rio está presente em muitas narrativas de Mãe Márcia. No Facebook, por exemplo, ela postou muitas vezes a expressão “Seja água” acompanhada de belas imagens de riachos. Em uma das seções do Capítulo 4 da tese, trouxe algumas narrativas que circularam no Facebook relativas ao tema escolhido por Mãe Márcia para a Festa de Oxum de 2015, que foi “Oxum: água da vida”. As narrativas da água de Mãe Márcia trazem Oxum como fonte inspiradora de suas ações. Todos os significados em sua vida são por ela atribuídos e relacionados a Oxum. Mãe Márcia ao falar dela, fala de Oxum, em uma só identidade. Oxum também está presente nas narrativas dos demais membros do terreiro, todos nascidos do ventre mítico da grande mãe. Oxum, Orixá que representa o poder feminino, é “a água do mundo”, nas palavras de Mãe Márcia.

Oxum é *Ìyálòdè*, a mais importante mulher da sociedade, título de todas as *Ìyágbás*, como são conhecidos os Orixás femininos, mas Oxum o conquistou graças a um feito narrado em uma das histórias da mitologia *yorubá*. É assim que Luís Filipe de Lima (2012) apresenta o Orixá Oxum:

Divindade das mais populares em todo o panteão afro-brasileiro, é orixá que possui muitos atributos. Oxum representa a grande mãe ancestral que rege a fertilidade das mulheres, não apenas a dimensão da gestação, mas também em termos de abundância, riqueza e prosperidade. É, assim, a dona do ouro e da beleza, símbolo da vaidade feminina, sempre perfumada e enfeitada de pulseiras, colares, adornos e jóias de ouro, bronze ou qualquer metal amarelo. Oxum é também orixá guerreiro; em algumas de suas manifestações, porta espada e combate ao lado de outros orixás. (...) Oxum é a dona do caudaloso rio que leva seu nome, na Nigéria, e que corre ao longo da província de *Oshun State*, bem no centro do ‘país iorubá’, território que compreende o sudoeste nigeriano e um pequeno trecho do leste do Benin. (LIMA, 2012, p. 28)

Figura 4 – Mãe Márcia e suas narrativas da água



Fonte: Foto de capa de Mãe Márcia no Facebook em 27/2/2016. Foto de Arethuzza Dória, texto de Mãe Márcia, com edição da autora, a pedido de Mãe Márcia

Mãe Márcia lidera o terreiro de Candomblé *Egbè Ilè Ìyá Omidayè Aşé Obálayó*, mais usualmente chamado em suas formas abreviadas *Ilè Omidayè* (pronuncia-se Ilê Omidayê) ou, simplesmente, *Omidayè*, situado no município de São Gonçalo, no Rio de Janeiro. Mãe Márcia explicou-me cada palavra na língua *yorubá* que compõe o nome do terreiro. *Egbé* quer dizer sociedade ou comunidade. *Ilè*, casa. *Ìyá* é a palavra *yorubá* para mãe ou senhora.

*Omidayè* é a água (*omi*<sup>21</sup>) do mundo (*aye*) em que vivemos. *Aşé* (pronuncia-se Axé) é a força vital. *Obalayo* é uma palavra composta de outras duas, *obá*, que quer dizer rei, e *layó*, que nos traz alegrias. A casa, portanto, é dedicada aos Orixás Oxum, a mãe da água do mundo, e Xangô, o rei que nos traz alegrias.

A casa da mãe da água do mundo promoveu encontros e muitas conversas, sediou eventos e projetos culturais, acolheu reuniões, abraçou propostas, além de transbordar suas fronteiras fluidas para muito além do terreiro ao tecer suas redes educativas em articulação com outros *espaçostempos*<sup>22</sup> da cibercultura, com as narrativas diversas, imagens e fotografias de seus membros em interface com as redes sociais digitais.

De acordo com o Mapa da Cultura do Rio de Janeiro<sup>23</sup>, o *Egbè Ilè Ìyá Omidayè Aşé Obálayó* sempre foi referência em suas ações sociais e afirmativas, de preservação do patrimônio imaterial dos povos tradicionais de terreiro e no resgate da autoestima e do pertencimento da população afrodescendente por meio dos seus projetos e parcerias.

A história de Mãe Márcia se mistura a do *Ilè Omidayè*. Essa compreensão me foi possível desde os primeiros contatos com ela e com o campo e foi se aprofundando mais e mais com o meu mergulho. Conhecer o campo, o *Ilè Omidayé* em interface com alguns outros *espaçostempos* da cibercultura, era também, em grande medida, conhecer Mãe Márcia, os seus sonhos e os projetos que concebia. Estar em campo era estar com Mãe Márcia e com os membros do *Ilè Omidayè*. Assim, apresentar Mãe Márcia e os demais interlocutores da pesquisa é também uma forma de apresentar o campo e as questões que nele emergiram.

A implicação de Mãe Márcia d'Oxum com o seu município, São Gonçalo, e com as questões relacionadas à cultura negra e de matrizes africanas como um todo, assim como suas atividades como sacerdotisa e líder do Candomblé, são compatíveis com sua itinerância na cena cultural, em sua comunidade local e também para além dela.

Mãe Márcia foi agente de cultura e desenvolvedora de conteúdos do provedor IG de 2000 a 2006, para o *site*, já extinto, “Árvore da Vida”. Integrou a Comissão Organizadora da

<sup>21</sup> Optei, na maioria dos casos, por grafar de forma aportuguesada termos que deveriam estar grafados na língua *yorubá*, que possui uma singular e complexa estrutura de acentuações. A opção foi para facilitar o entendimento. Há exceções pontuais, sobretudo para nomes próprios ou quando há citações de rezas e cantigas.

<sup>22</sup> Como afirmei em nota anterior, a adoção da grafia diferenciada de alguns termos como *espaçotempo* se inspira em Alves (2008). Para a autora: “A junção de termos e a sua inversão, em alguns casos, quanto ao modo como são ‘normalmente’ enunciados, nos pareceu, há algum tempo, a forma de mostrar os limites para as pesquisas nos/dos/com os cotidianos, do modo dicotomizado criado pela ciência moderna para analisar a sociedade”. (ALVES, 2008, p.11). A inclusão desta segunda nota se justifica para explicitar, enfaticamente, a escolha por um modo de escrita que busca refletir uma crítica e uma problematização da forma cindida com que a ciência moderna orienta e limita a leitura de fenômenos sociais complexos.

<sup>23</sup> Fonte: <<http://mapadecultura.rj.gov.br/manchete/matrizes-que-fazem>>. Acesso em: 23/4/2016.

Coordenadoria de Igualdade Racial de São Gonçalo em 2008 e foi Membro do Conselho de Mulheres Negras de São Gonçalo em 2009. Coordenou, em 2011, a I Mostra de Material Artesanal do Projeto Matrizes que Fazem, com participação do Ministério da Cultura, da Fundação Cultural Palmares, da Secretaria da Cidadania e da Diversidade Cultural, além de autoridades governamentais e representantes da sociedade civil.

Em 2013, Mãe Márcia assumiu o cargo de Conselheira Nacional de Cultura e representante do setorial de Cultura Afro no estado do Rio de Janeiro. Em 2014, se tornou Conselheira de Cultura do município de São Gonçalo, no Rio de Janeiro. Em 2014, destaca-se também sua participação no Grupo de Trabalho de Povos e Comunidades Tradicionais, bem como em reuniões na Casa Civil, em Brasília, do Colegiado de Cultura Afro.

Em 25 de maio de 2015, Mãe Márcia tomou posse, como membro titular, na CADARA – Comissão Técnica Nacional de Diversidade para Assuntos Relacionados à Educação dos Afro-Brasileiros. A CADARA é um órgão técnico vinculado ao Ministério da Educação – MEC, de natureza consultiva e propositiva, instituída pela Portaria nº 4.542, de 28 de dezembro de 2005. A comissão tem entre seus objetivos elaborar, acompanhar, avaliar e analisar políticas públicas educacionais voltadas para o cumprimento da Lei nº 10.639/2003<sup>24</sup>, bem como das Diretrizes para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino da História e Cultura Afro-brasileira e Africana, aprovadas pelo Parecer CNE/CP nº 03/2004 e homologadas pela Resolução CNE/CP nº 01/2004.

Em 30 de maio de 2016, Mãe Márcia tornou-se Conselheira Suplente no Novo Conselho Estadual de Política Cultural (CEPC), vinculado à Secretaria de Estado de Cultura do Rio de Janeiro (SEC), pelo reconhecimento de sua relevância cultural. O Conselho é um órgão colegiado deliberativo, de caráter permanente e com composição paritária entre poder público e sociedade civil.

Ainda na noite do dia 30 de maio de 2016, logo após a posse, Mãe Márcia gravou um vídeo<sup>25</sup> para celebrar a conquista e para acrescentar uma fala contra a cultura do estupro, em função de lamentáveis e terríveis episódios recentes no país envolvendo machismo e brutalidades contra a mulher, e pela diversidade. De acordo com suas palavras no vídeo, a

---

<sup>24</sup> Lei Federal nº 10.639, de 09 de janeiro de 2003 disponível em: <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/2003/L10.639.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2003/L10.639.htm)>. Acesso em: 14/4/2017.

<sup>25</sup> Vídeo com fala de Mãe Márcia gravado logo após a posse dos Conselheiros do CEPC disponível em: <<https://www.facebook.com/1651043521/videos/vb.1651043521/10208120487403870/?type=3>>. Acesso em: 31/5/2016.



Secrearia de Cultura e o Novo Conselho de Política Cultural do Estado do Rio de Janeiro possuíam composição bastante feminina.

Figura 5 – Cartaz do Festival da Utopia de 2016<sup>26</sup>



Fonte: Foto de capa de Mãe Márcia no Facebook em 22/6/2016

Mãe Márcia, com o apoio e a participação de membros do terreiro, ocupa as redes sociais digitais com vídeos, fotografias e narrativas diversas. Para citar alguns exemplos, em 2016, foi gravado o vídeo<sup>27</sup> em homenagem aos 48 anos de iniciação de Mãe Márcia d'Oxum, que ultrapassou as 22.000 visualizações no YouTube. O vídeo *Mãe Márcia d'Oxum fala sobre o Candomblé*<sup>28</sup>, de 2012, atingiu recentemente 117.039 visualizações. Outros vídeos de 2012 estão disponíveis no YouTube com um elevado número de visualizações e também compartilhamentos no Facebook. São eles: *Mãe Márcia d'Oxum Conta sua História*<sup>29</sup> e *Mãe Márcia d'Oxum Mostra Seu Terreiro*<sup>30</sup>.

<sup>26</sup> O 1º Festival Internacional da Utopia, realizado no município de Maricá, na Região dos Lagos do Rio de Janeiro, teve o principal objetivo de reunir pessoas que acreditam e lutam por um mundo melhor. A idealização do festival é fruto de uma parceria entre a Prefeitura de Maricá (RJ) e a coordenação nacional do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST). Fonte: <<https://www.brasilefato.com.br/2016/06/17/marica-realiza-lo-festival-internacional-da-utopia-com-diversas-atividades-gratuitas/>>. Acesso em: 03/01/2017.

<sup>27</sup> Vídeo disponível em: <[https://www.youtube.com/watch?v=Fo7xQw4wg\\_g](https://www.youtube.com/watch?v=Fo7xQw4wg_g)>. Acesso em: 21/5/2016.

<sup>28</sup> Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=vpR7n3mkMwY>>. Acesso em: 01/6/2017.

<sup>29</sup> Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=nOXpzQUE8t0>>. Acesso em: 01/6/2017.

<sup>30</sup> Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=EHmG2sIFL8c>>. Acesso em: 01/6/2017.

Mãe Márcia e os membros do *Ilê Omidayê* possuem essa vocação para contar suas histórias e a história da cultura e da religiosidade de matriz africana de formas diversas, em diferentes meios. Com sua presença no Facebook, por exemplo, Mãe Márcia promove campanhas contra a discriminação religiosa, com apoio de membros do terreiro e amigos. Essa vocação é resultante de um trabalho cultural e educacional realizado no terreiro por meio de projetos como o Matrizes Que Fazem, iniciado em 2011 e que tem entre seus objetivos estimular o respeito aos valores religiosos e culturais nos diversos segmentos sociais e formar para a solidariedade com o próximo. Soube algum tempo depois que o nome do Projeto Matrizes Que Fazem, em sua origem, era Projeto Oxum.

Em dezembro de 2016, o projeto Matrizes Que Fazem, idealizado e coordenado por Mãe Márcia, foi finalista do Prêmio Brasil Criativo<sup>31</sup>, na categoria Cultura Afro-Brasileira. Em junho de 2017, Mãe Márcia tomou posse como Conselheira na Secretaria de Cultura de São Gonçalo, sendo representante titular da sociedade civil para o biênio 2017-2019.

Figura 6 – Mãe Márcia com equipe do Projeto Matrizes Que Fazem em 2012



Fonte: <https://www.facebook.com/matrizessquefazem/>. Foto de Brenno Santos

Por sua implicação e ativismo pela causa da igualdade racial, da liberdade religiosa e da disseminação da cultura afro-brasileira em seu município, Mãe Márcia recebeu em outubro de 2017 o título de Cidadã Gonçalense, concedido pela Câmara Municipal de São Gonçalo.

O encontro com outros importantes interlocutores da pesquisa, membros do *Ilê Omidayê*, foi atravessado pelo estreito vínculo que mantêm com Mãe Márcia e com os projetos realizados no terreiro. Além de suas participações nos projetos que também os

<sup>31</sup> Considerada a premiação oficial da Economia Criativa brasileira. Para saber mais sobre o Prêmio Brasil Criativo: <<http://www.premiobrasilcriativo.com.br/>>. Acesso em: 12/11/2017.

formam, suas narrativas, imagens e fotografias compartilhadas no Facebook foram acompanhadas na pesquisa-río, me interrogando, disparando e oportunizando novas questões e compreensões.

Figura 7 – *Selfie* de Ade com seus alunos da Educação Infantil



Fonte: perfil pessoal de Ade no Facebook em 09/12/2017

**Adelaine Neves**<sup>32</sup>, chamada por seus amigos dentro e fora do terreiro de Ade (pronuncia-se Adê, em uma referência também à palavra *Adè* em *yorubá*, que significa coroa), é pedagoga (Faculdade de Formação de Professores da Universidade do Estado do Rio de Janeiro – FFP/UERJ) e, desde o final de 2016, professora da Educação Infantil no Município de Niterói, próximo a São Gonçalo, onde mora. Ade também possui experiência profissional no ensino fundamental, na educação *online* e na educação executiva. Ela foi iniciada no Candomblé por Mãe Márcia em 2013, aos 26 anos de idade.

Ade contribui ativamente com alguns projetos educacionais realizados no *Ilê Omidayè*, sobretudo no período de 2011 a 2014, tendo atuado como coordenadora pedagógica e professora. Sua chegada ao terreiro foi motivada por sua pesquisa de conclusão do curso de graduação envolvendo as aprendizagens das crianças de terreiro. O *Ilê Omidayè* foi também o campo de sua pesquisa.

<sup>32</sup> Perfil de Ade Neves no Facebook: <<https://www.facebook.com/adelaine.neves>>. Acesso em: 23/12/2017.



Eu e Ade, que havíamos trabalhado na mesma instituição de ensino entre 2010 e 2012, éramos amigas no Facebook e foi pela rede social que soube da sua iniciação<sup>33</sup> no Candomblé, em 2013. Situo o encontro com uma narrativa de Ade acerca de sua iniciação como um momento muito importante da pesquisa-rio. Momento que representa a nascente de outros momentos e acontecimentos fecundos no fluxo da pesquisa.

Dialoguei com fotografias, imagens e narrativas de Ade no Capítulo 2 desta tese, em que também descrevi os caminhos e encontros que nos reaproximaram e me fizeram chegar à Mãe Márcia d'Oxum, aos outros interlocutores e ao campo da pesquisa. Ao encontrar as fotografias e narrativas de Ade sobre sua iniciação, percorri, mental e afetivamente, o caminho de volta para reencontrar memórias da minha própria infância, adolescência e início da juventude em um terreiro de Candomblé.

Figura 8 – *Selfie* de Ade publicada como foto de perfil de perfil no Facebook



Fonte: Foto de perfil de Ade no Facebook em 19/5/2017

Ade é iniciada para Iansã, também chamada Oyá, como mostra o tema de sua foto de perfil no Facebook publicada em maio de 2017. As narrativas de Ade no Facebook com

<sup>33</sup> O ritual de iniciação no Candomblé é também conhecido como a feitura no santo e representa um renascimento. Acredita-se que tudo será novo na vida do *iyáwó* com a iniciação e ele ou ela receberá um novo nome pelo qual passará a ser chamado dentro da comunidade do Candomblé. A feitura tem início no recolhimento, cuja duração pode variar de acordo com as tradições e práticas de cada terreiro. Nos dias de reclusão, em geral, 21 dias nos Candomblés da tradição Ketu, são realizados banhos, oferendas, rituais diversos, além de um intensivo processo de aprendizagem que inclui comportamentos, rezas, danças e cantigas.

referência a Oyá são constantes, com muitos *posts*<sup>34</sup>, fotos de perfil e de capa com ilustrações ou símbolos associados ao Orixá, como a borboleta, a espada, o raio e o búfalo.

Figura 9 – Foto de capa de Ade publicada no Facebook em 7/7/2014



Fonte: Perfil pessoal de Ade no Facebook

Oyá é um Orixá feminino, considerada guerreira, cujos domínios são os ventos e as tempestades. Ligada ao elemento ar, ela também compartilha o fogo com o Orixá Xangô. Ela é um Orixá associado ao trânsito da vida para a morte por estar relacionada ao culto dos mortos e ter a incumbência de guiá-los a um dos nove céus de acordo com suas ações.

Muniz Sodré, na orelha do livro “Iansã: rainha dos ventos e das tempestades”, de Helena Theodoro (2013), explica que a divindade, o Orixá, é um princípio cosmológico, uma razão que concerne às origens do ser humano, “cujo corpo contém toda pletora de elementos característicos do cosmo”. Muniz Sodré continua:

Pensar no fogo como princípio é pensá-lo como elemento simbólico constitutivo de um princípio cosmológico, pelo qual responde um orixá específico. E assim com todos os elementos da natureza.

(...)

Pensar no vento ou na tempestade? É pensar em Iansã ou Oiá, que por eles responde. Responde, na verdade, por um movimento que, irradiado junto aos seres humanos, traduz-se em comportamentos, atitudes, se não individuais, coletivos e, mesmo, políticos. Nas analogias que se pode fazer entre orixás que representam princípios diferentes, a razão analógica de Iansã tem sempre a ver com a movimentação evocativa dos ventos e das tempestades. (Muniz Sodré em THEODORO, 2013, orelha)

Considero a explicação de Muniz Sodré relevante não somente para apresentar Oiá, Oyá ou Iansã, Orixá para o qual Ade Neves foi iniciada, mas para permitir a compreensão das

<sup>34</sup> *Post*, palavra em inglês que quer dizer publicação, refere-se a entradas de texto cronológicas em *websites*, *blogs* e redes sociais *online*.

divindades do Candomblé como um todo como princípio cosmológico, sobretudo no que se refere às associações aos elementos da natureza, presentes em meu texto como analogias, metáforas e delicadezas poéticas e, acima de tudo, presentes em diversas narrativas dos interlocutores da pesquisa, principalmente quando falam de si mesmos, de seus sentimentos, sua visão de mundo e das causas e projetos com os quais estão implicados.

Figura 10 – Passos de Ade



Fonte: *selfie* publicada como foto de capa de Ade no Facebook em 23/5 e 12/7/2013

No início de 2013, pouco após a sua iniciação, Ade publicou no Facebook, como foto de capa, a imagem de seus próprios passos após viver a experiência da discriminação religiosa na faculdade onde cursava Pedagogia. O episódio foi narrado, de forma mais detida e dialogada, no Capítulo 2, mas o trouxe neste momento por seu papel no caminho que trilhei, na companhia de meus interlocutores, para encontrar as questões da pesquisa e, mais ainda, para me formar como pesquisadora.

A imagem dos passos de Ade também caminhou comigo nos primeiros artigos relacionados ao projeto da pesquisa. Um deles, publicado em 2013<sup>35</sup>, foi o esboço do projeto com que me candidatei ao Doutorado no ProPEd no final daquele ano. Os demais artigos

<sup>35</sup> PEREIRA, Máira C. A. *Narrativas Digitais nas Diversas Redes Educativas Que Atravessam as Aprendizagens em Terreiros de Candomblé no Brasil*. In: MARANHÃO FILHO, Eduardo Meinberg de Albuquerque. (Org.). *Religiões e Religiosidades no (do) Ciberespaço*. 1ed. São Paulo: Fonte Editorial, 2013, pp. 201-226. O trabalho que originou o capítulo do livro está disponível nos Anais do 1º Simpósio Sudeste da ABHR / 1º Simpósio Internacional da ABHR – Diversidades e (in)tolerâncias religiosas / Eduardo Meinberg de Albuquerque Maranhão Fº (org.); 3110 p., realizado em outubro de 2013 na Universidade de São Paulo – USP: <<http://www.abhr.org.br/wp-content/uploads/2013/09/Anais-simp%C3%B3sio-da-ABHR-Sudeste.pdf>>. Acesso em 19/4/2016.

foram apresentados em alguns eventos acadêmicos internacionais na área da Educação<sup>36</sup>, já como doutoranda e membro do grupo de pesquisa, em 2014 e em 2015. Nessas oportunidades, ensaiei meus primeiros passos na pesquisa que seguia em fluxo.

Figura 11 – Ade esperando Victor Hugo



Fonte: Foto publicada por Ade no Facebook em 09/12/2015

Por esses passos e caminhos, o Facebook, por meio das narrativas publicadas e compartilhadas pelos interlocutores da pesquisa em seus perfis pessoais, constituiu-se, logo no início, como a rede social digital privilegiada nesta pesquisa, um importante *espaçotempo* da cibercultura, desde a emergência das questões que a originaram, as primeiras aproximações com os sujeitos e todo o processo de gestação da pesquisa, que seguiu seu fluxo e acompanhou a gravidez de Ade em 2015 e o nascimento de seu filho Victor Hugo, em janeiro de 2016.

No fluxo da pesquisa-rio, ao lado das observações e do diálogo com as imagens e narrativas nas redes sociais digitais, sobretudo no Facebook, e do encontro com pessoas que

<sup>36</sup> Apresentei trabalho no XI Colóquio sobre Questões Curriculares / VII Colóquio Luso-Brasileiro & I Colóquio Luso-Afro-Brasileiro sobre Questões Curriculares, em setembro de 2014 na Universidade do Minho, Braga, Portugal, com o título “Narrativas digitais nas diversas redes educativas que atravessam as aprendizagens em terreiros de Candomblé”. Disponível em <<http://hdl.handle.net/1822/30984>>. Acesso em: 12 de dezembro de 2014. Também em 2014, apresentei um artigo no VI Congresso Internacional de Pesquisa (Auto)Biográfica (VI CIPA), dentro do Eixo Temático 3 – Narrativas Digitais, Memórias e Guarda. O evento foi promovido em parceria com a Associação Brasileira de Pesquisa (Auto)Biográfica (Biograph), realizado em novembro na UERJ e que teve como tema “Entre o público e o privado: modos de viver, narrar e guardar”. Página do VI CIPA: <<http://itarget.com.br/newclients/cipa2014/>>. O trabalho apresentado no Luso foi publicado, com revisões, no Vol. 7, Número 14 da Revista Tempos e Espaços em Educação, setembro-dezembro, 2014. Disponível em <<http://www.seer.ufs.br/index.php/revtee/article/view/3450/3013>>. Acesso em 19/4/2016. Em 2015, apresentei trabalhos no VIII Seminário Internacional As Redes Educativas e as Tecnologias: Movimentos Sociais e Educação e no IV Colóquio Internacional Educação, Cidadania e Exclusão: didática e avaliação, ambos sediados na UERJ em junho. Textos disponíveis em: <<http://www.seminarioredes.com.br/adm/diagramados/TR281.pdf>> e <[http://www.editorarealize.com.br/revistas/ceduce/trabalhos/TRABALHO\\_EV047\\_MD4\\_SA7\\_ID1254\\_05052015212349.pdf](http://www.editorarealize.com.br/revistas/ceduce/trabalhos/TRABALHO_EV047_MD4_SA7_ID1254_05052015212349.pdf)>. Acesso em 19/4/2016.



viriam a ser interlocutoras importantes, a emergência do campo e do objeto da pesquisa, inspirou-se também em Caputo (2012a). Sua pesquisa de mais de vinte anos busca compreender como crianças de terreiros de Candomblé aprendem e ensinam a tradição do culto aos Orixás, ancestrais divinizados africanos. Sua pesquisa revela também que crianças de terreiro escondem sua fé na escola por se sentirem discriminadas, tanto religiosa quanto racialmente, embora tenham crescido aprendendo a amar os Orixás e a cultura de seus ancestrais.

Caputo (2012a) concluiu que fazer parte da religião não se mostra suficiente para assumi-la em outros *espaçostempos*, sobretudo na escola. O amor ao Candomblé permanece, mas as crianças desenvolvem táticas para lidar com o preconceito e a hostilidade nas escolas, negando e escondendo, muitas vezes, a própria fé.

Foi assim com **Vitoria Dias**<sup>37</sup>, pelo menos no início. Vitoria é estudante, mora em São Gonçalo com a sua mãe e completou 15 anos de idade em 30 de novembro de 2017. Ela foi iniciada aos nove anos de idade por Mãe Márcia d'Oxum.

Figura 12 – Vitoria em foto de perfil no Facebook em 14/9/2017



Fonte: <https://www.facebook.com/vitoria.dias.5836711>.  
Foto de Brenno Santos

Vitoria foi muito hostilizada na escola após sua iniciação. Ela encontrava em Mãe Márcia e em seus irmãos e irmãs de santo, entre os quais Ade, a escuta, o acolhimento e as

<sup>37</sup> Perfil de Vitoria Dias no Facebook: <<https://www.facebook.com/vitoria.dias.5836711>>. Acesso em: 14/12/2017.

orientações para lidar com a discriminação religiosa que sofria. Mãe Márcia, com o consentimento da mãe de Vitoria e da própria Vitoria, foi até a escola onde ela estudava para conversar com a diretora e com a sua professora, assim como costuma fazer quando ocorre algo semelhante com outras crianças do terreiro, incluindo seus próprios netos. Mãe Márcia explicou-lhes a Lei Federal nº 10.639/03, aprovada em março de 2003 e que torna obrigatório o ensino de História e Cultura Africana e Afro-Brasileira nas escolas de Ensino Fundamental e Médio. Ela também sugeriu atividades e iniciativas relacionadas ao cumprimento da Lei, colocando-se disponível para conversar com outros professores e com os estudantes sobre o Candomblé.

Mãe Márcia sabe o que é ser iniciada ainda criança, pois foi iniciada com a mesma idade que Vitoria tinha quando a iniciou. Na sua época de recém-iniciada, no entanto, não havia internet nem redes sociais digitais. Os regimes de vigilância e visibilidade (BRUNO, 2013) eram outros. Vitoria, temendo mais discriminações na escola, não publicava fotos com suas roupas e artefatos do Candomblé no Facebook. Pude acompanhar o seu processo de mudança com as primeiras fotos e *posts* publicados por ela falando de sua religião, seu terreiro e sua Ialorixá.

Figura 13 – Vitoria no Presente de Iemanjá de São Gonçalo – foto de capa no Facebook em 24/4/2015



Fonte: foto da autora

Vitoria é filha de Iemanjá, nome do Orixá feminino que deriva da expressão *Iyé Iyé Omo Ejà*, a Mãe cujos filhos são peixes em *yorubá*. Trata-se de uma divindade das águas. No Brasil, é considerada rainha do mar. Uma das primeiras fotos publicadas em seu perfil foi a que fiz durante a sexta edição do Presente de Iemanjá<sup>38</sup>, na Praia das Pedrinhas, em São Gonçalo, realizada em fevereiro de 2015. Logo após o evento, Vitoria solicitou minha amizade<sup>39</sup> no Facebook e pude lhe enviar as fotos de forma privada.

Alguns achados do trabalho etnográfico que empreendi na imersão no campo durante as três edições do Presente de Iemanjá que acompanhei, incluindo seus intervalos e algumas ressonâncias no Facebook antes e após sua realização, foram compartilhados no Capítulo 3.

No curso da pesquisa, Vitoria passou a trazer, a partir de 2015, algumas narrativas digitais em que se apresenta como filha de Iemanjá. Em 24 de junho de 2016, por exemplo, ela publicou no Facebook a foto a seguir, feita por mim na edição de 2016 do Presente de Iemanjá de São Gonçalo, com o seguinte texto: “Que minha mãe Yemanjá me dê muita sabedoria para eu ser como a onda do mar, leve e graciosa, mas forte quando preciso... 🍷👑🌊 #axé”.

Figura 14 – Vitoria no Presente de Iemanjá de São Gonçalo de 2016



Fonte: foto da autora

<sup>38</sup> Apresento o Presente de Iemanjá de São Gonçalo como um dos dispositivos da pesquisa no Capítulo 3, em que também discorro um pouco mais sobre o Orixá Iemanjá.

<sup>39</sup> Discuto a noção de amizade no Facebook no Capítulo 3.

**Brenno Santos**<sup>40</sup>, iniciado no Candomblé por Mãe Márcia em 2010, aos 20 anos de idade, é um dos interlocutores da pesquisa de quem me aproximei mais no Presente de Iemanjá de 2015. Ele contribui de forma significativa para a produção das narrativas, fotografias e imagens vinculadas ao terreiro e aos projetos, eventos e campanhas idealizados e coordenados por sua Ialorixá com a participação de outros membros.

Figura 15 – Brenno Santos filmando evento no *Ilê Omidayè* em 22/8/2015



Fonte: foto da autora

É por ele produzida, editada e publicada a maior parte dos vídeos disponíveis no YouTube e no Facebook sobre as festividades, projetos, eventos culturais da casa e com mensagens de Mãe Márcia. Brenno, meu amigo no Facebook desde junho de 2015, também fotografa esses eventos em seu terreiro, responsabilizando-se, em parceria com Mãe Márcia e alguns irmãos de santo, pelo acervo de imagens da casa, para preservação de sua memória e história. Ele é modelo desde os 14 anos de idade e tem 27 anos atualmente. É morador de São Gonçalo, assim como Mãe Márcia, Ade e Vitoria. Ele é fotógrafo, professor de dança e estuda cinema na Escola Popular de Comunicação Crítica da Maré – ESPOCC<sup>41</sup>.

Sobre as relações desenvolvidas com os sujeitos da pesquisa, em linha com a concepção e com a abordagem metodológica das pesquisas com os cotidianos, evidencio o

<sup>40</sup> Perfil de Brenno Santos no Facebook: <<https://www.facebook.com/bybrennosantos>>. Acesso em: 14/12/2017.

<sup>41</sup> A Escola Popular de Comunicação Crítica (ESPOCC) é um projeto do Observatório de Favelas, criado em 2005. Página da ESPOCC na web: <<http://www.espocc.org.br/>>. Página da ESPOCC no Facebook: <<https://www.facebook.com/espocc/timeline>>. Acesso em: 20/4/2016.



quanto aprendi com as narrativas produzidas por Brenno e também o processo que pude acompanhar de seu mergulho ainda mais profundo em busca de sua formação como fotógrafo e documentarista social, resultado do seu crescente engajamento com seu terreiro e também com as conversas que tivemos ao longo da pesquisa. Na presente tese, que traz muitas fotos feitas por Brenno e divulgadas por ele, Mãe Márcia e outros membros do terreiro no Facebook, dialoguei com ele mais detidamente no Capítulo 3, sobre o Presente de Iemanjá na Praia das Pedrinhas, e também no Capítulo 4, em que aciono o vídeo produzido por ele, intitulado *O Elo Que Nos Une* e eventos como o *I Encontro das Mulheres Negras e de Matrizes Africanas de São Gonçalo* e as rodas de conversa como dispositivos da pesquisa. Foi durante o evento, sediado no terreiro e concebido por Mãe Márcia, que fiz a foto (Figura 15) com que apresento Brenno enquanto ele filmava as mesas e os debates.

Brenno é filho de Oxumarê, Orixá que é associado às transformações, aos ciclos e à mobilidade, representado tanto pelo arco-íris, que liga o céu a terra, quanto pela serpente sagrada, *Dã* ou *Dan*, em *yorubá*, que conecta tudo e todos. Lody (2006) assim descreve o símbolo da serpente sagrada:

A serpente é a mobilidade, um ser fálico, fertilizador, atuante e transformador na natureza.

A serpente é o arco-íris e os rios, num desenho que o próprio curso das águas fará nos campos, sendo a própria *Dã*, Oxumaré, entre outros nomes. (LODY, 2006, p. 136)

Oxumarê é símbolo da continuidade e da permanência, o que é ambíguo, uma vez que também representa a mudança e o movimento. A ambiguidade também faz parte de sua complexa simbologia. Ele está no Céu e na Terra, conectado pelo arco-íris. Ele é *Dan*, a serpente sagrada, significando o início e o fim dos ciclos, em um movimento circular, como Orubórus, a cobra que morde a própria cauda. Rege o princípio da multiplicidade da vida, transcurso de múltiplos destinos. É também um Orixá associado à riqueza e à prosperidade. Seus domínios na Natureza, além do arco-íris, são as águas límpidas de fontes e lençóis freáticos.

Brenno também menciona a sua religiosidade e o seu Orixá em suas narrativas no Facebook. Nesta foto feita em seu trabalho como modelo, por exemplo, ele agradece por não se sentir só com o texto: “Com certeza, essa é umas das fotos mais lindas que já tirei e é um

dos momentos em que vejo que jamais estou sozinho. Aconteça o que acontecer meus Orixás estão comigo. Arroboi<sup>42</sup>! #bybrennosantos”.

Figura 16 – Brenno em foto de capa publicada no Facebook em 15/7/2015



Fonte: Foto de Alejandro Muñoz Photography (www.alejandrofoto.com)

Além de Mãe Márcia, Ade, Vitoria e Brenno, com quem mais conversei, interagi e acompanhei de perto, mais atenta aos seus rastros digitais (BRUNO, 2013), outros membros do *Ilè Omidayè* contribuíram pontual e significativamente ao longo da pesquisa-rio. Eu os mencionei em alguns momentos nos capítulos desta tese. Outros membros do terreiro são fundamentais para a realização dos eventos e projetos acionados na pesquisa como dispositivos. Por isso, é correto afirmar que os membros do *Ilè Omidayè* são interlocutores da pesquisa.

A foto a seguir, feita no dia 02 de fevereiro de 2017, dia do *Odun*<sup>43</sup> de Mãe Márcia, traz os seus filhos de santo e amigos que foram celebrar a data com ela. A foto foi publicada por Mãe Márcia como sua foto de capa no Facebook em 11/2/2017 e compartilhada por muitos membros do terreiro. A foto também compôs o cartão de Ano Novo de Mãe Márcia, publicado no Facebook no final de dezembro de 2017, em nome de todo o *Ilè Omidayè*. Brenno pediu que outra pessoa fizesse a foto, justificando que ele costuma ficar de fora dessas imagens, já que é o fotógrafo do terreiro. Recordo-me com carinho do pedido de Mãe Márcia e de outros membros para que eu também saísse na foto. Mãe Márcia, com quem estabeleci as conversas mais frequentes e o vínculo mais próximo, Ade, Vitoria, Brenno e muitos outros

<sup>42</sup> Saudação a Oxumarê.

<sup>43</sup> *Odun*, que quer dizer “ano” em *yorubá*, é o nome que se dá ao aniversário de iniciação no Candomblé.

membros do *Ilê Omidayê*, como as crianças que aparecem na foto, da esquerda para a direita, Guilherme, Beatriz, Julia, Ana Luiza, Ana Clara, João Pedro e Rafaela, de vestido amarelo, no colo de sua mãe, me acompanharam na aventura pensada (MACEDO, 2004, 2010) da pesquisa-rio, navegando comigo.

Figura 17 – Membros do *Ilê Omidayê* em foto de capa de Mãe Márcia no Facebook



Fonte: Foto de Vinícius Soares, editada por Brenno Santos

## 1.2 Considerações sobre a pesquisa etnográfica em ambientes digitais e a proposição de uma etnografia na cibercultura

Minha escolha pela etnografia fundamenta-se em sua condição epistemológica e metodológica singular, uma vez que a compreendo como prática descritiva, cultural, sensível e aprendente (MACEDO DE SÁ, 2012). Minha experiência implicada no campo, com seus acontecimentos e incertezas, na relação com os interlocutores, brindou-me com pistas sobre os caminhos que deveria seguir. A etnografia criada neste meu percurso, praticada pela etnopesquisa (MACEDO, 2012) e inspirada nas narrativas e nos referenciais múltiplos apresentados pelos interlocutores, bem como na minha experiência formativa com o grupo de pesquisa, mostrou-se uma valiosa oportunidade de aprendizagem pela e com a pesquisa. Como aprendi com Macedo de Sá (2012):

Por entendermos a aprendizagem como processo cultural e por compreendermos a cultura, por sua vez, como o modo de viver e pensar que construímos historicamente

com o outro, acreditamos ser pertinente contextualizarmos implicando-nos com as referências históricas e culturais dos grupos, os contextos e os sujeitos que pesquisamos, antes de entrarmos especificamente nas questões referentes aos processos restritos da pesquisa. (MACEDO DE SÁ, 2012, p. 84)

Ao entrelaçar os passos e os fazeres etnográficos com as características principais da etnopesquisa implicada, é possível evidenciar “os vínculos do pesquisador no processo de construção de saberes e de aprendizagens que aí se realizam” (MACEDO, 2016, p. 75). Essa aprendizagem oportunizada pela práxis etnográfica é dinâmica e, às vezes, caótica.

Essa aprendizagem por vezes caótica que acontece com a etnografia acentua-se no contexto de uma sociedade conectada ao digital em rede, em tempos de cibercultura, em que as narrativas dos interlocutores circulantes no ciberespaço se multiplicam de forma acelerada, tornando as suas formas de rastreamento e acompanhamento um trabalho árduo. Nesse contexto de cibercultura, as possibilidades interativas e autorais dos interlocutores no ciberespaço por meio de suas diversas narrativas constituem novas redes educativas que atravessam o terreno. Para trazer o conceito de cibercultura, fundamental e em que a pesquisa-rio se inscreve, preciso, primeiramente, situar as condições e eventos que possibilitaram sua emergência.

Com o surgimento da *web* a partir da década de 1990 e a consequente liberação do polo emissor, passamos da massa receptora às redes interagentes no espaço e no ciberespaço. O surgimento de uma sociedade em rede foi possível com o desenvolvimento das tecnologias da informação, fazendo emergir um novo paradigma sociotécnico, cujos aspectos centrais representam a base material da sociedade da informação. Castells (1999) apresenta os cinco aspectos centrais do novo paradigma: a informação é matéria-prima; as novas tecnologias penetram em todas as atividades humanas; a lógica de redes em qualquer sistema ou conjunto de relações usando essas novas tecnologias; a flexibilidade de organização e reorganização de processos, organizações e instituições; e, por fim, a crescente convergência de tecnologias específicas para um sistema altamente integrado, conduzindo a uma interdependência entre biologia e microeletrônica (CASTELLS, 1999, pp. 108-109).

As conclusões dos estudos de Castells (1999) sobre o novo paradigma sociotécnico, baseado na tecnologia da informação, apontam que “as funções e os processos dominantes na era da informação estão cada vez mais organizados em redes” (p. 565). Uma rede é um conjunto de nós interconectados, uma definição simples, mas que por sua maleabilidade e flexibilidade, oferece um importante recurso para lidar com a complexidade da configuração das sociedades contemporâneas sob o paradigma informacional. Para Castells (1999):

Redes são estruturas abertas com a capacidade de se expandir de forma ilimitada, integrando novos nós desde que consigam comunicar-se dentro da rede, ou seja, desde que compartilhem os mesmos códigos de comunicação (por exemplo, valores ou objetivos de desempenho). Uma estrutura social com base em redes é um sistema aberto altamente dinâmico suscetível de inovação sem ameaças ao seu equilíbrio. (CASTELLS, 1999, p. 566)

A compreensão das interações humanas em nosso tempo com base no conceito de sociedade da informação em rede articula-se aos seus processos de transformação social que ultrapassam a esfera das relações sociais e técnicas de produção, afetando a cultura e o poder de forma substancial e profunda (CASTELLS, 1999). Um aspecto fundamental no trabalho etnográfico é compreender uma cultura. Portanto, é necessário apresentar e refletir sobre as mudanças paradigmáticas que se desdobram em uma sociedade em rede, uma vez que a cultura é profundamente afetada. Como o polo de emissão foi liberado na *web* 2.0, não se verifica homogeneização das expressões culturais. Há, pelo contrário, diversificação, multimodalidade e versatilidade, com inclusão e abrangência de todas as expressões culturais no novo sistema de comunicação.

Trouxe essas considerações acerca da emergência da sociedade em rede (CASTELLS, 1999), possibilitada pelo surgimento da *web*, cujo princípio digital apresenta-se como sistema de interação e conectividade *online* (SANTOS, E, 2014, p. 25), para situar as profundas transformações sociais, comunicacionais, relacionais (incluindo as relações de poder), culturais, políticas e econômicas percebidas em todas as camadas da sociedade com esse processo. Essa “nova morfologia social” (CASTELLS, 1999) e toda produção cultural e fenômenos sociotécnicos que emergiram dessas novas interações mediadas pelo digital em rede caracterizam e delineiam a cultura contemporânea como cibercultura. É nesse contexto que acompanho e interajo com os interlocutores da pesquisa em meu fazer etnográfico. É nesse contexto (ciber)cultural que os interlocutores produzem suas etnonarrativas nos *espaçostempos* do terreiro, da cidade, do ciberespaço, todos conectados e articulados.

Cibercultura é compreendida como cultura contemporânea caracterizada e formada por toda produção cultural e fenômenos sociotécnicos emergentes da relação entre seres humanos e objetos técnicos digitalizados em conexão com a rede mundial de computadores, a internet. O que caracteriza a fase atual da cibercultura é a emergência da mobilidade ubíqua em conectividade com o ciberespaço e as cidades. A cibercultura fortalece a sociedade em rede pelo aumento tanto das autorias de seus usuários quanto dos usos das capacidades interativas do ciberespaço (SANTOS, E, 2014, pp. 25-26).

Lemos (2003) conceitua a cibercultura como “a forma sociocultural que emerge da relação simbiótica entre sociedade, a cultura e as novas tecnologias de base microeletrônica que surgiram com a convergência das telecomunicações com a informática na década de 70” (LEMOS, 2003, p. 12). Pierre Lévy, ao prefaciar Lemos (2010), afirma que este “reconhece a cibercultura como uma manifestação da vitalidade social contemporânea” (LEMOS, 2010, p. 11) e alerta que não se deve confundir a cibercultura como uma subcultura específica ou como a cultura de um determinado grupo ou “tribo”. Ele sublinha que a cibercultura é a nova forma de cultura.

Santos, E. (2014) sinaliza que a noção de cibercultura tem sido cada vez mais discutida como a cultura do ciberespaço, imbricado com o espaço físico. Entende-se ciberespaço como “a internet habitada por seres humanos, que produzem, se autorizam e constituem comunidades e redes sociais por e com as mediações das tecnologias digitais em rede” (SANTOS, E, 2014, pp. 25-26). Para a autora:

O ciberespaço é um conjunto plural de espaços mediados por interfaces digitais, que simulam contextos do mundo físico das cidades, suas instituições, práticas individuais e coletivas já vivenciadas pelos seres humanos ao longo de sua história. Além disso, e sobretudo, instituiu e vem instituindo contextos e práticas originais e inovadoras. São essas originalidades e inovações, que vêm ao longo dos últimos anos instigando pesquisadores, num contexto científico interdisciplinar, e praticantes culturais ao estudo e vivências sobre e com a cibercultura.” (SANTOS, E, 2014, p. 26)

Há perspectivas metodológicas específicas na cibercultura, a respeito da internet, como revelam Fragoso, Recuero e Amaral (2011). A análise de redes sociais ou *sites* de compartilhamento de conteúdos na internet tem provado ser um instrumento particularmente capaz para promover a compreensão de uma sociedade que se encontra cada vez mais estruturada como uma rede e que utiliza novas interfaces e recursos de rede. Como a pesquisa social sempre foi difícil, com remotas possibilidades de observar a sociedade em ampla escala, a internet, nessa perspectiva, se apresenta aos pesquisadores como um presente. Esse presente também inclui uma contrapartida que é o excesso de interações sociais observáveis. Contudo, os pesquisadores sociais compartilham o novo mundo dos sistemas complexos na busca da atribuição de sentido a dados altamente complexos. A sociedade em rede nos impulsiona a trabalhar de novas maneiras e a estudar a sociedade de formas igualmente novas (FRAGOSO; RECUERO; AMARAL, 2011).

Na presente pesquisa, as narrativas criadas pelos sujeitos se constituem de *posts*, imagens, fotografias, vídeos, textos e interações em redes sociais digitais. Seu foco está nas

diversas redes educativas que se entrelaçam cotidianamente no terreiro em interface com o ciberespaço. É na busca da compreensão dessa rede de significados, escutando, lendo, ouvindo, sentindo, questionando, estranhando o campo e as narrativas dos interlocutores, aprendendo com eles, que sigo o caminho da pesquisa. Com o tempo e o amadurecimento de alguns questionamentos acerca do quadro *teóricometodológico*, busquei referências sobre possíveis etnografias específicas para a internet ou etnografias digitais. Apresento a seguir essas discussões.

Uma questão se apresentou para mim de maneira mais marcante logo após um importante evento-dispositivo, o Presente de Iemanjá de 2015: os caminhos *teóricometodológicos* da pesquisa para enfrentar o desafio imenso de lidar com tantos dados produzidos em campo, isto é, no terreiro em interface com o ciberespaço, com a correnteza de narrativas publicadas no Facebook como ressonâncias de importantes atividades culturais do *Ilê Omidayè*.

Naquele mesmo ano, Stela trouxe para nosso grupo de pesquisa suas preocupações em estudar a etnografia para inspirar, apoiar e fortalecer nossas pesquisas. No segundo semestre, passamos a ter encontros semanais com José Renato de Carvalho Baptista<sup>44</sup>, antropólogo e pesquisador colaborador do nosso grupo, que nos ofereceu um curso introdutório à etnografia, percorrendo os principais autores e lendo conosco alguns textos. Uma de suas falas iniciais mais significativas foi a de que assumíssemos, sem pudores, quando fosse realmente o caso, a etnografia em nossas pesquisas. Compreendi que sua mensagem era a de que nos autorizássemos a realizar etnografias, quando pertinente, ainda que não tivéssemos formação em Antropologia. O caminho me pareceu compatível com a perspectiva da multirreferencialidade e das pesquisas com os cotidianos.

Cabia a pergunta sobre o tipo de etnografia a fazer, uma vez que o Facebook é um *espaçotempo* relevante na pesquisa em que ocorrem interações com os interlocutores. Para encontrar a resposta, recorri a Fragoso, Recuero e Amaral (2011) e também a Polivanov (2013), que concorda com Sá (2005) quando esta assinala que os ambientes digitais possuem

---

<sup>44</sup> José Renato de Carvalho Baptista é professor do Departamento de Ensino Superior do Instituto Nacional de Educação de Surdos (DESU-INES), Doutor em Antropologia Social pelo Museu Nacional/Universidade Federal do Rio de Janeiro, é graduado em Ciências Sociais pela Universidade Federal do Rio de Janeiro e Mestre em Antropologia Social pelo Museu Nacional / Universidade Federal do Rio de Janeiro. Foi professor do Departamento de Antropologia da Universidade Federal Fluminense, da Escola de Ciências Sociais do CPDOC/FGV, da Faculdade de Formação de Professores da Universidade do Estado do Rio de Janeiro, do Instituto de Humanidades da Universidade Cândido Mendes e da Fundação Educacional Unificada Campograndense (FEUC). Ele escreveu a tese de doutoramento "Sè tou melanje: uma etnografia sobre o universo social do Vodou Haitiano". Currículo na Plataforma Lattes: <<http://lattes.cnpq.br/6172256677314898>>. Acesso em 08/5/2016.

características, linguagens e gramáticas próprias que merecem ser consideradas. Os dados produzidos nesses ambientes serão, segundo as autoras, materialmente distintos daqueles produzidos em encontros presenciais. Para alguns autores, essas diferenças justificam o emprego de terminologias diferenciadas como “etnografia virtual” ou “netnografia”. Busquei, então, estudar algumas implicações desses termos para continuar fazendo escolhas na pesquisa.

Fragoso, Recuero e Amaral (2011) apresentam cada uma das terminologias de forma didática e elucidativa, as quais trago a seguir de forma abreviada na tabela, recorrendo também ao resumo feito por Polivanov (2013, p. 65):

Tabela 1 – Tipos de etnografia em ambientes digitais

Etnografia em ambientes digitais	Breve descritivo
<b>Netnografia</b>	Neologismo criado no final dos anos 90 (net + etnografia) para demarcar adaptações do método etnográfico em relação tanto à coleta e análise de dados, quanto à ética de pesquisa. Relacionado aos estudos de comunicação com abordagens referentes ao consumo, marketing e aos estudos das comunidades de fãs.
<b>Etnografia digital</b>	Explorar e expandir as possibilidades da etnografia virtual através do constante uso das redes digitais, postando o material coletado. Outro objetivo é a criação de narrativas audiovisuais colaborativas em uma linguagem que sirva como material de estudo, mas atinja também um público extra-acadêmico.
<b>Webnografia</b>	Alguns autores o utilizam enquanto um termo relacionado à pesquisa aplicada de marketing na internet, relacionado à questão das métricas e audiências dos sites, principalmente em ambientes de discussão (...) Assim como netnografia, webnografia também é utilizada tanto para pesquisas acadêmicas quanto mercadológicas.
<b>Ciberantropologia</b>	Baseia-se nos conceitos da antropologia ciborgue de Donna Haraway para examinar a reconstrução tecnológica do homem e preparar o etnógrafo para lidar com uma categoria mais ampla de “ser humano” em suas reconfigurações.

Fonte: FRAGOSO, RECUERO e AMARAL, 2011, pp. 198-201, adaptada pela autora.

Fragoso, Recuero e Amaral (2011) explicam que termos como “netnografia”, “etnografia virtual”, “webnografia” e “ciberantropologia” foram criados, sobretudo, a partir dos anos 1990, para tentar “adaptar” o método etnográfico para os meios digitais. Há autores que os consideram sinônimos e outros que defendem a especificidade de cada termo.

As questões presentes na maior parte das discussões sobre esses termos referem-se à indagação se o ciberespaço pode realmente ser considerado um lugar e se é de fato adequado falar em etnografia em ambientes digitais, onde há mediação tecnológica entre pesquisador e pesquisado. As autoras afirmam que, para alguns autores mais ortodoxos, não é possível realizar etnografias no ciberespaço, tendo em vista que consideram que “o deslocamento, o



estranhamento e o ‘ir a campo’ tão decisivos na formação do olhar interpretativo pareciam ter se esvaído frente a uma possível dissolução espaço-temporal advinda das tecnologias de comunicação e informação” (FRAGOSO, RECUERO e AMARAL, 2011, p. 171).

Outros autores, no entanto, como Mitshuishi (2007), defendem o método da etnografia como de extrema valia para pesquisas focadas em ambientes ou comunidades virtuais, uma vez que destacam a internet não como exatamente um lugar, mas como um *locus* comunitário. Há ainda autoras, como Rocha e Montardo (2005), para as quais o ciberespaço é compreendido como um “não-lugar”, em função da sua natureza desterritorializada. Para Hine (2000), citada por Polivanov (2013), “a etnografia pode (...) ser usada para desenvolver um sentido rico dos significados da tecnologia e das culturas que a possibilitam e são possibilitadas por ela” (HINE, 2000, p. 8). Para Polivanov (2013):

O que vai diferenciar em grande medida as pesquisas focadas em ambientes digitais que se utilizam da etnografia – para além das questões mais específicas como objetos de estudo, questões de investigação, perfis de informantes etc. que vão variar sobremaneira – são as terminologias propostas para dar conta dessa “adaptação” do método etnográfico para o mundo virtual e suas implicações. (POLIVANOV, 2013, p. 66)

Hine (2000) destaca que se pensarmos o ciberespaço como um local em que as pessoas fazem coisas, é possível estudar exatamente o que elas fazem, como e por que fazem. Ela alerta, no entanto, que da mesma forma como em todas as metodologias, “mover a etnografia para um ambiente *online* tem envolvido reexaminações do que a metodologia implica” (HINE, 2000, p. 21). Isso se aplica, entre outras questões, às alterações da noção de campo e as principais etapas do trabalho etnográfico, desde a entrada do pesquisador ou pesquisadora no campo, os modos de interação com os interlocutores e os próprios tipos de dados produzidos, além da atualização de categorias como “tempo”, “espaço” e “identidade” (Polivanov, 2013, pp. 66-67). As bases e as características principais da etnografia devem ser mantidas na internet. As bases seriam “a imersão em um caso particular, a referência a uma localidade específica e a observação participante” (MILLER e SLATER, 2001 *in* POLIVANOV, 2013, p. 67).

Dentro do grupo de autores que preferem adotar o termo netnografia há algumas divergências de pontos de vista e de aspectos relativos aos usos da terminologia. Rocha (2006), de modo distinto do empregado por Sá (2005), compreende a netnografia como um complemento à abordagem etnográfica. Sá (2005), no entanto, não concebe a netnografia como outro método, complementar à etnografia. Para ela, o uso do prefixo “net” se justifica

apenas como uma forma de sinalizar que o objeto de estudo se insere também em contextos digitais, o que considero mais em linha com minha própria perspectiva e compreensão.

Sá (2005) também considera a presença da mediação entre pesquisador, objeto e sujeitos de estudo em qualquer ambiente. No digital, a mediação se dá, de acordo com ela, por meio de uma rede de computadores e suas interfaces. Presencialmente, nas etnografias consideradas “tradicionais”, essa mediação se dá por meio de equipamentos e artefatos como câmeras e gravadores ou até quando há presença de outras pessoas, como intérpretes e autoridades locais. O “encontro com o outro” não será “autêntico”, “imaculado”, simplesmente porque há o atravessamento de objetos e mediações o tempo inteiro, em todo ambiente de pesquisa (SÁ, 2005, p. 33).

A pesquisadora também chama a atenção para o fato de que nos ambientes *online* há práticas de sociabilidade, colaboração, assim como conflitos e disputas entre os sujeitos, da mesma forma que nos ambientes *offline*. Mais uma vez, concordo com ela. Pude acompanhar na pesquisa toda a cooperação estabelecida nesses ambientes, sobretudo no que se refere ao planejamento para a realização dos projetos e eventos do *Ilè Omidayè*, como nas edições que acompanhei do Presente de Iemanjá, assim como algumas tensões e conflitos, presentes nas relações vivas entre os membros do terreiro.

Acompanho Sá (2005) quando ela defende a proposta de uma netnografia como “reivindicação de uma atividade/atitude eminentemente interpretativista, sustentada pela prática da observação participante (...) e pelo jogo circular entre as posições de familiaridade e estranhamento vital à antropologia do cotidiano” (SÁ, 2005, p. 33) e não como uma “atualização canônica dos preceitos etnográficos clássicos”. No entanto, sinto-me ainda mais à vontade com a compreensão e a posição expressas por Fragoso, Recuero e Amaral (2011) de que não deva existir dicotomia entre os estudos sobre práticas e valores sociais desenvolvidos dentro ou fora da internet:

No intuito de extrapolar a noção de internet enquanto forma autônoma ou deslocada de práticas sociais cotidianas e triviais encontrada em muitos discursos teóricos (Sterne, 1999, p. 259), posicionamo-nos favoráveis pela retomada do termo etnografia. (FRAGOSO, RECUERO e AMARAL, 2011, p. 202)

Para elas, o termo *etnografia* deve ser usado no lugar de outros que visam a um tipo de atualização do método etnográfico para ambientes digitais. Com base no trabalho das autoras e pesquisadoras, sustento minha decisão de prosseguir preferindo o termo *etnografia* a outros, como netnografia, embora também concorde com aspectos da proposta de Sá (2005).

É necessário, entretanto, como igualmente discutem Fragoso, Recuero e Amaral (2011), considerar aspectos éticos vinculados aos níveis de inserção do pesquisador nas comunidades pesquisadas e do aparato tecnológico que pode reconfigurar relações sociais, com maior ou menor proximidade em relação à percepção do observador-participante. Questões ligadas à divulgação dos resultados e suas implicações associadas à privacidade dos sujeitos da pesquisa também são comentadas pelas autoras e merecem minha atenção e cuidado na pesquisa. Por isso, desde o início, entrei no campo pedindo licença à Mãe Márcia d’Oxum por ela ser a liderança responsável pelo terreiro pesquisado, pela comunidade em que se inserem os interlocutores da pesquisa. Também é de conhecimento dos demais interlocutores, membros e amigos do terreiro, a pesquisa que realizo. Com cada um deles conversei, explicitando minha proposta. Além disso, privilegio, sempre que possível, narrativas digitais disponíveis de forma pública no Facebook.

Com Fragoso, Recuero e Amaral (2011), também indico que há muito a problematizar relativamente às abordagens etnográficas em ambientes digitais por ser este um campo relativamente novo, embora cada vez mais habitado por usuários, grupos diversos, aplicativos, interfaces, redes sociais digitais, criações, linguagens, formatos e produtos comunicacionais. Todos com rica carga simbólica, códigos e “outros padrões de comportamento culturais, inscritos a partir da sociedade que os desenvolveu” (FRAGOSO, RECUERO e AMARAL, 2011, p. 203).

Outro ponto importante é que combino em meu modo próprio de desenvolver a etnografia em minha pesquisa, o mergulho no campo em ambientes *online* e *offline* em articulação. Estou presente nos eventos que se configuraram como principais dispositivos da pesquisa, assim como em outros momentos dos cotidianos do *Egbè Ilè Ìyá Omidayè Aṣé Obálayó*, além de acompanhar rastros e narrativas digitais no Facebook. Usar terminologias distintas para identificar cada momento, cada uma das etnografias, com ênfase no “lugar” onde se realizam, como práticas apartadas, não me parece necessário, pertinente e produtivo, embora eu caracterize e dialogue com especificidades e desafios próprios da rede social digital escolhida na pesquisa. Terreiro e Facebook são os *espaçostempos* da pesquisa, com redes educativas que os atravessam e conectam.

Assumo o termo *etnografia*, resgatando seu caráter flexível e passível de combinação com outros métodos e abordagens (FRAGOSO, RECUERO e AMARAL, 2011), em relação de compatibilidade e coerência com a perspectiva epistemológica multirreferencial.

A etnografia tem sido o método adotado por muitos pesquisadores do Candomblé, como, por exemplo, Pessoa de Barros (2009). Como pesquiso as redes educativas e os cotidianos de um terreiro de Candomblé em tempos de cibercultura, algumas questões emergem em minha experiência aprendente. Uma delas se refere à relação entre a oralidade e o digital em rede. Explico-me: as aprendizagens nos terreiros acontecem tradicionalmente de forma oral. No Candomblé, as formas de se relacionar e de aprender acontecem pela oralidade, com muitas histórias que são espalhadas, compartilhadas, recontadas por meio de uma literatura oral dinâmica, que preserva, revitaliza e recria tradições.

Considerando o potencial comunicacional interativo do digital em rede na cibercultura, que altera as experiências dos interlocutores abrindo novos caminhos para criações e inovações, reflito sobre as formas de compartilhar saberes e de aprender no Candomblé. Questiono-me, então, sobre a relação entre o digital e a oralidade. Como a oralidade acontece no *online*? É no prefácio de Pierre Lévy em Lemos (2010) que encontro uma chave para essa compreensão. Lévy chama a atenção para o fato de que a cibercultura não é negação da oralidade, tampouco da escrita, “ela é o prolongamento destas; a flor, a germinação”, o que considera uma evolução do mecanismo reprodutor da linguagem (Pierre Lévy no prefácio de LEMOS, 2010, p. 11).

Como esta pesquisa-rio está inscrita na cibercultura, noção, como havia dito, cada vez mais discutida como a cultura do ciberespaço articulada à cultura do espaço físico e que pode ser considerada prolongamento da oralidade, fundamental no Candomblé, autorizo-me a propor uma *etnografia na cibercultura*.

Reitero minha proposição de uma *etnografia na cibercultura* inspirada igualmente na noção de espaços intersticiais, definidos por Santaella (2010, p. 99) como “misturas inextricáveis entre os espaços físicos e o ciberespaço, possibilitadas pelas mídias móveis”. Em espaços intersticiais ou híbridos não é preciso sair de um espaço físico para entrar em um espaço digital, uma vez que estamos imersos nesses espaços ubiquamente.

A *etnografia na cibercultura* com que embarquei na pesquisa-rio revelou-se uma experiência aprendente, formadora, acontecimental e vinculante em minha busca compreensiva multirreferencial.

### 1.3 Rastros digitais dos interlocutores da pesquisa no Facebook

Trabalho com a noção de rastros digitais (Bruno, 2013) para acompanhar as narrativas dos interlocutores da pesquisa dispersas no Facebook em um novo regime de visibilidade, podendo, assim, pensar em dispositivos para me organizar nesse caos que pode ser a práxis etnográfica na cibercultura.

Na companhia de Bruno (2013), refletimos que as tecnologias de ver e ser visto ampliaram-se ainda mais na Internet. Isso torna os indivíduos, simultaneamente, mais sujeitos à vigilância e “relativamente mais autônomos na produção de sua própria visibilidade” (2013, pp. 58-9). A exposição de si não está mais sujeita à autorização e intervenção de terceiros.

A abordagem metodológica pretende mapear e dialogar com os rastros deixados pelas narrativas dos sujeitos da pesquisa nas redes sociais digitais, sobretudo no Facebook. Com Bruno (2013), podemos compreender o significado dos rastros digitais, cuja complexidade se constituiu como um dos principais desafios metodológicos da pesquisa. O rastreamento e arquivamento das ações cotidianas na Internet são possíveis em função da estrutura dessa rede e seus navegadores, em que “toda ação deixa um rastro potencialmente recuperável, constituindo um vasto, dinâmico e polifônico arquivo de nossas ações, escolhas, interesses, hábitos, opiniões etc” (BRUNO, 2013, p. 123). Os rastros digitais possuem uma topologia complexa e variados níveis de visibilidade. A camada mais superficial é constituída pelas informações pessoais e publicações divulgadas voluntariamente na *web*, como postagens em *blogs*, dados de perfil e conversações nas redes sociais. Há também uma série de outras ações, como, por exemplo, navegação, busca, cliques em *links*, produção de conteúdos e *downloads*, que “deixam vestígios mais ou menos explícitos, suscetíveis de serem capturados” (BRUNO, 2013, p. 123).

Detive-me, a maior parte do tempo, no estrato mais superficial e explícito dos rastros dos candomelecionistas que dialogam comigo no campo, o que permitiu a sua identificação e acompanhamento na pesquisa. Tratam-se, portanto, de narrativas publicadas e compartilhadas voluntariamente nas redes sociais, sobretudo, em perfis pessoais ou páginas no Facebook.

Para continuar navegando na pesquisa-rio, portanto, faz-se necessária uma pausa para contar, de forma abreviada, como surgiu a rede social digital habitada intensamente pelos interlocutores da pesquisa, onde pulsam e circulam as narrativas com as quais dialogo.

O novo paradigma sociotécnico com a emergência de uma sociedade em rede (CASTELLS, 1999), possibilitou, com a passagem da sua primeira fase, conhecida como *web 1.0*, em que os *sites* eram repositórios de conteúdos para o usuário navegar e copiar, para a sua segunda fase, a *web 2.0*, em que os internautas podem colaborar e compartilhar, o surgimento de redes sociais *online* como o Facebook que mobilizam muito mais participação e autoria social no ciberespaço. O Facebook é um importante *espaçotempo* desta pesquisa que, em articulação com o *Ilè Omidayè*, se configura como campo em que me dediquei ao trabalho etnográfico.

O Facebook é uma rede social digital criada com a finalidade de interação, que se expressa principalmente por meio de comentários aos *posts* nos perfis pessoais ou páginas, participação em grupos de discussão ou uso de aplicativos e jogos.

O Facebook foi criado por Mark Zuckerberg<sup>45</sup> e seus amigos na Universidade de Harvard, Dustin Moskovitz, Eduardo Saverin e Chris Hughes. Chamava-se inicialmente *Thefacebook*, tendo sido inspirado em outras redes como *Friendster* e *MySpace*, com o objetivo de ser uma rede popular e divertida para partilha de dados e gostos pessoais. Em sua origem, o projeto buscava construir relações entre os próprios alunos dentro da rede da universidade.

Para Kirkpatrick (2011), a criação do *Thefacebook* foi motivada pelos “hormônios dos jovens universitários”, interessados em encontrar parceiros e parceiras. A nova rede social ultrapassou os limites de Harvard e alcançou, em pouco tempo, toda a *Ivy League*, como é conhecido o grupo formado pelas oito universidades mais prestigiadas dos Estados Unidos: Brown, Columbia, Cornell, Dartmouth, Harvard, Princeton, Universidade da Pensilvânia e Yale. Em setembro de 2005, passou a se chamar *Facebook*, atingindo novos públicos e se preparando para a internacionalização da rede, que ultrapassou as fronteiras norte-americanas e que àquela época já era tida como o mais popular *site* de fotos. O crescimento da banda larga nos Estados Unidos no período de 2003 a 2005, o que facilitava a navegação e o trânsito de dados, e o lançamento de projetos baseados na noção de rede social no início dos anos 2000, e com eles a ampliação de conhecimentos, encontram-se nos fundamentos da plataforma de Zuckerberg, que acreditava que podia fazer do mundo um local mais aberto.

Em setembro de 2006, o Facebook foi aberto a quem quisesse se registrar com uma restrição, considerada “teórica” (AMANTE, 2014), de se possuir idade mínima de 13 anos. O Facebook ultrapassou o Orkut em número de usuários no final de 2011, que era, até aquela

---

<sup>45</sup> Perfil pessoal de Mark Zuckerberg no Facebook: <<https://www.facebook.com/zuck>>. Acesso em: 27/12/2017.

época, a maior rede social digital no Brasil. Amante (2014) nos traz dados interessantes relativos ao alcance e ao número de usuários do Facebook. A rede ultrapassou 1.060 milhões de usuários mensais ativos em dezembro de 2012, dos quais 680 milhões usam acesso móvel. Ela nos diz que, por dia, o número médio ativo de usuários ronda os 618 milhões. Isso faz do Facebook um fenômeno único, caracterizando-o como a maior rede social digital do mundo.

Dados<sup>46</sup> obtidos em pesquisas no período entre dezembro de 2016 e julho de 2017, revelaram que o Facebook possui dois bilhões de usuários ativos por mês, seguido pelo WhatsApp, com um bilhão e 300 milhões, Messenger, com um bilhão e 200 milhões, WeChat, com 938 milhões, Instagram com 700 milhões. Entre as cinco redes sociais no topo da lista, além do próprio Facebook, que a lidera, apenas a WeChat não pertence ao grupo Facebook, de Mark Zuckerberg. A pesquisa consultada entende o Messenger, o WhatsApp e o WeChat, que são mensageiros, isto é, aplicativos para troca de mensagens, como redes sociais. O Brasil é o terceiro país com o maior número de contas do Facebook ativas, em um total de 100 milhões de usuários, e desse número, 90% acessam mensalmente através de dispositivos móveis.

Dados mais recentes, de acordo com o relatório de resultados do Facebook de 2017<sup>47</sup>, divulgado em 31/01/2018, revelam que a rede social chegou ao fim do ano com dois bilhões e cem milhões de usuários. Contudo, o relatório também mostra que os usuários passaram menos tempo na rede social, o que foi considerado um aspecto positivo por Mark Zuckerberg. O criador da rede social compartilhou seu objetivo para 2018 em seu perfil pessoal que é o de que o Facebook, efetivamente, contribua para o bem-estar das pessoas e da sociedade, sendo muito mais que um passatempo. Para ele, a redução observada em 2017 de 5% no tempo de acesso é um efeito do esforço empreendido para incentivar conexões reais em detrimento do consumo passivo de conteúdos. Ele também mencionou as dificuldades enfrentadas e avaliou o uso abusivo da plataforma, com proliferação de notícias falsas, sensacionalistas e polarizadas, além de discursos de ódio em muitos *posts*. Ele tem se dedicado, cada vez mais, segundo sua própria narrativa publicada no Facebook<sup>48</sup>, a compreender os usos da rede social,

---

<sup>46</sup> Conforme matéria divulgada em 30/07/2017 no site TechTudo (<http://www.techtudo.com.br/>) com *ranking* do portal de estatísticas Statista. Link para a matéria: <<https://www.techtudo.com.br/noticias/2017/07/facebook-domina-ranking-de-redes-sociais-mais-usadas-no-mundo.ghtml>>. Acesso em: 15/12/2017.

<sup>47</sup> Fonte: Site TechTudo. Matéria de 01/02/2018: <<https://www.techtudo.com.br/noticias/2018/02/facebook-diz-que-usuarios-estao-passando-menos-tempo-na-rede-social.ghtml>>. Acesso em: 02/02/2018.

<sup>48</sup> Link para a narrativa de Mark Zuckerberg em seu perfil pessoal no Facebook em 31/01/2017, comentando os resultados do Relatório de 2017: <<https://www.facebook.com/zuck/posts/10104501954164561>>. Acesso em: 02/02/2018.

assumindo o desafio pessoal de oferecer condições para ampliar o bem gerado e prevenir os seus danos.

Zuckerberg atribuiu a redução do tempo, cerca de 50 milhões de horas por dia, a uma mudança de algoritmo realizada no primeiro trimestre com o objetivo de diminuir a exibição de vídeos virais, contribuindo para aumento da qualidade do tempo e da experiência dos usuários na rede. Neste trecho, Mark Zuckerberg fala da relevância das interações sociais significativas para a rentabilidade do seu negócio:

Ao focar-se em interações significativas, espero que o tempo que todos nós gastamos no facebook seja mais valioso. E acredito sempre que se fazemos a coisa certa e entregamos mais valor, a nossa comunidade e o nosso negócio serão mais fortes no longo prazo. (...) Se as pessoas interagirem mais, isso deverá conduzir a uma comunidade mais forte. E nós já sabemos que o tempo no feed de notícias interagindo com as pessoas é mais rentável do que o tempo consumindo vídeos ou notícias passivamente. Quando você se preocupa com alguma coisa, está disposto a ver anúncios e os experimentar. Mas se você se depara com um vídeo viral, então você tem mais probabilidade de pulá-lo e fazer o mesmo com um anúncio. (Mark Zuckerberg em post no seu perfil pessoal no Facebook, em 31/1/2018: <<https://www.facebook.com/zuck/posts/10104501954164561>>)

A narrativa de Zuckerberg é marcada pelo reconhecimento das estratégias que aciona, compartilhadas com a comunidade, para tornar o Facebook um negócio mais forte. Embora este não seja o foco da minha análise nesta tese, considero importante compreender a dinâmica econômica e mercadológica que movimenta e anima a perspectiva de evolução dessa rede social, assim como alguns de seus desafios e dilemas. Zuckerberg também alude às preocupações com o volume dos discursos de ódio disseminados no Facebook, o que coloca o seu negócio em risco. Essas questões atravessam os cotidianos de muitos candomblecistas, muitas vezes atacados nas redes sociais com discursos de ódio e racismo religioso, o que pode levar muitos deles a desenvolverem táticas de sobrevivência escondendo seu pertencimento religioso ou, pelo contrário, ocuparem essas redes de forma a promover a difusão dos saberes do Candomblé, fortalecendo seu pertencimento religioso e cultural, contribuindo para o combate às discriminações, constituindo novas redes educativas e as ampliando.

Ainda sobre a proliferação dos discursos de ódio no Facebook, lembro uma reflexão de Manuel Castells em suas palavras finais na obra em que apresenta as transformações na dinâmica econômica e social na nova era da informação com a emergência da sociedade em rede:

Em razão da convergência da evolução histórica e da transformação tecnológica, entramos em um modelo genuinamente cultural de interação e organização social.



Por isso é que a informação representa o principal ingrediente de nossa organização social, e os fluxos de mensagens e imagens entre as redes constituem o encadeamento básico de nossa estrutura social. Não quer dizer que a história terminou em uma feliz reconciliação da Humanidade consigo mesma. Na verdade, é o oposto: a história está apenas começando, se por história entendermos o momento em que, após milênios de uma batalha pré-histórica com a Natureza, primeiro para sobreviver, depois, para conquistá-la, nossa espécie tenha alcançado o nível de conhecimento e organização social que nos permitirá viver em um mundo predominantemente social. É o começo de uma nova existência e, sem dúvida, o início de uma nova era, a era da informação, marcada pela autonomia da cultura *vis-à-vis* as bases materiais de nossa existência. Mas este não é necessariamente um momento animador porque, finalmente sozinhos em nosso mundo de humanos, teremos de olhar-nos no espelho da realidade histórica. E talvez não gostemos da imagem refletida. (CASTELLS, 1999, pp. 573-574)

As conclusões de Castells (1999) me parecem sintonizadas com o que pude escutar sensivelmente no terreiro em que a pesquisa se desenvolveu, ainda que em outra perspectiva e recorte. No Brasil, observa-se, historicamente, a profunda exclusão e tentativas de apagamento da cultura afrodescendente pela cultura hegemônica, afetando também as manifestações das religiosidades de matrizes africanas, muitas vezes tidas como inferiores. A exclusão sociocultural também se relaciona diretamente com a exclusão digital, embora tenhamos vivido alguns avanços nos últimos anos no que se refere ao acesso das parcelas mais excluídas da sociedade à internet.

No entanto, há também muitas frestas com a liberação do polo de emissão e a crescente exploração criativa das capacidades interativas do digital em rede. Mãe Márcia me ensinou em alguns de nossos encontros e conversas a ser água e a ocupar espaços. É o que ela e os membros do *Ilè Omidayè* têm feito em suas formas de umedecer o solo árido dos interstícios cidade-ciberespaço com suas narrativas acerca dos projetos, eventos e campanhas que realizam. Essas observações também se relacionam a uma caracterização, no contexto desta pesquisa, do Facebook como *espaço multirreferencial de aprendizagem* (FRÓES BURNHAM, 2000, 2012), noção com que dialogo na última seção do Capítulo 3 da tese. Percebi na pesquisa-rio o uso cultural do Facebook pelos interlocutores para ocupar espaços e comunicar seus projetos e atividades do terreiro, os quais emergiram como importantes dispositivos criados por eles que acionei em minha etnografia na cibercultura.

#### **1.4 Na correnteza da pesquisa aberta ao acontecimento para compreender a experiência e a emergência dos seus dispositivos**

Para lidar com a quantidade de dados produzidos nas águas do terreiro em interface com o Facebook, opero com a noção de *personagens conceituais*. Assim, sinto que tenho

melhores condições de dialogar com imagens, fotografias e narrativas diversas em meu *fazerpensar* a pesquisa. A noção de personagens conceituais, inspiradora ao longo de toda a pesquisa-rio, é apresentada por Alves (2015) como “figuras, argumentos ou artefatos que entram como o outro – aquele com que se dialoga e que permanece presente muito tempo para se acumular ideias” (p. 217). Os personagens conceituais, para a autora, permitem que o pensamento se desenvolva e os conhecimentos sejam criados.

Na qualificação para o Doutorado, aprendi com a Professora Nilda Alves, membro da banca avaliadora, que nossos verdadeiros personagens conceituais são os acontecimentos. Ela comentava justamente a passagem em que eu articulava em meu texto a noção com os acontecimentos do Presente de Iemanjá de São Gonçalo, apresentados nesta tese no Capítulo 3. Sua fala permaneceu comigo para seguir na pesquisa-rio, conversando com ela e outros parceiros intelectuais.

Compreendo, inspirada em Macedo (2016), o campo da pesquisa como fonte dos acontecimentos, os quais somente se constituem como tal “para alguém inserido na sua acontecimentalidade” (p. 95). Com os acontecimentos da pesquisa-rio, com os quais estou implicada, inquietei-me e me formei o tempo todo. Estive em campo, de forma implicada e com todos os meus sentidos, observando atentamente e com escuta sensível (BARBIER, 2002).

No mergulho na pesquisa-rio, aprendendo, errando e me formando na travessia, compreendo, com a colaboração de Macedo (2016), que o acontecimento pode ser acolhido por uma atitude etnográfica:

Estar à espreita, escutar sensivelmente, deixar que a questão abra os caminhos dos sentidos e os sentidos vão abrindo os seus próprios caminhos, passam a construir a possibilidade do acontecimento se tornar um evento heurísticamente fecundo. (MACEDO, 2016, p. 34)

Como existimos compreendendo, em uma pesquisa aberta ao acontecimento, compreender “implica numa atividade que engloba um conjunto de condições e possibilidades, de transformar em realidades significativas para o sujeito, situações que emergem no dia a dia da vida” (MACEDO, 2016, p. 30). Macedo (2013) também salienta a pertinência da compreensão na pesquisa com o acontecimento, o que possibilita explicitar em conjunto, combinando, criando relações, unindo, qualificando a atitude de discernimento do que nos rodeia, assim como de nós mesmos, “para apreender o que entrelaça elementos no espaço e no tempo” (p. 30).

A experiência é fundamentalmente acontecimental, o que advém da constatação “de que o experiencial se realiza a partir do que nos acontece” (MACEDO, 2016, p. 46). Concordo com a afirmação de Macedo (2016) a respeito do “quão formativo é para o pesquisador experienciar a abertura à complexidade do acontecimento” (p. 111) que se vincula a minha experiência na pesquisa-rio de modo muito profundo. Experienciar a pesquisa aberta ao acontecimento é também compreender o seu dinamismo e a sua complexidade, o que inclui suas incompletudes, equívocos e incertezas. Significa formar-se, reconhecendo-se igualmente incompleto e equivocado, por vezes atrapalhado e limitado para compreender esses acontecimentos.

No seu movimento hipercomplexo, a experiência se mostra e se esgueira, ilumina e produz zonas de opacidade, ligada que está ao acontecer. É na experiência que se dá o encontro irreduzível entre o ser e o saber. (MACEDO, 2016, p. 46)

No movimento hipercomplexo da pesquisa aberta à experiência e ao acontecimento, eu naveguei e me formei tecendo uma bricolagem metodológica com os dispositivos acionados. Ardoino (1998) explica a bricolagem como o movimento na pesquisa “de ir aqui e lá, eventualmente para obter, pelo desvio, indiretamente, aquilo que não se pode alcançar de forma direta” (ARDOINO, 1998, p. 203). Para Macedo (2016), inspirado nas reflexões de Kincheloe (2007), a bricolagem, entendida como um entretecimento de dispositivos da pesquisa, combinados e bordados uns aos outros, formando um novo tecido, caracteriza-se como um modo multimetodológico de pesquisa que “busca uma relação transgressora com a disciplinaridade e uma relação fecunda com a mudança de paradigmas” (MACEDO, 2016, p. 68).

O princípio da bricolagem é a compreensão de que não há conhecimento imaculado e que as práticas disciplinares, que compartimentalizam os sistemas e referenciais de conhecimentos, não são desenvolvidas de forma linear, racional e consciente. Portanto, lembrando Sousa Santos e Meneses (2009), como há *várias epistemologias*, uma vez que toda experiência social produz e reproduz conhecimento, é preciso buscar e inventar um modo singular de *fazerpensar* a pesquisa “nesse oceano de caos epistemológico” (MACEDO, 2016, p. 68). Como *bricoleur*, também não permito que meu trabalho “seja sugado pelo buraco que nega o acontecimental da vida” (MACEDO, 2016, p. 68). Estar aberto aos acontecimentos na pesquisa significa também conceber os seus dispositivos de produção e compreensão de dados com abertura e perspectiva dialógica.

Arriscando-me na combinação de métodos e teorias nesta pesquisa multirreferencial na cibercultura, apresento os dispositivos acionados em campo em minha estratégia para navegar com belezas, encantamentos, dúvidas e incertezas neste percurso não linear e para buscar a compreensão de fenômenos complexos. A noção de dispositivo com que opero baseia-se em Ardoino (2003) e é entendida como “organização de meios materiais e/ou intelectuais, fazendo parte de uma estratégia de conhecimento de um objeto” (ARDOINO, 2003, p. 80). Para o autor, em todo método há dispositivos, implícitos ou explícitos, e sua explicitação deve ser condição prévia em um trabalho de pesquisa. O autor explica que a função do dispositivo é obter dados e tratá-los “em condições de implicação/distanciamento consideradas satisfatórias” (ARDOINO, 2003, p. 80). Gosto muito quando Ardoino afirma que o dispositivo tem uma vocação para a transparência, embora também reconheça que sempre há opacidade proveniente do pesquisador e de suas implicações.

Nem todos os dispositivos da pesquisa-rio foram concebidos por mim. Aberta à experiência e ao acontecimento no campo, embarquei em dispositivos criados pelos interlocutores. Foram eles os projetos, eventos e atividades realizados no *Ilè Omidayè*, como o Projeto Matrizes Que Fazem, as rodas de conversa, oficinas e cursos coordenados e mediados por Mãe Márcia e Adelaine em eventos na universidade e no terreiro, o Presente de Iemanjá de São Gonçalo, a Festa de Oxum, entre alguns outros apresentados e discutidos ao longo da tese. Costumo chamá-los de eventos-dispositivos ou projetos-dispositivos.

Entre os dispositivos criados por mim, estão o meu mergulho no terreiro e nas redes educativas *dentrofora* dele, fotografias e imagens digitais produzidas e editadas por mim na interação com Mãe Márcia, como apresentado no Capítulo 4, e o *fotodiário online de pesquisa* no Facebook, que apresento a seguir.

### 1.5 O fotodiário *online* de pesquisa

Como as narrativas no Facebook dos interlocutores da pesquisa, membros do *Ilè Omidayè*, se multiplicam cotidianamente, senti a dificuldade crescente em armazenar e em dialogar com os dados produzidos. O volume de imagens, de *prints*, de anotações tinha se tornado imenso. A organização de todas essas referências era para mim um enorme desafio. Percebi que precisava de um dispositivo no próprio Facebook para guardar essas narrativas,

conversar com elas, organizar ideias. Assim, criei o *fotodiário online*, um diário de campo constituído como um grupo secreto no Facebook. Ele tem me acompanhado na travessia da pesquisa e com ele navego pelas imagens e narrativas produzidas pelos interlocutores. A prática do diarismo *online* é um fenômeno da cibercultura (SANTOS; WEBER, 2014, p. 16), definida como “a cultura contemporânea mediada por tecnologias digitais em rede no ciberespaço e nas cidades” (SANTOS; WEBER, 2014, p. 13).

Tive algumas razões e motivações para acionar o *fotodiário online* a partir de setembro de 2015. Meu *fotodiário online* foi criado como um grupo secreto no Facebook, de acordo com a categoria daquela rede social digital, uma vez que não se pode conhecer seus membros e acessar seu conteúdo, a menos que o administrador permita. O *fotodiário*, que nomeei no dia de sua criação como “Caderno de Campo Online: notas e memórias de pesquisa”, foi compartilhado com minha orientadora de pesquisa, Stela Guedes Caputo, e com Márcia Dória Pereira, Mãe Márcia d’Oxum, principal interlocutora da pesquisa. Antes ainda de criá-lo, conversei com Stela e também com Mãe Márcia, lhes explicando a proposta, minha necessidade, meus objetivos e as convidando a participar. Ambas foram muito receptivas e aceitaram prontamente. Comuniquei também que o *fotodiário* estaria disponível somente para nós três, membros do grupo de discussão. Oportunamente, poderíamos avaliar a entrada de mais interlocutores da pesquisa.

Figura 18 – Fotodiário *online* de pesquisa no Facebook



Fonte: <https://www.facebook.com/groups/1717575068471552/?ref=bookmarks> – foto de Plínio Lacet

Meu propósito foi criar um repositório com algumas narrativas importantes, compartilhar memórias, incertezas, análises, inquietações, proposições ao longo da pesquisa. Foi também meu desejo estabelecer mais um canal de diálogo com Stela e com Mãe Márcia d’Oxum. Anuncio no descritivo do grupo no Facebook, que é o meu *fotodiário online*, que ali

ficarão parte do acervo imagético, notas e memórias de pesquisa. Ficarão também *insights*, visadas ou devaneios que fazem parte do caminho da pesquisa.

É possível acionar diferentes suportes e mídias para a produção dos atos de fala e gêneros textuais com que se configuram o diário. Não há separação entre meio e mensagem. É de Santos e Weber (2014) a definição de diário de campo que incorporo ao meu fazer cotidiano de pesquisa:

O diário de campo é um dispositivo de caráter pessoal que permite refletir e registrar o ocorrido, impulsionando o pesquisador a investigar a própria ação por meio do registro e análises sistemáticas de suas ações e reações, bem como seus sentimentos, impressões, interpretações, explicações, atos falhos, hipóteses e preocupações envolvidas nessas ações. (SANTOS; WEBER, 2014, p. 19)

O que caracteriza mais notadamente um diário é, para Santos e Weber (2014), o “registro dos acontecimentos do dia a dia, ou seja, do cotidiano vivido e refletido pelo autor” (p. 14).

Ao criar o fotodiário *online* como grupo de discussão no Facebook, inseri um comentário na foto de capa que escolhi narrando o contexto e os sentidos da imagem e do evento em que a fotografia foi feita. A seguir, trago meu comentário na íntegra, que foi o disparador da primeira interação com Mãe Márcia no então recém-criado fotodiário *online*:

A primeira foto de capa deste grupo foi feita em 22/8/2015, no I Encontro de Mulheres Negras e de Matrizes Africanas de São Gonçalo, evento organizado e realizado por Mãe Márcia. A foto é de Plínio Lacet, contratado para fotografar o encontro, compondo, assim, o acervo imagético do terreiro que é campo desta pesquisa, que se complementa e se amplia com as imagens produzidas por muitas outras pessoas. Estou na roda, ao lado dos participantes do encontro e de alguns interlocutores da pesquisa. O evento, por sinal, foi e continua sendo fértil em narrativas e análises. Posso afirmar que foi a partir dele que a criação deste grupo se tornou uma necessidade. Ainda há muitas narrativas dispersas sobre ele. Ainda há muito para conversar com os interlocutores e com as narrativas nele produzidas. Mãe Márcia está ali no lado direito, de torço cor de cobre e sorriso no rosto, recebendo uma Iyálorixá de vestes amarelas que acabara de chegar. Brenno Santos, filho de santo de Mãe Márcia e estudante de fotografia e de um curso de documentário social, está do lado esquerdo da imagem, sobre uma cadeira, filmando o encontro, sobre o qual produziu um documentário de curta-metragem, trabalho final do seu curso. Outras pessoas fotografam e filmam o encontro. Roda e rede. Conceitos caros no Candomblé e na Educação. Encontro. Elos. (narrativa da autora no fotodiário online)

Este foi o comentário que recebi de Mãe Márcia em resposta no fotodiário: “O que levamos da vida são as belas lembranças do que fazemos de bom e de bem”.

Em outra narrativa minha, presente na descrição do grupo de discussão, discorro sobre alguns desafios e meus objetivos com o fotodiário *online* em uma reflexão disparada pela data

de sua criação: 27/9/2015. Em 27 de setembro se comemoram os santos católicos São Cosme e São Damião, que no sincretismo religioso no Brasil, na Umbanda e no Candomblé, correspondem aos erês, espíritos de crianças. Eu a trago para cá porque nela tento lidar com a angústia e o encanto com as narrativas que emergem no campo. Como expressar o imenso da minha experiência em palavras? Um importante dilema do meu percurso de pesquisa:

O dia escolhido para criação deste grupo, 27 de setembro, alude também à vitalidade e à ousadia necessárias para lidar com desafio tão grande. "Chegar ao criancamento das palavras. Lá onde elas urinam na perna", como nos ensina o poeta Manoel de Barros, é um de meus desejos para me relacionar com inventividade e intimidade (e, às vezes, um certo distanciamento... olha que coisa mais complexa) com essas narrativas. Quem sabe não seja assim possível, com a colaboração dos meus interlocutores, "abrir um descortínio para o arcano"? (também Manoel de Barros, no mesmo poema, em seu "Livro Sobre Nada") (narrativa da autora no fotodiário online)

Com a criação do fotodiário *online* de pesquisa, busquei refletir e compreender a experiência que me atravessava como pesquisadora em formação. Com Macedo e Guerra (2014), entendo que “refletir sobre a experiência é uma atividade formadora” (p. 41).

Existem maneiras diversas de se conceber e escrever um diário do ponto de vista metodológico. Assim como Macedo e Guerra (2014) e também Santos e Weber (2014), assumo a configuração do diário como itinerância. Para Barbier (2002), a itinerância representa um “percurso estrutural de uma existência concreta tal qual se manifesta pouco a pouco, e de uma maneira inacabada, no emaranhado dos diversos itinerários percorridos por uma pessoa ou por um grupo” (BARBIER, 2002, p. 134). Um dos desafios ao se adotar o diário na pesquisa é o de transformar um “documento de caráter sigiloso, pessoal, em dispositivo de partilha, de formação” (MACEDO; GUERRA, 2014, p. 12).

Macedo e Guerra (2014) evidenciam o uso de diários e de registros escritos para que cada um caminhe para si, tornando-se formador e autor da sua itinerância, empoderado a inventar uma “escrita instituidora”. Para os autores:

O diário online, como dispositivo pedagógico de aprendizagem, se constitui, então, em narrativas reflexivas e formativas das experiências subjetivas em relação a outrem no processo formativo do ator social, em potência, protagonista, autor da sua construção, da sua inventividade, da sua itinerância. A experiência de narrar sobre a própria vida, pessoal e profissional ou episódios delas de alguma maneira, simultaneamente, nos sensibiliza e nos empodera a inventar e disseminar uma “escrita instituidora” (HESS, 2010, p.97), capaz de romper com os modelos instituídos de escrita e formação. Nóvoa, ao prefaciá-lo Josso (2004), realça como a utilização de diários e registros escritos permite a cada um caminhar para si e tornar-se formador (Macedo; Guerra, 2014, p. 43).

A criação do fotodiário *online*, dispositivo multirreferencial de pesquisa, foi uma necessidade sentida após a realização de um evento-dispositivo concebido pelos interlocutores, o *I Encontro de Mulheres Negras e de Matrizes Africanas de São Gonçalo*, realizado em agosto de 2015. Dialogo com alguns acontecimentos daquele dia no Capítulo 4. Foram tantas as narrativas, fotografias, imagens, interações que a experiência transbordou na criação do dispositivo. O diário de pesquisa foi compreendido por Macedo (2004) como “etnotexto fixador de experiências”, definição muito significativa e apropriada para mim, pois eu senti muitas vezes que as variadas texturas de minhas experiências em campo em momentos de eventos-dispositivos densos como aquele poderiam me escapar.

Como fontes de motivação e inspiração para a criação do fotodiário *online* cito o desejo de aventurar-me em exercícios de escrita para fixar e, paralelamente, dar movimento e novos sentidos às experiências, assim como para dialogar com tantos personagens conceituais e acontecimentos. Cito também a necessidade de dialogar e conversar com minhas próprias fotografias produzidas em campo. Essas variadas formas de anotar o campo, com seus fecundos acontecimentos e experiências, como o diário de pesquisa (Barbosa, Heiss, 2010) e as fotografias, feitas por mim ou pelos interlocutores e por eles publicadas no Facebook, me auxiliaram nas descrições densas em minha escrita etnográfica.

As narrativas acompanhadas na pesquisa, descritas e com as quais dialogo recebem o mesmo cuidado que Alves (2003) nos ensina ao explicitar a forma com a qual trabalha com as imagens em seus estudos, reconhecendo que os muitos *espaçostempos* cotidianos em conhecimentos são criados e trocados em um processo de tessitura cultural, em que diferentes *leituras* são igualmente possíveis, “que é como vem sendo chamada a entrada de quem olha, sente e, tantas vezes, toca e cheira uma imagem” (ALVES, 2003, p. 6), tendo em vista que imagens, fotografias e narrativas nos exigem a incorporação e a compreensão de suas diferenças, de sua variedade, de seus significados. Trago uma nota do meu fotodiário *online* com fotografias que produzi no *I Encontro de Mulheres Negras e de Matrizes Africanas de São Gonçalo*. A escrita da nota foi disparada e inspirada por uma provocação de Stela Guedes Caputo no Dia do Professor, em 15/10/2015, quando eu cursava com ela a disciplina "Fotografia e Pesquisa em Educação":



Figura 19 – As fotografias, o movimento e o tempo nas águas da pesquisa



Fonte: fotodiário online da pesquisa – fotos da autora

{Sobre uma "bronca" no Dia do Professor, fotos com movimento e imagens que conversam com o tempo} Hoje, Dia do Professor, [Stela Guedes Caputo](#) postou o que chamou de bronca no grupo no Facebook da disciplina "Fotografia e Pesquisa em Educação" que estou cursando este semestre no ProPêd/UERJ. Ela perguntava pelas "fotinhas" que pedira a seus alunos para compartilhar. Despediu-se após a bronca com um "arrisquem-se! Fotografem". Como resposta levei algumas imagens feitas em campo, no evento do dia 22/8/2015, o I Encontro de Mulheres Negras e de Matrizes Africanas de São Gonçalo, sobre o qual já publiquei e comentei aqui. A foto de capa deste espaço foi feita naquele dia. Certamente, voltarei a compartilhar novas notas de pesquisa sobre o que representou o evento, para mim e para a pesquisa, para Mãe Márcia e para algumas pessoas que fizeram parte dele, e sobre seus rastros. O vídeo "Elo que nos une" do Brenno, filmado no evento, atingiu hoje 20 mil visualizações após ter sido compartilhado na página da Casa de Oxumarê. Pesquisa em fluxo e que me presenteia. Voltando à bronca-desafio de Stela, escolhi cinco imagens feitas por mim e que traziam algumas composições, com efeitos de filtros de aplicativos. As fotos foram feitas com meu iPad. Mãe Márcia solicitou minha participação no que chamou de "cobertura do evento". Outras pessoas fotografaram, como já comentei aqui. Gosto muito de ver as fotos feitas por diferentes pessoas circulando no Facebook durante e após eventos como aquele. Encanto-me com autorias pulsantes e a autonomia de quem produz e expõe as próprias imagens, atribuindo-lhes sentidos. Gosto muito também de produzir essas imagens, compartilhá-las com Mãe Márcia e conversar com ela sobre o que elas representam. Duas imagens foram feitas no finalzinho do evento, quando ogans começaram a tocar um samba de roda. Arethuza, filha de Mãe Márcia, foi a primeira a entrar na dança. Dança que leio como celebração pelo evento, como amor a sua mãe, como orgulho de sua origem negra e por pertencer ao Candomblé. Alegria por ser mulher. Sua saia girava e aquele vermelho em movimento tomou o salão inteiro, convidando as mulheres a entrar na dança. Dança de vento. Vento que transbordava tons de vermelho e terracota. A roda da sua saia tinha um sorriso, uma ousadia. Quantas mulheres rodaram suas saias e sambaram, em resistência e em celebração,

ao longo da história deste país? Com ela, vê-se Vitoria, que com seus azuis sutis acrescenta brisa de mar ao vento morno da saia rodada de Arethuzza. Vitoria é filha de santo de Mãe Márcia, iniciada menina e ainda menina. Ela viveu a hostilidade e o preconceito em sua escola após a iniciação. Ela participou do evento, falando de sua dor. Também está no vídeo "Elo que nos une" com seu depoimento, em que fala de alegrias e também de tristeza, em um viver e aprender nos terreiros que nada exclui. Arethuzza também foi iniciada menina, há mais de 20 anos, e em seu depoimento no vídeo, narra como respondia quando lhe perguntavam, em sua escola, como havia perdido seus cabelos. Comentando a foto da saia girando de Arethuzza, Stela escreveu: "aeeee... movimento". Nossa relação com as imagens, penso eu, também está em movimento. Quando direcionei meu foco para Arethuzza e fotografei aquele instante, o que me impulsionou foi a beleza e a alegria de sua dança. Só depois percebi que havia, de fato, movimento em sua fotografia, o que ficou ainda mais rítmico e esvoaçante com alguns efeitos que acrescentei ainda no terreiro de Mãe Márcia, após o evento, quando conversávamos e avaliávamos o dia, eu, Mãe Márcia, Arethuzza, Vinícius, Márcia Freitas e seu marido, o Mobá Pedro e o Sr. Luiz Fernando. Mostrei a imagem para Arethuzza e para Mãe Márcia. Refiro-me à primeira foto, com Arethuzza de perfil, em que as fitas da barra da saia quase pulam para fora dela, em um vermelho mais vivo. A pedido delas, a publiquei nas linhas do tempo de ambas. Depois, segui lidando com as fotos do dia noite e madrugada adentro, já em casa. As fotos se revelavam para mim, depois para Mãe Márcia e, em seguida, para outras tantas pessoas no Facebook. Hoje, 15 de outubro, reencontro as fotos com o desafio de Stela e elas se revelam outra vez, dialogando com a disciplina "Fotografia e Pesquisa" e com a minha pesquisa de Doutorado. As três outras imagens foram feitas em momentos diferentes do evento. Brinquei com alguns aplicativos que trouxeram um leve efeito de envelhecimento para as fotos. As fotos permaneceram atuais, jovens e mirando o futuro. Mais que isso, as fotos pareciam conversar com o tempo, ligando passado, presente e futuro. Por que brinquei de envelhecer algumas fotos? Gostei muito da brincadeira e do exercício naquele momento. Gosto ainda mais agora, após algum tempo. Fotos podem revelar conversas ancestrais. Aquelas imagens e pessoas estavam ali, em agosto de 2015, mas poderiam ter estado em álbuns antigos, em outro tempo. Talvez, sejam as fotos de um tempo em que fotografar era algo raro e caro. Por isso, só foi possível produzi-las e revelá-las em 2015, no terreiro de Sacramento, São Gonçalo, no solo sagrado e molhado de Oxum. Decerto, muitos negros e negras viveram ali séculos atrás e também posaram dignos com olhar de atravessar o tempo, ouviram e contaram histórias e dançaram ao som dos atabaques. Muitas memórias de negros e negras do Candomblé não deixaram rastros em fotografias. Essas imagens e narrativas resistiram e viajaram no tempo por meio da força da oralidade, que impediu que a história fosse esquecida, embora os esforços para a invisibilidade tenham sido (e ainda sejam, infelizmente) muitos. Então, pensei: tirei hoje as fotos de ontem? Tirei hoje as fotos de amanhã? O tempo nos impõe armadilhas ou talvez nossa relação com ele careça de habilidade e entendimento. O tempo tudo atravessa. O tempo é todos os tempos. O tempo cria e recria. O tempo é contador de histórias. Fotografias também podem ser contadoras de histórias, em autorias costuradas com a imaginação, a memória, os sentimentos, a oralidade e a escrita. Stela contou em uma das aulas de "Fotografia e Pesquisa em Educação" que o fotógrafo francês Henri Cartier-Bresson, considerado por muitos o pai do fotojornalismo, tinha sua câmera fotográfica como bloco de notas. Gostei muito da analogia e tomei nota da frase em meu caderno. Comentei sobre isso com Stela no finalzinho da aula. Hoje, continuo gostando da analogia de Bresson, que mesmo em suas citações sem fotografia nos gruda imagens no pensamento. Contudo, a câmera ou qualquer outro dispositivo de fazer fotos, como meu tablet, por exemplo, pode ser o disparador de uma série de sentidos, que podem se movimentar e se atualizar no encontro, nas conversas, com o tempo. Um bloco de notas dinâmico e que acolhe novas autorias. Vó Edeluíta, na foto com Iyárobá Andrea, traz tantas memórias e desenha tantos futuros possíveis. Foi ela, irmã de santo mais velha de Mãe Márcia, também filha de Mãe Menininha do Gantois, que iniciou Arethuzza e seu irmão, Vinícius, quando eram crianças. Eu a chamo de Vó porque foi ela que iniciou meu pai de santo, já falecido, há tantos anos que nem sei. Aquele 22 de agosto foi também o dia do meu

reencontro com ela, como já contei aqui. Ela é também referência na militância ligada às causas do Candomblé e à discriminação religiosa. Sua foto com Iyárobá Andrea eu só fui ver no dia seguinte, um domingo. Fiz muitas fotos e também dediquei um bom tempo acompanhando outras tantas fotos, de vários autores, e suas narrativas no Facebook. Apliquei o filtro de um aplicativo. Depois, segui compondo a foto com um filtro PB. As imagens de ambas saltaram como aparições na tela do meu tablet. Andrea parecia envolver Vó Edeluíta de reverências com sua aura cuidadora. Ao enviar a foto para a Andrea, recebi dela, com carinho, o agradecimento pela imagem que ilustra, segundo ela, seu afeto e respeito. Em suas palavras, durante nossa conversa reservada no Face, pelo Messenger: "Ficou claro meu amor e respeito pelos mais velhos". Narrativas como essa são delicadezas. Fiquei feliz porque a foto lhe trouxe esse significado e conta parte de sua história e de seu vínculo com o Candomblé. Iyamorò Guara (Nininha ou Guara, simplesmente) também gostou muito de ter recebido a foto que lhe enviei de forma privada e a publicou no Face logo em seguida, exibindo seu sorriso dono do mês de agosto. Ela estava junto ao livro de assinaturas, cuidando das presenças, também numa forma de se relacionar com histórias, memórias e temporalidades. Foi quando olhei para trás, de iPad na mão, que ela me pediu, sorrindo e contagiando tudo ao redor de riso: "Ah... Me fotografa? Quero arrasar, bem rica na foto". Sorri. Fotografei. Na hora, mostrei a ela como havia ficado a foto em meu iPad. Somente depois, enquanto eu compunha a imagem com filtros, ouvi seu pedido vindo de outras vozes, bem de longe, muito longe. Nos braços da jovem mãe, o futuro e o presente em movimento, embalados pela saia girando no vento da Arethuza e pelas ondas nos passos da Vitória. Estava já guardando o iPad na bolsa quando vi a mãe-menina com seu bebê no colo e a luz do final de tarde os emoldurando. Onde estavam que não os tinha visto ao longo do dia? O olhar dela zombava de mim e me chamava para uma ciranda, interrogando em silencioso sorriso: "Como você só nos viu agora se estamos nessa casa que é toda colo e água?" Saber olhar, com ouvidos, nariz, mãos, boca e olhos, é um desafio de se aprender todo dia. Olhar com as tecnologias de hoje faces, contornos e movimentos de ontem e de amanhã. Ouvir o som desse movimento. O desafio lançado por Stela no grupo da disciplina sobre fotografia e pesquisa também era lançado no rodopio da saia de Arethuza. As fotos que caminham e dialogam com o tempo também são desafiadoras, assim como é desafiador o Candomblé, que conversa com outras temporalidades, rememorando e interrogando passado e futuro, com incertezas e esperanças. O I Encontro de Mulheres Negras e de Matrizes Africanas de São Gonçalo também dialoga com o tempo, buscando interlocução com o presente e com o passado, interrogando o presente e o futuro, promovendo encontros de gerações, lutas e temporalidades. O antigo, o novo, o que ainda não é, o que está por nascer. Encontro urgente e sem pressa. Semente de novos diálogos. Encontro de retratos antigos, novas memórias, dúvidas, perspectivas. Encontro de tradições que se renovam. Encontro de mulheres negras do Candomblé, mulheres negras de outras religiões ou ateias, mulheres do rap, mulheres do hip-hop, mulheres que dançam, mulheres que pisam firme e que pisam sobre folhas sagradas, pesquisadoras, médicas, juízas, advogadas, artesãs, engenheiras, cozinheiras, militantes, mães de santo, mães de muitos filhos e de muitas ideias, filhas de santo, contadoras de histórias, guerreiras, rainhas, anônimas, estudantes, professoras, costureiras, donas de casa, donas de si. Mulheres unidas por muitos elos, convidadas a falar desses elos, a identificá-los, a reconhecê-los, a criá-los. A pesquisa apresenta desafios, sempre em movimento. Quando Mãe Márcia solicita que eu fotografe momentos do encontro, tomo como desafio, com respeito e cuidado. Depois, juntas, sei que as fotos nos trarão lembranças, perguntas, possibilidades. Elas irão disparar novas interrogações e muitas conversas. Mãe Márcia pensa nessas fotos em movimento, em trânsito nas redes sociais digitais, levando mensagens, multiplicando, somando, distribuindo sentimentos, ritmos e sensações. Rastros digitais cujo alcance e compreensão representam desafios cotidianos da pesquisa, da mesma forma que as lutas pela liberdade religiosa e pelo respeito às matrizes africanas travam desafios diários. Agradeço pelo desafio, Stela, e pelo convite para entrar na roda, trazendo fotos da pesquisa, arriscando-me. Você também se arrisca, cria, fotografa, dialoga com e para além das imagens. Você

também entrou na roda e sambou com seus pezinhos de Aguerè e Ijexá. (narrativa da autora no fotodiário online de pesquisa)

A seguir, apresento o diálogo com Mãe Márcia no fotodiário *online* de pesquisa inspirado por minha nota-narrativa:

Marcia D. Pereira: O elo que nos une é e precisa ser mais forte, une gerações, une pessoas, une a origem afro e se adequa aos tempos. Une os seres humanos. Une principalmente ao sagrado. Quem sabe um dia descobrimos que somos como flores e que passamos por aqui para florir e deixar belas sementes?

Máira Pereira: Ao refletir sobre e com essas fotos, pensei justamente nesses elos que atravessam o tempo. Quantas mulheres ao longo da história não rodaram a saia no samba de roda como Arethusa? Sobre os rostos e expressões das fotos com efeitos de envelhecimento, pensei em quantos rostos, nomes e histórias foram invisibilizados ao longo do tempo. Seu trabalho formativo contribui muito para o reconhecimento de si mesmo em um contexto mais amplo, muitas vezes esquecido ou negado. A senhora também percebe isso? Que outras reflexões ou perguntas lhe ocorrem ao rever essas imagens, Mãe Márcia (Marcia D. Pereira)?

Marcia D. Pereira: A certeza do dever cumprido... mas que é contínuo.

Também publiquei minha nota-narrativa no grupo de discussão no Facebook da disciplina "Fotografia e Pesquisa em Educação", compartilhada entre Stela e Edméa Oliveira dos Santos<sup>49</sup>, que também é membro da minha banca avaliadora. O grupo de discussão da disciplina foi uma ressonância, um prolongamento do meu fotodiário *online* naquele momento.

Entre os comentários de Edméa no grupo de discussão da disciplina, destaco este: “A fotografia tem potencializado sobremaneira o seu pensamento”.

As considerações de Stela em relação às fotografias e imagens foram muito importantes no sentido de considerá-las narrativas, dependendo da complexidade como são trabalhadas na pesquisa e no texto:

Stela Guedes Caputo: O texto tá bem lindo e profundo. Acho bem interessante e sempre buscamos trazer as imagens para a frente do diálogo. Contudo, é preciso ter um cuidado: para se fazer isso estamos assumindo que as imagens são quase prioridade ou, no mínimo, estarão em pé de igualdade com o texto. O leitor vai esperar um bom número de imagens tb. Não chego a achar que as imagens são assumidas como prioridade em função da quantidade, mas em função de suas complexidades. Máira Pereira fez e narrou fotografias de modo complexo. Continuando assim, teremos imagens como prioridades e ocupando seu espaço na narrativa, como narrativas...

<sup>49</sup> Edméa é professora do ProPEd/UERJ, onde coordena o GPD OC - Grupo de Pesquisa Docência e Cibercultura. Currículo na plataforma Lattes: <<http://buscatextual.cnpq.br/buscatextual/visualizacv.do?id=K4702974D8>>. Acesso em: 17/10/2017.

Inspirada por esse diálogo, compartilho no quarto capítulo da tese mais algumas notas-narrativas e imagens-narrativas do fotodiário *online* para apresentar e discutir algumas experiências formativas (MACEDO, 2015) vividas no percurso da pesquisa-rio.

Concordo com Macedo (2016) quando ele diz que “pelos diários temos acesso a narrativas acontecimentais eivadas de densas experiências existenciais” (MACEDO, 2016, p. 98). Experiência e acontecimento não se apartam, o autor nos alerta, afirmando, ainda em relação a essas narrativas acontecimentais nos diários, que o que se apresenta como expectativa em termos de pesquisa “é uma versão densa do acontecimento a partir de quem o viveu (in) tensamente, colocando a intimidade da vida como possibilidade de compreendermos ângulos importantes da emergência de um acontecimento” (MACEDO, 2016, pp. 98-99). Também concordo com ele em sua constatação de que pensar o “acontecimento-com imagens” é outro desafio para a “pesquisa-com o acontecimento” (MACEDO, 2016, p. 99).

Trago a seguir outro momento em meu fotodiário *online*, com o qual reflito sobre o processo de amadurecimento, sobretudo meu, em diálogos com Mãe Márcia, em relação aos usos iniciais do dispositivo. Quando eu o criei em setembro de 2015, transbordava com as experiências e acontecimentos de um evento-dispositivo que acabara de acontecer no *Ilè Omidayè*. O primeiro mês de vida do fotodiário *online* foi intenso, com a publicação de notas extensas. Num dado instante, passei a refletir muito sobre esse ritmo, que pode oscilar em alguns momentos da pesquisa, e também pensei em como Mãe Márcia lidava com algumas de minhas notas tão imensas e densas. Eu percebia às vezes que ela se apressava em curtir uma nova nota assim que eu a publicava, como um sinal de aprovação ou uma confirmação de leitura. Outras vezes, ela fazia um comentário pontual, em geral, de elogio às fotografias. Eu me perguntava se ela lia as notas e quais seriam seus sentimentos e compreensões em relação a sua participação no fotodiário *online*. Eu queria deixá-la à vontade quanto ao ritmo de sua participação, enquanto eu também aprendia a lidar com os ritmos e as intensidades da pesquisa.

Além disso, alguns acontecimentos no âmbito profissional contribuíram para que eu me distanciasse temporariamente do fotodiário. Um comentário de Mãe Márcia sobre a percepção da minha ausência no fotodiário *online* e a fotografia que Stela Guedes Caputo fez de mim enquanto eu olhava o mar em agradecimento no Presente de Iemanjá de 2015, trazida feito espuma de onda como lembrança do Facebook, dispararam a nota a seguir em fevereiro de 2016, pouco após a sétima edição do Presente de Iemanjá. Nela, reflito sobre os usos do dispositivo em diálogo com Mãe Márcia e também sobre sentidos, dilemas, incertezas,

aprendizagens, delicadezas, cumplicidades, implicação, movimentos e temporalidades da pesquisa. Incluo, ainda, observações e sentimentos quanto ao excesso de estímulos e o ritmo por vezes cansativo e acelerado de redes sociais *online* como o Facebook, onde o fotodiário se encontra.

Figura 20 – Na pesquisa-rio que encontra o mar



Fonte: foto de Stela Guedes Caputo

Mas o que me trouxe de volta a este diário online? Tenho dado continuidade à pesquisa e à escrita, mas minhas narrativas aqui foram temporariamente suspensas. É possível que eu volte a escrever aqui sobre isso e sobre algumas dificuldades pessoais que tenho enfrentado nos últimos três meses, com alguns impactos sobre o ritmo da pesquisa. Por enquanto, gostaria de resgatar alguns momentos e narrativas que confirmam o quanto a pesquisa está entrelaçada com a vida, faz parte da vida. O que isso quer dizer? Muita coisa. A pesquisa pode sim sofrer alguns impactos, pois a vida de uma pesquisadora em formação como eu, assim como a de todos os pesquisadores, simplesmente está aí acontecendo e alguns momentos de incertezas, desafios e preocupações em outros campos, como o profissional, fazem parte do seu fluxo, do seu movimento. Ao mesmo tempo, percebo que o espaço da pesquisa permanece vivo e preservado. Muitas vezes, pode até se renovar e fortalecer com as adversidades, embora possam existir pausas momentâneas. É preciso esforço e disciplina para garantir o tempo do estudo e da escrita no "correr da vida que embrulha tudo", como escreveu Guimarães Rosa em seu romance "Grande Sertão: veredas", mas com amor e implicação o exercício se mostra mais fluido. Concentrar-se, às vezes, pode parecer muito mais desafiador. Vivemos em um mundo que nos afeta diariamente com uma dose elevadíssima de estímulos variados. No entanto, uma vez retomada a escrita das primeiras linhas do texto, reflexões, leituras, observações de campo e notas da pesquisa vêm me encontrar e me fazer companhia. A pesquisa está comigo o tempo todo, reflito. Até quando me afasto por uns tempos. Ainda no ano passado, Mãe Márcia fez um comentário sobre o qual penso muito até hoje. "Você não voltou a escrever no seu caderno de campo online", ela disse. Lembro-me de ter respondido que minha pesquisa tinha começado bem antes de eu abrir este espaço para notas no Facebook e que eu fazia anotações em outros meios, como em um caderno físico e em arquivos de Word. Afirmei que voltaria a escrever

aqui quando sentisse que minhas anotações neste espaço tivessem relevância. Parece estranho recordar e escrever isso agora. Pensativa, eu lhe disse algo mais ou menos assim:

"Não quero escrever por escrever. O que escrevi até agora foi muito importante para o processo de pesquisa e para impulsionar a escrita. Agora, sinto necessidade de esperar um pouco, sem a obrigação de ocupar o espaço todo dia. A senhora também não precisa se apressar para ler tudo imediatamente para dar algum retorno. Empolgada, fiz textos muito grandes e sinto que isso pode ser um pouco cansativo. Leia com calma e comente apenas quando achar necessário e tiver vontade".

Ouvi a voz de Mãe Márcia também pensativa do outro lado do telefone. Ela me falou, mais ou menos, o seguinte:

"É mesmo. Eu também não quero ler correndo e comentar por comentar. Reli com calma o que você escreveu quando você me entregou suas notas impressas, e fiquei depois achando que poderia ter comentado tantas outras coisas mais interessantes em seus posts... As letrinhas do Face às vezes cansam minhas vistas, principalmente no celular. Li melhor quando você trouxe impresso".

Percebi, com gratidão e ternura, que Mãe Márcia também estava implicada com minha pesquisa. Ela queria comentar, participar, demonstrar sua consideração. Tudo aquilo que tinha se constituído para mim como um dos dilemas da pesquisa no que se refere ao uso do diário online, encontrava ressonância em Mãe Márcia. Sim. Isso me angustiava. Eu não queria que Mãe Márcia se sentisse obrigada a ler muitos textos imensos (e eu escrevo assim a maior parte do tempo, rs) e a comentar tudo. Eu também não queria entrar no automático, escrevendo por escrever, ocupando este espaço com muita frequência apenas porque decidi experimentar e aprender com esse dispositivo em minha metodologia. Eu já havia iniciado minha pesquisa há quase dois anos, acionando outros dispositivos. Todos se mostraram válidos e estão presentes. Este diário cumpre um papel importante e nasceu da necessidade de organizar algumas notas, destravar a escrita e por se situar no Facebook, "espaçotempo" (usando aqui um termo adotado por Nilda Alves) em que acompanho as narrativas digitais dos sujeitos da pesquisa. Deixo aqui notas e rastros de pesquisa que também se constituem como narrativas digitais, com as quais igualmente dialogo em meu texto por serem dados produzidos no processo de pesquisa. Como nas minhas demais notas da pesquisa, registradas em outros formatos e suportes, gosto de escrever aqui também sobre alguns dilemas.

Tenho me encantado com as narrativas produzidas no campo da pesquisa. Entretanto, é importante perceber que há uma sobrecarga de estímulos, limitações e muitas pressões nas redes sociais também. Uma espécie de lógica de exposição e quantidade de curtidas, nem sempre acompanhada de interatividade e aprendizagem colaborativa. Muitas vezes, existe uma dinâmica de expectativas envolvida. Quem curtiu quem? E quantas curtidas recebeu aquele post? Meu post foi um "sucesso"? Isso sem considerar as situações de desgastes entre pessoas e grupos com ideias divergentes. Existe uma tendência à aceleração, que está presente neste tempo de cibercultura, para além da internet. Uma aceleração da vida que se traduz em diferentes dimensões e relações, como no trabalho, com demandas crescentes e às vezes desumanas de produtividade, na vida acadêmica, com exigências também desumanas de produção intelectual e condições precárias de trabalho, levando pesquisadores e professores ao desgaste extremo, nas relações humanas como um todo. Tudo rápido. Tudo muito. Quantidade. Aceleração. O campo que pesquisamos também se insere na cibercultura e seus sujeitos vivenciam os mesmos desafios, equívocos, atropelos e questionamentos relacionados a esta aceleração. Da mesma forma, esses sujeitos ocupam as redes sociais com suas próprias produções e autorias, se relacionando com as possibilidades existentes para compartilhar narrativas, conectar pessoas e constituir redes educativas que se entrelaçam ao terreno. No entanto, é importante resgatar e buscar inspiração em outras temporalidades presentes nos terrenos. Uma temporalidade que nos ensina que chegará o melhor momento para tudo. Uma temporalidade que dispensa relógios e que flui. Uma temporalidade que ensina a viver o momento em sua plenitude, sem pressa, no aqui e agora. Como Stela nos ensina em nosso grupo de pesquisa, para pesquisar em terrenos, é preciso chegar cedo e não ter pressa para sair, porque

simplesmente não se sabe a hora da saída. É preciso respeitar o tempo do outro. É preciso respeitar o próprio tempo, acrescento.

No final do ano passado, levei a discussão para uma aula do Doutorado, "Fotografia e Pesquisa em Educação", disciplina dividida entre Stela e Edméa. O tema da aula era justamente o diário de pesquisa. Em meu relato-desabafo, disse que eu não gostaria de imprimir um ritmo acelerado (e desastrado!) no uso do meu diário online. Um colega de turma, Paulo Tássio, comentou sobre a questão do tempo na pesquisa, das demandas e pressões que vivemos. *Ele comentou do quanto, mesmo sem querer, podemos envolver os sujeitos da nossa pesquisa em nossas temporalidades e em nossas pressas.* Eu gostei muito de suas observações e seguimos no diálogo. Eu concluí que para compreendermos o que pesquisamos, seja qual for o tema e o campo, precisamos pensar sempre nessas temporalidades, respeitar esses tempos, nosso e dos nossos interlocutores, ainda que precisemos igualmente respeitar prazos. Seja qual for a metodologia adotada, eu escolho aprender na imersão e diretamente *com* os sujeitos da pesquisa, valorizando e fortalecendo as relações, os vínculos com as pessoas. Não foi à toa que escolhi como foto de capa deste diário online uma imagem em que estou no campo, na roda, de mãos dadas com os sujeitos da pesquisa. Com isso, assumo também alguns dilemas de pesquisa. Prefiro caminhar com esses possíveis dilemas, me equivocar, me interrogar e aprender com eles, do que ser sempre "eficiente" e "produtiva" na pesquisa (considerando aqui formas de pesquisar e fazer ciência que privilegiam outras abordagens e condenam a proximidade e os laços de afeto entre pesquisador e sujeitos).

(narrativa da autora no fotodiário online)

Ao reencontrar minha nota acima, dialogo e aprendo com Macedo (2004) que “pela cotidianidade da pesquisa relatada no diário de campo, resistências e aberturas são documentadas, mostrando que fazer ciência não implica em linearidade e previsibilidade perfeitas, é uma aventura pensada com responsabilidade e ética” (MACEDO, 2004, p. 172).

Encerro este capítulo com essas reflexões sobre a aventura pensada (Macedo, 2004, 2013, 2016) da pesquisa-rio em que navego muito bem acompanhada com os interlocutores em interações e afetos, me formando na experiência com eles, aberta aos acontecimentos.



## 2 A CHEGADA AO CAMPO, A COMPREENSÃO DO TERREIRO *ILÈ OMIDAYÈ* E OS PRIMEIROS MERGULHOS NA PESQUISA-RIO

Só na foz do rio é que se ouvem os murmúrios de todas as fontes.

*João Guimarães Rosa*

Figura 21 – Roda de Oxum de 2009 no *Ilè Omidayè* no documentário *iCandomblé*



Fonte: <http://icandomble.com.br/>

A roda de Oxum. Logo depois, o depoimento de Mãe Márcia d'Oxum, entre outros de sacerdotes, sacerdotisas, antropólogos e estudiosos das religiões de matriz africana. Foram esses os primeiros registros de Mãe Márcia com os quais tive contato no documentário de curta-metragem *iCandomblé*<sup>50</sup>, de João Velho, diretor e editor, de quem tomo as palavras para apresentar o filme:

*iCandomblé* é um rio por onde transito desde 2003, que me levou a trabalhar com uma equipe maravilhosa, conhecer pessoas inesquecíveis e aprender muito. Eu sinto que ele ainda tem muita água por navegar, porque, envolto em história e magia, seu tema insiste em não se esgotar. E eu espero ser capaz de seguir por onde esse rio ainda possa me levar. O lançamento do filme no formato de curta-metragem na *web* é mais uma etapa do curso dessas águas. (Fonte: <<http://icandomble.com.br>>. Acesso em: 25/3/2016)

O filme, que reúne um conjunto de imagens e depoimentos de 2003 a 2010 e aborda o impacto da globalização da religião dos Orixás e do culto de Ifá<sup>51</sup> na experiência do Candomblé brasileiro, só foi lançado na internet em 2015, mas eu já o conhecia desde o seu

<sup>50</sup> Página do filme, lançado em 2010 e disponível na internet desde 2015: <<http://icandomble.com.br>>. Página do *iCandomblé* no Facebook: <<https://www.facebook.com/icandomble/?fref=ts>>. Acesso em: 25/3/2016.

<sup>51</sup> Orixá da adivinhação e do destino. O lendário culto ao oráculo sagrado de Ifá tem conquistado mais espaço no Brasil desde o final da década de 90, quando sacerdotes de Cuba e da Nigéria passaram a realizar e a difundir suas práticas religiosas no país.

lançamento em algumas salas de exibição e festivais de cinema em 2010. João Velho é também meu amigo, no Facebook e antes dele.

Figura 22 – João Velho entrevista Mãe Márcia d’Oxum para o documentário *iCandomblé*



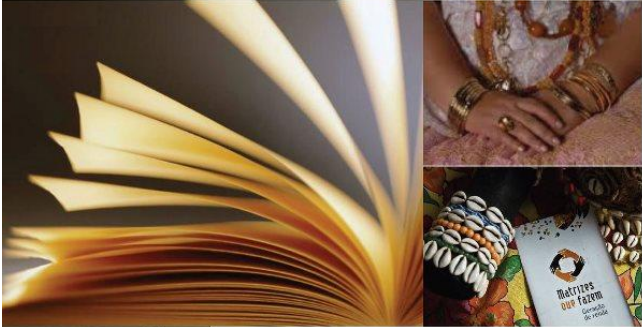
Fonte: <http://icandomble.com.br/>

Ao navegar na página do filme criada em 2015 para o seu lançamento na *web*, encontrei a seguinte apresentação de Mãe Márcia, uma das “personagens”, nas palavras de João Velho, ao lado de outros participantes:

Ialorixá do terreiro *Egbè Ilè Ìyá Omidayè Aṣé Obálayó*, localizado no município de São Gonçalo, RJ, e que segue com rigor os costumes do candomblé baiano tradicional. Mãe Márcia foi iniciada em 1968 no terreiro do Gantois, na Bahia, por Mãe Menininha. Ativista contra o racismo, o preconceito e a intolerância religiosa, Mãe Márcia tem um histórico de lutas nos campos político e cultural pela preservação e valorização das matrizes africanas e desenvolve trabalhos sociais com crianças, jovens e adultos da sua comunidade. Seu marido, também sacerdote do seu terreiro, viajou muitas vezes à Nigéria, mas ele e Mãe Márcia praticam e defendem o candomblé tradicional que aprenderam na Bahia. (Fonte: <<http://icandomble.com.br/>>. Acesso em: 25/3/2016)

Na pesquisa, pude compreender a forma com que Mãe Márcia é apresentada por João Velho, graças à qualidade da nossa interlocução e da relação que desenvolvemos, de aprendizagens e confiança. Acompanhando no Facebook as narrativas de Mãe Márcia e outros membros do terreiro, interlocutores da pesquisa, percebi, ainda antes da minha primeira visita ao terreiro, a implicação de Mãe Márcia e de seu terreiro em projetos sociais e culturais, especialmente os voltados para a difusão da cultura negra e afrodescendente. Este convite divulgado no Facebook por Ade Neves em abril de 2013, por exemplo, anuncia o lançamento do Ponto de Leitura de São Gonçalo, sediado no terreiro de Mãe Márcia, com exibição do filme *iCandomblé*.

Figura 23 – Convite para lançamento do Ponto de Leitura de São Gonçalo divulgado por Ade em 16/4/2013



**Convite de Lançamento**

PONTOS DE LEITURA DA ANCESTRALIDADE AFRICANA NO BRASIL

Iyá Márcia D'Oxum, convida para o lançamento do Ponto de Leitura de São Gonçalo, que faz parte do Projeto Pontos de Leitura Ancestralidade Africana no Brasil e para a exibição do filme *iCandomblé* (com direção do cineasta João Velho) dia 3 de Maio de 2013, às 14:00 hs.

Contamos com sua presença!

Contato: (21) 2724 5612

Endereço: Dalmir da Silva lote 8, frente a Rua João Soares lote 10, fundos Sacramento São Gonçalo - RJ

Realização: Egbe Ile Iya Ormidayo Ase Obalayo

Projeto piloto realizado em parceria entre a Fundação Biblioteca Nacional (FBN), Secretaria da Cidadania e Diversidade Cultural do MinC (SGDC/MinC) e Secretaria de Políticas de Promoção de Igualdade Racial (SEPPIR).

Tem por objetivo apoiar e estimular iniciativas culturais, já em andamento, voltadas para a promoção, preservação e divulgação da história e cultura africana e afro-brasileira.

Exibição do premiado *iCandomblé*, com direção de João Velho e depoimentos de diversas lideranças de terreiros tradicionais de matriz africana - terreiros de todo o mundo.

Apoio Cultural:

Secretaria Cultura e Turismo - SG | SNBP | Sistema Nacional de Bibliotecas Públicas | MINISTÉRIO DA CULTURA Fundação BIBLIOTECA NACIONAL

SEPPIR | Ministério da Cultura BRASIL

Fonte: linha do tempo de Ade Neves no Facebook

Em maio de 2013, quando Adelaine publicou algumas fotos no Facebook, uma delas de capa, meu contato com o filme *iCandomblé* e com outros vídeos produzidos pela própria Ialorixá em parceria com membros do seu terreiro, disponíveis no Youtube<sup>52</sup>, permitiram que eu reconhecesse Mãe Márcia nas imagens. E lá estava ela com seu dispositivo móvel em

<sup>52</sup> Há alguns vídeos disponíveis no YouTube em que Mãe Márcia narra sua própria história, conta histórias do Candomblé e faz pronunciamentos sobre sua luta contra a intolerância religiosa. Os vídeos são gravados a pedido de Mãe Márcia, que idealiza os roteiros, por filhos de santo ou amigos. A maior parte foi gravada, editada e publicada por Brenno Santos, seu filho de santo e de quem me aproximei mais a partir do início de 2015. Estes quatro vídeos, por exemplo, trazem um pouco da história do Candomblé no Brasil e também a apresentação de seu terreiro em São Gonçalo. Os três primeiros foram publicados em 27/6/2012 e o quarto em 23/7/2013. “Mãe Márcia d’Oxum Fala Sobre o Candomblé”:  
<<https://www.youtube.com/watch?v=vpR7n3mkMwY>>; “Mãe Márcia d’Oxum Conta sua História”:  
<<https://www.youtube.com/watch?v=nOXpzQUE8t0>>; “Mãe Márcia d’Oxum Mostra Seu Terreiro”:  
<<https://www.youtube.com/watch?v=EHmG2sIFL8c>>; “Mãe Márcia d’Oxum Mostra Seu Terreiro – parte 2”:  
<<https://www.youtube.com/watch?v=A8my8EEGiyk>>. Acesso em: 14/10/2015.



mãos. Algum tempo depois eu estaria acompanhando seus rastros digitais e os de alguns filhos de santo e amigos, ligados à sua rede, no Facebook para a pesquisa.

Figuras 24 – Ade com Mãe Márcia e seu barco – fotos publicadas no Facebook em 07/5/2013



Fonte: linha do tempo de Ade Neves no Facebook. Fotos: Brenno Santos

Ade aparece nas fotos, ambas feitas por Brenno Santos, também membro do terreiro, com a mais jovem recém-iniciada ou *iyáwò* em seu colo. Ela tinha 26 anos de idade quando se iniciou para o Orixá Oyá, em 2013. Ela me disse ter sido *fomotinha*<sup>53</sup> e a única adulta em um barco de crianças. As irmãs de barco de Ade são Bulmi, *dofona* de Xangô, Mariana,

<sup>53</sup> “Fomotinha” é a denominação da quarta pessoa iniciada em um barco usada em diferentes tradições do Candomblé Jeje-Nagô, que compreende a fusão das culturas Jeje (Fon, Ewe, Mina, Fanti, Ashanti) e Nagô (Yorubá), em referência às regiões de origem no Continente Africano e suas respectivas práticas culturais e religiosas. A primeira pessoa iniciada é a Dofona ou Dofono, a segunda é a Dofonitinha ou Dofonitinho, a terceira é a ou o Fomo, e a quarta é a Fomotinha ou o Fomotinho. Em barcos maiores, a quinta pessoa será Gamo, a sexta Gamotinha(o), a sexta Vimo, a sétima Vimotinha(o), podendo-se seguir pela(o) Dimu e pela(o) Dimutinha(o).

*dofonitinha* de Oxum, de óculos, ao centro na segunda foto, e Safyra, *fomo* de Oyá, no colo de Ade, que também é de Oyá. Ade me contou enquanto conversávamos *inbox*<sup>54</sup> que sua iniciação aconteceu após cinco anos de namoro com a casa.

Estão também nas fotos, além de Mãe Márcia, *Egbomi*<sup>55</sup> Flaviana de Oxum, com Bulmi no colo, *Egbomi* Sabrina de Oxumarê, mãe de Safyra, *Agibonã*<sup>56</sup> Camila de Ogum<sup>57</sup>, de contas azul-marinho no pescoço, e *Agibonã* Cleide de Oxalá<sup>58</sup>. Na primeira foto, que foi capa de Ade no Facebook em duas oportunidades, podemos encontrar também Abaomi de Oxumarê, filha de *Egbomi* Flaviana, à frente, no canto esquerdo, e *Ìyárobá* Leila de Nanã<sup>59</sup>, ao fundo, de pé, atrás de *Agibonã* Camila.

Eu e Ade havíamos trabalhado em uma instituição de ensino, na mesma época. Desde então, ela está na minha rede de amigos do Facebook. Pude acompanhar em nosso período de amizade na rede social alguns momentos importantes no percurso de Ade e as narrativas a eles associadas, como festas e passeios com amigos de diferentes redes, conquistas acadêmicas, fotos de viagens, entre elas a realizada a Nova Iorque, nos Estados Unidos, em janeiro de 2012, para um encontro de Empreendedorismo com um grupo de alunos da instituição de ensino onde trabalhávamos. O encontro é conhecido como Jornada WB<sup>60</sup>, iniciais de Warren Buffett, do qual participam um pequeno grupo de brasileiros em uma

<sup>54</sup> Embora *inbox* signifique caixa de entrada em inglês, é assim que nos referimos a uma conversa privativa no Facebook. Nas palavras de Mãe Márcia, essa interface de diálogo é chamada de “caixinha”. Foi dessa forma que conversamos em muitas oportunidades ao longo da pesquisa.

<sup>55</sup> Irmão ou irmã mais velho(a), tendo completado sete anos de iniciação.

<sup>56</sup> Corresponde à mãe ou ao pai pequeno no Candomblé Ketu, sendo o irmão ou irmã mais velho(a) que ajuda a criar, a zelar pelos *ìyáwòs* que estão recolhidos, sendo iniciados. Essas pessoas permanecem no terreiro durante a iniciação dos mais novos, lhes auxiliando, cuidando de sua alimentação, acompanhando os rituais e participando das aprendizagens típicas desse período.

<sup>57</sup> Orixá masculino associado à metalurgia, às tecnologias, ao ferro e às guerras. O próprio Ogum forjava suas ferramentas para a caça, a agricultura e a guerra. É conhecido como o senhor ou o guerreiro dos caminhos, aquele que fornece condições para construir e para desbravar novos caminhos por meio das ferramentas e tecnologias que fornece e de sua atitude audaciosa, corajosa e combativa.

<sup>58</sup> Oxalá é o Orixá masculino a quem é atribuída a criação do mundo e da espécie humana. Por isso, é vinculado aos elementos fundamentais dos primórdios. Ele é detentor do poder genitor masculino. Representado pela cor branca, associado à sabedoria e à paz, embora tenha também características guerreiras em manifestações mais jovens.

<sup>59</sup> Nanã é o Orixá feminino também ligado aos primórdios, como Oxalá, senhora da morte e da renovação das almas. Dona das chuvas, dos mangles, dos pântanos, da água parada, da lama e do barro com que são moldadas as almas humanas.

<sup>60</sup> Página da Jornada WB no Facebook: <<https://www.facebook.com/jornadawb/timeline>>. Acesso em 18/4/2016.

sessão de perguntas e respostas com aquele que é considerado o maior investidor do Século XX.

Ao ler os comentários de seus amigos em suas fotos em maio de 2013, percebi que alguns se queixavam de seu período de ausência no Facebook. O afastamento de Ade da rede social digital por cerca de um mês se devia ao período em que se retirou para a sua iniciação no Candomblé, em que não teve acesso à internet. Até aquele dia, eu não sabia da sua religião, tampouco de sua iniciação.

O Candomblé é uma religião trazida pelos povos africanos escravizados, reelaborada e reinventada no Brasil a partir de diversas culturas africanas que chegaram ao país com a diáspora, em que se cultuam os Orixás, ancestrais divinizados, antigos reis, rainhas, guerreiros, guerreiras, heróis ou heroínas, considerados representações de forças da natureza. Concordo com o ponto de vista de Pessoa de Barros (2009) de que o Candomblé é produto de várias afiliações, existindo, assim, vários Candomblés (Angola, Congo, Efan, etc). Assim como o Candomblé descrito no livro de 2009 do antropólogo e professor, o Candomblé cujo terreiro é campo na presente pesquisa provém das “culturas de língua iorubá ou *yorubá* e *fon/ewe*, originárias das regiões da África correspondentes aos atuais Nigéria e Benin” (p. 22). Embora possua matriz africana, o Candomblé é uma religião especificamente brasileira, da qual podem participar pessoas de todas as origens (PESSOA DE BARROS, 2009).

Lody (2006, p. 57) define o Candomblé como “uma religião de vida, de argumentação ecológica e de compreensão solidária do próprio homem”. Assim como Pessoa de Barros (2009), Lody (2006) compreende o Candomblé como “uma religião de fundamentos africanos e brasileiramente integrada à vida nacional” (LODY, 2006, p. 57).

Surpreendi-me ao ler o comentário de uma amiga de Ade no Facebook sobre sua foto de capa com seu barco o relato de uma associação semelhante a que eu havia feito. “Agora, entendo sua pesquisa sobre educação nos terreiros. Também amo o livro. Você me lembrou a menina da capa. Você trouxe uma linda lembrança”, comentou a amiga de Ade em sua linha do tempo em relação à foto. Ade e Tauana, a menina da capa do livro “*Educação nos terreiros: e como a escola se relaciona com crianças de Candomblé*” (CAPUTO, 2012a), também me pareciam semelhantes em alguns aspectos. Ambas tinham, em momentos e circunstâncias totalmente distintas, de alguma maneira, segurado em nossas mãos, minhas e de CAPUTO (2012a), e apontado caminhos possíveis para as nossas pesquisas. A de CAPUTO (2012a) deixou produtos e rastros materializados em dissertação de Mestrado, tese de Doutorado, artigos, livro, imagens, fotografias, narrativas digitais diversas. Ade escrevia,

na oportunidade em que publicou as fotos com seu barco, sua monografia para o curso de Pedagogia na Faculdade de Formação de Professores – FFP/UERJ<sup>61</sup>, em São Gonçalo, município onde também reside. Caputo (2012a) era a sua principal inspiração e referência bibliográfica. Aquela era a primeira vez em que Ade assumia sua religiosidade publicamente em uma rede social digital. Em resposta, ela escreveu o seguinte à amiga:

Obrigada, Michele! Como diz Mãe Marcia D. Pereira, nós só nos apaixonamos por aquilo que conhecemos e foi através da minha pesquisa de mono que pude ver a riqueza e a beleza da cultura e da religiosidade do Candomblé! Sou apaixonada por tudo isso e não tem um dia sequer que eu não agradeça aos Orixás pela minha linda família espiritual. Seja bem-vinda! (Ade Neves, pedagoga, Fomotinha de Oyá e interlocutora da presente pesquisa)

Ade me contou que sua Mãe de Santo, Márcia d'Oxum, era ativista pela liberdade religiosa e promovia ações culturais e sociais em seu terreiro para divulgar a cultura e a religiosidade afro-brasileira, mais especificamente o Candomblé da Nação Ketu<sup>62</sup>, com o objetivo de educar as pessoas de sua comunidade em São Gonçalo, município com elevado número de pessoas de religiões de matriz cristã, sobretudo evangélicos neopentecostais, e lutar contra as discriminações racial e religiosa. Para ela, o ódio seria resultado de desconhecimento e distorções baseadas em preconceito. Por isso, a referência na resposta de Ade à fala de Mãe Márcia: “nós só nos apaixonamos por aquilo que conhecemos”.

Ade também me contou que uma das citações preferidas de Mãe Márcia, repetida nas rodas de conversa realizadas no terreiro, é a de Nelson Mandela: “Ninguém nasce odiando outra pessoa pela cor de sua pele, por sua origem ou ainda por sua religião. Para odiar, as pessoas precisam aprender e, se podem aprender a odiar, podem ser ensinadas a amar”.

Com os diálogos que passei a ter com Ade de forma privada no Facebook desde que vi suas fotos em seu terreiro, vieram, também no mês de maio de 2013, dois convites: o de amizade de Mãe Márcia e também o de conhecer o terreiro. Naquele ano, não pude ir à Festa de Oxum, celebrada em maio. A oportunidade chegou com o mês julho, na Festa de Xangô. Xangô é o Orixá do elemento fogo, da justiça e da intelectualidade. É o Rei de Oyó ou, na explicação de Mãe Márcia para a palavra *Obalayó* que compõe o nome do seu terreiro, “o rei

<sup>61</sup> Página da FFP/UERJ: <<http://www.ffp.uerj.br/>>. Acesso em 18/4/2016.

<sup>62</sup> O termo nação no Candomblé se refere aos seus diferentes segmentos, com práticas e características específicas, e que também se vinculam à procedência dos povos escravizados que trouxeram os deuses cultuados em suas terras de origem para o Brasil. A Nação Ketu é considerada uma das maiores e mais populares no Candomblé do Brasil e remete à localidade histórica do Benin. No Dicionário Yorubá-Português de José Beniste (2011), temos que Ketu (*Kétu*) era “uma importante cidade surgida no antigo território *yorubá*. Com posterior demarcação de fronteiras ficou situada no antigo Daomé, atual Benin. O soberano é denominado *Alákétu*. No Brasil, passou a definir uma das modalidades de candomblé oriundas do povo *yorubá*” (p. 452).

que nos traz alegrias” ou, simplesmente, “o rei da alegria”. Lody (2006) considera que “para o homem africano em condição escrava, Xangô encarnou o ideal e o desejo de liberdade” (p. 130). Possivelmente por essa razão, Xangô esteja associado até os dias de hoje às lutas pela liberdade religiosa, pelos direitos humanos e contra o racismo em movimentos sociais ou coletivos vinculados às tradições dos terreiros. Para muitos antropólogos e pesquisadores da história e das religiosidades de origem africana, entre eles José Flávio Pessoa de Barros (2009), são notáveis as evidências de que Xangô teve existência histórica.

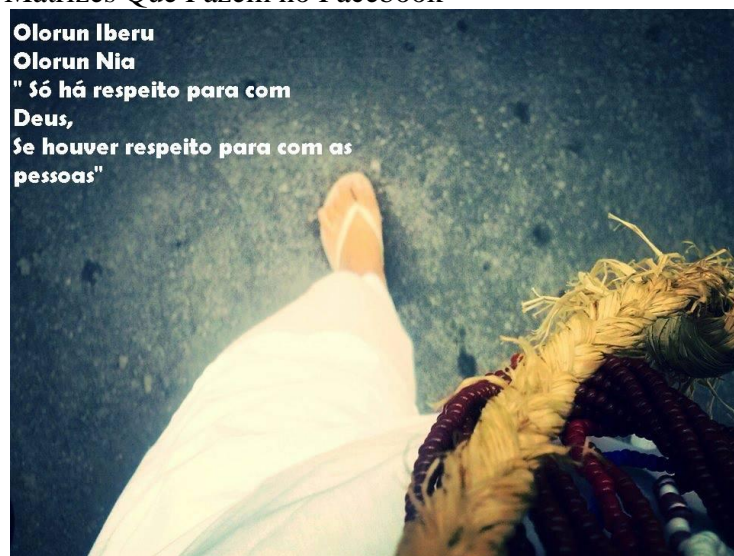
## **2.1 Com passos firmes, no ritmo do Alujá**

Em maio de 2013, no período de preceito, como se chama a fase que se segue à iniciação no Candomblé, geralmente os três primeiros meses, mas podendo ocorrer variações de acordo com as tradições e práticas de cada terreiro, Ade Neves, publicou no Facebook a foto de seus próprios passos após ter sido discriminada por uma de suas professoras da faculdade. Uma professora do seu curso de Pedagogia, incomodada com seus trajes de Candomblé e fios de conta, lhe dirigiu ofensas. A imagem foi sua foto de capa em duas oportunidades em 2013, em 23 de maio e em 12 de julho, e eu a trouxe no primeiro capítulo ao apresentar Ade. Era aquela a foto de capa de Ade quando ocorreu a festa de Xangô, dia 14 de julho.

À foto dos seus passos, Ade acrescentou, em outra oportunidade, um provérbio *yorubá* que aprendeu com sua Ialorixá e que sintetiza a importância de se respeitar as pessoas como princípio estruturante da sua religião.



Figura 26 – Foto publicada por Ade na página do Projeto Matrizes Que Fazem no Facebook



Fonte: <<https://www.facebook.com/pages/Matrizes-Que-Fazem/113022635441843>>. Acesso em: 03 de agosto de 2013

Ade incorpora em seu percurso formativo ensinamentos de Mãe Márcia, e se mostra, de forma cada vez mais implicada, envolvida nas ações educativas e projetos sociais promovidos em seu terreiro. O *post* foi feito por ela na página do Projeto Matrizes Que Fazem<sup>63</sup> no Facebook, apresentado mais detidamente um pouco mais adiante neste capítulo.

Sua narrativa, incluindo a foto e o *post* no Facebook, tanto em seu perfil pessoal quanto na página do projeto coordenado por sua Ialorixá e com o qual estava vinculada, expressou as subjetividades de Ade, além de sua criatividade para lidar com aquele momento em sua vida, atribuindo sentidos, com a perspectiva da travessia, do caminho a seguir. Caminho de resistência, de buscas, lutas e promoção da justiça, como aprendera com Mãe Márcia. Caminhos feitos também de água, ora tranquilos, ora agitados, ocupando espaços.

Com Nilda Alves (2015), reconhecemos a relevância epistemológica e metodológica das imagens, assim como das narrativas a que dão origem e às quais podem ser associadas. Nesta tese, em muitos momentos, compreendo as próprias imagens e fotografias como narrativas, associadas ao texto a que se vinculam, como em um *post* no Facebook, por exemplo, ou às histórias que os interlocutores contam. Ade conta uma história que existe, em potencial, com a foto de seus passos e com o provérbio *yorubá* que escolheu para acompanhá-

<sup>63</sup> Página do Projeto Matrizes Que Fazem no Facebook: <<https://www.facebook.com/matrizesquefazem/?fref=ts>>. Acesso em: 14 de outubro de 2015. O *site* do Matrizes Que Fazem, com informações sobre história, equipe, atividades e galeria de fotos, foi desativado em 2015 por um dos patrocinadores, que o administrava, quando o financiamento não se renovou “devido à crise econômica e ao corte de verbas para projetos culturais”, de acordo com Mãe Márcia (<<http://www.matrizesquefazem.com.br/>>).

la. Ao escutar sensivelmente Ade em nossas primeiras conversas, quando ela me contava suas experiências e seus sentimentos como recém-iniciada no Candomblé no seu trânsito em diferentes redes educativas e *espaçostempos* como a universidade, posso compreender os sentidos e significados atribuídos por ela à imagem dos seus passos.

Muniz Sodré (2009) afirma que uma narrativa é todo e qualquer discurso capaz de evocar um mundo concebido como real, material e espiritual, situado em um espaço determinado. É esse mundo real, material, espiritual e subjetivo que Ade traz ao produzir a sua narrativa associada à imagem de seus passos de *iyáwò*.

França (2006) considera as narrativas como práticas ordenadoras de sentidos, de intervenções concretas que acontecem em contextos específicos, desenvolvidas por praticantes culturais que fazem parte de processos comunicativos. Esses processos comunicativos, amplos e complexos, colocam em cena, segundo a autora, praticantes culturais da e em comunicação.

As narrativas nas pesquisas com os cotidianos no campo da educação, em diálogo com outras áreas do conhecimento, têm se constituído como possibilidade teórico-metodológica para tentar apreender e compreender modos como os interlocutores comunicam suas histórias individuais ou coletivas. Assim como Souza (2012), compreendo as narrativas como um fenômeno e também como uma abordagem de “investigação-formação, porque partem das experiências advindas da vida humana e possibilitam, mediante a reflexividade biográfica, apreender dimensões cotidianas da vida” (p. 61). Assim compreendo as narrativas de Mãe Márcia, Adelaine, Vitoria e Brenno, de modo articulado com a formação (SANTOS, 2005) de cada um deles.

Santaella (2013) apresenta a noção de narrativas digitais como aquelas que se expressam como uma escrita relacional. Essa escrita relacional é aberta para problematizar diferenças, tentar reconhecer e compreender o outro, podendo ser considerada uma prática livre, descentralizada, da reinvenção de si. Essa noção é bem-vinda nesta pesquisa para ampliar a compreensão das narrativas produzidas pelos interlocutores no Facebook como uma escrita relacional, expressa quando conversamos pessoalmente ou via interfaces digitais ou, ainda, quando observo e busco compreender as interações que acontecem com outras pessoas em seus *posts*.

Ade falou de si com suas narrativas digitais, relacionando-se com suas redes dentro e fora do terreiro, com o conjunto de pessoas e acontecimentos que faziam parte de sua vida, reinventando-se, atribuindo novos sentidos, com a perspectiva da travessia, do caminho a

seguir. Para mim, a narrativa com os passos de Ade significou o momento da emergência das questões iniciais da pesquisa, assim como sua foto de capa com suas irmãs de barco, pouco antes, havia promovido o encontro com memórias, despertando meus sentidos para um projeto de pesquisa que começava a ganhar contorno. Também a partir da narrativa digital de Ade em que expõe a foto de seu barco, articulada a outros eventos interconectados, pude iniciar, pouco a pouco, o caminho que veio a me inserir na rede de relações com as pessoas que viriam a se constituir como interlocutores da pesquisa.

A sociedade está cada vez mais cheia de vozes, narrativas, imagens, ideias e culturas diversas. Portanto, não se pode crer que todos enxerguem as coisas da mesma maneira, nem que seja possível fazer as coisas do jeito que sempre foram feitas, acreditando que o que uma pessoa faz não afeta os outros ou vice-versa. As redes são vivas e fazem parte das nossas vidas, em suas múltiplas dimensões, incluindo a forma de pensar e de fazer ciência, presente no esforço e na forma de estar no campo nesta pesquisa, valorizando as relações, considerando as vivências e os saberes cotidianos, produzidos por pessoas que se implicam e transitam nessas redes, aprendendo, ensinando, se equivocando, transformando, compartilhando, interagindo, vivendo. Essas redes “passaram também a penetrar por todas as fibras do cotidiano” (SANTAELLA; LEMOS, 2010, p. 7).

Associei a fotografia dos passos de Ade aos passos de dança que são ensinados no período de iniciação no Candomblé. Pensei no *Alujá*, a dança firme e tão vibrante de Xangô. Essa minha associação pode ter ocorrido porque recebi o convite para a festa de Xangô no terreiro de Ade quando ainda refletia sobre a imagem de seus passos e tudo o que ela havia me contado.

*Alujá* é um tipo de ritmo associado ao culto de Xangô. Para que seja possível compreender o que significa o *Alujá* e acompanhar a cadência do texto ao descrever os eventos desta seção, recorro a Pessoa de Barros (2009), que nos explica que quatro ritmos formam a base da maioria das produções musicais dedicadas a Xangô: o *Batá*, o *Tonibobé*, o *Kakaka-umbó* ou *Batá-coto* e o *Alujá*<sup>64</sup>, sobre o qual irei me ater. Ele é um toque rápido e significa em *yorubá* perfuração, orifício. Supostamente, segundo alguns sacerdotes, o orifício que Xangô abriu na terra, por ele entrando, deixando de ser rei e se transformando em Orixá. Pode ser somente instrumental e “a cada batida mais forte corresponde um gesto largo e um passo firme do ‘Senhor dos Raios’. Dançarino e músico encontram-se intimamente ligados na descrição da epopeia mítica” (PESSOA DE BARROS, 2009, p. 91). Pode igualmente ter

<sup>64</sup> Execução de *Alujá* no disco “Mãe Menininha do Gantois”, de 1974: <<https://www.youtube.com/watch?v=UudVEGJD17w>>. Acesso em: 16/4/2016.

sentido invocatório das divindades, propiciando o transe. O *Alujá*, em geral, apresenta três andamentos diferentes em sua execução. O primeiro momento, mais lento, correspondente aos passos da dança, em que todo espaço do salão é percorrido pelo iniciado em transe. O ritmo dos atabaques se acelera, tornando os passos da dança mais vibrantes. No clímax, em ritmo ainda mais acelerado, Xangô dança na frente dos atabaques, brandindo seu oxê, um machado duplo, fazendo o gesto de quem vai lançar pedras de raio sobre a terra (Pessoa de Barros, 2009, p. 92).

Confirmei presença na festa de Xangô, que aconteceria em julho. O convite chegou pelo Facebook, de Ade e de Mãe Márcia, que eu ainda não conhecia pessoalmente.

Figura 27 – Convite publicado no Facebook para festa de Xangô no terreiro de Mãe Márcia em 2013



Fonte: Linha do tempo de Marcia D. Pereira no Facebook

Minha primeira visita ao *Egbè Ilè Ìyá Omidayè Aşé Obálayó*, que algum tempo depois passei a chamar *Ilè Omidayè*, forma abreviada com que seus membros o chamam, aconteceu no dia 14 de julho de 2013.

Cheguei cerca de duas horas antes do início da festa. Estava acompanhada de minha mãe e fomos recebidas no portão por Ade. Ao entrar, avistei Mãe Márcia e um grupo de pessoas cortando quiabos para o preparo de comidas rituais de Xangô. Ela veio ao meu encontro enquanto eu apreciava a vista, junto a uma das árvores sagradas do terreiro, e em nosso primeiro contato presencial, curiosamente, identificamos que poderíamos ter nos encontrado muitos anos antes no terreiro que frequentei na infância, adolescência e início da vida adulta. Convergências e encontros. Diferenças e distâncias. Proximidade e redes. Enquanto conversávamos, avistamos uma coruja, que voou pertinho da gente.

Naquela tarde, o terreiro ainda não havia se constituído campo da pesquisa, mas a primeira visita trouxe conversas, sensações, cheiros, sons que permaneceriam presentes e seriam ressignificados ao longo da pesquisa. O *Alujá*, que ouvi e senti na festa de Xangô, assim como outros ritmos e toques, me acompanharia no fluxo da pesquisa, em muitos momentos no campo e no campo ampliado, além dos limites físicos do terreiro, nas narrativas e rastros digitais deixados pelos interlocutores no Facebook.

Dois anos depois, no período dos preparativos para a Festa de Xangô de 2015, Mãe Márcia me pediu para criar imagens e frases que apresentassem a grandeza do Orixá Xangô. Sua ideia era, nas palavras dela, “inspirar as pessoas com a energia de Xangô” na época em que o convite para a Festa de Xangô fosse divulgado no Facebook. Em maio daquele mesmo ano, nos preparativos para a Festa de Oxum, ela havia feito essa proposta e criamos, juntas, uma série de narrativas, com imagens e textos relacionados a Oxum, trabalhadas em um aplicativo para publicação e compartilhamento no Facebook. Narro esse importante acontecimento (MACEDO, 2016) no Capítulo 4 da tese, em que relato algumas experiências em campo nas festas de Oxum, que reconheci como um dispositivo da pesquisa relevante acionado por Mãe Márcia e pelos membros do *Ilê Omidayê*.

Pouco após a festa de Oxum, em 2015, essa referência motivou Mãe Márcia a sugerir que eu seguisse esse caminho para falar de Xangô no Facebook, trazendo conhecimento e não apenas um convite isolado. “Foi tão linda a experiência com Oxum! Foi um conteúdo, uma mensagem que chegou às pessoas para compreender o Orixá”, me escreveu Mãe Márcia. Selecionei algumas imagens e criei um pequeno texto para compor as narrativas que circularam no Facebook na época. A narrativa que trago aqui, por exemplo, foi inspirada na minha compreensão do *Alujá*. Essas narrativas foram publicadas por Mãe Márcia e amplamente compartilhadas.

Figura 28 – Narrativa criada pela autora, com imagens e texto, inspirada no *Alujá*



Fonte: Linha do tempo de Marcia D. Pereira no Facebook – texto criado pela autora

Aprendi e compreendi com as narrativas de Mãe Márcia que o *Ilè Omidayè*, como o terreiro é conhecido por todos os seus membros, é também *Ilè Obalayó*. O terreiro é dedicado a Oxum e também a Xangô. A história de vida de Mãe Márcia se entrelaça à presença mítica e ancestral de Xangô. Mãe Márcia me contou uma história que considera fundamental para a compreensão de como sua vida está ligada ao culto dos Orixás e de como Xangô está na origem da própria fundação do terreiro. “Xangô está em minha família há muito tempo. Xangô veio com os meus ancestrais da África para o Brasil e nunca nos abandonou”, relatou Mãe Márcia.

Ela contou que seu bisavô materno trouxe uma pedra (*otá* em *yorubá*) consagrada a Xangô do continente africano para o Brasil, quando aqui chegou, na condição de escravizado. Eu já tinha ouvido relatos, tanto de historiadores quanto de sacerdotes do Candomblé, de que muitos negros, sobretudo os de origem *yorubá*, destituídos de todos os seus bens materiais e retirados com brutalidade de diferentes regiões da África, conseguiram trazer consigo apenas o *otá* representativo do Orixá protetor de sua família. Toda família materna de Mãe Márcia, ao longo de gerações, cuida dessa pedra, que agora está sob seus cuidados. As iniciações no Candomblé em sua família também teriam sido solicitações de Xangô. Foi assim com sua mãe, tias e tios maternos, todos iniciados por Mãe Menininha do Gantois “por ordem de Xangô”, nas palavras de Mãe Márcia. A pedra deve ser cuidada pelo membro da família escolhido como responsável por essa missão. Por isso, a pedra está no *Ilè Omidayè*, “como

um Axé vivo, nossa mais importante herança, como uma semente que faz nascer uma grande árvore, germinando e crescendo, com muitos brotos e mudas que se multiplicam”, me contou Mãe Márcia.

Ela também me disse que a pedra trazida por seu bisavô materno simboliza a resistência do povo negro que veio da África. “Muito se perdeu”, segundo Mãe Márcia, mas há sinais poderosos da “herança cultural do negro africano em cada terreiro, em cada árvore de Iroko plantada aqui no Brasil”. Iroko, o Orixá-Árvore<sup>65</sup>, é dono dos domínios da vida e da morte, da dimensão do tempo, guardião da memória e da ancestralidade dos terreiros, sendo aquele que acompanha e zela pelas gerações antepassadas e que ainda se encontram no devir. A árvore cosmológica também pode representar o feminino, na imagem evocada por Bachelard, citado por Teresinha Bernardo (2003, p. 80), de “um ninho imenso, balouçado pelo vento. Assim, Iroco representa o nascimento-renascimento. É do ninho que voa a vida”. Iroko permite a descida dos Orixás a terra por seu tronco e raízes, levando-os de volta aos céus. Por isso, possui passagens e interações com todos os Orixás na rica mitologia iorubana (Martins, Marinho, 2002). Tive a alegria de ver Iroko na primeira oportunidade em que estive no *Ilè Omidayè*, na festa de Xangô de 2013. Admirei a bela árvore plantada no terreiro, junto a qual eu e Mãe Márcia tivemos nossas primeiras conversas, e também o vi bailar tomando o corpo de um visitante, imagens que me acompanharam ao longo da pesquisa.

Teresinha Bernardo (2003) nos fala da complexa e sofisticada rede de significados de Iroko para a memória do Candomblé ao identificar a importância de sua representatividade mítica, como uma árvore inteira, que não é feita somente de raiz, para a preservação e recriação das culturas africanas no Brasil. Suas considerações contribuem para aprofundar a compreensão da narrativa de Mãe Márcia. Segundo a autora:

Apesar de a raiz ser a parte mais importante da árvore, Iroco não é só raiz, é uma árvore inteira. Sua postura é sempre ereta, não se deita jamais. “A árvore é um modelo constante de uma heroica retidão”, “Talvez seja por isso que lhe coube o

---

<sup>65</sup> Para Cléo Martins e Roberval Marinho (2002), Iroko (também se admite a grafia “Iroco”) é “a grande árvore encantada, pai e mãe de tudo que existe no mundo do sagrado; temida, amada e respeitada por aqueles que a conhecem de perto, é a morada dos orixás (dos iorubás), inquices (dos bantos) e de todos os tipos de espíritos, feiticeiros e bruxas. (...) É o Orixá Iroco para os iorubás; o Vodum Loco para os fon do Benin; o Orixá Olorokê para os efãs e ijexás; o Inquice Tempo, para grande parte do povo banto. Para o povo jeje-mahi (do Dahomey, atual República do Benin), a árvore sagrada é a morada de Azanadô (ou Azonnondo), vodum masculino da família de Bessen, o Oxumarê dos iorubás. (...) A árvore sagrada é chamada de *Iggi Olórum*, a árvore do Senhor dos Céus, Olodumarê, porque tem raízes aéreas, que vêm do alto. Na mitologia, Iroco é considerado o responsável pela ligação entre céu e terra, em virtude dessas raízes; é a árvore da eternidade, símbolo do próprio tempo. As raízes de Iroco são tão mágicas, que procuram nova vida quando um velho Iroco tomba: vão ao encontro de hospedeiros, que propiciarão o nascimento de novos Irocos; daí a existência de mitos que dizem que as “árvores caminham” (pp. 33-41).

papel de vínculo entre a terra e o céu, entre a morte e a vida” (Bachelard, 1990, pp. 211 e 224).

Se a raiz representa a cultura africana, a árvore em sua inteireza aponta, em seu movimento de crescimento, para o céu, oferecendo a seu povo as folhas, os frutos, as flores, etc. Esses elementos nada mais são que as recriações, fruto do encontro das duas culturas: africana e brasileira. (BERNARDO, 2003, p. 79)

Mãe Márcia ensina que cada árvore representativa do Orixá Iroko, também considerado um importante aliado e companheiro de Xangô, significa que a travessia dos negros escravizados, dolorosa e tão sofrida, não foi em vão. Nas palavras de Mãe Márcia, “cada Iroko plantado em um terreiro é a memória viva dos nossos ancestrais nos dizendo que essa história aconteceu e que é preciso seguir, existir, resistir, contar esta e muitas outras histórias. Que sejam belas histórias!”.

Lody (2006) observou em seu trabalho etnográfico em terreiros no Brasil a complexa rede de sentidos e significações das árvores ancestrais:

O vigor sagrado do verde está na árvore-monumento como atestação de tempo histórico, de África presente, de um afro-brasileirismo consagrador a certos espécimes botânicos visualmente centenários – árvores guardiãs dos terreiros, deuses fito-representados e cultuados pelo saber litúrgico tradicional. (LODY, 2006, p. 267)

Para Mãe Márcia, a pedra trazida por seu bisavô para o Brasil e o Iroko plantado no *Ilê Omidayè* são símbolos sagrados fundamentais, “objetos de culto”, em suas palavras, e contam muitas histórias. Ela atribui a esses dois importantes símbolos, ao lado de Oxum e Xangô, seus Orixás, a inspiração e o compromisso para lutar contra o racismo, pela liberdade religiosa e pela preservação da cultura negra afrodescendente. Em Bernardo (2003), uma vez mais, encontro caminhos para compreender os profundos significados de Iroko em um abraço com o que Mãe Márcia me contou sobre a árvore como símbolo da memória viva dos ancestrais e sobre a vinda de seu bisavô para o Brasil:

Mas a raiz se movimenta e a diáspora é lembrada, não como uma vinda sem volta, uma vez que o africano, ao ser banido de sua terra natal, trouxe consigo a sua cultura. Por isso Iroco está aqui. É nessa perspectiva que os africanos e seus descendentes, mesmo tendo vivido a diáspora, a escravidão, a discriminação, não foram envolvidos pelo esquecimento, porque existe a raiz, existe a cultura. Memória é cultura. (BERNARDO, 2003, p. 79)

Na imagem a seguir, Mãe Márcia abraça a árvore sagrada de Iroko de seu terreiro em foto para campanha no Facebook contra a discriminação religiosa.



Figura 29 – Mãe Márcia abraça Iroko em foto da campanha contra a intolerância religiosa no Facebook



Fonte: Linha do tempo Mãe Márcia no Facebook. Foto de Brenno Santos

José Flávio Pessoa de Barros (2009) traz em seu livro “A Fogueira de Xangô, o Orixá do Fogo: uma introdução à música sacra afro-brasileira” uma prece<sup>66</sup> (*adurá* em *yorubá*) que associa a história contada por Mãe Márcia:

*Ọba irú l'òkò*  
*Ọba irú l'òkò*  
*Ìyámasse kò wà*  
*Ìrà oje*  
*Aganju kọ mã nje lẹkan*  
*Árá l'òkò láàyà*  
*Tóbi òrìṣà ọba só òrun*  
*Árá ọba oje*

Esta é a tradução da letra da prece encontrada em Pessoa de Barros (2009, p. 102):

O rei lançou uma pedra  
*Ìyámasse*<sup>67</sup> cavou ao pé de uma grande árvore e a encontrou  
*Aganju*<sup>68</sup> vai brilhar, então, mais uma vez, trovão

<sup>66</sup> Localizei no YouTube uma reprodução de 5 rezas contidas no CD que acompanha o livro de José Flávio Pessoa de Barros (2009), entre elas a mencionada nesta tese, que é a terceira faixa: < <https://www.youtube.com/watch?v=aF0cfKLSHSc>>. Acesso em: 03/01/2017.

<sup>67</sup> *Ìyámasse* é considerada a mãe de Xangô (Pessoa de Barros, 2009). Seu nome em *yorubá* significa matriarca do fogo. Ela foi rainha de Oyó. Observei que há referência à *Ìyámasse* no nome *yorubá* do Terreiro do Gantois: *Ilè Iyá Omi Asè Ìyámasse* (Ilê Iyá Omi Axé Iyamassê, na forma aportuguesada). Pessoa de Barros (2009), nos lembra que o terreiro do Gantois se origina da Casa Branca do Engenho Velho, nome pelo qual é conhecida a casa matriz na atualidade, cujos antigos nomes eram *Iyá Omi Axé Airá Intilé*, o que alude a Airá, Orixá considerado da família de Xangô ou uma de suas variedades, e *Ilè Iyá Naso*, fazendo referência a sua primeira sacerdotisa, *Iyá Naso*, originalmente encarregada do culto de Xangô em Oyó. Assim, vemos toda a vinculação direta com Xangô e o reino de Oyó na genealogia dessas importantes casas matrizes do Candomblé no Brasil.

Laçou uma pedra com força (ou com coragem)  
 Grande Orixá do Orum (terra dos ancestrais), vigia  
 O rei dos trovões, no pé de uma árvore (pedra de raio<sup>69</sup>)

Na reza, o “Grande Orixá do Orum”, Rei dos Trovões, em uma alusão a Xangô, se faz presente com a pedra, encontrada ao pé de uma grande árvore. Símbolos da resistência e também sinais da existência. Memórias do continente africano. Quem encontra a pedra, conta, cria e recria uma história, compartilhando o achado com a sua comunidade. Não por acaso, a prece diz que a pedra é encontrada junto a uma grande árvore, a que guarda e recria memórias, resiste, conta histórias, liga o céu e a terra, convida os ancestrais que estão no *Orum* a visitarem *Ayè* (terra ou mundo em que vivemos). A história do terreiro *Ilè Omidayè* tem raízes que envolvem a pedra trazida pelo bisavô de Mãe Márcia e se atualiza a cada dia, de forma dinâmica, com as histórias de seus membros e dos projetos que lá são concebidos e realizados. Os galhos e as folhas da árvore frondosa apontam para o céu e para o ciberespaço, espalhando narrativas diversas, fragmentos de história, imagens e fotografias em redes sociais digitais.

A influência do reino de Oyó e do culto ao Orixá Xangô encontra-se na origem das casas matrizes do Candomblé no Brasil e também se faz presente na própria arquitetura e

---

<sup>68</sup> *Aganju* ou Aganjú, segundo alguns autores, como Pessoa de Barros (2009), é considerado um Orixá masculino diferente de Xangô e a ele associado, podendo ser considerado seu sobrinho. Ele é Alafin de Oyó, título do rei da cidade de Oyó, significando “companheiro dos deuses”, do *yorubá aláàfin*, o dono do palácio. *Aganju* é considerado o primeiro *Obá* (rei) histórico (Pessoa de Barros, 2009, p. 235). *Aganju* é tido como dono dos vulcões, montanhas e desertos. Considerado uma divindade primordial, é a força fundamental para o crescimento, assim como o Sol. Ele é tido como um cultivador das civilizações e vinculado à terra firme. No Brasil, no entanto, Aganjú é geralmente considerado uma variedade mais jovem de Xangô, sendo associado às leis, às escritas e à intelectualidade.

<sup>69</sup> A pedra de raio ou pedra de trovão, conhecida em Portugal como “Pedra de Thor”, é símbolo do poder de *Aganju*. É também o nome que se dá aos cristais de rocha, muitas vezes encontrados nas raízes das árvores, e também aos meteoritos. É com esse tipo de pedra que são feitos os assentamentos de Xangô. “Assentamentos são objetos ou elementos da Natureza, cuja substância e configuração abrigam a força dinâmica de uma divindade. Consagrados, são depositados em recintos apropriados em uma ‘casa de santo’. A centralidade do conjunto é dada por um *otá* (pedra), pelas ferramentas ou objetos simbólicos dos Orixás. Esses assentamentos são colocados em recipientes próprios (louça, barro ou madeira)” (Pessoa de Barros, 2009, p. 235). Geólogos tentam explicar a pedra de raio da seguinte maneira: “Dá-se o nome de fulgurito (popularmente pedra-de-corisco ou pedra-de-raio) o material formado pela fusão de minerais ou rochas pela ação de um raio. Ao atingir o chão, a altíssima temperatura da descarga elétrica funde o material que encontra e pode, nesse processo, formar uma nova substância mineral. É um processo natural e inorgânico, que produz uma substância sólida, homogênea e de composição química definida. Não tem, é verdade, estrutura cristalina, mas assemelha-se à obsidiana e aos tectitos, justificando-se, portanto, seu estudo junto com os demais minerais. Quando o raio cai sobre a areia e esta é - como a imensa maioria das areias - formada de quartzo, surge um mineral chamado lechatelierita. É uma substância fácil de identificar porque ocorre na forma de tubos alongados, com poucos centímetros de diâmetro e algumas dezenas de centímetros de comprimento, de cor clara, rugosos e foscos por fora, mas lisos e brilhantes internamente. Alguns fulguritos chegam a atingir 20 m de comprimento e diâmetro de 6,2 cm, mas o usual é se encontrar peças menores mesmo porque ela se quebra facilmente. A espessura da parede costuma ter 1 a 5 mm” (BRANCO, P. DE M. *Dicionário de Mineralogia*. Porto Alegre: Sagra, 1987).

organização espacial dos terreiros. Também percebo essa forte influência arquitetônica e simbólica no terreiro *Ilê Omidayê*. Pessoa de Barros (2009) nos explica que “o complexo arquitetônico das casas-de-santo redesenham, no caso brasileiro, este antigo reinado federativo, onde os quartos-de-santo ou Ilês-Orixá, representam as antigas cidades-estado, inscritas neste território simbólico” (p. 61).

Percebi em muitas conversas com Mãe Márcia as influências simbólicas dessa origem, as quais compreendo, inspirada em Macedo (2015), como expressões de *re-existência*, noção que conjuga os sentidos de resistência e existência. Destacam-se, no contexto do terreiro pesquisado, a importância de manter vivo, de não ser esquecido ou invisibilizado, de preservar e recriar histórias e culturas, instituindo novos regimes de visibilidade (BRUNO, 2013) por meio dos projetos, eventos e campanhas realizados e divulgados no Facebook. Esse complexo simbólico que é o terreiro, inscrito no espaço, é compreendido por Pessoa de Barros (2009), recorrendo a Halbwachs (1941, p. 85), como uma forte presença que afirma “que não há memória coletiva que não se desenvolva num quadro espacial” (p. 61). Para complementar esse entendimento, Pessoa de Barros (2009) aciona a explicação de d’Adeski (1997, p. 306):

“a epistemologia não estuda o espaço unicamente do ponto de vista da materialização do território, porém sobre a sua construção, a sua organização, sua disposição e suas inscrições, vistas como fenômenos culturais enquanto formas de representações que se fazem do seu território, os grupos que nele vivem” (PESSOA DE BARROS, 2009, p. 61, citando D’adeski, 1997, p. 306).

Pessoa de Barros (2009) segue na explicitação dos significados do complexo simbólico do terreiro, incluindo na discussão a importância do acesso à memória para manter viva uma cultura pela circulação de conhecimentos e histórias, o que é um caminho para possibilitar sua constante atualização e reinvenção, recorrendo também a Gondar (1997, p. 53) para nos dizer que:

A memória de Xangô, inscrita, tanto no nível espacial como nos cantos e mitos, que norteiam a vida do povo-de-santo, exerce uma função essencial, “sendo capaz de dar forma e conteúdo a esta grande abstração que é a identidade, seja ela de um povo, de um grupo ou de uma nação. E muito poucos se oporiam à ideia de que o acesso dos indivíduos à memória é um fator fundamental para a transmissão da cultura e, portanto, para a permanente refundação de uma sociedade” (PESSOA DE BARROS, 2009, p. 62).

Compreendo que quando Mãe Márcia conta e reconta a história de seu ancestral que trouxe do continente africano a pedra de Xangô, atualmente sob seus cuidados no terreiro, ela aciona e revitaliza, além de uma história familiar pessoal, uma história coletiva, dos

descendentes de reis e rainhas que aqui chegaram escravizados, e memórias dos reinos de África, como o reino de Oyó. Essa história pessoal e coletiva se entrelaça com a complexa rede simbólica do *Ilè Omidayè* e sabemos o quão importante e necessário é descrever e compreender os significados atribuídos aos símbolos em uma cultura no trabalho etnográfico. Essas histórias e memórias são recriadas, em alguma medida, no terreiro pesquisado pela configuração territorial e, mais ainda, pelas construções identitárias de seus membros que aludem ao movimento de sempre re-existir (MACEDO, 2015), *resistirexistir*. São histórias que povoam o imaginário de Mãe Márcia e dos membros do *Ilè Omidayè* e constituem uma literatura oral dinâmica. Além disso, a re-existência coloca o ser em formação (MACEDO, 2010, 2013, 2015) no centro do processo, consciente de seu papel participativo e implicado.

Ao falar dos projetos e eventos realizados no terreiro, Mãe Márcia afirma que neles estão “as essências de Oxum, de Xangô e toda a memória e conhecimento de um povo que não pode se perder”. Muitas vezes a ouvi se lamentar por ter perdido muitas partes de sua própria história, como, por exemplo, o país e a cidade de origem em África do seu bisavô. “Só sei ele que recebeu aqui no Brasil o sobrenome da Costa. Isso pode ser um indício da sua região de origem. Mais que isso, não sei. É uma pena”, narrou Mãe Márcia.

Um aspecto relevante das formas de re-existir (MACEDO, 2015, inspirado em Deleuze e Guattari, 1997) do *Ilè Omidayè* que desagua na foz da pesquisa-rio são as invenções, autorias e narrativas de seus membros em tempos de cibercultura, na articulação com outros *espaçostempos* como o Facebook. Em muitas oportunidades, como quando são gravados vídeos para publicação nas redes sociais ou quando me pediu que eu produzisse o texto com as imagens para divulgar a festa de Xangô de 2015, conforme descrito nesta tese, Mãe Márcia me falou do seu desejo de “levar o Candomblé com belas palavras e imagens para o Facebook”.

Para compreender o conjunto de complexidades, experiências e acontecimentos que emergiram na foz da pesquisa-rio é preciso ouvir os “murmúrios de todas as fontes” do campo em que mergulhei, suas histórias fundantes e inspiradoras, numa alusão à epígrafe deste capítulo. Reverencio com João Guimarães Rosa a palavra, dotada de sentidos tão especiais no contexto do campo da pesquisa e de seus interlocutores. O verso que escolhi como epígrafe está em sua obra “Ave, Palavra!”. A oralidade assume papel muito relevante para o compartilhamento de histórias, conhecimentos, saberes, ritos e mitos na cultura iorubana e, conseqüentemente, no Candomblé. A palavra é considerada a veiculadora do Axé, a força vital, fundamental para a circulação dos conhecimentos, mas também para entoar cânticos e

preces dentro da liturgia do Candomblé. Com escuta sensível (BARBIER, 2002) multirreferencial (ARDOINO, 2003; MACEDO, 2010, 2013, 2015) lidei com as palavras que me foram confiadas por Mãe Márcia, com quem tive as conversas mais frequentes, pelos demais interlocutores da pesquisa e também com os sons que ecoaram no *Ilê Omidayê*, como o *Alujá*. Pessoa de Barros (2009) considera o terreiro como local de sons, de textos, falados ou cantados, de palavras e de gestos. O autor nos ensina que:

A palavra ocupa um lugar especial nas comunidades, a ela é atribuída o poder de animar a vida e colocar em movimento o axé contido na natureza. As intenções, súplicas e o desejo de mudança devem ser verbalizados. É inconcebível pedir aos orixás em silêncio, numa abstração ou recolhimento ensimesmado. Os desejos devem ser pronunciados em voz alta e, sob a forma de prece, entoados. “A fala deve reproduzir o vai-vém, que é a essência do ritmo” (Ba, A. Hampte, 1982, p. 186), para que atinja os deuses, deve estar em movimento (PESSOA DE BARROS, 2009, p. 66).

Por ser o terreiro de Mãe Márcia um *espaçotempo* relevante na pesquisa, o seu campo, em que são tecidas redes educativas de forma articulada com as redes sociais digitais, dedico mais algumas linhas às considerações acerca da noção de terreiro. Recorro, mais uma vez, a Pessoa de Barros (2009). Terreiro designa um conjunto espacial, social e cultural. É o local onde se cultuam os Orixás, composto de construções diretamente ligadas a eles, espaços sagrados conhecidos como quartos de santo, em alguns casos, dormitórios ou habitações dos seus membros e área verde onde se cultivam as ervas e os vegetais sagrados, como árvores, que podem ser locais de culto. Outras denominações usuais dos terreiros são “roças”, “casas de santo” ou “casas de Candomblé” (p. 51). Encontro nas palavras de Pessoa de Barros (2009) a descrição dos terreiros que costuro ao meu próprio texto:

Estes locais, onde são reverenciados também os ancestrais ilustres, recebem designações (“Ketu”, “Angola”, Jêje”, etc) de acordo com as tradições culturais predominantes advindas de suas relações com grupos étnicos africanos. São as raízes da África mítica, reelaboradas no contexto brasileiro, a que tais nomes aludem, reforçando os limites ideológicos entre as comunidades, como também das identidades que tais associações produzem.

O terreiro é, portanto, uma associação liturgicamente organizada, em cujo espaço dá-se a transmissão e aquisição dos conhecimentos de uma determinada tradição religiosa. Trata-se de um conceito que inclui, além da vivência social em uma determinada cultura, um espaço distinto do contexto onde está inserido. Neste local são forjadas identidades religiosas diferenciadas, com características próprias, e constitui-se como um “patrimônio simbólico do negro brasileiro (a memória cultural da África), afirmou-se aqui como território político-mítico-religioso, para sua transmissão e preservação”. (Sodré, 1988, p. 50) (PESSOA DE BARROS, 2009, p. 51, citando, ao final do trecho selecionado, Sodré, 1988, p. 50)

As aprendizagens nos terreiros acontecem tradicionalmente de forma oral. Como exposto, os candomblecistas contam suas histórias e seus mitos, ensinam sobre os ritos e os usos dos artefatos culturais e uns passam esses saberes para os outros oralmente. Com o advento da internet e das novas tecnologias da informação e da comunicação, esses saberes podem também circular de outras maneiras, constituindo novas redes educativas relacionadas aos terreiros.

A noção da vida em coletividade é forte e presente nas comunidades ou terreiros de Candomblé. Algum paralelo com a cultura do compartilhamento observado na internet é possível, uma vez que as narrativas digitais podem se espalhar e reproduzir indefinidamente, provocando diversas ressonâncias e efeitos.

Na companhia de Caputo (2012b), se compreende os terreiros de Candomblé como espaço de circulação de saberes, de aprendizagens e de conhecimentos. Assim como Caputo (2012b), compreendo os saberes produzidos e compartilhados nos terreiros como nos foi ensinado por Freire (1983), em uma dimensão criativa, inventiva, em aberto, em movimento incessante de busca com o mundo e com os outros. Para Freire (1983), “só existe saber na invenção, na reinvenção, na busca inquieta, impaciente, permanente, que os seres humanos fazem do mundo, com o mundo e com os outros. Busca esperançosa também” (p. 66).

Este mundo que é o terreiro é atravessado por diversas redes educativas, criadas e ampliadas em diversos *espaçostempos*, na cidade, no ciberespaço. O ciberespaço pode ser entendido como um espaço desterritorializante, sem controle centralizado e que existe em potência em um hipertexto mundial interativo, por meio de diversas narrativas digitais. Lemos (2010) concebe o ciberespaço como uma entidade real, “parte vital da cibercultura planetária que está crescendo sob nossos olhos” e que colabora para a criação de uma “realidade aumentada”, uma vez que ele amplia a realidade e com ela se conecta, sendo considerado também como um “complexificador do real” (LEMOS, 2010, p. 128).

Figura 30 – Mãe Márcia com seus filhos de santo, membros do *Egbè Ilè Ìyá Omidayè Aṣé Obálayó*



Fonte: Linha do tempo de Marcia D. Pereira no Facebook em 30/6/2015. Foto de Brenno Santos

Redes educativas nos formam e nelas nos modificamos, contribuindo para as mudanças que se processam em fluxo, como um rio, cotidianamente. A noção de cotidianos é para Alves (2008)<sup>70</sup>, um local de produção e recriação de conhecimentos e significações.

O brincar, o dançar, o cantar, o estar com amigos, o aprender e o ensinar e tantas outras ações compõem e caracterizam o terreiro de Candomblé como uma rede educativa para as crianças e para os demais adeptos da religião. Como nos ensina Alves (2008) há muitos outros *espaçostempos* de aprendizagens além da escola, em que se vive, se aprende e se ensina.

Para que seja possível compreender o contexto e alguns aspectos dos cotidianos do terreiro em que se desenvolve a pesquisa e as redes educativas que o atravessam, considero importante trazer alguns dados sobre a localidade em que ele está inserido e com a qual se relaciona. Existe a predominância de afrodescendentes no Município de São Gonçalo, a exemplo do que ocorre em muitas regiões do país. São Gonçalo foi considerado um dos seis maiores municípios negros do Estado do Rio de Janeiro, de acordo com o Censo de 2000 do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). Dados mais recentes, do Censo de 2010 do IBGE, mostram que a população brasileira deixou de ser predominantemente branca. Ainda que tenha sido observado o aumento do número de pessoas que se declararam negras ou pardas, acredita-se que o percentual da população negra seja ainda maior do que

<sup>70</sup> Entrevista realizada em 30 de outubro de 2008 com Profa. Nilda Alves, Professora titular da UERJ, onde coordena o Laboratório Educação e Imagem, para o Programa Salto Para o Futuro, da TV Escola. Disponível em: <[http://www.tvbrasil.org.br/saltoparaofuturo/entrevista.asp?cod\\_Entrevista=54](http://www.tvbrasil.org.br/saltoparaofuturo/entrevista.asp?cod_Entrevista=54)>. Acesso em: 08 de agosto de 2013.

estatísticas oficiais revelam. Ao mesmo tempo, São Gonçalo foi considerado o município com maior número de evangélicos do país, o que, sem generalizações e considerando um cenário de crescente intolerância religiosa, conservadorismo e obscurantismo, talvez possa contribuir com a invisibilidade de manifestações culturais e religiosas de origem africana e negra na região.

As consequências da discriminação religiosa nas vidas dos adeptos do Candomblé e, em alguns casos, sobre a integridade dos terreiros podem se expressar em hostilizações de formas diversas. Mãe Márcia relatou que a rua do seu terreiro foi a última do seu bairro a ser asfaltada durante a gestão municipal anterior, conhecida por possuir base evangélica, o que, além de ser inadmissível em um contexto de laicidade, pode nos indicar as tensões entre o terreiro e a cidade em uma disputa simbólica, também com a presença de mecanismos punitivos. Mãe Márcia me contou ter sido a autora do maior número de reivindicações para que as ruas do bairro onde se situa o terreiro em São Gonçalo, Sacramento, fossem asfaltadas. Mãe Márcia contou que a mesma gestão tentou pôr abaixo o terreno de um antigo terreiro da região, próximo a uma área de preservação ambiental. Felizmente, foi possível evitar o ato de abuso com o apoio de outros moradores, muitos deles adeptos de religiões de matriz africana.

Os projetos sociais e culturais sediados no terreiro de Mãe Márcia são abertos à comunidade local, independentemente de crença religiosa. Ela, como moradora, desde criança, de São Gonçalo conhece a carência de iniciativas educativas inclusivas na região e as necessidades diversas de formação dos demais moradores, preocupando-se, sobretudo, com crianças e jovens. Desde 2013, em conversas com Mãe Márcia, tenho escutado atentamente suas preocupações com jovens da comunidade, alguns deles também membros do terreiro, especialmente no que se refere à escolaridade, pois muitos abandonam os estudos por precisarem trabalhar e contribuir para o sustento da família ou, em alguns casos, por causa da criminalidade dentro do próprio bairro e a escassez de alternativas para inclusão social, educação e trabalho dessa juventude, em sua maioria negra.

Ao longo da pesquisa, tive acesso a informações importantes sobre o percurso de Mãe Márcia, tanto por meio do acompanhamento das narrativas dispersas no Facebook e em outras redes sociais, como seus vídeos no YouTube, quanto em conversas e em entrevistas que tivemos. Uma oportunidade me trouxe ainda mais proximidade com sua história de vida. Mãe Márcia, em uma de nossas conversas para a pesquisa em 2015, me solicitou apoio na revisão de seu currículo, documento exigido para compor uma proposta cultural a ser submetida de acordo com um Edital. Ela afirmou que ela mesma não tinha os registros de todas as suas



participações e momentos de sua própria história recente que pudessem corroborar a proposta que desejava submeter para captar recursos para a continuidade dos projetos sediados no terreiro. Ela chegou a essa conclusão com a leitura de alguns artigos que eu havia elaborado em 2014 e 2015. Suas palavras foram: “eu fiz tudo isso? Nossa... você sabe realmente o que eu fiz. Muito melhor que eu mesma! E você não escreve somente as coisas que fiz. Você escreve o porquê eu as fiz. Você entende os meus sonhos e consegue por em palavras o que eu mesma não consigo”. Por considerar que eu conhecia sua história de vida melhor que ela mesma, na expressão que ela utilizou, Mãe Márcia me pediu ajuda para reunir informações para a organização de seu currículo e de seu memorial.

No percurso da pesquisa, tenho compartilhado minhas produções acadêmicas e ensaios com Mãe Márcia e com Ade. Essas têm sido oportunidades profícuas para interações e conversas, tanto presencialmente quanto *online*. Recordo-me do pedido de Mãe Márcia após ler um de meus trabalhos: “Adorei o conceito de redes educativas! Tem tudo a ver comigo e com o que a gente faz aqui no terreiro. Eu gostaria muito de ler o livro da Nilda Alves. Quando você puder, você me empresta ou me manda algum *link* pela caixinha?” “Caixinha” é como Mãe Márcia chama a interface de conversa privativa do Facebook, o *Messenger* ou mensagem *inbox* disponível na rede social.

Mãe Márcia deu continuidade à missão espiritual iniciada por sua mãe, Ivone de Oxóssi, tendo sido a herdeira do terreiro liderado por ela, que se situava em outro bairro de São Gonçalo. Oxóssi ou Odé é o Orixá da caça, dos animais, da floresta, da fartura e do sustento. É a estratégia, a astúcia, a ligeireza para capturar a caça, conhecido como o caçador de uma só flecha. Considerado também Orixá da contemplação, amante das Artes e das coisas belas. Para Carybé (1979), Oxóssi é o caçador de Axé, aquele que busca as coisas boas para um terreiro, as boas influências e as energias positivas. É também tido como o Rei da Nação Ketu, a mesma Nação do terreiro de Mãe Márcia e a do terreiro da minha infância, ambos descendentes do Terreiro do Gantois.

Figura 31 – Campanha de Mãe Márcia no Facebook



Fonte: Linha do tempo Mãe Márcia no Facebook. Foto de Brenno Santos

Em sua presença no Facebook, Mãe Márcia promove campanhas contra a intolerância religiosa e também para a divulgação da cultura e da religiosidade do Candomblé, com apoio de membros do terreiro e amigos na criação das imagens e narrativas digitais. Ela costuma publicar essas imagens de forma pública, convidando ao compartilhamento e à viralização das narrativas.

Percebo o quanto Mãe Márcia forma a si mesma, os membros do terreiro e os participantes de sua rede nas diferentes ações formativas que concebe e realiza, com apoio dos filhos e filhas da casa e de outras pessoas. Todas essas ações e narrativas se entrelaçam nos cotidianos do terreiro, acontecem em fluxo, não sendo possível pensá-las de forma desarticulada. As imagens podem ser feitas em festas no terreiro, como a capturada na festa de Oxóssi em dezembro de 2015, quando Mãe Márcia dançava o *Agueré*, o ritmo daquele Orixá.

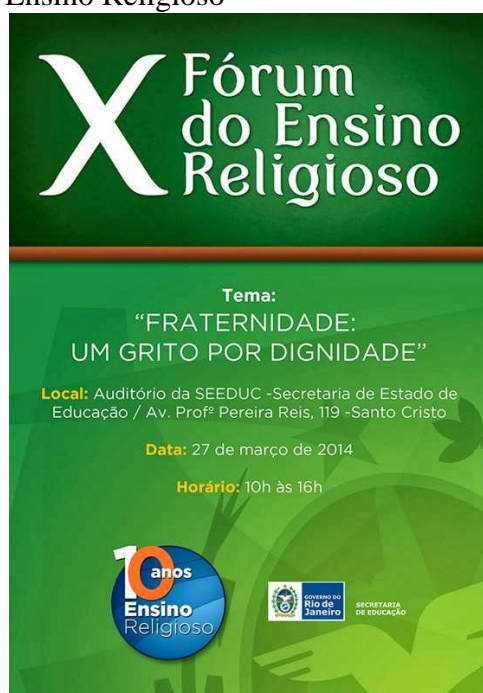
Na cadência do *Alujá* e também no movimento das lutas contra o racismo e a discriminação religiosa, os percursos de Mãe Márcia e dos projetos sediados no terreiro, com a colaboração de outros membros, se encontram com os caminhos do *Ilê Obá Òyó*<sup>71</sup>, nome do nosso grupo de pesquisa até agosto de 2016. Reinos de Oyó em São Gonçalo e na UERJ. Para o grupo, a noção de redes educativas é muito cara no estudo das aprendizagens nos terreiros e no campo de pesquisa que inaugura e busca se aprofundar mais e mais, privilegiando o lugar da criança dentro dessas redes educativas e nos cotidianos dos terreiros. Estas são as linhas de pesquisa do grupo:

<sup>71</sup> O grupo passou a se chamar *Kékeré* em setembro de 2016, demarcando a centralidade da pesquisa com crianças de terreiro. Permanecem, no entanto, os referenciais estruturantes e as principais inspirações, entre os quais, a noção de redes educativas, desenvolvida pela Professora Nilda Alves.

- ✓ Educação, Racismo e Movimentos Sociais;
- ✓ Ensino Religioso e Laicidade na Educação Pública;
- ✓ Fotografia na Pesquisa em Terreiros de Candomblé;
- ✓ Redes Educativas e Culturas Afro-Brasileiras e Afro-Diaspóricas;
- ✓ Redes Educativas nos Cotidianos dos Terreiros de Candomblé: imagem, memória, vídeos e narrativas digitais.

O primeiro e um dos mais significativos encontros entre Mãe Márcia e o grupo de pesquisa se deu com a realização da Audiência Pública<sup>72</sup> no dia 30 de maio de 2014, convocada pelo Deputado Carlos Minc<sup>73</sup>, presidente da Comissão contra o Racismo, a Homofobia e a Intolerância Religiosa da Assembleia Legislativa do Estado do Rio de Janeiro – Alerj<sup>74</sup>.

Figura 32 – Cartaz do X Fórum de Ensino Religioso



Fonte: <http://www.rj.gov.br/web/seeduc/exibeconteudo?article-id=2011502>

<sup>72</sup> Ata completa, com transcrição de todas as falas, da Audiência Pública disponível em: <<http://www.jusbrasil.com.br/diarios/80956010/doi-rj-poder-legislativo-27-11-2014-pg-6>>. Acesso em 08/3/2016.

<sup>73</sup> Perfil, com biografia, do Deputado Carlos Minc no *site* da Alerj: <<http://www.alerj.rj.gov.br/Deputados/PerfilDeputado/310>>. Acesso em: 21/4/2016.

<sup>74</sup> *Site* da Alerj: <<http://www.alerj.rj.gov.br/>>. Acesso em: 21/4/2016.

Nosso grupo de pesquisa, então *Ilè Obá Òyó*, denunciou o X Fórum de Ensino Religioso<sup>75</sup> (ER), realizado em 27/3/2014, onde se distribuiu o "Keys to Bioethics" (Chaves para a Bioética), um manual perverso, machista, homofóbico e transfóbico. Em 04/4/2014, o grupo, que também luta por uma educação pública verdadeiramente laica<sup>76</sup>, denunciou a distribuição do manual ao Ministério Público (MP). Em 12/11/2014, o MP nos comunicou o resultado, conforme trecho a seguir, divulgado por Stela Guedes Caputo em seu perfil no Facebook de forma pública:

Neste sentido, após a análise da cartilha, foi expedida recomendação n. 03/2014<sup>77</sup>, determinando que a SEEDUC não realize mais o Fórum de Ensino Religioso, bem como providencie o recolhimento dos exemplares da cartilha "Keys to Bioethics" que estariam sendo distribuídas na rede estadual de ensino. (Ministério Público do Rio de Janeiro)

O resultado foi amplamente divulgado nas redes sociais digitais e em diversas mídias, como na edição de 25/11/2014 do jornal O Globo<sup>78</sup>.

Stela Guedes Caputo publicou um álbum público em seu perfil no Facebook no dia 13 de novembro de 2014 para celebrar a decisão do MP intitulado “MP Manda Recolher Manual Homofóbico”<sup>79</sup>. O álbum é acompanhado por um texto em que Stela narra o percurso da denúncia ao resultado, bem como as lições aprendidas e o papel dos membros do nosso grupo e de outros grupos e pessoas envolvidas no caminho. As imagens a seguir são exemplos do conteúdo do álbum:

---

<sup>75</sup> Notícia no *site* da SEEDUC-RJ sobre o Fórum, com fotos:  
<<http://www.rj.gov.br/web/seeduc/exibeconteudo?article-id=2011502>>. Acesso em: 21/4/2016.

<sup>76</sup> Stela Guedes Caputo, aqui também CAPUTO (2014), em parceria com outros membros do grupo de pesquisa, publicou artigo em que narra e analisa os acontecimentos que levaram à denúncia e à Audiência Pública no Vol. 15, n. 36, da Revista Teias (2014). Neste mesmo número, a Revista Teias traz o Dossiê Estado, Educação Pública e Laicidade, organizado por Stela:  
<<http://www.periodicos.proped.pro.br/index.php/revistateias/article/view/1678/1253>>. Acesso em: 16/4/2016.

<sup>77</sup> Recomendação n. 03/2014 do Ministério Público do Rio de Janeiro, na íntegra, em:  
<[http://www.mprj.mp.br/documents/112957/2081698/Capital\\_2\\_Promotoria\\_Recomendacao.pdf](http://www.mprj.mp.br/documents/112957/2081698/Capital_2_Promotoria_Recomendacao.pdf)>. Acesso em: 21/4/2016.

<sup>78</sup> Matéria publicada no jornal O Globo em 25/11/2014 com o título “Por ordem do MP, Governo do Rio Recolhe cartilhas ‘homofóbicas’ e suspende fóruns religiosos”:  
<<http://oglobo.globo.com/sociedade/educacao/por-ordem-do-mp-governo-do-rio-recolhe-cartilhas-homofobicas-suspende-foruns-religiosos-14648765>>. Acesso em: 30/4/2016.

<sup>79</sup> Álbum “MP Manda Recolher Manual Homofóbico” no Facebook:  
<[https://www.facebook.com/stelinhaguedes/media\\_set?set=a.777784582294362.1073741912.100001884824280&type=3](https://www.facebook.com/stelinhaguedes/media_set?set=a.777784582294362.1073741912.100001884824280&type=3)>. Acesso em 16/4/2016.

Figura 33 – Manual de Bioética e outros materiais distribuídos pela SEEDUC aos professores do Estado do Rio de Janeiro durante o X Fórum de Ensino Religioso



Fonte: Foto de Cristiano Sant'Anna

Figura 34 – Ilustração da página 68 do manual denunciado



Fonte: Manual "Keys to Bioethics" (Chaves para a Bioética)

Figura 35 – Stela Guedes Caputo e grupo de pesquisa na Audiência Pública em 30/5/2014



Fonte: Linha do tempo de Stela Guedes Caputo no Facebook

Figura 36 – Grupo de pesquisa na escadaria da Alerj após a Audiência Pública



Fonte: Linha do tempo de Stela Guedes Caputo no Facebook

Com a convocação da Audiência Pública, o grupo abriu um evento no Facebook para compartilhar a informação e abrir o convite a todos e todas que quisessem participar daquele momento. Enviei o convite para Mãe Márcia e Ade Neves por dentro da interface. Recordo-me de não ter chegado a conversar com elas sobre a Audiência. Entretanto, pressuponho que ambas tenham acompanhado toda a divulgação da denúncia do grupo no Facebook. Elas também contribuíram na divulgação do evento, o compartilhando em suas redes. Na data da Audiência Pública, no dia 30 de maio de 2014, Mãe Márcia e Adelaine estavam presentes, lutando ao lado do nosso grupo e dos demais grupos presentes, de outras universidades. A entrada de ambas na sala da Audiência Pública da Alerj, pouco após o seu início, é para mim e para o nosso grupo de pesquisa uma cara memória afetiva.



Figura 37 – Foto de Stela Guedes publicada no Facebook com a legenda “Mãe Márcia na audiência contra o Manual, atuando, mais uma vez, contra as discriminações”



Fonte: Linha do tempo de Stela Guedes Caputo no Facebook.  
Foto de Stela Guedes Caputo

Mãe Márcia, com suas vestes brancas naquela sexta-feira no final do mês de maio, se inscreveu para se pronunciar na Audiência, após a apresentação de Stela Guedes Caputo e das participações de membros do grupo e de outras pessoas presentes. Durante sua fala, após se apresentar, Mãe Márcia manteve seus olhos fixos na Secretária de Educação e em outros representantes da Secretaria de Estado de Educação do Rio de Janeiro – SEEDUC-RJ, dirigindo a eles seus questionamentos. Ela perguntou por que motivos crianças de Candomblé, como seus netos e outras crianças do seu terreiro, sofriam tanta discriminação nas escolas públicas. Mãe Márcia questionou o sentido de uma cadeira de Ensino Religioso em um Estado laico, perguntando, ainda, por que os mesmos investimentos não eram feitos na ampliação e aprimoramento do ensino de História e Artes e na aplicação da Lei Federal nº 10.639/2003<sup>80</sup>.

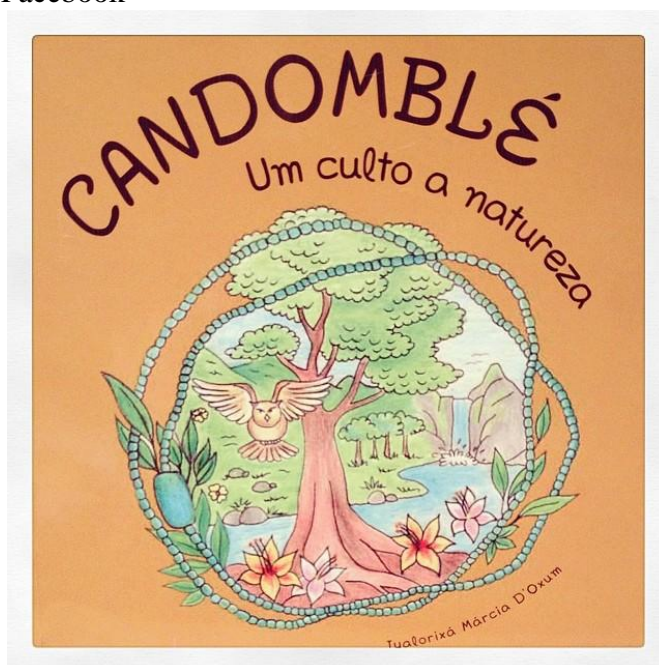
Mãe Márcia também relatou alguns episódios de preconceitos sofridos nas escolas públicas por algumas crianças de seu terreiro, como, por exemplo, por uma delas que havia sido chamada de “criança do demônio” por uma professora, explicando aos representantes da

<sup>80</sup> Informações sobre a Lei Federal n. 10.639/2003 no Portal do MEC:  
<[http://portal.mec.gov.br/index.php?id=9403&option=com\\_content&task=view](http://portal.mec.gov.br/index.php?id=9403&option=com_content&task=view)>. Acesso em: 19/7/2015.

SEEDUC-RJ que, na cosmogonia do Candomblé, não há demônio e que esta figura mítica e esse tipo de violência só possui sentido para crianças e pessoas com formação cristã. “Esse demônio não pertence ao Candomblé. Ele foi criado dentro da religião cristã. Ele pertence a vocês.” Foram essas suas palavras. Em seguida, acrescentou uma observação sobre a precariedade de formação dos professores da rede estadual, que desconhecem aspectos culturais, religiosos, filosóficos e históricos dos povos afrodescendentes que fundaram o país.

Após concluir sua fala, Mãe Márcia ofereceu exemplares de seu livro “Candomblé – um culto à natureza” a mim, Stela e ao grupo.

Figura 38 – Foto da capa do livro “Candomblé – um culto à natureza” publicada por Stela no Facebook



Fonte: Linha do tempo de Stela Guedes Caputo no Facebook

Haveria mais tarde, naquele mesmo ano, em outubro, um novo encontro entre Mãe Márcia e o *Ilê Obá Òyó*, pessoalmente e ampliado no Facebook, por meio da divulgação, das ressonâncias e rastros digitais (BRUNO, 2013), durante um evento acadêmico organizado pelo grupo, em que ela falaria de forma mais detida de seu livro e das experiências com as crianças de seu terreiro.

“Candomblé: um culto à natureza” é um livro voltado para o público infantil, lançado em 2011. Foi com base neste livro e na experiência em projetos educacionais nos terreiros, que Mãe Márcia participou do “I Seminário Internacional Fela Kuti da UERJ: a educação, os movimentos sociais e a África que incomoda”, realizado na UERJ, campus Maracanã,



oferecendo a oficina “Literatura Infantil Afro-Brasileira”, em 16 de outubro de 2014. Trouxe a oficina oferecida por Mãe Márcia e também a oferecida por Adelaine mais adiante, na última seção deste capítulo.

Em 2014, Mãe Márcia foi também palestrante convidada na UERJ de São Gonçalo (FFP/UERJ) sobre o tema tradição africana. Desde 2010, Mãe Márcia é palestrante em escolas da rede pública sobre intolerância religiosa. Também realizou palestras sobre Candomblé e meio ambiente e sobre o reconhecimento do Candomblé na cultura brasileira. Estão no foco das ações formativas e dos eventos abertos ao público no terreiro de Mãe Márcia a difusão da cultura negra e afrodescendente, sobretudo quando atravessada por manifestações da religiosidade. Um dos projetos mais abrangentes, no entanto, também tem como objetivo a formação para a geração de renda e a sustentabilidade. Tratarei dele na seção seguinte deste capítulo, que segue no ritmo do *Alujá*, reunindo lutas e celebrando algumas conquistas, trepidando com o toque dos atabaques, em cadência e velocidade que aludem a das narrativas digitais criadas e compartilhadas nas redes sociais, em movimento, dinamicamente.

## **2.2 Aprender com a Ancestralidade e formar para reinventar-se no presente: Matrizes Que Fazem e Matrizes do Futuro**

O Matrizes Que Fazem é um projeto sediado e vinculado ao *Egbè Ilè Ìyá Omidayè Aṣé Obálayó*. Desde a sua fundação em 2011, inicialmente como sede da Associação Cultural de São Gonçalo, quando recebeu a Biblioteca da Ancestralidade, acolhe e promove ações afirmativas e de resgate e preservação da cultura e fomento à cidadania. Ele tem a coordenação geral de Márcia D. Pereira e membros do terreiro participam da gestão e da execução de suas atividades.

Figura 39 – Página do Projeto Matrizes que Fazem no Facebook



Fonte: <https://www.facebook.com/matrizesquefazem/>

A missão, a razão de ser, do Matrizes, como é chamado pelos membros do terreiro, é comunicada na página do projeto no Facebook e é detalhada da seguinte forma, misturando-se a valores e princípios:

- ✓ Estimular o respeito aos valores religiosos e culturais nos diversos segmentos sociais;
- ✓ Solidariedade com o próximo;
- ✓ Desenvolver os talentos individuais e coletivos;
- ✓ Colaborar na formação do caráter pessoal, para a formação de um mundo melhor.

Crianças, jovens e adultos dos povos tradicionais e das comunidades do Morro do Céu e Lagoinha, assim como dos arredores, são alcançados pelo Projeto. Respeito à diversidade, acesso à cultura ancestral e a afirmação da identidade negra são os principais objetivos da iniciativa.

O *Egbè Ilè Ìyá Omidayè Aşé Obálayó* é considerado o único Ponto de Leitura da Ancestralidade Africana<sup>81</sup> no Rio de Janeiro. O espaço disponibiliza 1.200 livros sobre temas

<sup>81</sup> De acordo com a apresentação do Projeto “Ancestralidade Africana no Brasil: memória dos pontos de leitura” encontrada em sua página na internet: “A história dos povos e comunidades tradicionais afro-brasileiras, selecionadas para constituírem os “Pontos de Leitura Temáticos”, no programa da Fundação da Biblioteca Nacional (FBN), cujo registro em sua maior parte se encontra na memória, na história oral, vivida e repassada pelas gerações. Estes Pontos de Leitura Temáticos são em territórios habitados por Povos e Comunidades Tradicionais Afro-brasileiros, Quilombolas e de Terreiros. Esta ação está voltada para o registro, divulgação e compartilhamento das histórias locais da cultura africana e afro-brasileira nos 10 pontos de Leitura temáticos em diversas regiões do Brasil (Rio de Janeiro, Rio Grande do Sul, Goiânia, Amapá, Piauí, Paraíba, Pará, Minas Gerais, Paraná e São Paulo).” O terreiro pesquisado integra o Projeto, sendo um ponto de leitura da Ancestralidade Africana no Brasil, o único no Rio de Janeiro. Para conhecer o belo *site* do Projeto “Ancestralidade Africana no Brasil: memória dos pontos de leitura”, com mapa dos pontos de leitura, biblioteca virtual, relatos e uma preciosa galeria de fotos e vídeos, acesse:

Afro-Brasileiros, o que propicia uma ambiência educativa e cultural ao Matrizes Que Fazem. O incentivo à leitura é transversal ao Matrizes e funciona em paralelo com oficinas livres de canto, dança afro, contação de histórias, brincadeiras tradicionais, teatro, aulas de percussão e capoeira. Além dessas oficinas, foram promovidas outras, de 2011 a 2015, voltadas para a formação para gerar renda para os participantes do projeto, como oficinas diversas de artesanato, como corte e costura, *biscuit*, pintura artesanal, velas artesanais e técnicas para reutilização de materiais recicláveis, como *pet* e tecidos. O Relatório do Projeto Matrizes Que Fazem, que compreende o período de 2013 a 2015 e disponível somente no formato físico, traz uma série de fotos, informações e estatísticas acerca de cada uma das oficinas oferecidas, seu público, o desempenho dos alunos, além de depoimentos. Dados de 2014 revelam que cerca de 750 alunos são beneficiados pelas oficinas a cada biênio, sendo 95% mulheres da comunidade.

A sede do Matrizes Que Fazem, localizada na Rua Dalmir da Silva, número 08, no centro do bairro de Sacramento, em São Gonçalo, mesmo endereço do terreiro, ocupa um espaço independente com três salas de aula e é também equipada com brinquedoteca, com destaque para o jogo de memória com palavras em *yorubá*, concebido por Mãe Márcia. Um acervo de fotos, documentários e artefatos estão expostos aos visitantes do espaço.

O Matrizes foi premiado pelo Ministério da Cultura com um Pontinho de Cultura<sup>82</sup> e recebeu da Secretaria de Segurança do Estado do Rio de Janeiro, em parceria com a Prefeitura de São Gonçalo, apoio para a formação de um Ponto Digital.

---

<<http://www.ancestralidadeafricana.org.br/>>. Acesso em: 01/5/2016. Localizar no menu de fotos a opção “Obalayo” para ver imagens do terreiro pesquisado. Um importante documentário, com cerca de 12 minutos, disponível no YouTube, relacionado ao Projeto “Ancestralidade Africana no Brasil: memória dos pontos de leitura”, traz declarações de Mãe Márcia sobre africanidade, tradição e identidade candomblecista brasileira, além de apresentar seu terreiro e mostrar a biblioteca e o ponto de leitura: <<https://www.youtube.com/watch?v=Pt1DxUpWDv4&feature=youtu.be>>. Acesso em: 01/5/2016.

<sup>82</sup> O Programa Cultura Viva é representado pelos Pontos de Cultura, idealizados na década de 1980 pelo antropólogo Antônio Augusto Arantes. Ao longo do tempo, o projeto sofreu diversas alterações e nos anos 2000 o Ministério da Cultura (MinC) o desenhou nos moldes que conhecemos atualmente, mais precisamente em 2004, na gestão de Gilberto Gil. Os Pontos de Cultura buscam estabelecer um amplo contato com grupos culturais e perguntar como eles procuram desenvolver sua programação, e como utilizarão os recursos dispostos pelo Ministério da Cultura, seja em equipamentos, infraestrutura, oficinas e outras atividades. Assim, não há algo pronto e fechado para cada grupo, irá depender da especificidade de cada um. Além dos tradicionais Pontos de Cultura, existem os “Pontinhos”, voltados às crianças e adolescentes. A Ação Pontinhos de Cultura teve como objetivo promover uma política nacional de difusão e preservação da Cultura da Infância, por meio de ações que fortalecessem os direitos da criança, segundo o Estatuto da Criança e do Adolescente. O projeto teve a função de sensibilizar e capacitar profissionais de instituições públicas governamentais e não governamentais para a implantação e/ou continuidade de ações lúdicas em espaços denominados “Pontinhos de Cultura”. Fonte: <<http://www.politize.com.br/5-programas-do-ministerio-da-cultura/>>. Sobre os Pontos de Cultura: “É a entidade cultural ou coletivo cultural certificado pelo Ministério da Cultura. É fundamental que o Estado promova uma agenda de diálogos e de participação. Neste sentido os Pontos de Cultura são uma base social capilarizada e com poder de penetração nas comunidades e territórios, em especial nos segmentos

Um dos produtos do Matrizes foi um DVD cultural distribuído para 300 escolas municipais e estaduais. O DVD “Matrizes Que Fazem a Cultura”, conta com a participação de estudiosos, Universidades, Organizações Não Governamentais e demais entidades que desenvolvem e promovem a preservação do patrimônio histórico e cultural do país.

Desde que estou no campo, no entanto, não tenho observado novas atividades e iniciativas ligadas ao Ponto Digital, embora perceba a atuação do Matrizes nas redes sociais, sobretudo no Facebook, de forma intensa. O Programa Cultura Digital proporciona aos indivíduos maior acessibilidade à tecnologia e assim busca colaborar com a diminuição dos custos dos produtos e serviços culturais levando a um maior alcance de ambos.

A página do Matrizes no Facebook é administrada por membros do terreiro engajados no projeto. Por lá circulam, além das narrativas de iniciativas diretamente ligadas ao projeto e dos objetos artesanais produzidos nas oficinas, imagens das festividades no terreiro, das campanhas contra a intolerância religiosa, do Presente de Iemanjá de São Gonçalo e de todos os eventos, religiosos ou não, sediados no terreiro. Por isso, trago o Matrizes no primeiro capítulo, uma vez que as narrativas digitais com as quais dialogarei nos capítulos seguintes, em sua maioria, circularam também na página do Matrizes no Facebook. Terreiro e Matrizes Que Fazem se misturam como nas palavras de grafia diferenciada usadas por Alves (2008) e também aqui. Pode-se dizer que, em muitos aspectos, nos referimos a um *espaçotempo terreiromatrizes*, sem dicotomias.

A presença do Matrizes nas redes sociais digitais, assim como Mãe Márcia, Ade e os demais interlocutores, deixa rastros digitais (BRUNO, 2013) seguidos na pesquisa para mapeamentos, arquivamento, costuras e diálogos. Considerando-se a liberação do polo emissor na *web 2.0*, a produção dessas narrativas digitais é intensa.

No caso dos interlocutores da pesquisa, essas narrativas têm demonstrado ser muito importantes para a ampliação das redes educativas do terreiro, para processos de reinvenção, de pessoas e de projetos, para as relações e para comunicarem seus valores, identidade e

---

sociais mais vulneráveis. Trata-se de uma política cultural que, ao ganhar escala e articulação com programas sociais do governo e de outros ministérios, pode partir da Cultura para fazer a disputa simbólica e econômica na base da sociedade. Esta base social também se amplia para outros segmentos sociais, alcançando os setores médios, em especial a juventude urbana, periférica, universitária, jovens artistas, novos arranjos econômicos e produtivos, toda uma nova economia que vem sendo inventada e experimentada daqueles que encontram no fazer cultural uma alternativa de trabalho, vida e inserção social. O Plano Nacional de Cultura - PNC (Lei 12.343/2010) estabelece em seu Plano de Metas o fomento de 15 mil Pontos de Cultura até 2020. Para atingir a meta seria necessário fomentar 1.750 novos Pontos de Cultura por ano até 2020, com um investimento anual de aproximadamente 113 milhões/ano, considerando o valor de 60 mil/ano para cada Ponto de Cultura”. Fonte: Portal do Ministério da Cultura <<http://www.cultura.gov.br/pontos-de-cultura1>>. Acesso em: 28/11/2017. Nesta matéria de março de 2012, discutiu-se o esvaziamento do Projeto Ponto de Cultura com a redução de seu investimento: <<https://oglobo.globo.com/cultura/projeto-pontos-de-cultura-criado-pelo-governo-sofre-esvaziamento-deve-ir-justica-4249609>>. Acesso em: 22/12/2017.

alteridade. É complexo o trabalho de rastreamento e arquivamento dessas narrativas. Para tomar decisões quanto ao recorte do escopo da pesquisa, é preciso estar imerso no campo e relacionar-se com os sujeitos, tentando compreender seus desejos e motivações. Para dialogar com esse imenso volume de dados produzidos, o trabalho é ainda mais desafiador e também prazeroso, uma fonte de aprendizagens e de emergência de novas questões, sempre em aberto e em fluxo.

Na edição de novembro de 2014, o Programa Comunidade em Cena, do Canal Saúde Oficial, trouxe dois documentários de curta-metragem. O primeiro foi o "Matrizes que Fazem"<sup>83</sup>, com depoimentos dos participantes das oficinas.

O Matrizes recebeu recentemente o Prêmio de Cultura Afro Fluminense de 2015<sup>84</sup>, cujo objetivo é reconhecer a importância de iniciativas culturais de povos e comunidades tradicionais de matriz africana e de grupos artístico-culturais que têm por matéria-prima de seu trabalho a temática afro-brasileira.

O Projeto teve patrocínio da PETROBRAS, período em que desenvolveu o maior número de atividades, e realizou ações formativas e de inclusão social, direcionadas a adolescentes, jovens e adultos da comunidade do bairro de Sacramento, realizadas no espaço físico do terreiro.

Também já apoiaram o projeto outros parceiros, como Secretaria de Cultura de São Gonçalo, Secretaria de Políticas de Promoção da Igualdade Racial – SEPPIR, Sebrae RJ, Secretaria de Cultura do Estado do Rio de Janeiro, Cultura Viva, Biblioteca Nacional, Governo Federal e *Just Keep Livin Foundation*.

Desde 2015, o Matrizes empenha-se para captar recursos para dar continuidade às ações que realiza, pois perdeu a maior parte de seus patrocinadores, incluindo o principal deles, sendo necessário repensar prioridades e adiar alguns projetos. A *homepage* do Matrizes, desenhada, administrada e mantida pela equipe da PETROBRAS, com contribuições de conteúdos de Mãe Márcia, foi desativada. O *site* possuía fotos, notícias e contava parte da história do Matrizes. Ao sair do ar, traz ainda o impacto sobre a própria geração de renda, fundamental para a manutenção do Matrizes, uma vez que era aquele um ponto importante para encomendar e comprar seus produtos artesanais. Mapear e participar de candidaturas a Editais de financiamento à cultura tem sido uma das estratégias principais. A preocupação com o conhecimento e a mobilização de competências para captação de recursos para os

---

<sup>83</sup> Documentário disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=1luMz7JgnOI>>. Acesso em 15/7/2015.

<sup>84</sup> Prêmio de Cultura Afro Fluminense 2015 na internet, com catálogo com todas as iniciativas premiadas: <<http://www.cultura.rj.gov.br/premio-afro-fluminense-2015/>>. Acesso em 18/4/2016.

projetos culturais é anterior à perda dos principais patrocinadores. Formar-se com esta finalidade, compartilhando esses conhecimentos com outras casas de matriz africana, foi o que motivou a realização do Projeto Matrizes do Futuro, em 2014.

Figura 40 – Convite para encerramento do Matrizes do Futuro no Facebook



Fonte: <https://www.facebook.com/matrizesquefazem/>

Meu contato com o projeto Matrizes do Futuro, um curso ou subprojeto do Matrizes Que Fazem, chegou com o convite que recebi pelo Facebook de Mãe Márcia e Ade para a formatura da primeira turma do curso. Então, como só soube do projeto próximo de seu término, rastreei algumas narrativas nos perfis de ambas e na página do Matrizes Que Fazem para tentar compreender os objetivos do Matrizes do Futuro.

Localizei na página do Matrizes Que Fazem no Facebook o álbum<sup>85</sup> com as fotos da primeira aula do Matrizes do Futuro, realizada em 15 de fevereiro de 2014. Estão marcados nas fotos nomes de muitas pessoas e páginas de outros terreiros, de diferentes Nações. Alguns membros do *Egbè Ilè Ìyá Omidayè Aṣé Obálayó* participaram do curso. Alguns já lideram seus próprios terreiros ou se preparam para fazê-lo em breve. Já outros membros se envolveram diretamente na gestão e na execução do projeto. Ade Neves coordenou o Matrizes do Futuro, mobilizando e atualizando suas competências como pedagoga e também como empreendedora.

<sup>85</sup> Fonte: <<https://www.facebook.com/media/set/?set=a.603824463028322.1073741852.113022635441843&type=3>>. Acesso em 9/8/2015.

Figura 41 – Foto da primeira aula do Matrizes do Futuro no Facebook



Fonte: <https://www.facebook.com/matrizesquefazem/> Foto: Laura Lima

O volume de narrativas relativas às atividades do Matrizes do Futuro, realizado no período de fevereiro a dezembro de 2014, encontrado nos perfis de Ade, Márcia Dória Pereira e na página do Matrizes Que Fazem é muito grande e conta, com fotos, imagens diversas, depoimentos, comentários dos participantes, como foi o percurso percorrido nas aulas que tiveram lugar no próprio terreiro e também em outros espaços em São Gonçalo, como escolas, cedidos por parceiros em apoio ao projeto. Ade, Mãe Márcia e palestrantes convidados realizaram a mediação das aulas do curso. Entre outras atividades, os participantes aprenderam a se cadastrar no SICONV<sup>86</sup>, plataforma digital que mantém registro de todos os convênios firmados pelo poder executivo da Administração Pública Federal. Os membros dos terreiros inscritos no curso, inicialmente planejado para 20 pessoas, mas que comportou o dobro de participantes em função da elevada demanda, aprenderam a ser proponentes de projetos para captação de recursos públicos. Sem o cadastro e a submissão das propostas aos Editais abertos no SICONV essa participação não seria viável.

Mãe Márcia me explicou que muitos prêmios são desperdiçados, possuem poucos candidatos ou até se extinguem pela escassez de conhecimento e formação de lideranças e membros de terreiros de matriz africana a respeito dos procedimentos para candidatura. Muitas casas não possuem sequer sua documentação organizada. Ela me disse que costumava brincar com as pessoas que fizeram o curso, perguntando se os terreiros estavam ricos, pois não se candidatavam aos prêmios nem concorriam com propostas em Editais para financiamento de iniciativas culturais ou de outra natureza. Ela disse ser fundamental formar e

<sup>86</sup> Fonte: <<http://dados.gov.br/dataset/siconv>>. Acesso em 9/8/2015.

empoderar as comunidades de terreiro para que elas ocupem mais espaços, saindo da invisibilidade. Ainda em nossas conversas, Mãe Márcia lamentou o elevado número de ausências de parte da turma nos encontros do curso e identificou na dedicação ao terreiro uma possível causa para o fato. Para ela, o calendário litúrgico das casas participantes não parava por causa do calendário do curso. De pouco adiantou, segundo ela, suas observações e alertas na abertura do curso, em fevereiro, solicitando foco e dedicação aos encontros, pois outras pessoas interessadas haviam ficado de fora daquela turma em função da capacidade, que já tinha se ampliado.

Com aqueles participantes que compartilhavam antecipadamente suas preocupações e dificuldades de comparecimento por causa das atividades e rituais de seus terreiros de origem, Mãe Márcia propunha e articulava uma rede de colaboração com filhos de santo de seu próprio terreiro e de outros terreiros participantes. Por exemplo: se houvesse uma festividade ou ritual no terreiro de um participante, geralmente o próprio Pai ou Mãe de Santo ou pessoas de elevada hierarquia na casa, Mãe Márcia acionava um grupo de filhos de santo, de seu terreiro e/ou de outros inscritos no curso que desejassem colaborar, para uma força tarefa, um mutirão no outro terreiro, tentando compensar a ausência dos membros inscritos no curso. Para tanto, usava as redes sociais digitais para se comunicar com as pessoas e organizar os grupos de apoio.

À primeira vista, a iniciativa me pareceu fadada ao fracasso por representar carga extra de trabalho, mas Mãe Márcia disse que ela própria ficou surpresa com o resultado. Havia até fila de espera. Os membros dos terreiros acionados para esses mutirões eram, em geral, mais novos no terreiro, iniciados há menos de sete anos, e a oportunidade de estar em outro terreiro, muitas vezes de outras Nações, foi tomada por eles como uma espécie de intercâmbio, uma chance de aprender com outras culturas e práticas. Em geral, o mutirão era nas cozinhas desses terreiros, por onde circulam muitos saberes e conhecimentos dos seus cotidianos. Alguns membros do terreiro de Mãe Márcia me falaram com entusiasmo dessa prática. Ade fez questão de se candidatar um dia, embora acumulasse o papel de coordenadora pedagógica do curso e, às vezes, professora. Ela queria muito conhecer outras Nações. Presenciei um grupo de membros de outros terreiros oferecendo ajuda nas atividades religiosas que seriam realizadas no *Ilè Omidayè* no dia seguinte da formatura do Matrizes do Futuro. Eles haviam ido preparados para dormir na casa e contribuir com o que fosse preciso.



Figura 42 – Foto de atividade do Matrizes do Futuro no Facebook



Fonte: <https://www.facebook.com/matrizesquefazem/>

Os convites para as festividades nos terreiros participantes do curso também propiciaram o trânsito em espaços e culturas diferentes. Mãe Márcia revelou que receava que os participantes disputassem entre si em função de suas diferenças, mas ela percebeu que alguns conflitos pontuais deram lugar à oportunidade de conviver com e na diversidade. Muitas atividades do curso envolviam discussões e organização em pequenos grupos de trabalho formado por pessoas de terreiros distintos.

Antes do dia da formatura do Matrizes do Futuro, consultei Mãe Márcia e Ade se eu poderia divulgar para os formandos o evento que meu grupo de pesquisa realizaria na UERJ em outubro. Elas prontamente me perguntaram se eu tinha cartazes e fôlderes para levar e afirmaram que seria um prazer divulgar o evento. Ambas também haviam sido convidadas para mediar atividades no evento na UERJ. Também questionaram sobre a divulgação no Facebook e lhes passei todas as informações.

Figura 43 – Ade e Mãe Márcia no encerramento do Matrizes do Futuro



Fonte: <https://www.facebook.com/matrizesquefazem/> Foto: Máira Pereira

Ao chegar ao terreiro para a cerimônia de encerramento do curso Matrizes do Futuro pude conversar com alguns participantes. O evento, mediado por Mãe Márcia e Ade, foi iniciado com a exibição de um vídeo com o registro de momentos do curso e alguns depoimentos, confirmando a apropriação dessas narrativas diversas para comunicar, se relacionar, falar de si e preservar a própria história.

Figura 44 – Foto do evento de encerramento do Matrizes do Futuro



Fonte: <https://www.facebook.com/matrizesquefazem/>

No encerramento, tive a oportunidade de conhecer alguns elos da rede de relações de Mãe Márcia e Ade, vinculados ao terreiro campo da pesquisa. O volume de compartilhamento das fotos e demais narrativas digitais durante e após o evento de encerramento me ensinou a complexidade do relacionamento que eu passaria a desenvolver com os dados produzidos na pesquisa, com cada “evento-dispositivo”, o que será descrito nos demais capítulos, relativos a outros “eventos-dispositivos” que emergiram no campo e foram acionados no percurso da pesquisa. A foto a seguir foi publicada por Ade em seu perfil no dia 19/9/2014 com a legenda “Saudade já”:

Figura 45 – Foto da turma no evento de encerramento do Matrizes do Futuro no Facebook



Fonte: linha do tempo de Ade Neves no Facebook

Ao final do evento de encerramento da turma do Matrizes do Futuro, fui chamada por Mãe Márcia para falar do Seminário Fela Kuti da UERJ e do grupo de pesquisa. Em seguida, fui convidada a participar da entrega dos diplomas aos participantes. Senti-me, com isso, muito mais próxima do grupo, embora ainda sendo tratada como convidada, de fora, mas já um pouco de dentro, em movimentos iniciais do processo de tornar-me membro (COULON, 1995), em um tipo de fronteira de contornos fluidos.

Foi curioso e interessante encontrar-me como parte das narrativas digitais que circularam no Facebook após o evento, enxergando-me em interações no campo. As narrativas e as fotografias me possibilitaram a reflexão sobre alguns de meus dilemas iniciais de pesquisadora em formação no campo. Que delimitações seriam essas entre o ser “de dentro” e o ser “de fora” do campo? Além das afinidades e afetos que foram se construindo e se fortalecendo pouco a pouco, bem como da minha experiência pessoal anterior com o Candomblé, conhecida e reconhecida por Mãe Márcia, havia também elementos que me caracterizam como “de fora”. Eu também representava a universidade, como pesquisadora em formação, como professora e como uma das organizadoras do seminário sobre o qual fui convidada a falar.

Figura 46 – Foto de minha participação no evento de encerramento do Matrizes do Futuro



Fonte: <https://www.facebook.com/matrizesquefazem/>

Por que eu fui chamada para ajudar a entregar os diplomas? Inicialmente, temi que esse pedido em um momento mais formal e cerimonioso do evento pudesse representar um distanciamento ou, ainda, como se minha presença valorizasse de alguma forma o ritual de formatura do curso dentro do terreiro. Depois, em algumas conversas, Mãe Márcia demonstrou a sua alegria por me receber no terreiro para estabelecer pontes entre o *Ilê Omidayè* e a universidade, narrando o quanto se sentia interessada e receptiva em relação à pesquisa, mas que, em situações anteriores, com outros pesquisadores para quem havia aberto as portas do terreiro, percebia sempre certa distância, com pouca ou nenhuma participação no processo da pesquisa e sem acesso aos seus resultados, conforme traduzido em sua narrativa na epígrafe do Capítulo 1 desta tese. Talvez, tenha sido por essas experiências e por desejar maior aproximação e diálogo que Mãe Márcia tenha me incluído, desde o início, com delicados e gentis gestos, nas atividades realizadas no terreiro e em suas dinâmicas. Ao final de cada atividade do terreiro de que participei, Mãe Márcia costumava me dizer: “a gente se fala depois por telefone ou pela ‘caixinha’ pra trocar ideias”.

No final daquele mesmo ano em que houve a formatura do Matrizes do Futuro, em novembro, estive, a convite de Mãe Márcia, no terreiro de Mãe Menininha, no Gantois, em Salvador, para a festa de Oxum. Alguns dias depois, no dia 30/11/2014, encontrei a publicação na página do Matrizes Que Fazem no Facebook da nossa foto na entrada do Gantois e também de imagens de trechos do artigo que eu havia apresentado em setembro no XI Colóquio sobre Questões Curriculares, no VII Colóquio Luso-Brasileiro e no I Colóquio



Luso-Afro-Brasileiro sobre Questões Curriculares<sup>87</sup>, na Universidade do Minho, em Braga, Portugal. Eu havia lhe enviado o *link* do artigo publicado nos Anais do evento poucos dias antes. As narrativas fazem parte do álbum “Acreditamos na Educação e na Sustentabilidade do Povo de Terreiro”.<sup>88</sup>

Figura 47 – Com Mãe Márcia no Terreiro do Gantois em novembro de 2014



Fonte: <https://www.facebook.com/matrizesquefazem/> Foto: Telma Brito Rocha

Fazia parte daquela significativa narrativa a seguinte legenda: “À amiga, agradecimentos pela amizade e por divulgar o Matrizes fora até do nosso país”. Para Coulon (1995), só se é membro de um grupo quando dominamos a sua linguagem comum. Suas reflexões sobre tornar-se membro de um grupo social encontram eco na perspectiva das pesquisas com os cotidianos, sobretudo no acionamento de abordagens e procedimentos etnográficos para se tentar desvendar e compreender teias de significado vinculadas aos episódios do dia-a-dia da prática social. Concordo com a definição de Coulon (1995) dos objetivos da etnografia na linguagem do que chamou de interacionismo simbólico. Para o autor, esses objetivos se referem a descobrir e, acrescento, a compreender, os sentidos que os

<sup>87</sup> Trabalho com o título “Narrativas digitais nas diversas redes educativas que atravessam as aprendizagens em terreiros de Candomblé”. Disponível em <<http://hdl.handle.net/1822/30984>>. Acesso em: 12 de dezembro de 2014.

<sup>88</sup> Álbum na página do Matrizes Que Fazem no Facebook: <<https://www.facebook.com/media/set/?set=a.746828918727875.1073741869.113022635441843&type=3>>. Acesso em: 21/4/2016.

membros do grupo social considerado atribuem às situações que estão enfrentando ou para a construção das quais contribuem em sua vida cotidiana.

Eu também acompanho Coulon (1995) quando ele considera que o segredo do mundo social se desvenda pela análise, embora eu prefira o termo compreensão, dos procedimentos, chamados por ele de etnométodos, que os membros de uma forma social utilizam para criar e reconhecer seu mundo, para torná-lo familiar ao mesmo tempo em que o vão produzindo, criando e reinventando. Com essas reflexões, me percebi tornando-me membro do grupo no campo pesquisado por compreender e dialogar, ainda que com alguma limitação e incerteza, com algumas formas de criação e reinvenção de seus mundos, entre elas, as narrativas por eles produzidas e publicadas nas redes sociais digitais. Com essas narrativas, os interlocutores da pesquisa se reconhecem no mundo, criam novos mundos de possibilidades, comunicando sua alteridade e suas proposições, e ocupam novos *espaçotempos*, ampliando redes educativas.

Sigo refletindo e em diálogo com a noção de “tornar-se membro” (COULON, 1995), estendendo as reflexões sobre o papel do pesquisador em ambientes digitais e presenciais, considerando seus graus de inserção e implicação éticas, tão caras à etnografia. Compreendo o movimento de tornar-se membro como uma dinâmica que requer cuidado e rigor, de fronteiras fluidas entre o sentir-se de dentro e de fora do terreiro, implicada e vinculada em afetos, sem que as ações e palavras dos interlocutores, assim como os acontecimentos do campo, se banalizem e deixem de gerar novas questões e provocar novos encantamentos e assombros. Não percebo incompatibilidades entre tornar-se membro e manter-se curioso e atento aos acontecimentos do campo, interrogando-os e surpreendendo-se no fluxo da pesquisa.

Voltando ao momento que construiu o caminho que me levou, mais tarde, a me perceber tornando-me membro do grupo, em alguns momentos da cerimônia de encerramento do Matrizes do Futuro, Mãe Márcia e Adelaine repetiam a expressão “somos de resistência”. Elas referiam-se à identidade afrodescendente que as inspira a lidar com muitas adversidades para a realização de seus sonhos e ações empreendedoras. Observei que a expressão também foi legenda em muitas fotos publicadas por elas no Facebook, sobretudo por Mãe Márcia.

Vem de Mãe Márcia o ensinamento doado durante uma de nossas conversas ao final do evento de encerramento do Matrizes do Futuro. Ao ouvir a expressão “faça como a água e contorne os obstáculos”, ela contou que estava cansada desse modo de ver as coisas e propôs: “seja água e ocupe os espaços. Chega de contornar”. A próxima imagem, acompanhada da legenda “seja água”, por um tempo foi capa de seu perfil “Márcia D. Pereira” no Facebook.

Com as lições de ser água, transbordo para a seção seguinte, em que Mãe Márcia e Ade ocupam os espaços na UERJ, no Facebook e em outras tantas redes, no I Seminário Internacional Fela Kuti da UERJ.

Figura 48 – Foto de capa de Mãe Márcia no Facebook com a legenda “seja água”



Fonte: Perfil pessoal de Mãe Márcia no Facebook em agosto de 2014

### 2.3 Dançando com Fela e ocupando novos espaços

Um novo encontro das interlocutoras da presente pesquisa com o *Ilê Obá Òyó*. Um novo “evento-dispositivo” que emergiu no campo e nas redes. Da mesma forma que ocupam espaços em seus terreiros, nas redes sociais digitais, em sua comunidade, na cidade, Mãe Márcia e Adelaine Neves seguem em seus percursos de resistência, negociações e criações por meio da difusão de saberes e práticas.

Figura 49 – Página do Seminário Fela Kuti no Facebook



Fonte: <https://www.facebook.com/pages/I-Semin%C3%A1rio-Fela-Kuti-da-UERJ/1474694046136159>. Arte da foto de capa: Gregório Medeiros

Por terem sido convidadas para mediar atividades no ProPEd/UERJ (Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade do Estado do Rio de Janeiro), durante o “I Seminário Internacional Fela Kuti da UERJ: a educação, os movimentos sociais e a África que incomoda”<sup>89</sup>, em outubro de 2014, a publicação e o compartilhamento das narrativas digitais com imagens de ambas na divulgação do evento, conquistaram outros espaços e viabilizaram o encontro de diferentes pessoas ligadas à produção de conhecimento nos cotidianos das lutas por uma educação inclusiva e antirracista.

Figura 50 – Divulgação das oficinas de Mãe Márcia e Ade na página do Seminário Fela Kuti no Facebook



Fonte: <https://www.facebook.com/pages/I-Semin%C3%A1rio-Fela-Kuti-da-UERJ/1474694046136159>

O “I Seminário Internacional Fela Kuti da UERJ: a educação, os movimentos sociais e a África que incomoda”, que teve coordenação geral de Stela Guedes Caputo e foi realizado pelo grupo de pesquisa *Ilè Obá Òyó*, aconteceu de 13 a 17 de outubro de 2014. O seminário teve como objetivo criar um espaço para debate das principais obras do historiador Carlos Moore e também recebeu palestrantes como o professor Kabengele Munanga, além de inúmeras atividades de diferentes formatos, como debates, conferências, rodas de conversas, oficinas, apresentações culturais. Todas com o objetivo de refletir sobre o Continente Africano e a formação do Brasil, bem como sobre os cotidianos dos movimentos sociais negros no país.

Eu coordenei as oficinas e minicursos do Seminário e pude interagir com Mãe Márcia e Ade desde o convite, acompanhando e conversando com elas sobre suas ideias. Mãe Márcia levou para o evento no ProPEd/UERJ um minicurso sobre literatura infantil afro-brasileira, contando como as crianças aprendem em seu terreiro por meio de histórias e valores típicos da cultura afrodescendente. Para falar de literatura infantil afro-brasileira, Mãe Márcia acionou

<sup>89</sup> Programação completa do Seminário Fela Kuti e informações em: <<http://seminariofelakutiuerj.blogspot.com.br>>. Página do seminário no Facebook: <<https://www.facebook.com/pages/I-Semin%C3%A1rio-Fela-Kuti-da-UERJ/1474694046136159>>. Acesso em: 26 de agosto de 2014.



elementos diversos dos cotidianos e das culturas dos terreiros. Ela levou seu livro e também levou a muda de um Baobá, árvore que tem uma das espécies nativa do Continente Africano, sendo considerada a árvore nacional de Madagascar e emblema nacional do Senegal.

Árvores são consideradas sagradas no Candomblé, como explicitarei em outro momento neste capítulo. São guardiãs da memória e também contam histórias, guardam e expressam narrativas, com seu crescimento e mudanças durante as estações do ano ensinam sobre a passagem do tempo. Ela também levou gravações com toques e cantigas do Candomblé que narram passagens nas vidas dos Orixás dentro da rica mitologia *yorubá*. Ela levou o áudio de uma Avamunha (também conhecida como Avania, Avanhina, Hamunia ou Ramunha), toque presente nos terreiros da Nação Ketu para reunir e dispersar os adeptos durante as festividades. É também o toque atribuído ao Orixá Iroko, o Orixá Árvore, também considerado por alguns sacerdotes e sacerdotisas como protetor dos viajantes e peregrinos. Com o toque e com alguns gestos que compõem a dança da Avamunha de Iroko, Mãe Márcia contou as histórias das viagens daquele Orixá pelo mundo, conhecendo culturas diferentes e levando as informações para outros povos e locais, fertilizando conhecimentos.

Figura 51 – Mãe Márcia na oficina no Seminário Fela Kuti



Fonte: Fotos da autora

O fluxo da pesquisa-rio inclui idas e vindas, avanços, pausas, mergulhos profundos, danças suaves e também passos acelerados. Quase um ano após o Seminário Internacional Fela Kuti da UERJ, acionei um novo dispositivo de pesquisa multirreferencial na cibercultura, o fotodiário *online*. Traço a seguir uma narrativa do meu fotodiário *online* de pesquisa vinculada a uma memória da oficina de Mãe Márcia d'Oxum no Seminário Fela Kuti da UERJ.

Embora o Seminário Fela Kuti tenha ocorrido em outubro de 2014, é possível transitar de modo não linear pelas memórias e notas da pesquisa, ressignificando-as, atualizando-as.

Além disso, o Facebook passou a apresentar em 2015 o recurso de nos mostrar memórias que podem ser compartilhadas ou não com nossa rede de amigos. São as nossas lembranças do Facebook, atualizadas a cada dia. Com isso, fui levada ao encontro de algumas memórias do meu percurso formativo e de pesquisa de outras maneiras. Em 16 de outubro de 2015, a oficina oferecida por Mãe Márcia no Seminário completou um ano e o Facebook me trouxe essa lembrança por meio de um *post* feito por Márcia Freitas<sup>90</sup>, em que eu e Mãe Márcia havíamos sido marcadas no ano anterior. Márcia, a qual chamarei aqui de Ìyá Marcinha, como é chamada pela maioria dos membros do terreiro pesquisado, é amiga de Mãe Márcia. Ela também é *Ìyálorixá* e também é de Oxum. Ela foi iniciada por Pai Nando de Aganju e é neta de Pai Bira de Xangô. Ìyá Marcinha descende do terreiro Ilê Axé Opô Afonjá<sup>91</sup>. Sua presença e importância na rede de amigos de Mãe Márcia d'Oxum, pessoalmente e no Facebook, é muito grande, comparecendo e participando ativamente das atividades culturais realizadas no terreiro pesquisado. No Facebook, Marcinha compartilha muitas narrativas digitais produzidas por Mãe Márcia e pelos membros do terreiro que é campo na pesquisa. Ela também produz suas próprias narrativas.

Como Ìyá Marcinha estava na oficina de Mãe Márcia no Seminário Internacional Fela Kuti da UERJ, seu pequeno álbum veio me encontrar uma vez mais no ano seguinte e foi a partir dessa memória que produzi a seguinte narrativa em meu fotodiário *online*. Ela me ajuda, neste momento do meu texto, a contar o Seminário Fela Kuti no contexto do meu grupo e da minha pesquisa, com a participação de Mãe Márcia, e também a inserir, uma vez mais, meu fotodiário *online* na discussão e na perspectiva multirreferencial e complexa da pesquisa.

---

<sup>90</sup> Perfil pessoal de Marcia Freitas no Facebook: <<https://www.facebook.com/marcia.freitas.96780?fref=ts>>. Acesso em: 14/5/2016.

<sup>91</sup> Na tradução significa “Casa de Força Sustentada por Afonjá”, que é uma variedade de Xangô. Assim como o Gantois, o Ilê Axé Opô Afonjá está intimamente vinculado ao Terreiro da Casa Branca do Engenho Velho, sendo, ao lado destes, uma casa matriz do Candomblé Ketu no Brasil. Existe no Rio de Janeiro e em Salvador. É liderado atualmente por Mãe Stella de Oxóssi em Salvador e por Mãe Regina de Iemanjá no Rio. Página do Ilê Axé Opô Afonjá do Rio de Janeiro no Facebook: <<https://www.facebook.com/ileaxeopoafonja/?fref=ts>>. Acesso em: 14/5/2016.

Figura 52 – Mãe Márcia dança para Iroko em sua oficina no Seminário Fela Kutí



Fonte: Linha do Tempo de Mãe Márcia no Facebook e nota do fotodiário *online* de pesquisa

{Das memórias do Facebook e notas preliminares do I Seminário Internacional Fela Kutí da UERJ} Facebook anda saudoso de uns tempinhos pra cá e nos brinda diariamente com memórias de nossas linhas do tempo. Esse tempo, que não caminha em linha, promove encontros e os revivemos com a memória, atualizando-os. Hoje o Facebook me trouxe essas imagens e memórias. Há um ano, Mãe Márcia realizava oficina de Literatura Infantil Afro-Brasileira. Ela chegou com uma muda de Baobá, pedrinhas e contas em uma bela caixa, orixás feitos de bisqui nas oficinas realizadas no Projeto Matrizes Que Fazem. Ela chegou na companhia de Vitoria de Iemanjá e de Carlos André de Logunedé<sup>92</sup>. Foi assim que ressignificou a literatura infantil afro-brasileira: com oralidade, contas, baú de histórias, muda de árvore, artesanato, dores e alegrias de Vitoria e outras crianças do terreiro. Ao final, pediu que Carlos André procurasse em seu *iPod* a Avamunha de Iròkò. E encerrou a oficina assim, dançando para o Orixá-Árvore. Em seus movimentos, continuava contando histórias. Toque, dança e Orixá que contam histórias. Literatura viva, reinventada, recontada. O Seminário foi a realização de um sonho audacioso de Stela Guedes Caputo e celebrava o aniversário de Fela Kutí e as lutas dos povos negros e dos movimentos sociais. A programação, que ocupou uma semana inteira, de 13 a 17/10/2014, era variada, com oficinas pela manhã, debates e mesas de conversa à tarde, conferências à noite, além de programação cultural, conversas, lanches, tudo integrado. A ideia era levar para a universidade pessoas de referências e formações plurais, não necessariamente acadêmicas, mas muito valiosas, atuantes, férteis em suas lutas e em suas propostas. Nosso grupo de pesquisa mergulhou no planejamento e na

<sup>92</sup> Considerado Orixá *Kikan*, que significa jovem ou adolescente. Logunedé é o dono dos encantos, filho de Oxum e de Oxóssi, de quem herda muitos atributos como a beleza, a astúcia, a inteligência, a graça e os domínios dos rios e das matas. Parte do tempo está com sua mãe, pescando nos rios. A outra parte está nas matas com seu pai, caçando. É considerado o Orixá menino que velho respeita. Alguns autores e sacerdotes o consideram também o Orixá do inesperado. Foi coroado por Oyá, que lhe ensinou a lutar, como Príncipe dos Orixás. É amigo íntimo do Orixá feminino Yewá e os dois se complementam. Na complexa mitologia iorubana, há alguns registros orais que revelam passagens de Logunedé com Iroko, em que o Orixá-Árvore o guardava junto a si, lhe dando abrigo, em períodos difíceis, de recolhimento e de aprendizagens.

organização do evento. Aprendemos muito. Eu coordenava as oficinas da manhã, de uma diversidade encantadora, e me envolvia também com as demais atividades. Há muito a ser dito sobre o Seminário, que permanece vivo, por motivos diversos, nas memórias de muitas pessoas. Segundo o que afirmam alguns, o Seminário Fela Kuti ainda não acabou. Fato é que somos outros após o Seminário. Belos encontros foram promovidos. Mudanças no ProPEd/UERJ e um marco para o Ilê Obá Oyó. Quis compartilhar logo aqui em meu caderno de campo online a memória trazida pelo Facebook. Quanta coisa aconteceu de lá pra cá. Memórias que caminham com as pesquisas, minha, de Stela, de todo o grupo. Pesquisas-vida. Pesquisas-movimento. Nossa história compartilhada, preservando nossas singularidades. Mãe Márcia, um brinde pelo aniversário de um ano de sua oficina! As fotos, de Márcia Freitas, trazem também seu marido, Mogbá Taina, e meu sorriso cansado, grato e inteiro. Brinde à Stela pela ousadia sonhada e realizada! Dancemos todos ao som do Afrobeat de Fela! Dancemos à rebeldia de Fela e às transgressões daqueles e daquelas que escrevem a história dos movimentos sociais e das lutas dos negros e negras em nosso país! Dancemos todos ao toque da Avamunha de Iròkò, caminhante do mundo e companheiro dos caminhantes! Literatura inventada, lembrada, contada e atualizada na estrada, nas trilhas da floresta, nos caminhos estreitos dos rios, no volume imenso dos oceanos, nas travessias. Eu andei pelo mundo. Eu vi. Eu ouvi. Eu cheirei. Eu toquei. Eu provei. Eu contei a história dos povos negros e afrodescendentes. Eu voltei para casa e toquei o chão em reverência. Eu danço e balanço no ar meus galhos. Eu sou árvore e posso mudar de lugar. Eu sou árvore e posso caminhar. Minha raiz é a memória. Minhas raízes atravessaram oceanos e buscaram no sangue da gente negra derramado em seu novo solo forças para crescer. Raízes que beberam sangue e buscaram o frescor em lençóis d'água para recriar aqui memórias e tradições. É o que significa a Avamunha. Isso e muito mais. É o que Iròkò conta em sua dança. Eu navego nos rastros das redes sociais digitais e continuo produzindo narrativas. Eu ocupo os espaços, como a água. Quem sabe não seria isso o que Iròkò teria a nos dizer após um dedo de prosa com Oxum? Ao menos pode ser assim em nossa imaginação. Quando a escrita carece de som e ritmo para ser melhor escrita, reticências nos socorrem... Em meu texto de tese, dediquei um capítulo, ao menos uma seção, ao Seminário Fela Kuti, narrando como ele atuou como disparador, fazendo emergir muitas narrativas digitais antes, durante e após sua realização, além de fortalecer vínculos com alguns interlocutores da pesquisa. (nota da autora em fotodiário *online* de pesquisa no Facebook em 16/10/2015)

Figura 53 – Foto após a oficina de Mãe Márcia no Seminário Fela Kuti



Fonte: Foto do álbum de Márcia Freitas no Facebook e nota do fotodiário *online* de pesquisa

Figura 54 – Público, com membros do terreiro, como Carlos André e Vitoria, na foto com Ade



Fonte: fotos da autora

Adelaine ofereceu uma oficina de tranças-afro para os participantes do Seminário na Faculdade de Educação, menos de dois anos após ter feito a foto de seus passos, quando vivenciou a discriminação religiosa em seu curso de graduação, também dentro de uma Faculdade de Educação. Muitas narrativas foram produzidas por ambas e por outros membros do terreiro e amigos presentes nas oficinas.

Figura 55 – Ade em sua oficina no Seminário Fela Kuti



Fonte: foto da autora

Pode-se afirmar que o Seminário Internacional Fela Kuti da UERJ, em suas oficinas e em seu conjunto de conferências e atividades, foi concebido e se realizou com base na proposta de um encontro que viabilizasse o trânsito dos mais plurais saberes e conhecimentos, como em um currículo em ato, como propõe Macedo (2014). Com Macedo e Guerra (2014), é possível refletir que o Seminário também se inseriu no movimento em busca de se oferecer aprendizagens em espaços onde se elege um conhecimento como formativo.



Um currículo em ato, como propõe Macedo inspirado em Bakhtin (2011; 2013), onde o sujeito é convocado a compreender a experiência formativa em ato situado e avaliativo, sempre em relação e submetido ao contexto sócio-histórico cultural. Assim, aprender um determinado tipo de conhecimento e de atividade se apresenta e se organiza como relevante em termos de aprendizado e formação. Ou seja, é aprender em espaços onde se elege um conhecimento como formativo. Quem elege e para quê? Essa é uma pergunta crucial no campo das reflexões e explicitações sociocurriculares e formativas, porque envolve construção de poder. (MACEDO; GUERRA, 2014, p. 5)

No caso do Seminário Fela Kuti, o eixo foi a reflexão sobre a África que incomoda, expressão que estava no título do evento e que traduz o complexo conjunto de influências negras e afrodescendentes em nossa história e em nossa cultura, muitas vezes discriminado e invisibilizado, porém forte e presente. À África que incomoda estão igualmente associados os movimentos sociais, seus dilemas, desafios, pautas variadas e conquistas. Stela Guedes Caputo e nosso grupo de pesquisa perceberam que era preciso formar-se, educar-se com a África ou as Áfricas que reivindicam sua presença e relevância, em diferentes expressões. O processo foi muito importante para mim, tanto em minha articulação com o projeto institucional do grupo e as pautas e linhas de pesquisa que lhe são caras, quanto na conexão com alguns sujeitos da minha pesquisa, o que permitiu também acionar novos dispositivos e diálogos.

Pouco após o Seminário, outra narrativa de autoria de Ade, publicada por ela no Facebook no dia 26/10/2015, chamou-me muito a atenção.

Figura 56 – Narrativa publicada por Ade após sua oficina de tranças-afro



Fonte: linha do tempo de Ade no Facebook

Sua narrativa inclui a seguinte frase, acompanhada de algumas *hashtags*, que são marcações com palavras-chave ou termos associados a uma informação ou discussão que se

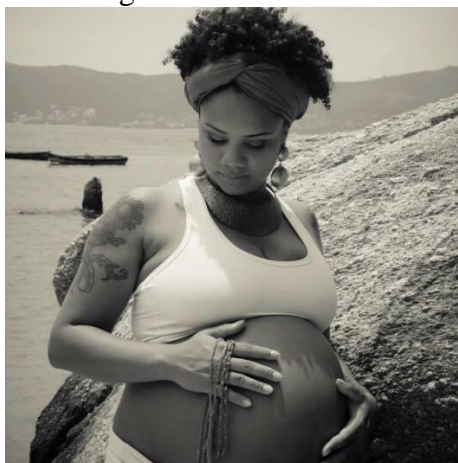
queira indexar de forma explícita em redes sociais digitais como o Facebook e que se transformam em *hiperlinks* dentro da rede: “Aprendi com ela. Ainda que bem pequena, de tanto ver minha mãe trançando a cabeça das clientes nos finais de semana para nos educar, acabei aprendendo. #donsherdados #exemplodemulher #fazfalta #mevejonela”.

A narrativa digital de Ade inclui a composição de duas fotos, uma delas na oficina de tranças-afro no Seminário Fela Kutí. A outra foto é de sua mãe, que faleceu quando Ade ainda era criança, em seu trabalho como cabeleireira. Além das imagens, a narrativa inclui o texto de Ade. Com sua narrativa digital, ela recriou um mundo, reinventando-se livremente, conectando seu passado ao seu presente e ao seu futuro, apresentando-se, atribuindo novos sentidos aos passos de seu caminho, relacionando-se com sua rede e com sua própria história.

Acompanhando os rastros digitais de Ade e Mãe Márcia e também por meio de interações com elas, em conversas e entrevistas *online* e presenciais, foi possível mapear seus interesses ao longo de seus percursos, bem como suas implicações no contexto da própria religião, em seus posicionamentos sociopolíticos e seus impactos dentro e fora dos terreiros, em que ambas continuam atuando lado a lado, em um fluxo de aprender e ensinar.

De resistências, pedra, água, vento e *Alujá* foram feitos os percursos formativos de Ade Neves e Márcia D. Pereira, Mãe Márcia d’Oxum. Suas vidas, suas danças, seus interesses, seus saberes, suas competências, suas histórias, suas narrativas digitais se ligaram ao meu caminho e fazem parte desta pesquisa. Com elas também me formo e aprendo. No fluxo da pesquisa-rio, em que narrativas digitais continuam sendo geradas cotidianamente, encontrei esta fotografia de Ade publicada em seu perfil pessoal no Facebook, em dezembro de 2015. Com ela, encerro o capítulo.

Figura 57 – Foto de Ade esperando Victor Hugo



Fonte: Linha do tempo de Ade no Facebook em 15/12/2015

### 3 O PRESENTE DE IEMANJÁ DE SÃO GONÇALO: ILÈ OMIDAYÈ, MAR, CIDADE E FACEBOOK EM NOVAS REDES

Sei que muitos não sabem da minha religião. Não pq tenho vergonha, mas sim pq muitos nunca me perguntaram. Venho aqui pra dizer que sofri preconceito religioso e sei que a pessoa que fez isso vai ver e quero dizer a ela que não tô postando isso como indireta, mas sim pq acho uma falta de vergonha a gente estar no século 21 e ainda ter preconceito religioso. Muitas pessoas hoje não falam mais comigo por causa da minha religião, mas nada disso me atinge ou atinge minha fé. Amo minha religião, tenho orgulho de ser filha de santo de Mãe Marcia D'Oxum, tenho orgulho de ser de um axé lindo e maravilhoso como o meu e nada e ninguém vai me fazer perder esse amor por essa religião. Tenho muita fé em Deus como tenho muita fé nos meus orixás. Ninguém vai mudar isso.

*Vitoria Dias, estudante, Fomo de Iemanjá e interlocutora da presente pesquisa*

Figura 58 – *Selfie* de Vitoria



Fonte: Linha do tempo de Vitoria no Facebook em 19/10/2015



A narrativa digital, com texto e *selfie*<sup>93</sup>, é de Vitoria Dias<sup>94</sup> e foi postada por ela, de forma pública, em sua linha do tempo no Facebook no dia 19 de outubro de 2015. A publicação de Vitoria recebeu 130 curtidas, 25 comentários e quatro compartilhamentos. Entre os compartilhamentos, está o de Mãe Márcia, com uma mensagem de amor a sua filha de santo, “Cachinhos”, como carinhosamente chama Vitoria. Entre os comentários, todos com demonstrações de apoio e afeto de seus amigos do Facebook, adeptos do Candomblé e de outras religiões, está o de Wellington Rodrigues, seu irmão de barco, o que significa que foram iniciados juntos no Candomblé:

Tenho orgulho de lhe ter em meu barco. Em pleno século 21 passamos por preconceitos idiotas como a perseguição de nossa religião, que amo e sempre vou amar, carrego no peito o orgulho de ser CANDOMBLECISTA e mais orgulho ainda de ter os orixás em minha vida. Fomo, estamos juntos hoje e sempre, fomos ligados quando nos geraram pro mundo novamente. Te amo maninha! (Wellington Rodrigues, estudante, supervisor de vendas, Dofono de Oxóssi)

Concordo com Macedo e Ribes (2014) que a existência em rede pressupõe a existência do outro. As autoras, ao analisar como as crianças criam suas redes de contatos no Facebook e ao problematizar a noção de amizade nas redes sociais *online*, contribuem para a minha compreensão da narrativa de Vitoria quando constatarem que:

As redes sociais online são, portanto, uma grande arena de encontro, de diálogo e de produção de sentidos. Assim, toda interação verbal online pode ser caracterizada pela troca de enunciados, entendidos como elaborações da língua no intuito de comunicar e se dirigir ao outro. Uma postagem no Facebook, por exemplo, é sempre intencionalmente para alguém, ainda que possa parecer uma mensagem enigmática ou apenas um desabafo pessoal. Se há fala, há enunciação, há a intenção de diálogo (...)” (MACEDO, RIBES, 2014, p. 153)

O *post* de Vitoria possui intencionalidade e o desejo do diálogo. Ela mesma avisa não se tratar de uma indireta. Por isso, o escolhi para abrir este capítulo, para que ela nos leve em um novo mergulho, com alguns de seus rastros de oceano no Facebook, e nos inspire a dialogar com um relevante evento-dispositivo acionado na pesquisa, o Presente de Iemanjá de São Gonçalo.

<sup>93</sup> Uma *selfie* é uma fotografia, geralmente digital, que as pessoas fazem de si mesmas. A publicação de *selfies* tornou-se prática recorrente de muitos usuários do Facebook e de outras redes sociais digitais.

<sup>94</sup> Perfil de Vitoria Dias no Facebook: <<https://www.facebook.com/vitoria.dias.5836711?fref=ts>> . Acesso em: 22/12/2017. Vitoria apresentava em 22/12/2017 1.384 amigos em sua rede de contatos no Facebook.

Vitoria é filha de Iemanjá, a mãe cujos filhos são peixes (*Yèyé omo ejá*, em *yorubá*), o que igualmente motivou a escolha da sua narrativa para abrir este capítulo. Iemanjá é a grande mãe reconhecida pelo povo brasileiro como a mãe de quase todos os Orixás. Também conhecida como *Íyá Orí*, a Senhora da Cabeça, que concede o equilíbrio às pessoas<sup>95</sup>. Na mitologia *yorubá*, Iemanjá é filha de *Olokun*, divindade soberana dos mares. À fusão com os atributos de *Olokun*, cujo culto se perdeu ou praticamente se perdeu em nosso continente, é somada toda a história da dolorosa travessia pelo oceano dos povos negros escravizados para renascer, como filhos-peixes, no novo mundo. Possivelmente, por isso, muitos autores e sacerdotes atribuem o domínio dos mares à Iemanjá no Brasil com a diáspora africana. Originalmente, o elemento de Iemanjá é também a água doce dos rios. Ela é nascida do ventre do mar, de *Íyá Olokun*<sup>96</sup>, e volta ao seu colo em nossas águas. Água doce que se amplia, encontrando-se com o mar e a ele se misturando em nosso país. Filhos-peixes de rios e oceanos. Encontros e travessias.

Vitoria, que completou 15 anos de idade em novembro de 2017, foi iniciada aos nove por Mãe Márcia d'Oxum. Ela viveu a discriminação religiosa na escola após a iniciação, no período de preceito. Mãe Márcia e os membros do terreiro a acolheram e fizeram algumas mediações. Mãe Márcia foi à escola na oportunidade conversar com a diretora e a professora, divulgando também a Lei Federal nº 10.639/03, aprovada em março de 2003 e que torna obrigatório o ensino de História e Cultura Africana e Afro-Brasileira nas escolas de Ensino Fundamental e Médio.

Vitoria, sempre que possível, acompanha Mãe Márcia, seus irmãos e irmãs de santo às atividades e eventos fora do terreiro. Foi assim na oficina de Literatura Infantil Afro-Brasileira oferecida por Mãe Márcia no Seminário Internacional Fela Kuti da UERJ, em muitas atividades relacionadas ao Projeto Matrizes Que Fazem e no Presente de Iemanjá de São Gonçalo, evento-dispositivo que apresento por meio do diálogo com algumas narrativas digitais neste capítulo.

---

<sup>95</sup> Mãe Márcia d'Oxum, em seu livro "Candomblé: um culto à natureza", 2011.

<sup>96</sup> Embora alguns autores e sacerdotes se refiram à *Olokun* como uma divindade masculina, como o próprio Oceano, baseio-me aqui exclusivamente nas narrativas de Mãe Márcia e do segmento a que ela está vinculada no escopo dos Candomblés da Nação Ketu em nosso país, o Terreiro do Gantois. Para Mãe Márcia e também de acordo com as tradições difundidas no Gantois, *Íyá Olokun* é uma divindade feminina, que é representada por uma sereia de duas caudas, sendo considerada a mãe de Iemanjá, e não o seu pai. A mesma divindade é considerada também mãe de Oxum. Em Pessoa de Barros (2009) encontramos a seguinte definição de *Olokun*: "Nos mitos iorubás, Olokum é uma deusa do mar, esposa de Odudua. Uma versão masculina também é conhecida onde este orixá aparece como protetor dos que vivem no mar. Não possui culto especial no Brasil embora os cânticos e os mitos ainda celebrem sua memória" (p. 239).

Para apresentar o Presente de Iemanjá de São Gonçalo, evento que teve sua primeira edição em 2010, é preciso retornar ao percurso de sua idealizadora e organizadora, Márcia Dória Pereira, Mãe Márcia d'Oxum. A implicação de Mãe Márcia com o seu município, São Gonçalo, e com as questões relacionadas à cultura negra e de matrizes africanas como um todo, assim como suas atividades como sacerdotisa e líder do Candomblé, são compatíveis com sua itinerância na cena cultural, em sua comunidade local e também para além dela.

Na fase em que eu elaborava o projeto de pesquisa com o qual fui aprovada para o Doutorado no ProPEd-UERJ, localizei no YouTube um vídeo de Mãe Márcia gravado em 31 de dezembro de 2012 e publicado em 07 de janeiro de 2013. O vídeo intitula-se “Mãe Márcia d'Oxum – Cultura Afro-Brasileira”<sup>97</sup>. Nele, Mãe Márcia se apresenta e conta como o dia 31 de dezembro é tradicionalmente associado à Iemanjá na orla brasileira, sobretudo no Rio de Janeiro, na Praia de Copacabana. Nessa data, adeptos das religiões de matriz africana, especificamente do Candomblé e da Umbanda, fazem seus ritos e homenagens à Iemanjá, levando flores e presentes para as praias. A prática, iniciada há muitos anos e inicialmente restrita aos adeptos dessas religiões, se espalhou e passou a envolver muitas outras pessoas, não necessariamente religiosas, mas simpáticas em relação a esse tipo de manifestação cultural.

Além do dia 31 de dezembro, sobretudo no contexto da cidade do Rio de Janeiro, em nível nacional a data vinculada à Iemanjá em muitas regiões é o dia 02 de fevereiro, dia consagrado a Nossa Senhora dos Navegantes no calendário católico. Ela é a santa católica associada, por sincretismo, à Iemanjá. A festa de Nossa Senhora dos Navegantes é tradicional em Salvador e reúne católicos, candomblecistas, umbandistas e muitas pessoas, independentemente de crença religiosa.

Em seu vídeo, Mãe Márcia chama a atenção para o legado cultural de manifestações que foram incorporadas aos cotidianos das cidades, tanto em 31 de dezembro, no Rio, especialmente, quanto em 02 de fevereiro, em outras regiões do país e também no Rio. Ela critica a mudança proposta pela Prefeitura do Rio de Janeiro para que os adeptos do Candomblé e da Umbanda passassem a fazer as suas homenagens à Iemanjá pouco antes do dia 31 de dezembro, nos dias 28 e 29. Essa medida, em seu entendimento e do qual compartilho, seria uma expressão de segregação e preconceito religioso. Até o dia 31 de dezembro, quando a Praia de Copacabana costuma receber milhares de turistas, haveria tempo de se higienizar, limpar os vestígios das homenagens na praia.

---

<sup>97</sup> O vídeo se encontra neste endereço: <<https://www.youtube.com/watch?v=JhXetJFyZUM>>. Acesso em: 18/02/2016.

A praia, como espaço público e plural, estaria, nesse entendimento e com essa iniciativa de mudança de data, sendo reservada a um determinado grupo de pessoas. A população adepta do Candomblé e da Umbanda, em grande parte pobre e negra, seria excluída desse espaço. Nas palavras de Mãe Márcia, a festa da passagem do ano em Copacabana se resumiria, com isso, a um “espetáculo de fogos de artifício”, em que hotéis lucrariam significativamente. Até mesmo a tradição da queima de fogos em Copacabana, pode ter sua origem vinculada às práticas religiosas de matriz africana, segundo ela. Portanto, a medida seria uma negação das manifestações e influências dessa cultura na formação do Brasil, representando uma expulsão, em suas palavras, de uma parcela da população. Para ela, o mar é “o berço e o cemitério dos nossos ancestrais” e deve ser respeitado em sua totalidade, contemplando as expressões culturais e representações as mais diversas na história do país.

O vídeo é uma narrativa digital importante e também aliada para contar a história do Presente de Iemanjá. Além dessa configuração relacionada às tentativas de se coibir ou restringir as práticas culturais e religiosas de origem afro-brasileira no dia 31 de dezembro, a população de São Gonçalo, em sua maioria negra, e também com presença de muitas casas e terreiros de Candomblé e Umbanda no município, encontra-se em uma região geográfica distante da Zona Sul e do Centro da cidade do Rio de Janeiro, áreas em que costumam ocorrer festividades e homenagens tanto em 31 de dezembro quanto em 02 de fevereiro.

São reportados muitos casos de violência e discriminação às religiões de matriz africana em São Gonçalo. De acordo com Mãe Márcia, que conversou comigo muitas vezes em relação ao Presente de Iemanjá, a população de adeptos da religião evangélica neopentecostal cresce significativamente no município e algumas gestões políticas passadas eram comprometidas com esse público, desrespeitando princípios de laicidade. As casas e terreiros de Candomblé e de Umbanda, por exemplo, são, segundo ela, subnotificados na região ou invisibilizados em estatísticas e mapeamentos realizados. O Presente de Iemanjá de São Gonçalo, realizado na Praia das Pedrinhas desde a sua primeira edição, foi também idealizado como estratégia e ato político para dar visibilidade aos adeptos de religiões de matriz africana do município, resgatar a história negra e de matriz africana da região e difundir a manifestação cultural entre a população local, de forma a levar o conhecimento e, com isso, reduzir o preconceito.

Para Mãe Márcia, é importante que o evento seja atrativo e atraente para os não adeptos das religiões de matriz africana. Por isso, costuma incluir em sua programação outras atividades culturais, como apresentações de dança e *shows*. É preciso também que a proposta

do evento seja convidativa, desde a fase de planejamento e organização, para lideranças e membros dos mais diversos segmentos do Candomblé e da Umbanda. Organizar e realizar um evento público por meio de um trabalho colaborativo com pessoas tão diferentes entre si, além do apoio da Secretaria de Cultura de São Gonçalo, se constitui como um dos maiores desafios do Presente, forma abreviada pela qual passarei a me referir ao Presente de Iemanjá de São Gonçalo algumas vezes em meu texto.

A primeira edição do Presente ocorreu em 2010. De lá pra cá, o Presente tem sido realizado anualmente, no segundo domingo de fevereiro, exceto em 2016, em razão da data do Carnaval, quando foi realizado antecipadamente em 31 de janeiro, também um domingo. Mãe Márcia, que preside a Comissão Organizadora do Presente desde o início, define o Presente de Iemanjá de São Gonçalo como uma ação integrada de vários terreiros de matriz africana, que mistura um ritual religioso e uma ação cultural, feita com critérios ecológicos e sustentáveis como a utilização de materiais biodegradáveis e ecologicamente corretos. É, portanto, um desejo e um esforço da comissão organizadora, o trabalho de educação ambiental relacionado ao Presente.

Nesta pesquisa-rio, acompanhei as edições do Presente em 2015, 2016 e 2017. Estive pessoalmente nos três eventos e acompanhei suas ressonâncias no Facebook, antes e depois. No intervalo entre as três edições do Presente pude também acompanhar as mudanças realizadas em função das lições aprendidas pelos membros do terreiro pesquisado nas edições anteriores. Trarei nas seções seguintes cada uma das três edições, com minhas leituras, conversas e diálogos com os interlocutores da pesquisa e suas narrativas digitais no Facebook.

### 3.1 Presente de Iemanjá de 2015: o reconhecimento de um importante dispositivo da pesquisa e um projeto de lei

Figura 59 – Imagem da capa do evento público no Facebook para o Presente de Iemanjá de São Gonçalo de 2015



Fonte: Linha do tempo de Mãe Márcia no Facebook

A sexta edição do Presente de Iemanjá aconteceu em 08 de fevereiro de 2015 e contou com a participação de outros terreiros de Candomblé e de Umbanda de São Gonçalo. A divulgação do Presente foi feita no Facebook por meio da criação de um evento e da publicação de convites e mensagens, amplamente compartilhados por membros dos terreiros e das casas participantes e por amigos das redes de todos os integrantes da comissão organizadora.

Fui convidada diretamente por Mãe Márcia e por Adelaine. Antes da minha participação em 2015, não possuía, ainda, informações mais profundas sobre o histórico do Presente e sobre seu processo de organização. Tinha acessado informações e visto álbuns nos perfis de Mãe Márcia e na página do Projeto Matrizes Que Fazem no Facebook, bem como na *homepage* do Matrizes, agora desativada.

Figura 60 – Ensaio no *Ilê Omidayè* para o Presente de Iemanjá de São Gonçalo em 02/2/2015



Fonte: foto da autora

Poucos dias antes do evento, Mãe Márcia me contou brevemente sobre alguns desafios encontrados na organização coletiva do Presente em seu percurso histórico, narrando como às vezes lhe parecia difícil lidar com diferenças de expectativas e desejos em relação ao evento, assim como poder contar, efetivamente, com o maior número de casas e terreiros nos cotidianos dessa organização, em reuniões e atividades que eram realizadas. Muitas vezes, Mãe Márcia e os membros do seu terreiro assumiam um grande volume de atribuições e responsabilidades. Ela me falou que, ainda assim, um dos objetivos que perseguia era promover o encontro entre casas e terreiros tão diferentes entre si e exercitar entre eles o fazer colaborativo e o sentimento da coletividade. Ela afirmou que não queria o Presente para ela,

mas para cada um dos participantes da comissão organizadora, para a população de São Gonçalo e, acima de tudo, para Iemanjá, por meio de uma expressão da resistência e da vitalidade da cultura afro-brasileira.

Figura 61 – Mãe Márcia e Vitoria no ensaio no *Ilê Omidayê* para o Presente de Iemanjá em 02/2/2015



Fonte: foto da autora

Como fui igualmente convidada por Mãe Márcia para ir ao terreiro poucos dias antes do Presente para a celebração de seu *Odun*, como se chama a data de nascimento do candomblecista para Orixá, seu aniversário de iniciação, exatamente em 02 de fevereiro, pude conversar um pouco mais com ela e acompanhar ensaios dos membros do terreiro para algumas apresentações de dança. Fiz algumas fotos desses momentos de ensaio, editando-as depois com alguns aplicativos e filtros, e as compartilhando posteriormente com Mãe Márcia no Facebook, de forma privada, *inbox*.

Por sinal, esta é a forma, *inbox*, com que compartilho, em geral, minhas fotos com Mãe Márcia e outros membros do terreiro. Geralmente, eles próprios me pedem o envio das imagens. Envio e aguardo a decisão de cada um sobre o destino da imagem, se será publicada por ele ou ela no Facebook ou não. Essa decisão não é minha, exceto quando alguém me pede diretamente que eu poste a foto em sua linha do tempo, o que já ocorreu algumas poucas

vezes, mas procuro evitar essa prática. Mãe Márcia sempre publica as fotos que eu e outras pessoas enviamos e foi assim com as fotos do dia 02 de fevereiro de 2015.

É na companhia de Bruno (2013) sobre o novo contexto de divulgação pessoal e compartilhamento da informação com as novas mídias (p. 66) que reflito sobre as fronteiras entre o público e o privado, notadamente em ambientes comunicacionais caracterizados pela exposição do eu. Refiro-me à decisão dos interlocutores da pesquisa de publicarem no Facebook as fotos que lhes envio de forma privada e, mais ainda, a todas as narrativas digitais por eles produzidas, publicadas e compartilhadas.

Bruno (2013) encontra nas palavras de Octavio Paz a epígrafe de seu capítulo acerca das tecnologias de comunicação e topologias da exterioridade. Ele também me inspira e o trago para cá: “Três momentos do Ocidente: sob o Antigo Regime, a vida privada vivida como uma cerimônia; no século XIX, como um romance secreto; no século XX, a vida privada vivida em público” (Octavio Paz, in BRUNO, 2013, p. 66).

Subjetividade e dispositivos de visibilidade são indissociáveis. Ao dialogar com Foucault, Bruno (2013) identifica um movimento na análise do autor que encontra continuidade hoje: “a incidência do foco de visibilidade sobre o indivíduo comum” (p. 58). Foucault propunha que a sociedade não é aquela do espetáculo, mas sim, a da vigilância. Entretanto, o que Bruno (2013) alerta, recorrendo a Crary (1994), é que notamos também, na contemporaneidade, uma renovação de regimes de visibilidade atrelados ao espetáculo.

Com a lembrança dessas reflexões, meu intuito aqui não é o de inferir que a exposição de fotos e narrativas diversas no Facebook pelos interlocutores da pesquisa seja mera espetacularização. Detenho-me no deslocamento do foco da visibilidade, que tanto desperta o interesse de Bruno (2013) e igualmente o meu: “aquele em que o foco privilegiado de visibilidade volta a ser o indivíduo e sua vida comum, agora não mais no âmbito da máquina disciplinar, mas sim das tecnologias comunicacionais” (p. 58).

Os interlocutores da pesquisa possuem autonomia em suas decisões relativas à exposição de si e, dessa forma, fundamento minha escolha em lhes enviar de forma privada as fotos que faço quando estou presencialmente em campo, muitas vezes por solicitação deles. São eles que desenvolvem suas próprias táticas de ver e ser visto (BRUNO, 2013) e é com a complexidade dessas narrativas e subjetividades que tento aprender e dialogar.

Com essas inspirações, continuei navegando no Facebook e na pesquisa-rio, que se ampliou como pesquisa-mar com o Presente de Iemanjá. O que é exposto, publicizado, é necessariamente superficial e apenas “de fora”? Todas essas noções são relativizadas,



questionadas, atualizadas e às vezes até superadas com a perspectiva da pesquisa com os cotidianos. Trago para cá mais uma narrativa poética presente no texto de Bruno (2013) antes de retomar minha etnografia dialogada com meus interlocutores da pesquisa na Praia das Pedrinhas e no Facebook:

É que o mundo de fora também tem o seu ‘dentro’, daí a pergunta, daí os equívocos. O mundo de fora também é íntimo. Quem o trata com cerimônia e não o mistura a si mesmo não o vive e é quem realmente o considera ‘estranho’ e ‘de fora’. A palavra ‘dicotomia’ é uma das mais secas no dicionário.  
(Clarice Lispector, in BRUNO, 2013, p. 56)

Foi durante aquele dia 02 de fevereiro, dia em que se costuma festejar Iemanjá no Brasil e dia de seu *Odun*, que ouvi Mãe Márcia repetir que era importante envolver também pessoas que não eram adeptas das religiões de matriz africana durante o Presente. Pensando nisso, havia sido escolhida uma canção de Carlinhos Brown, gravada pela cantora Ivete Sangalo<sup>98</sup>, para uma das coreografias, para abraçar e incluir a todos e todas, tentando-se minimizar reações de resistência e rejeição. A letra fala do Candomblé, mas, por sua popularidade, poderia ser acompanhada por qualquer pessoa, de qualquer crença religiosa ou sem alguma crença religiosa. A foto a seguir foi feita por mim ao final dos ensaios, atendendo ao pedido dos membros do terreiro pesquisado.

Figura 62 – Mãe Márcia e membros do *Ilê Omidayê* reunidos após o ensaio para o Presente de Iemanjá de São Gonçalo em 02/2/2015



Fonte: foto da autora

<sup>98</sup> Letra e vídeo da canção “Muito Obrigado, Axé”, também conhecida como “Axé Odô” em <<https://www.vagalume.com.br/ivete-sangalo/muito-obrigado-axe.html>>. Acesso em: 03/5/2016.

Fui ao evento do dia 08 de fevereiro na companhia de minha mãe, Valda, e de Stela Guedes Caputo, minha orientadora no Doutorado. Levei um caderno menorzinho, se fosse preciso, e meus dispositivos móveis, *tablet e smartphone*, para fotos e anotações. Estar em campo com minha orientadora se mostrou uma oportunidade de conversar, uma vez mais, sobre nossas pesquisas, e também de acompanhá-la enquanto fotografava e de compartilhar as imagens que produzíamos, discutindo sobre e com elas.

As fotografias de Stela, assim como as minhas e as de outras pessoas presentes no Sexto Presente de Iemanjá de São Gonçalo, circularam abundantemente no Facebook após a realização do evento. Em algumas fotos que fiz, entre elas, esta a seguir em que ela está com Mãe Márcia e Dorian de Oyá, membro de outro terreiro de São Gonçalo e que integra a comissão organizadora, capturei momentos em que Stela interage com interlocutores da minha pesquisa que se desenvolveu com sua orientação.

Figura 63 – Mãe Márcia, Stela e Dorian no Sexto Presente de Iemanjá de São Gonçalo, em 08 de fevereiro de 2015



Fonte: foto da autora

Foi logo no início da manhã do dia 08 de fevereiro de 2015, assim que cheguei à Praia das Pedrinhas, que Mãe Márcia mencionou ter tido uma ideia para divulgar a petição para aprovar o projeto de lei que havia elaborado, PL 7447, que estabelece diretrizes e objetivos para as políticas públicas de desenvolvimento sustentável dos povos tradicionais. Foi proposta uma petição *online*<sup>99</sup>, amplamente divulgada na página do Facebook<sup>100</sup> criada para essa finalidade e cuja imagem de capa encontra-se a seguir:

---

<sup>99</sup> Disponível em

Figura 64 – Capa da página “Petição Para Aprovar PL 7447 - Povos Tradicionais” no Facebook



Fonte: <https://www.facebook.com/PeticaoParaAprovarPI7447PovosTradicionais>

Mãe Márcia propôs que eu fotografasse as pessoas segurando uma placa para que mais candomblecistas pudessem conhecer e se sentissem interessados em compreender o projeto de lei, podendo desejar compartilhar as imagens nas redes sociais, fortalecendo, assim, a campanha para assinatura da petição *online*. Comecei fotografando a própria Mãe Márcia e seus filhos de santo e amigos. Logo em seguida, candomblecistas de outros terreiros manifestaram interesse em saber do que se tratava e quiseram participar sendo igualmente fotografados. Alguns deles fizeram suas próprias imagens. A seguir, alguns exemplos:

Figura 65– Fotos de Mãe Márcia e com seus amigos Ìyá Marcinha e seu marido, Mogbá Tainã para divulgar PL 7447



Fonte: fotos da autora

<[https://secure.avaaz.org/po/petition/Aprovar\\_PL\\_7447\\_Estabece\\_diretrizes\\_e\\_objetivos\\_para\\_as\\_politicas\\_publicas\\_de\\_desenvolvimento\\_sustentavel\\_dos\\_povos/?sdNbjb](https://secure.avaaz.org/po/petition/Aprovar_PL_7447_Estabece_diretrizes_e_objetivos_para_as_politicas_publicas_de_desenvolvimento_sustentavel_dos_povos/?sdNbjb)>. Acesso em: 18/4/2015.

<sup>100</sup> Disponível em <<https://www.facebook.com/PeticaoParaAprovarPI7447PovosTradicionais>>. Acesso em: 18/4/2015.

Figura 66 – Foto de filhos de santo e amigos de Mãe Márcia para divulgar PL 7447



Fonte: foto da autora

Algumas pessoas demonstraram muita alegria em ser fotografadas e afirmaram que postariam imediatamente as imagens no Facebook. Pude observar nos dias seguintes o volume dessas publicações e compartilhamentos.

O objetivo de Mãe Márcia era dar visibilidade à petição *online* e promover o maior número possível de compartilhamentos. As imagens produzidas naquele domingo de fevereiro se multiplicaram no Facebook e, além de reverenciar Iemanjá e difundir a cultura afro-brasileira, foi possível observar na Praia das Pedrinhas e no ciberespaço caminhos e formas por meio dos quais os candomblecistas se mobilizam e podem ocupar o espaço público e as redes sociais.

Mãe Márcia sugeriu que eu também fosse fotografada, o que aceitei por acreditar na relevância da campanha. Minha mãe e também Stela me fotografaram com o meu *tablet*.



Figura 67 – Divulgando PL 7447 no Sexto Presente de Iemanjá



Fonte: linha do tempo da autora no Facebook. Foto: Valda Pereira

Publiquei a foto no Facebook com a seguinte mensagem:

Eu já assinei. E você? #PL7447

Link para a petição online:

[https://secure.avaaz.org/po/petition/Aprovar\\_PL\\_7447\\_Estabelece\\_diretrizes\\_e\\_objetivos\\_para\\_as\\_politicas\\_publicas\\_de\\_desenvolvimento\\_sustentavel\\_dos\\_povos/?sdNbajb](https://secure.avaaz.org/po/petition/Aprovar_PL_7447_Estabelece_diretrizes_e_objetivos_para_as_politicas_publicas_de_desenvolvimento_sustentavel_dos_povos/?sdNbajb)

PL 7447 - estabelece diretrizes e objetivos para as políticas públicas de desenvolvimento sustentável dos povos tradicionais.  
<https://www.facebook.com/PeticaoParaAprovarPI7447PovosTradicionais> (Post em minha linha do tempo em 17/2/2015)

Souty (2011), ao refletir sobre a fotografia como instrumento da pesquisa documental e etnográfica de Pierre Verger, assume que esta foi um precioso diário visual para o etnógrafo e etnólogo. As fotografias eram consideradas um caderno de anotações visuais em sua pesquisa (p. 105). Trazendo para o contexto da minha pesquisa e para a relação com meus interlocutores, as fotografias também representam anotações de campo, mas sempre senti a necessidade de compor minhas notas com textos, reflexões, sentimentos associados às imagens, meus e dos sujeitos da pesquisa. Além disso, essas notas se ampliavam mais ainda ao encontrar as narrativas dos interlocutores acerca das fotografias, tanto pessoalmente, quanto no Facebook. Ver fotografias feitas por mim e por eles próprios circulando no Facebook imprimia outra dinâmica a essas anotações visuais, que possuem vida própria e significados para essas pessoas, pois contam suas histórias.

Tem sido possível, ao longo da pesquisa, anotar o campo com as fotografias, mas também tomar notas emprestadas dos interlocutores por meio das fotografias e demais narrativas digitais produzidas por eles. Ver minhas próprias fotografias em campo também tem me causado alegria, estranhamento, às vezes, e algumas questões de pesquisa. Além do sentimento de tornar-me membro (COULON, 1995), percebo-me implicada com a pesquisa, em mergulho, imersa no campo. Com a perspectiva da pesquisa com os cotidianos, sinto-me à vontade e aprendo muito também, formando-me como pesquisadora, quando me vejo nessas narrativas digitais e lembro-me, mais uma vez, da importância de “olhar nos olhos” dos nossos sujeitos de pesquisa e também de nos ver mergulhados no campo, como nos ensina Nilda Alves (2015):

Não faço isso por vaidade ou soberba, mas porque considero que essa é a trajetória necessária ao processo de pesquisa nos/dos/com os cotidianos: precisamos nos ver, como pesquisadores, mergulhados em nossos próprios cotidianos, nos quais abraçamos ferrenhamente algumas ideias que devemos, desconcertados, deixar para trás ou criticar com força mais adiante, pois a vida se impõe todas as vezes e assim deve ser, em especial nessas pesquisas. Todo esse processo nos mostra em permanente movimento e nos indica que somos e pensamos diferente daquilo que pensávamos algum tempo antes. (ALVES, 2015, p. 154)

Além de anotar o campo, tenho me dedicado a dialogar com essas fotografias, de autores diversos, e que compõem narrativas digitais, aprendendo com elas, empreendendo esforço para compreender a relação estabelecida com os interlocutores. As conversas e os diálogos também incluem ver a mim mesma no campo por meio de fotografias e narrativas, relacionando-me com os interlocutores da pesquisa. Por meio da fotografia, que faço com meus dispositivos móveis, tem sido também possível realizar uma observação participante, como analisa Souty (2011):

A longo prazo, o registro da imagem voltada para determinado tema possibilita uma verdadeira aprendizagem. Na pesquisa de campo, a prática fotográfica pode favorecer a observação participante e a integração do pesquisador na sociedade, sobretudo se o fotógrafo captar as imagens de maneira suave, não intrusiva e com respeito ao outro, como fazia Verger. (SOUTY, 2011, p. 105)

Por outro lado, a noção de observação participante pode ser ampliada, e muito, com o mergulho realizado na pesquisa com os cotidianos. Há também uma implicação com o objeto pesquisado e são desenvolvidas relações próximas, afetuosas e autênticas com os interlocutores da pesquisa, ainda que, em alguns momentos do percurso, isso se constitua em

estranhamento, em atos falhos, em equívocos, igualmente importantes para compreender o campo e o objeto, e em dilemas de pesquisa.

Figura 68 – Stela e eu em nossas pesquisas que se encontram no Sexto Presente de Iemanjá



Fonte: Foto: Vilde Dorian, publicada por ele no Facebook

Outro aspecto relevante em minha experiência no Sexto Presente de Iemanjá de São Gonçalo foi acompanhar Stela fotografando, com outras perspectivas e em linha com o contexto de sua pesquisa de mais de 20 anos. Com as fotografias, Stela se relacionava com as pessoas, sobretudo com as crianças, que ocupam centralidade em sua pesquisa. Ao observar Stela em campo, acompanho Souty (2011) em sua consideração de que “a identificação com o fotógrafo é mais imediata que com o pesquisador que, sozinho em seu canto, toma nota de coisas aparentemente incompreensíveis” (p. 106). Entretanto, sabemos que há muitas maneiras de se fazer pesquisa, sem que se precise ficar “sozinho em seu canto”.

A foto que fiz de Stela com as crianças ao seu redor, interessadas em sua câmera digital, tornou-se uma de nossas preferidas e conversamos muito sobre e com ela. A foto circulou no Facebook e ocupou, além das nossas, as linhas do tempo de muitos interlocutores da pesquisa. Em um de seus artigos sobre fotografia e pesquisa, Caputo (2001), como me refiro a Stela autora, comenta a importância da surpresa que o real nos prepara. Para não cristalizar o olhar, o pesquisador-fotógrafo deve constantemente questionar suas práticas diante do objeto e dos sujeitos da pesquisa, jamais deixando de concebê-los relacionamente.

Figura 69 – Stela com as crianças e sua câmera no Sexto Presente de Iemanjá de São Gonçalo



Fonte: foto da autora

Campo, objeto, sujeitos estão em movimento, assim como nós mesmos, e precisamos vê-los, repará-los, percebê-los e, acrescento, senti-los, ouvi-los, nos relacionarmos com eles com os nossos sentidos. Esse mergulho no campo com todos os sentidos é identificado por Alves (2015) como o movimento chamado “o sentimento do mundo”, nome inspirado no poeta Carlos Drummond de Andrade. Esse é o primeiro dos movimentos que caracterizam processos necessários para o desenvolvimento das pesquisas com os cotidianos e que propõe a discussão do modo dominante de “ver” o que se convencionou chamar de “realidade”, próprio da ciência moderna, e a superação da perspectiva exclusiva e restritiva do olhar. “É preciso estranhar o campo” é o que nos diz Stela em nosso grupo de pesquisa, sobretudo quando pesquisamos terreiros, nos livrando do “olhar acostumado”. Esse “estranhar” é estar aberto e atento às surpresas e ao que o campo e os sujeitos nos ensinam. Às vezes, a surpresa e o estranhamento dos nossos sujeitos, bem como nossos lapsos e equívocos, nos ensinam muito também.

Os olhares e gestos das crianças em volta de Stela na foto renovam e ampliam perspectivas, com sons e cheiros de oceanos. Durante e após o evento, conversamos muito, Stela e eu, sobre os significados das imagens que produzimos e sobre os prazeres e desafios das nossas pesquisas. Na foto a seguir, por exemplo, capturei o encontro em forma de abraço



entre Stela e Ìyá Marcinha, que tanto integra a rede de amigos de Mãe Márcia e do terreiro *Ilè Omidayè*, quanto acompanha Stela no Facebook, sendo admiradora de sua pesquisa.

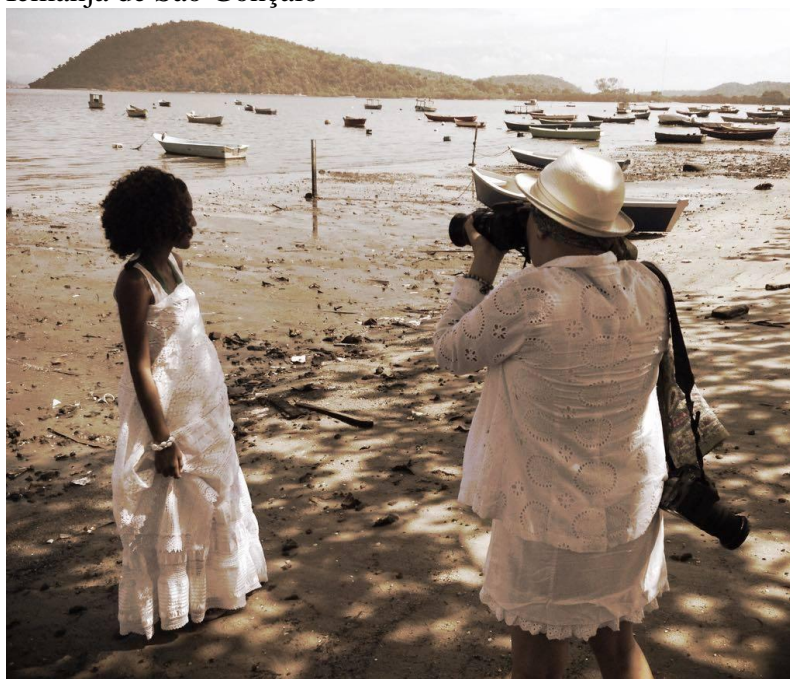
Figura 70 – Foto do abraço de Stela e Ìyá Marcinha no Sexto Presente de Iemanjá



Fonte: foto da autora

Observei atentamente Stela fotografando Vitoria Dias, com seus cabelos de ondas. Com minhas fotos, anotei o campo para aprofundar diálogos oportunamente.

Figura 71 – Stela fotografando Vitoria no Sexto Presente de Iemanjá de São Gonçalo



Fonte: foto da autora

As fotos feitas por Stela e também por mim foram publicadas por Vitoria no Facebook logo após o evento, pouco após solicitar a minha amizade e a de Stela na rede social na tarde daquele mesmo dia. São chamados de “amigos” no Facebook os nós que se interligam na conexão de elos bidirecionais, as “amizades”, em uma premissa de confirmação recíproca (MACEDO, RIBES, 2014). As autoras afirmam que as amizades nas redes sociais *online* podem ser compreendidas, sobretudo, em sua potência de autotransformação através do outro. Vitoria, após se tornar nossa amiga no Facebook e após nossas interações no Presente de Iemanjá, que continuaram *online*, publicou as fotos em que aparece com seus trajes e artefatos do Candomblé. Foi a primeira vez que expôs sua religiosidade no Facebook.

Figura 72 – Vitoria no Sexto Presente de Iemanjá de São Gonçalo



Fonte: Foto de Stela Guedes Caputo

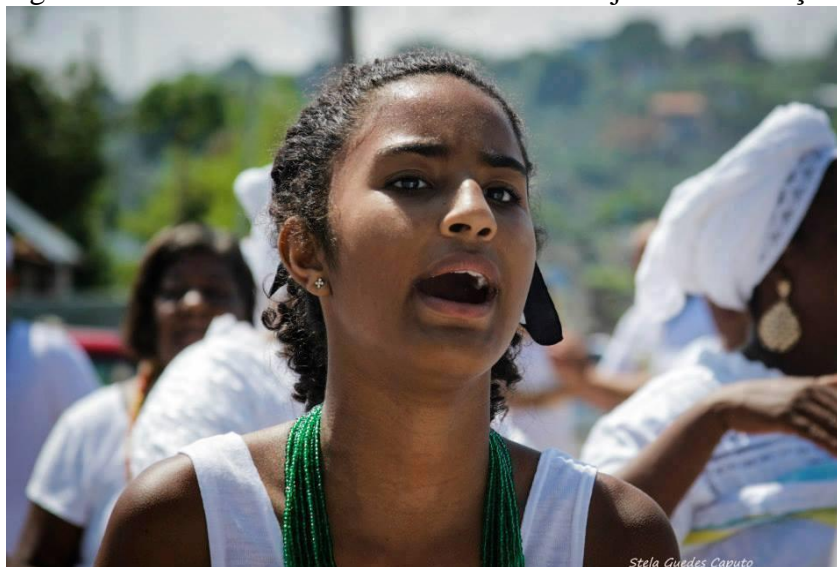
Embora minhas interações *online* com Vitoria tenham se caracterizado por curtidas e comunicações pontuais *inbox*, via *Messenger*, publicar as fotos que lhe enviamos a seu pedido comunicou algo importante sobre a sua vida que decidiu compartilhar pela primeira vez com sua rede de contatos no Facebook. Sua atitude de publicar as fotos me fez refletir sobre os possíveis sentidos dos vínculos de amizade no Facebook e as diversas formas de se relacionar e se comunicar com o outro.

Mais uma vez, Macedo e Ribes (2014) me auxiliam na reflexão ao afirmarem que “o exercício estético da amizade é, portanto, transformador e capaz de revigorar a capacidade de ação” (p. 163). As autoras também concluem que desejar ser um nó, que no contexto das redes sociais *online* significa ser um “amigo”, equivale a desejar o outro, “falar para ele e com

ele – seja com palavras, sons, imagens e cliques” (p. 152), o que explicitam da seguinte maneira:

Esta perspectiva encontra eco na concepção de linguagem de Mikhail Bakhtin, para quem a vida é dialógica por natureza (BAKHTIN, 2003). Esta aproximação filosófica convida a pensar a existência online, especialmente nas redes sociais, como um exercício de alteridade. Em essência, é sobre esta dimensão dialógica que se sustenta a noção de sociabilidade para além da capacidade e do desejo de estar junto, mas, sobretudo, como experiência mediada pela técnica e que está atrelada às novas formas de ser e de viver na cultura digital (MACEDO, RIBES, 2014, p. 152)

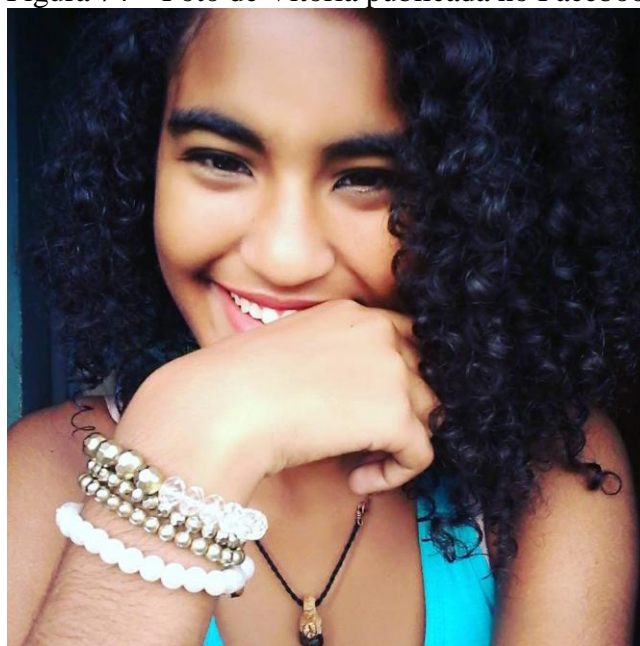
Figura 73 – Vitoria no Sexto Presente de Iemanjá de São Gonçalo



Fonte: Foto de Stela Guedes Caputo

Foi também pouco após o Presente de Iemanjá de 2015, que Vitoria acrescentou o nome “Cachinhos”, como Mãe Márcia a chama, carinhosamente, ao seu perfil no Facebook, em uma alusão aos seus cabelos cacheados de ondas. Seus cabelos tinham sido também alvo de críticas e muitas discriminações por parte de colegas da escola e contatos de sua rede no Facebook. Segundo Vitoria, houve sugestões insistentes e muitas “piadinhas” para que ela alisasse seus cabelos. Ela me contou que a maior parte das amigas na escola tinha alisado, mas que ela gostava muito de seus cachos, que na opinião de sua Mãe de Santo eram lindos. Desde 2015, Vitoria tem publicado muitas fotos no seu Facebook com textos fazendo referência aos seus cachos, como, por exemplo, uma narrativa de abril de 2016, com a foto a seguir e esta legenda: “Seus cachos de seda são borboletas douradas brincando na brisa ❤️”:

Figura 74 – Foto de Vitoria publicada no Facebook



Fonte: linha do tempo de Vitoria no Facebook. Foto de Brenno Santos

Na oportunidade do Sexto Presente de Iemanjá, foram realizadas apresentações culturais organizadas pelos terreiros participantes, bem como um xirê, que quer dizer roda na língua *yorubá* e representa no Candomblé um “conjunto de danças cerimoniais onde ocorrem distintos ritmos, cânticos e estilos coreográficos” (PESSOA DE BARROS, 2011, p. 240). Nessa roda são cantadas as cantigas do Candomblé para saudação e evocação das divindades, os Orixás. Mãe Márcia teve o cuidado de incluir no xirê algumas cantigas de outras Nações do Candomblé e também de Umbanda, para que todos e todas se sentissem contemplados. Para tanto, convidou membros dos diferentes terreiros e casas para entoar seus cânticos. As atividades tiveram início pela manhã e aconteceram ao longo do domingo ensolarado de fevereiro. As diversas imagens feitas com câmeras fotográficas e dispositivos móveis pelas pessoas presentes ocuparam o Facebook e circularam em abundância no próprio dia e nas semanas seguintes ao evento.

A seguir, selecionei algumas imagens feitas durante o xirê e as atividades culturais. Há algumas fotografias minhas e outras de diversos autores, como Stela, fotógrafos amigos do terreiro, membros e amigos do terreiro pesquisado, assim como membros e também amigos pertencentes aos demais terreiros que participaram do evento. Há também fotos feitas por Brenno Santos<sup>101</sup>, de quem me aproximei mais no Sexto Presente de Iemanjá e com quem

<sup>101</sup> Perfil de Brenno Santos no Facebook: <<https://www.facebook.com/bybrennosantos>>. Acesso em: 14/5/2016.



diálogo mais detidamente na seção seguinte, relativa ao Sétimo Presente, e nos capítulos seguintes da tese.

Figura 75 – Xirê no Sexto Presente de Iemanjá de São Gonçalo



Fonte: foto da autora

Figura 76 – Mãe Márcia durante o xirê no Sexto Presente de Iemanjá de São Gonçalo



Fonte: foto da autora

Figura 77 – Momentos do Sexto Presente de Iemanjá de São Gonçalo



Fonte: Foto de Stela Guedes Caputo publicada no Facebook

Figura 78 – Brenno Santos no Sexto Presente de Iemanjá de São Gonçalo



Fonte: Linha do tempo de Brenno no Facebook

Figura 79 – Apresentações artísticas e culturais no Sexto Presente de Iemanjá de São Gonçalo



Fonte: Página do Projeto Matrizes Que Fazem no Facebook



Brenno também aparece em uma das fotos com sua faixa de Mister Mesoamérica Brasil Universe<sup>102</sup> 2015, título conquistado em um concurso de beleza. Sua participação foi muito ativa durante o Presente, desde os preparativos e ensaios até o próprio dia, em que participou das apresentações culturais e de dança, além de fotografar o evento.

Outro ponto interessante se refere à participação de outros membros do terreiro pesquisado, além do Brenno e da Vitoria, ao longo da programação cultural e artística do dia. Alguns deles, como Danilo Dourado<sup>103</sup>, músico, cantor e compositor, e Romeu Silva<sup>104</sup>, músico, integrante da banda de forró “Seu Ivo”<sup>105</sup> e professor de História, formado pela UERJ/FFP, são artistas fortemente implicados com as ações sociais e culturais do terreiro e da comunidade de São Gonçalo. Danilo é iniciado para Oxaguiã, uma variedade jovem de Oxalá, e Romeu é *Ogan* da casa, cargo masculino na hierarquia do Candomblé que não tem a experiência do transe e que assume muitas responsabilidades, entre as quais, tocar os instrumentos sagrados do Candomblé, como os atabaques, instrumentos de percussão.

Figura 80 – Show de Danilo Dourado no Sexto Presente de Iemanjá de São Gonçalo



Fonte: foto de Laura Lima

<sup>102</sup> Página do Festival da Beleza Internacional Miss Mesoamérica Brasil Universe no Facebook: <<https://www.facebook.com/MesoamericaBrasilUniverse>>. Acesso em: 14/5/2016.

<sup>103</sup> Perfil de Danilo Dourado no Facebook: <<https://www.facebook.com/danilo.dourado.96?fref=ts>>. Acesso em: 14/5/2016.

<sup>104</sup> Perfil de Romeu Silva no Facebook: <<https://www.facebook.com/romeu.silva.501>>. Acesso em: 14/09/2017.

<sup>105</sup> Página da banda Seu Ivo no Facebook: <<https://www.facebook.com/BandaSeuIvo/timeline>>. Acesso em: 14/5/2016.

Figura 81 – Show da banda Seu Ivo (Romeu Silva à direita, cantando e tocando triângulo) no Sexto Presente de Iemanjá de São Gonçalo



Fonte: foto de Laura Lima

Figura 82 – Público no show da banda Seu Ivo no Sexto Presente de Iemanjá de São Gonçalo



Fonte: fotos de Laura Lima

Figura 83 – Apresentação cultural no Sexto Presente de Iemanjá de São Gonçalo



Fonte: foto de Laura Lima



Vivi, de modo ainda mais intenso, o que já havia experimentado logo após o evento de encerramento da turma do projeto Matrizes do Futuro e após as oficinas do Seminário Internacional Fela Kuti da UERJ: a encantadora e árdua tarefa de acompanhar as publicações e compartilhamentos de tantas fotografias e narrativas digitais no Facebook. O volume e a variedade de imagens e narrativas era ainda maior, possivelmente em função do número e da diversidade de participantes no Presente de Iemanjá. Rastrear todo esse material representou um desafio imenso. Eu diria até, num dado momento, impossível. Além dos perfis pessoais dos interlocutores da pesquisa, havia páginas específicas, como a do Matrizes Que Fazem, que apresentaram álbuns e *posts* relativos ao Presente. Além disso, alguns dias depois, vieram as matérias nos jornais e TVs locais, igualmente divulgadas no Facebook. Os comentários aos *posts* também mereciam atenção, incluindo muita demonstração de interesse, curiosidade e perguntas de amigos da rede dos interlocutores da pesquisa, que queriam saber do que se tratava, lamentando ter perdido o evento.

Eu me angustiei algumas vezes tentando dimensionar a riqueza da pesquisa que se desenvolvia, identificando a necessidade de um recorte, de fazer escolhas o tempo todo. Até mesmo agora, ao escrever e editar meu texto, dediquei parte do tempo para decidir as narrativas que eu incluiria, excluindo algumas com pesar. Elas poderão acompanhar artigos que eu venha a publicar e outras criações literárias e poéticas às quais eu venha a me dedicar. Eu também resolvi assumir e narrar essa angústia, que se repetiu em alguns outros momentos da pesquisa, caracterizando-a como própria do *espaçotempo* que acompanhava: a rede social digital Facebook. Recordo-me de passar a noite e a madrugada que se seguiu ao evento em claro, tentando acompanhar os rastros digitais, salvando imagens, organizando e nomeando arquivos, registrando anotações do campo, guardando *prints*.

A angústia se misturava ao encanto do encontro com essas narrativas digitais no esforço de dialogar com elas e compreendê-las. Também era bom me perder tentando acompanhar os rastros digitais. Era angustiante e prazeroso me perder e me encontrar no mar de Iemanjá e no oceano de narrativas dispersas no Facebook. Ultrapassando a orla da praia e pulando algumas ondas, até chegar ao alto mar, há mergulhos em outras complexidades que podem levar à dispersão e à angústia. Elas se referem às redes de subjetividades, minhas e dos interlocutores da pesquisa, que banham de água salgada todas essas narrativas. Sentimentos, afetos e o inconsciente, que também se vincula a um dos domínios de *Ìyá Orí*, a Senhora da Cabeça, um dos títulos de Iemanjá. Essas redes de subjetividades também permitem os

encontros, as criações, as invenções, os diálogos, tudo o que privilegiamos e também o que deixamos de notar, os equívocos e os acertos nos caminhos da pesquisa.

O ponto máximo do Presente de Iemanjá é justamente o momento em que o presente, um barco feito artesanalmente no terreiro em material biodegradável, cheio de flores e comidas rituais, é colocado no mar. A areia da praia fica tomada pelas pessoas que querem acompanhar o momento e fazer seus pedidos.

Figura 84 – Saída do barco para a entrega do Sexto Presente de Iemanjá de São Gonçalo



Fonte: foto da autora

Figura 85 – Aguardando retorno do barco na Praia das Pedrinhas



Fonte: foto de Vilde Dorian no Facebook

Nos dias que se seguiram ao Sexto Presente de Iemanjá, além do momento fértil na pesquisa e do meu esforço para acompanhar tantos rastros digitais dos interlocutores, tive também a oportunidade de conversar algumas vezes com Mãe Márcia sobre suas percepções e sua avaliação do evento. Ela me relatou os pontos fracos que havia identificado e que já havia proposto algumas conversas com os membros do terreiro para discutir e implementar algumas mudanças no planejamento e na realização do Presente do ano seguinte.

Entre os pontos que destacou com necessidade de ajustes, citou o próprio cronograma do dia, mencionando que o xirê e a entrega do presente, momentos mais ritualísticos, segundo ela, deveriam acontecer ainda mais cedo na parte da manhã, para evitar o sol mais quente do Verão, permitindo também que o restante do dia fosse ocupado pelas demais atrações culturais e artísticas. Outros pontos se referiam ao planejamento como um todo, com o enorme desafio de envolver as demais casas na organização e de assumir, de forma ainda mais engajada, algumas decisões com a participação dos membros do terreiro, sobretudo os jovens. Eventos desse porte, por mais gratificantes que possam ser, usualmente geram desgastes para alguns organizadores, especialmente para Mãe Márcia, que acumula o maior número de responsabilidades e mediações em todo o processo.

Com as lições aprendidas naquele ano e todo o conjunto de reuniões e rodas de conversa com os jovens do seu terreiro e com as demais casas participantes, todos se organizaram ao longo de 2015 para a realização do Sétimo Presente de Iemanjá, realizado no início de 2016.

### 3.1.1 Mais do que aprendi com o Presente de Iemanjá de 2015: os personagens conceituais e a força dos acontecimentos na pesquisa

Em minha angústia e encantamento com a pesquisa, pude refletir muito após o Presente de 2015 sobre a relação com os interlocutores, com os rastros digitais deixados por eles após um evento com essa dimensão e desdobramentos e também sobre os usos de fotografias e imagens na pesquisa. Voltando a acompanhar os passos de oceano de Vitória de Iemanjá, em suas danças no xirê e também nas apresentações artísticas e culturais daquele domingo de fevereiro, todos com ressonâncias e rastros no Facebook, dediquei-me ao estudo das imagens, fotografias e narrativas nas pesquisas com os cotidianos. Uma vez mais, é no

meu encontro com Alves (2015) que localizo inspirações e suporte para algumas decisões da pesquisa:

Nesse mundo pictórico, vamos assumindo, lentamente, a possibilidade de incorporar imagens e narrativas como *fonte* e como *espaçotempo* de conhecimento acumulado. Mas, nesse texto, queremos ir um pouco mais longe: vamos assumi-las como *personagens conceituais* (DELEUZE, 1991; SOUSA DIAS, 1995), para as pesquisas com os cotidianos, no *uso* que os *praticantes*<sup>106</sup> (CERTEAU, 1994) fazem delas. (ALVES, 2015, p. 211)

Figura 86 – Vitoria dança no Sexto Presente de Iemanjá de São Gonçalo



Fonte: foto de Laura Lima

Esses praticantes culturais, a quem prefiro chamar de interlocutores ou sujeitos em minha pesquisa, se colocam, por meio de suas imagens e narrativas, como “personagens” que têm muito a contar com suas histórias vividas e com os sentidos a elas atribuídos. Assim, imagens, fotografias e narrativas de um modo geral, precisam ser compreendidas como *personagens conceitos* ou *personagens conceituais* nas pesquisas com os cotidianos. Não é possível pesquisar com os cotidianos sem a presença dessas imagens e narrativas, as quais só se tornam compreensíveis com o diálogo estabelecido com elas. Para Alves (2015), “é preciso tê-las, respeitosamente, como *personagens conceitos* necessários” (p. 217). A autora explica:

Sousa Dias (1995), a respeito dessa ideia, diz que os personagens conceituais [...] designam [...] elementos íntimos da atividade filosófica, condições dessa atividade, os “intercessores” do pensador, as figuras ideais de intercessão sem as quais não há pensamento, filosofia, criação de conceitos (p. 61-62), baseando-se em estudo desenvolvido sobre o pensamento de Deleuze (1991) que afirma que os personagens conceituais são os “heterônimos” do filósofo, e o nome do filósofo, o simples pseudônimo dos seus personagens (p. 62).

(...)

<sup>106</sup> Modo pelo qual Certeau (1994) denomina os sujeitos das práticas cotidianas.

Os *personagens conceitos* são, assim, aquelas figuras, argumentos ou artefatos que entram como o *outro* – aquele com que se dialoga e que permanece presente muito tempo para se acumular ideias. Aí têm que estar, para que o pensamento se desenvolva e para que se criem conhecimentos. (ALVES, 2015, pp. 216-217)

Além das conversas e algumas entrevistas com os interlocutores da pesquisa, pessoalmente e *online*, em que exercitei a escuta sensível, e do acompanhamento de seus rastros digitais no Facebook, eles e elas também estiveram e estão comigo o tempo todo, com suas imagens e narrativas, como *personagens conceituais*, interrogando-me, ajudando-me a pensar, a compreender, a compor os caminhos da pesquisa e do meu texto.

Imagens e narrativas que, entre outras coisas, me ajudam a compreender as complexidades e diversidades tanto dos interlocutores quanto dos *espaçostempos* pesquisados, o terreiro e o Facebook. Essas imagens e narrativas, compreendidas como *personagens conceituais*, revelam parte de seus mundos de subjetividades e das variadas redes educativas nas quais se inserem. Vitoria, ao completar 13 anos, em 30 de novembro de 2015, entre o Sexto e o Sétimo Presente de Iemanjá, faz um *post* público em sua linha do tempo, celebrando a data, acompanhado da imagem e da narrativa a seguir.

Figura 87 – Foto editada e publicada por Vitoria no Facebook no seu aniversário de 13 anos



Fonte: linha do tempo de Vitoria no Facebook

Eee parabéns pra mim! Muito feliz. Finalmente 13 aninhos. Só tenho a agradecer a Deus e aos Orixás por sempre estarem me protegendo e sempre me mostrando o caminho certo, por estarem sempre me trazendo paz, amor, alegria, por terem me mostrado um mundo diferente, por terem me mostrado que eu sou capaz de qualquer coisa se eu quiser de verdade. Bom, espero que eu tenha muita saúde, muita paz e muito amor. Juízo eee também kkk enfim #parabenspramim

Na imagem, Vitoria reúne quatro fotos, todas como *selfie*, para narrar a si mesma, em quatro momentos e em quatro contextos distintos, para celebrar suas vitórias em seu percurso de 13 anos de vida. No terreiro, na rua, em frente ao espelho, com uniforme do colégio. São essas muitas Vitorias, em diferentes *espaçotempos* e variadas redes educativas que se interconectam e contam sua história no Facebook, de forma relacional. Todas elas ligadas com os fios da rede de Iemanjá, anunciando e enunciando que Vitoria pode ser qualquer coisa que quiser de verdade.

O Presente de Iemanjá de 2015, entre outras aprendizagens, permitiu que eu me aprofundasse nas relações e na própria forma de dialogar e tentar compreender os interlocutores da pesquisa e suas narrativas e imagens diversas.

Essas narrativas me fizeram compreendê-las como *acontecimentos*, as quais se apresentam, permanentemente, como *mundos possíveis conceituais* (ALVES, 2007). Para compreender o que são esses *acontecimentos*, apoio-me na explicação de Alves (2007) quando esta recorre a Sousa Dias (1995):

[...] com os acontecimentos de uma vida, as coisas, gentes, livros, ideias e experiências que consubstanciam em nós, insensivelmente até com os nossos devires e que traçam a nossa autêntica individualidade. E faz-se com tudo isso não enquanto vivências subjetivas, percepções, afeições e opiniões de um eu, mas como singularidades pré-individuais, infinitivos suprapessoais e, como tal, partilháveis, “comunicáveis”, correntes de vida transmissíveis. Escreve-se, pinta-se, compõe-se sempre com a multiplicidade que há em nós, que cada um de nós é, o sujeito criador é sempre coletivo, o nome do autor sempre a assinatura de uma sociedade anônima (SOUSA DIAS, 1995, pp. 104-105, citado por ALVES, 2015, pp. 215-216).

Inspirando-se em Foucault (1999), Alves (2007) nos alerta que o *acontecimento* não é o que é ou estritamente o que acontece. É o que estando ainda não é e seu tempo não é o presente, mas o futuro (ALVES, 2015, p. 215). Esse atravessamento e esse deslocamento temporal são importantes para o diálogo com as narrativas e para a sua compreensão, nos permitindo percorrer de forma não linear os caminhos da pesquisa, com outros olhares, escutas, leituras e sentidos. A angústia que senti no Presente de Iemanjá de 2015 e em outros momentos da pesquisa, com o volume, a complexidade e a diversidade das narrativas produzidas, me trouxe, inicialmente com preocupação e, em seguida, em forma de contemplação e constatação, a compreensão de que muitos conteúdos podem ser fugidios e nos escapam, seja qual for o contexto e o *espaçotempo* da pesquisa, o que pode ser ainda mais potencializado no ciberespaço. O mesmo se dá no momento da escrita, em que nem sempre é



possível trazer para o texto toda a riqueza e complexidade que vivencio com minha experiência e minhas aprendizagens como pesquisadora em formação no campo.

Ainda um pouco mais além do que aceitar a falta e a incompletude em tudo o que somos e empreendemos, compreender as narrativas como *acontecimentos*, pelo menos no contexto da minha pesquisa, significa incorporar nos modos de pesquisar e de escrever essas características que nos escapam, não em uma espécie de conformismo com o inalcançável, mas no respeito profundo ao que não se pode alcançar, ao que só é possível alcançar em diferentes tempos e, principalmente, no esforço e no compromisso com tudo aquilo que se pretende alcançar e se tenta exprimir, ainda que assumamos seu caráter provisório.

Nesse sentido, pois, ao colocar no papel as ideias que vamos tendo a respeito dos movimentos vividos e de processos experienciados, vamos introduzindo, no texto, possíveis expressões ou pensamentos que não conseguem se explicitar inteiramente, nem disso conseguimos ter inteira compreensão para expressar em palavras tudo o que pensamos ou queremos expressar. (ALVES, 2015, p. 215)

Refere-se a isso a menção que fiz há algumas páginas sobre o mergulho em alto mar, nos domínios do inconsciente, relacionado à pesquisa. Pesquisa feita de água, de rio e de mar, em que cabe tanta coisa e cujo fluxo deixa aqui e ali interrogações, surpresas, incompletudes e trechos que não se consegue ver, ouvir, explicar.

Vitoria, em seus passos de ondas, segue seu percurso, que é infinitamente mais do que o que posso acompanhar nos rastros que deixam algumas marcas na areia e no Facebook. Ela e todos os interlocutores da pesquisa. Em minhas narrativas, em forma de recortes, costuras e texto, trago os diálogos com suas narrativas no Presente de Iemanjá e em outros momentos relevantes em suas vidas e para a história do terreiro pesquisado. Com Vitoria, celebro, nem sempre de modo linear e muitas vezes revisitando minhas notas de pesquisa, sua presença no Presente de Iemanjá, seu aniversário de 13 anos e a alegria da sua foto ao lado de *Ogan Bangbala*<sup>107</sup>, feita durante o Prêmio de Cultura Afro Fluminense de 2015, mencionado no capítulo em que apresentei o Projeto Matrizes Que Fazem. Em seu *post* no dia 15 de

---

<sup>107</sup> Luiz Ângelo da Silva, *Ogan Bangbala*, é nascido em Salvador e se confirmou *ogan* no terreiro de Lili D' Òsun, da Nação Èfòn. Ele é considerado como a memória e a história viva do Candomblé, sendo chamado por algumas pessoas de “o *ogan* mais falado do Brasil” ou “a enciclopédia viva do Candomblé”. O canal Mojubá do YouTube disponibilizou um vídeo com um documentário de curta-metragem com a história de *Ogan Bangbala*: <<https://www.youtube.com/watch?v=jRrs7T9Ez4k>>. Este outro programa, também disponível no YouTube, gravado em junho de 2014, chamado “Mesa de Ogãs”, traz entrevista com *Ogan Bangbala*: <[https://www.youtube.com/watch?v=T0N1Vk93\\_SE](https://www.youtube.com/watch?v=T0N1Vk93_SE)>. Acesso em: 22/5/2016.



dezembro de 2015, Vitoria escreve, acompanhando a foto: “Mds<sup>108</sup> nem acreditoooo que eu tirei uma foto com OGAN Bangbala — se sentindo abençoada”.

Figura 88 – Vitoria com Ogan Bangbala



Fonte: linha do tempo de Vitoria no Facebook

O Presente de Iemanjá de 2015 foi um importante evento-dispositivo em que pude dialogar com a noção de *personagens conceituais* pela primeira vez, que adoto para apoiar meu diálogo com as narrativas produzidas pelos interlocutores, para me relacionar com as imagens que produzi em campo e também para pensar a minha própria formação ao longo da pesquisa.

No fluxo da pesquisa-rio, aprendendo, me formando e me empenhando para realizar minha etnografia na cibercultura com os acontecimentos, sigo para a sétima edição do Presente de Iemanjá, em 2016. Antes, porém, encerro esta seção compartilhando algumas narrativas digitais relativas à campanha contra a intolerância religiosa, com mobilização de abrangência nacional, promovida em março de 2015<sup>109</sup>. Em seguida, trago uma lembrança do Facebook que me encontrou um ano após o Presente de Iemanjá de 2015.

<sup>108</sup> Forma reduzida de “Meu Deus”.

<sup>109</sup> A campanha foi lançada pela Casa de Oxumarê, tradicional terreiro de Candomblé de Salvador, Bahia, com forte expressão nas redes sociais digitais. Página da Casa de Oxumarê no Facebook: <<https://www.facebook.com/casadeoxumare/timeline>>. Acesso em: 14/5/2016.

Figura 89 – Campanha contra a intolerância religiosa da Casa de Oxumarê no Facebook



Fonte: <https://www.facebook.com/casadeoxumare/>

A mobilização nacional<sup>110</sup>, convocada para o dia 23 de março de 2015, convidava todas as casas tradicionais de matrizes africanas e terreiros do país, além de Organizações Não-Governamentais (ONG's) e movimentos sociais, para comparecerem às sedes locais do Ministério Público Federal pelo fim da intolerância religiosa. A mobilização que tomou o Facebook teve como contexto e causa, além da luta contra a discriminação religiosa, a notícia da formação de um “exército” pela Igreja Universal do Reino de Deus, chamado “Gladiadores do Altar<sup>111</sup>”, o que foi amplamente divulgado na época em diversas mídias, veículos de comunicação e nas redes sociais digitais. Foram publicados os endereços da mobilização em cada cidade e também diversos *posts* com diferentes sacerdotes e sacerdotisas do Candomblé espalhados pelo território nacional, demonstrando apoio à campanha e contribuindo, dessa forma, para mobilizar suas cidades. Mãe Márcia foi uma delas e escolheu uma das fotografias feitas por Stela Guedes Caputo durante o Sexto Presente de Iemanjá de São Gonçalo para

<sup>110</sup> Matéria sobre a mobilização, com carta a ser assinada e protocolada no MPF, na *homepage* “Candomblé: o mundo dos orixás”: <<https://ocandomble.com/2015/03/20/nao-fique-em-silencio-ajude-a-combater-a-intolerancia-religiosa/>>. Evento criado no Facebook para a Mobilização Nacional do Povo de Santo no Rio de Janeiro: <<https://www.facebook.com/events/463000290532970/>>. Acesso em: 14/5/2016.

<sup>111</sup> Há inúmeros vídeos no YouTube com e sobre os “Gladiadores no Altar”. Este é apenas um pequeno exemplo: <<https://www.youtube.com/watch?v=083thk-RPPw>>. Matéria na Folha Universal sobre a criação do “exército”: <<http://www.universal.org/noticia/2015/03/08/conheca-o-novo-projeto-gladiadores-do-altar-32332.html>>. Muitos outros veículos de comunicação realizaram matérias sobre os “Gladiadores do Altar” em março e abril de 2015. Um exemplo é esta notícia da Carta Capital, associando a criação desse tipo de “exército” ao temor de discriminação e perseguição das religiões de matriz africana: <<http://www.cartacapital.com.br/sociedade/exercito-da-igreja-universal-preocupa-religioes-afro-brasileiras-449.html>>. Acesso em: 23/5/2016.

estampar sua adesão à campanha. No dia 23 de março de 2015, Mãe Márcia e outras lideranças religiosas do Candomblé e da Umbanda estavam na sede do Ministério Público do Rio de Janeiro<sup>112</sup>.

Figura 90 – Mãe Márcia na campanha contra a intolerância religiosa no Facebook



Fonte: <https://www.facebook.com/casadeoxumare/> – Foto de Stela Guedes Caputo

O belo domingo de Verão do meu primeiro Presente de Iemanjá começou cerca de um ano antes de fevereiro de 2015. Mãe Márcia conversava muito comigo sobre o projeto e sobre sua história, construída desde a primeira edição em 2010, entrelaçada com a história do *Ilê Omidayè* e da cidade de São Gonçalo. Eu vinha rastreando imagens e narrativas relativas ao Presente no Facebook. Costumo navegar pelas memórias das três edições que acompanhei na pesquisa. Nesse vaivém das ondas, Iemanjá me deixa alguns presentes em forma de novas reflexões, barulho de mar que me acalenta ou lembranças minhas e do Facebook.

<sup>112</sup> Matéria publicada em 23/3/2015 pela Folha de São Paulo, intitulada “Religiões de matriz africana pedem investigação de grupo Gladiadores do Altar” sobre o recebimento pelo Ministério Público do Rio de Janeiro da representação de religiosos de matriz africana, com texto, vídeo e imagens: <<http://www1.folha.uol.com.br/poder/2015/03/1607108-religioses-de-raiz-africana-pedem-investigacao-de-grupo-gladiadores-do-altar.shtml>>. Acesso em 14/5/2016. Página da área de atuação “Combate à Intolerância Religiosa e Defesa do Estado Laico” do Ministério Público Federal do Rio de Janeiro: <<http://www.mprj.mp.br/areas-de-atuacao/direitos-humanos/areas-de-atuacao/combate-a-intolerancia-religiosa-e-defesa-do-estado-laico>>. Acesso em 14/5/2016.

Figura 91 – Ana Clara e uma conversa sobre conchas



Fonte: Foto de Stela Guedes Caputo

Foi assim, como lembrança do Facebook, em fevereiro de 2016, que reencontrei a fotografia feita por Stela. Estou com Ana Clara, uma das netas de Mãe Márcia, na época com seis anos de idade, enquanto ela brinca em silêncio com algumas conchas na areia. Eu olhava o mar, suspensa por um breve momento por um sentimento que me ampliava. A voz delicada de Ana Clara me despertou com uma pergunta:

– “Foi Iemanjá que deixou essas conchinhas pra trás?”

Respondi que achava que tinha sido sim. Então, ela me fez outra pergunta:

– “Ela volta pra buscar ou ela não quer mais?”

Respondi que talvez ela viesse buscar algumas quando a maré subisse.

– “Quero levar algumas pra casa... será que pode?” – perguntou Ana Clara.

Disse a ela que eu não sabia. Ana Clara, então, pareceu pensativa por um tempo, olhando para o mar, até que falou animada:

– “Já sei!”

Observei que ela fechou os olhos por alguns segundos. Ao abri-los, me disse sorrindo:

– “Ela deixou!”



### 3.2 Presente de Iemanjá de 2016: ainda mais colaboração com as lições aprendidas em 2015

Figura 92 – Vitoria nos preparativos para o Sétimo Presente de Iemanjá



Fonte: Foto de Brenno Santos

O Presente de Iemanjá de São Gonçalo de 2015 deixou lições e aprendizagens relevantes para mim, como pesquisadora em formação, para Mãe Márcia, como presidente da Comissão Organizadora do evento, e para os membros do *Egbè Ilè Ìyá Omidayè Aṣé Obálayó* no que se refere às formas de organização e engajamento para a realização da edição seguinte do Presente.

A Sétima Edição do Presente de Iemanjá aconteceu no dia 31 de janeiro de 2016, deixando de ser no segundo domingo de fevereiro naquele ano para não coincidir com o período de Carnaval.

Figura 93 – Imagem de divulgação do Sétimo Presente de Iemanjá no Facebook



Fonte: linha do tempo de Brenno Santos no Facebook

Desde os primeiros movimentos e divulgações no Facebook, foi possível perceber a ênfase ainda maior no sentido da colaboração, tanto em *posts* com chamadas e convites para o Presente, com imagens dos apoiadores do evento, dos artistas que se apresentariam no dia 31 de janeiro e dos membros da comissão organizadora, das diferentes casas de São Gonçalo, quanto em fotografias e vídeos, acompanhados de outras narrativas, mostrando os bastidores dos ensaios e preparativos no *Egbè Ilè Ìyá Omidayè Aṣé Obálayó*, em que crianças e jovens do terreiro engajaram-se ainda mais fortemente. Para reunir as imagens da comissão organizadora, Mãe Márcia criou o álbum público “A Comissão é Gente Nossa”<sup>113</sup> em seu perfil no Facebook, compartilhado na página do Matrizes Que Fazem e pelos membros da comissão. A seguir, alguns exemplos dessas imagens de divulgação:

<sup>113</sup> Disponível em

<[https://www.facebook.com/profile.php?id=1651043521&sk=photos&collection\\_token=1651043521%3A2305272732%3A69&set=a.10207160729890532.1073741901.1651043521&type=3](https://www.facebook.com/profile.php?id=1651043521&sk=photos&collection_token=1651043521%3A2305272732%3A69&set=a.10207160729890532.1073741901.1651043521&type=3)>. Acesso em: 07/5/2016.

Figura 94 – Danilo Dourado na divulgação do Sétimo Presente de Iemanjá no Facebook



Fonte: linha do tempo de Mãe Márcia no Facebook

Figura 95 – Priscila, do Movimento Cultural RFS – Rede Funk Social – na divulgação do Sétimo Presente de Iemanjá no Facebook



Fonte: linha do tempo de Mãe Márcia no Facebook



Figura 96 – Mãe Vânia e Mãe Neuza de Oyá na divulgação do Sétimo Presente de Iemanjá no Facebook



Fonte: linha do tempo de Mãe Márcia no Facebook

Figura 97 – Mãe Nilza de Oxossi e Mãe Márcia d'Oxum na divulgação do Sétimo Presente de Iemanjá no Facebook



Fonte: linha do tempo de Mãe Márcia no Facebook

Com sua habilidade em tecer redes e reunir pessoas, chamando todos e todas à participação, Mãe Márcia também publicou na mesma época uma série de quatro álbuns, todos intitulados “É gente nossa”<sup>114</sup>. O primeiro traz algumas fotos de “bastidores”, dos

<sup>114</sup> Disponíveis em

<[https://www.facebook.com/profile.php?id=1651043521&sk=photos&collection\\_token=1651043521%3A2305272732%3A69&set=a.10207190253788611.1073741906.1651043521&type=3](https://www.facebook.com/profile.php?id=1651043521&sk=photos&collection_token=1651043521%3A2305272732%3A69&set=a.10207190253788611.1073741906.1651043521&type=3)>;

<[https://www.facebook.com/profile.php?id=1651043521&sk=photos&collection\\_token=1651043521%3A2305272732%3A69&set=a.10207189974901639.1073741905.1651043521&type=3](https://www.facebook.com/profile.php?id=1651043521&sk=photos&collection_token=1651043521%3A2305272732%3A69&set=a.10207189974901639.1073741905.1651043521&type=3)>;

<[https://www.facebook.com/profile.php?id=1651043521&sk=photos&collection\\_token=1651043521%3A2305272732%3A69&set=a.10207160797692227.1073741903.1651043521&type=3](https://www.facebook.com/profile.php?id=1651043521&sk=photos&collection_token=1651043521%3A2305272732%3A69&set=a.10207160797692227.1073741903.1651043521&type=3)>;

<[https://www.facebook.com/profile.php?id=1651043521&sk=photos&collection\\_token=1651043521%3A2305272732%3A69&set=a.10207160761091312.1073741902.1651043521&type=3](https://www.facebook.com/profile.php?id=1651043521&sk=photos&collection_token=1651043521%3A2305272732%3A69&set=a.10207160761091312.1073741902.1651043521&type=3)>. Acesso em: 07/5/2016.

filhos e amigos da casa nos ensaios, rodas de conversa antes do grande evento e demais preparativos para o Sétimo Presente de Iemanjá, incluindo a participação de crianças e jovens do terreiro na elaboração do barco de Iemanjá, com seus desenhos e pinturas, entre outras atividades, como nas imagens a seguir:

Figura 98 – Roda de conversa no terreiro nos preparativos para o Sétimo Presente de Iemanjá



Fonte: linha do tempo de Mãe Márcia no Facebook

Figura 99 – Crianças e jovens do terreiro pintam detalhes do barco para o Sétimo Presente de Iemanjá



Fonte: linha do tempo de Mãe Márcia no Facebook – Foto de Brenno Santos

O segundo, com a legenda “O elo que nos une”, reúne fotos de momentos diversos com filhos de santo, familiares, amigos, incluindo imagens das visitas a Salvador ao terreiro-

matriz do Gantois e ao Ilê Axé Opô Afonjá. O terceiro, com a legenda “militantes, políticos, povo de Matriz Africana e todos que acreditam na liberdade de expressão e Cultura”, traz mais um conjunto de fotos variadas em eventos, como edições anteriores do Presente de Iemanjá e da Caminhada em Defesa da Liberdade Religiosa<sup>115</sup>, com amigos, líderes e membros de outros terreiros engajados com as causas das religiões de matriz africana e contra a discriminação. O quarto álbum da série “É gente nossa” tem o descritivo “pessoas que são livres de preconceitos ou militantes da causa”. O álbum traz amigos, do Candomblé ou não, políticos, apoiadores e também militantes da causa em eventos no terreiro e fora dele, como palestras, audiências, reuniões, encontros em outros terreiros e também atividades com grupos e comissões especiais.

Encontrei no quarto álbum da série “É gente nossa”, publicado por ela no Facebook em janeiro de 2016, para mostrar todas as redes envolvidas no Presente de Iemanjá e pouco antes da sua sétima edição, uma foto em que ela estava abraçada a mim após a sua oficina no Seminário Internacional Fela Kuti da UERJ. Só encontrei esta nossa foto no álbum cerca de três meses após a sua publicação. Reflito e amplio a noção de “tornar-se membro”, descrita por Coulon (1995), como um fluxo em que tornar-se não cessa de desaguar, processar-se, questionando, atualizando-se, equivocando-se, em uma dupla não dicotômica entre o tornar-se familiar e o tornar-se estranho. Pensei no caminho percorrido na pesquisa desde a minha primeira visita ao *Egbè Ilè Ìyá Omidayè Aṣé Obálayó*, em julho de 2013, até o Presente de Iemanjá de 2016. Percurso iniciado ainda antes, no Facebook, com Adelaine e com Mãe Márcia.

A entrada do ano de 2016 para toda a comunidade do *Ilê Omidayè* marcou mudanças maiores que as envolvidas no Sétimo Presente de Iemanjá. Houve uma programação, proposta por Mãe Márcia aos membros do terreiro, de se concentrar ao longo do ano de 2016 em momentos de convivência, formação e aprendizagens, com rodas de conversa mais frequentes. Uma maneira inteligente de atravessar o período de crise econômica e política em que nos encontramos. Mãe Márcia conversou comigo algumas vezes, desde 2015, a respeito de suas preocupações com a importância da manutenção dos elos entre as pessoas do terreiro, de se dedicar mais tempo às aprendizagens e interações, da necessidade de passar mais tempo juntos e também de reformar algumas áreas do terreiro. A dispersão e o enfraquecimento dos laços a preocupavam.

---

<sup>115</sup> Evento anual organizado pela Comissão de Combate à Intolerância Religiosa (CCIR) com oito edições até setembro de 2015, em que pessoas dos mais diferentes credos caminham pela liberdade religiosa na Avenida Atlântica, na Praia de Copacabana, no Rio de Janeiro. Página no Facebook: <<https://www.facebook.com/CaminhadaemDefesadaLiberdadeReligiosa>>.

Assim, Mãe Márcia e toda a comunidade *Omidayè* decidiram planejar o calendário do ano com a grande festa de Oxum, único evento público previsto. Além disso, deveriam receber toda atenção atividades internas, incluindo rituais necessários aos filhos da Casa, mutirões para obras, manutenção e organização do espaço físico do terreiro e os momentos formativos. Assim, para enfrentar algumas dificuldades financeiras com a perda de patrocinadores de projetos realizados pelo Matrizes Que Fazem, o que gerou inicialmente preocupação e algum desânimo nos membros da comunidade, e manter os membros do terreiro unidos, optou-se por práticas que se pretendiam mais presentes, com o objetivo de oportunizar mais encontros com as gerações mais novas, evidenciar e fortalecer elos, possibilitando uma compreensão mais profunda dos vínculos e do pertencimento à comunidade. Nesse contexto, somado às lições aprendidas na sexta edição, situou-se o Presente de 2016.

Ao escrever em meu fotodiário *online* minha compreensão acerca do planejamento para o ano de 2016, relacionada com o que apresentei no parágrafo anterior, recebi o seguinte comentário de Mãe Márcia: “Adorei! Muito bom material, Máira querida. Você fala do meu trabalho com tanta propriedade que vejo que sua escrita converge com meus pensamentos e com nossas conversas”.

Compreendo a importância desses diálogos com Mãe Márcia e outros interlocutores da pesquisa inspirada em Macedo (2012), que vislumbra a pertinência em se estabelecer “diálogos desarmados” para compreender e acolher o outro e, mais ainda, compreender e não compreender a si mesmo, “para se conviver numa incerteza menos violenta com o estranho” (pp. 39-40). Para o autor:

A multirreferencialidade trabalha com a crítica como um esforço e um direito de todos às condições para bem interpretar os seus mundos de relações, lidando de forma elucidativa com a circulação dos poderes que aí se dinamizam. Trata-se da vontade de compreensão do outro, enquanto escuta sensível deste, de elucidação das situações e práticas, sem que isso signifique trazer toda a luz. (MACEDO, 2012, p. 40)

Desejei trazer esta narrativa para cá para situar, com a colaboração de Mãe Márcia, o contexto em que se deu o evento-dispositivo do presente capítulo, que se constituiu também como uma espécie de grande ensaio para os desafios do ano que começava. Trata-se de minha leitura do contexto do ano com a confirmação dela desse meu entendimento.

Entre as apresentações culturais, aconteceu o Afoxé *Ará Omi*, nome *yorubá* que na tradução para o português significa “O Povo das Águas”, como Mãe Márcia me explicou. O



vídeo<sup>116</sup>, de pouco menos de três minutos, de um dos ensaios do Afoxé está disponível no Facebook e mostra *Mogbá*<sup>117</sup> Tainã Vasconcellos, amigo de Mãe Márcia, grande parceiro das ações desenvolvidas no terreiro pesquisado e marido de *Ìyá* Marcinha, coordenando as atividades, apoiando na coreografia e na organização do evento. Ele foi gravado por Brenno Santos, que teve um papel relevante na organização e na produção de fotos e vídeos no Presente de 2016. Houve o cuidado também em compartilhar no Facebook cada etapa dos ensaios e preparativos.

Figura 100 – Foto da gravação do vídeo mostrando ensaios no terreiro do Afoxé Ará Omi no Facebook



Fonte: linha do tempo de Brenno Santos no Facebook

Aqui, Vitoria captura com seu dispositivo móvel cenas do ensaio e da gravação do vídeo na varanda do terreiro, na janela do salão ou barracão, onde acontecem as festas, celebrações e principais eventos no *Ilè Omidayè*:

116 Vídeo “Ensaio Ará Omi para o dia 31/01 com o Mogbá Tainã Vasconcellos” disponível em: <<https://www.facebook.com/maemarciadeoxum/videos/1676239439283671/>>. Acesso em: 14/5/2016.

117 Cargo masculino na hierarquia do Candomblé específico do culto a Xangô. Alguns autores o traduzem como “Ministro de Xangô”.

Figura 101 – Vitoria na janela – foto da gravação do vídeo do ensaio no terreiro do Afoxé Ará Omi no Facebook



Fonte: linha do tempo de Brenno Santos no Facebook

Além do vídeo específico com o ensaio do Afoxé Ará Omi, houve publicação de outros vídeos<sup>118</sup> de curta duração, de 43 segundos a dois minutos, todos de Brenno Santos com a colaboração de outros membros do terreiro, com chamadas e convites para o Presente de 2016. Nesses vídeos, são mostrados trechos de ensaios e preparativos no terreiro, com declarações de Mãe Márcia e outros membros, incluindo crianças. Mais uma vez, houve intenso movimento de compartilhamento de vídeos e fotos, tendo início cerca de um mês antes da data do evento nesta edição, mostrando, entre outras atividades, as rodas de conversa, oficinas e ensaios realizados no *Omidayè* desde dezembro de 2015. Após o dia da sétima edição do Presente, houve igualmente produção e publicação no Facebook de outros vídeos<sup>119</sup> mostrando trechos da apresentação do Afoxé Ará Omi.

<sup>118</sup> Vídeo “Chamada para o Presente de Iemanjá Mãe Márcia d’Oxum”: <<https://www.facebook.com/maemarciadeoxum/videos/vb.1433563026884648/1677663615807920/?type=3&permPage=1>>. Vídeo “Chamada Para o Presente de Iemanjá de São Gonçalo”: <<https://www.facebook.com/maemarciadeoxum/videos/vb.1433563026884648/1676231929284422/?type=3&permPage=1>>. Vídeo de mesmo título, porém mais curto “Chamada Para o Presente de Iemanjá de São Gonçalo”: <<https://www.facebook.com/maemarciadeoxum/videos/vb.1433563026884648/1676230892617859/?type=3&permPage=1>>. Acesso em: 07/5/2016.

<sup>119</sup> Vídeos da apresentação do Afoxé Ará Omi no Presente de Iemanjá de 2016 no Facebook: <<https://www.facebook.com/1651043521/videos/vb.1651043521/10207219699724741/?type=3>> e <<https://www.facebook.com/1651043521/videos/vb.1651043521/10207217725275381/?type=3>>. Acesso em: 21/4/2016.

Figura 102 – Parte do Afoxé Ará Omi no Sétimo Presente de Iemanjá



Fonte: linha do tempo de Mãe Márcia no Facebook

Figura 103 – Brenno, Vitoria e Carlos André prontos para o Afoxé Ará Omi no Sétimo Presente de Iemanjá



Fonte: linha do tempo de Brenno Santos no Facebook



Nesta edição do Presente, tive também a oportunidade de acompanhar mais “de perto”, ainda que muitas vezes *online*, todo o trabalho de criação, produção e edição de vídeos e fotografias de Brenno Santos. Em nossas conversas, pessoalmente e *online*, realizadas *inbox*, ele me contou das dimensões crescentes de seu trabalho, dentro e fora do terreiro, com os cursos de extensão e aperfeiçoamento que tem realizado em sua formação em Comunicação, como fotógrafo, em produção e edição de vídeos. A maior parte dos cursos é realizada na Escola Popular de Comunicação Crítica – ESPOCC<sup>120</sup> – no Observatório das Favelas. Brenno também fez o curso de Publicidade Afirmativa na ESPOCC, promovido em parceria com a Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ. A maior parte dos trabalhos de Brenno para seus cursos são realizados no terreiro. Ele apoia Mãe Márcia e, com a contribuição de alguns irmãos e irmãs de santo, documenta as atividades do terreiro, editando e publicando parte do material nas redes sociais digitais, constituindo um valioso acervo imagético do *Ilê Omidayê*.

Figura 104 – Brenno fotografando no Sétimo Presente de Iemanjá



Fonte: foto da autora

Brenno, que foi iniciado por Mãe Márcia há cerca de oito anos para o Orixá Oxumarê, também me falou das aprendizagens e mudanças pelas quais tem passado em seu percurso formativo, “mudanças de olhar e de visão de mundo”, segundo ele. Um dos

<sup>120</sup> Homepage da ESPOCC: <<http://www.espocc.org.br/>>. Página da ESPOCC no Facebook: <<https://www.facebook.com/espocc/>>. Acesso em: 21/4/2016.

exercícios mais marcantes que vivenciou foi o de fotografar os cotidianos das comunidades, sobretudo no Complexo da Maré, em função da localização da ESPOCC.

Ele se sentia mais familiarizado, até então, com sua experiência profissional como modelo, em que estava “do outro lado da câmera” e em um ambiente “que se considerava bonito, de gente bonita, às vezes, com certo *glamour*”, em suas palavras. Para ele, encontrar a beleza e a sofisticação nas pessoas e recantos das comunidades foi um grande achado e uma importante mudança. Em uma de suas narrativas em sua linha do tempo no Facebook, na oportunidade da formatura de um de seus cursos, em 05 de junho de 2016, Brenno compartilha o seguinte:

A Espocc foi uma experiência realmente muito boa para mim, me ensinou a ser um negro empoderado que aprendeu a defender seu território. Aprendi a ver a favela como um lugar de potência e resistência, aprendi a amar a favela e as pessoas que vivem nela. A Espocc me fez monitor de uma turma pela 1ª vez, e isso pra mim teve um valor muito grande. (Brenno Santos de Oxumarê, modelo, fotógrafo, estudante e interlocutor da pesquisa)

Essas aprendizagens foram levadas, segundo ele, também para o terreiro, em que passou a ampliar seu papel em relação às imagens e à preservação de sua história, autorizando-se, em minha leitura e compreensão, a conhecer “para uma prática técnica e politicamente reflexiva” (MACEDO, 2012, p. 58).

A seguir, algumas fotografias dos exercícios de Brenno no Complexo da Maré, disponíveis publicamente em seu perfil no Facebook e que também o formaram para a sua colaboração e implicação ainda maiores no terreiro pesquisado:

Figura 105 – Foto do ensaio de Brenno no Complexo da Maré



Fonte: foto de Brenno Santos

Figura 106 – Foto do ensaio de Brenno no Complexo da Maré



Fonte: foto de Brenno Santos

Figura 107 – Fotos do ensaio de Brenno no Complexo da Maré em agosto de 2015



Fonte: fotos de Brenno Santos

As narrativas digitais foram inúmeras na sétima edição do Presente, com ainda maior número de colaboradores produzindo suas próprias imagens, antes, durante e após o evento. Um dos indicativos é a publicação de álbuns<sup>121</sup> no Facebook, apenas no perfil de Mãe Márcia, específicos para cada filho ou elo de sua rede de amigos ou para cada momento. Há álbuns com títulos e descritivos como “A Construção do Barco Pelas Crianças e Jovens do Axé”, “A Comissão é Gente Nossa”, “Fotos dos Ensaios”, “Organização – Parte 1”, “Fotos by Brenno Santos”, “Fotos da amiga Máira Pereira”, “O Xirê para Iemanjá”, “O Presente de Iemanjá”, “O Sétimo Presente de Iemanjá de São Gonçalo”, “Ainda o Presente de Iemanjá”, entre muitos outros, além de vídeos e fotos publicados livremente em sua linha do tempo e de outros membros do próprio terreiro, da comissão organizadora como um todo e suas redes, e de amigos, artistas, profissionais da cultura de São Gonçalo e jornalistas.

<sup>121</sup> Caminho para os álbuns de fotos públicos de Mãe Márcia no Facebook – perfil “Márcia D. Pereira”: <[https://www.facebook.com/profile.php?id=1651043521&sk=photos&collection\\_token=1651043521%3A2305272732%3A6](https://www.facebook.com/profile.php?id=1651043521&sk=photos&collection_token=1651043521%3A2305272732%3A6)>. Acesso em: 21/4/2016.



Figura 108 – Foto da entrega do Sétimo Presente de Iemanjá



Fonte: linha do tempo de Mãe Márcia no Facebook

Com isso, enfrento uma difícil escolha em minha etnografia na cibercultura e opto por um recorte para descrever densamente, ainda que de modo incompleto, o Presente de Iemanjá de 2016. Além de meu próprio fotodiário *online*, meu caderno de campo e muitas notas da pesquisa em diferentes suportes, assim como as linhas do tempo dos interlocutores da pesquisa, seus álbuns e páginas como a do Projeto Matrizes Que Fazem, pude também contar com *espaçostempos* de aprendizagens e compartilhamento do meu percurso de pesquisa em outros grupos de discussão fechados no Facebook. São eles: o grupo da disciplina “Fotografia e Pesquisa em Educação<sup>122</sup>”, compartilhada pelas professoras Stela Guedes Caputo e Edméa Santos<sup>123</sup>, e o meu grupo de pesquisa *Kékeré*, que na oportunidade se chamava ainda *Ilê Obá Oyó*, uma ambiência formativa relevante desde antes do meu início no Doutorado.

Ambiência formativa é a noção relativa às “situações de aprendizagem cocriadas nos *espaçostempos* híbridos em que se articulam os ambientes físicos e digitais (sala de aula presencial, ambientes virtuais de aprendizagem e redes sociais)” (SANTOS, R, 2015, p. 43). Para a autora, uma ambiência formativa se traduz no “complexo enredamento onde se

<sup>122</sup> Grupo “Fotografia e Pesquisa 2015 - 2 - PROPED – UERJ” no Facebook:

<<https://www.facebook.com/groups/722422714553659/>>. Acesso em: 21/4/2016.

<sup>123</sup> Edméa Oliveira dos Santos é pedagoga pela UCSAL, mestre e doutora em Educação pela UFBA. Pós-doutora em *e-learning* e EAD pela UAB-PT. Professora adjunto da Faculdade de Educação da UERJ. Atua no PROPED - Programa de Pós-Graduação em Educação. Linha de Pesquisa: "Cotidianos, redes educativas e processos culturais". Líder do GPDOC - Grupo de Pesquisa Docência e Cibercultura. Membro do Laboratório de Imagem da UERJ. Membro do GT 16 "Educação e Comunicação" da ANPED e da ABCIBER - Associação de Pesquisadores em Cibercultura. Atua na formação inicial e continuada de professores e pesquisadores. Áreas de atuação: educação e cibercultura, formação de professores e pesquisadores, informática na educação, educação *online*, EAD, currículo, didática, pesquisa e práticas pedagógicas. Currículo Lattes: <<http://lattes.cnpq.br/4023554724278836>>. Acesso em: 21/5/2016.

dinamizam diversas possibilidades de produção intelectual, de invenção, de constituição de rastros onde um coletivo assume, explícita e reinventa seu processo de formação” (SANTOS, R, 2015, p. 43).

Levei para esses espaços imagens e narrativas que produzi logo após o Presente de 2016 e pude ali receber comentários das minhas professoras e parceiros de Doutorado, compartilhando com eles alguns achados parciais da pesquisa.

Figura 109 – Grupo da disciplina “Fotografia e Pesquisa em Educação” no Facebook



Fonte: <https://www.facebook.com/groups/722422714553659/>

Penso que esses dois outros grupos, ao longo da pesquisa e especificamente no momento do Presente de 2016, representaram ressonâncias do meu fotodiário *online*, o expandindo. A disciplina “Fotografia e Pesquisa em Educação”, realizada no segundo semestre de 2015, permanece aberta para todos os seus membros e tem sido por eles habitada, ainda que com menor frequência. Trago a seguir a narrativa digital, com uma foto do Brenno que me mostra em campo, durante o Sétimo Presente de Iemanjá, e outras imagens feitas por mim, compartilhada nesses grupos no dia 04 de fevereiro de 2016. Para dialogar com elas, trago em minhas reflexões algumas perspectivas para uma aprendizagem e formação multirreferenciais, organizadas por Macedo (2012) inspirado por Jacques Ardoino<sup>124</sup>.

Em campo no domingo, 31/1/16, no Sétimo Presente de Iemanjá de São Gonçalo. Minha foto foi feita por Brenno Santos, a quem também fotografei e com quem tenho tido muitas conversas ao longo da pesquisa. Ele cuida do acervo de imagens do terreiro de Mãe Márcia e tem feito vídeos interessantes e muitos cursos de aperfeiçoamento. Um dos cursos que ele fez foi com o nosso amigo Clementino Júnior<sup>125</sup>. Segue uma pequena amostra das imagens que fiz no domingo. (minha narrativa no grupo *Ilê Ôbá Ôyó* no Facebook)

<sup>124</sup> Essas reflexões fazem parte do capítulo “Multirreferencialidade: o pensar de Jacques Ardoino em perspectiva e a problemática da formação”, de Roberto Sidnei Macedo, in MACEDO; BARBOSA (orgs.). *Jacques Ardoino & a Educação*. Belo Horizonte, Autêntica, 2012.

<sup>125</sup> Clementino Júnior é programador visual (UFRJ) e cineasta, tendo realizado filmes como “Feli(Z)cidade”, de 2015 e “Jurema”, de 2014. Ele ofereceu uma oficina de cinema negro no Seminário Internacional Fela Kuti da

Brenno publicou a foto a seguir alguns dias após o evento como uma “surpresa”, em suas palavras. De fato, eu não havia percebido que ele me fotografava e me emocionei com o seu gesto e com a imagem. Em seguida, outros interlocutores importantes da pesquisa, como Mãe Márcia e Arethusa, sua filha, também compartilharam e comentaram a mesma foto, demonstrando compreender sensivelmente a importância da pesquisa para mim, o que representou, no meu entendimento, um diálogo profundo. Eu também fotografei Brenno em alguns momentos no dia 31 de janeiro de 2016, como mostra uma das imagens a seguir, compartilhada também por ele e outros membros do terreiro. Ambas as imagens, assim como as demais a seguir, foram compartilhadas por mim com meu grupo de pesquisa e com os amigos da disciplina.

Figura 110 – Fotografada em campo no Sétimo Presente de Iemanjá de São Gonçalo



Fonte: Foto de Brenno Santos

Figura 111 – Brenno Santos no Sétimo Presente de Iemanjá



Fonte: Foto da autora

Com essas imagens, a minha e a de Brenno, lembro-me do *abèbè*, que significa leque em *yorubá*, instrumento que pode trazer um espelho em seu centro. Ele é usado pelas divindades aquáticas, tanto por Oxum, quando feito em latão ou metal dourado, quanto por Iemanjá, quando feito em metal prateado. Pode trazer desenhos ou entalhes de peixes, conchas ou estrelas também. Lody (2006) explica que o formato do *abèbè* pode ser compreendido como uma projeção da cabeça, “utensílio interpretado nos rituais como elemento emblemático da fertilidade” (p. 299). O espelho possui significados profundos na rica mitologia *yorubá*, sobretudo no que se refere aos *ìtàn*, mitos ou histórias, desses dois Orixás. Ele é adorno, representando a vaidade, a beleza e a feminilidade, mas, principalmente, possui um sentido místico, estratégico, podendo ser considerado, em alguns casos, uma arma.



Figura 112 – *Abèbè* de Oxum no *Ilè Omidayè*



Fonte: Foto de Brenno Santos

Para Oxum, possui um sentido especial em sua magia por revelar a autêntica face das pessoas. Conta um dos seus *itàn* que Oxum guardava essa propriedade mística do espelho em segredo. Para proteger a verdadeira propriedade do espelho, Oxum dizia a sua irmã Oyá que o espelho revelava monstros terríveis. Por isso, ela deveria manter distância dele. Oyá, curiosa, mirou-se secretamente no espelho de Oxum. No entanto, Oyá surpreendeu-se e encantou-se com a própria beleza refletida no espelho. Beleza que ela só atribuía a Oxum, sua irmã. Por um momento, Oyá percebeu-se ainda mais bonita que sua irmã. Como seria possível? Oyá, inicialmente, acreditou se tratar de uma armadilha, pois não podia conceber a própria beleza. Depois, descobriu que o espelho revelava a verdadeira face, a verdadeira beleza das pessoas. Terá sido por isso que Oxum guardava esse segredo consigo? Seria Oyá ainda mais bonita que Oxum? Teria Oxum ludibriado Oyá ou Oyá simplesmente tinha pouca confiança em si mesma quando jovem e não reconhecia sua impressionante beleza, seu poder e seu potencial? Ou o espelho revelava, de fato, a beleza interior? Seria a beleza algo menos importante para Oyá que projetava na irmã Oxum, considerada a rainha da beleza, todo esse ideal? Não se sabe exatamente.

Há muitas versões para este e outros *itàn*. Delicadezas e mistérios soprados, recriados e dispersos com a força da oralidade. Seja qual for a versão, há muitas analogias, leituras e metáforas possíveis. Por isso também, uma das armas de Oxum é o seu *abèbè* que distrai, surpreende, confunde ou até mesmo assusta e paralisa seus inimigos mostrando suas próprias faces, fazendo-os enxergarem a si mesmos. Ele também é revelador e um instrumento de proteção para seus filhos, filhas e a todos e todas que a ela recorrem.

Há um conhecido *itàn* de Iemanjá que narra seu desespero na praia com a perspectiva da chegada de um exército de inimigos. Como ela se defenderia de tantos homens? Iemanjá precisava defender a si mesma e o seu reino e não havia guardas em número suficiente para lutar ao seu lado. Ela, então, espalha uma série de espelhos de diferentes formatos na areia. Há versões que mencionam que ela espalhou conchas brilhantes, em madrepérola, capazes de refletir as imagens, ainda que de forma distorcida. Em uma versão e em outra, a ideia é a mesma. Quando o exército inimigo chega à praia, não percebe que o que veem são suas próprias imagens refletidas e distorcidas. Os inimigos se assustam com o “exército” refletido de Iemanjá, que se colocou à frente dos diversos espelhos empunhando sua espada. É espalhada a notícia de que Iemanjá possui um numeroso exército de criaturas estranhas, disformes, e, assim, seu reino não é invadido.

As imagens, minha, de Brenno, de Vitoria, de Mãe Márcia, de Stela e de tantas pessoas capturadas naquele domingo na Praia das Pedrinhas nos revelam muita coisa. Revelam como o outro nos vê. Elas também permitem que nos enxerguemos. Como pesquisadora em formação, ver a mim mesma na fotografia feita por Brenno me liga aos *itàn* do *abèbè* e às reflexões de Alves (2015), já comentadas neste capítulo, sobre a importância de enxergar a nós mesmos em nosso mergulho nos cotidianos que pesquisamos.

Cabe também a articulação do *abèbè* com a escuta sensível (BARBIER, 2002), que significa buscar compreender os interlocutores da pesquisa com empatia e tecendo com eles uma relação de confiança. A escuta sensível acontece de forma espelhada, uma vez que o outro é refletido em minha busca de compreensão em meu mergulho no campo e me envolvo totalmente nesse processo. Tanto eu quanto os interlocutores da pesquisa nos revelamos mutuamente.

A seguir, barco de papel para Iemanjá com desenhos coloridos pelas crianças do *Egbé Ilè Iyá Omidaye Aşé Obalayo* em oficinas realizadas em janeiro no terreiro. As atividades, que também contemplaram oficinas de danças, cânticos, percussão e rodas de conversa, foram fotografadas, filmadas e compartilhadas no Facebook durante o processo. As bonecas, de Oxum e de Iemanjá, que enfeitaram o barco também foram feitas em oficinas no terreiro. Cada uma traz o seu *abèbè*.

Figura 113 – Detalhe do barco no Sétimo Presente de Iemanjá



Fonte: Foto da autora

Figura 114 – Bonecas no barco no Sétimo Presente de Iemanjá



Fonte: Foto da autora

Em suas perspectivas inspiradas em Ardoino, Macedo (2012) nos propõe que é fundamental reconhecer que se aprende com os sentimentos e os sentimentos aprendem. As imagens compartilhadas por mim no grupo da disciplina “Fotografia e Pesquisa em Educação” e no grupo de pesquisa dispararam comentários e narrativas de minhas professoras, colegas, companheiros e companheiras do *Ilê Òbá Òyó* e do Doutorado com demonstrações de alegria e carinho, entre os quais: o comentário de Edméa Santos, “Que pesquisa de campo difícil meu Deus... Kkkk delícia Máira Pereira! Aproveita! Bjs”; o de Stela Guedes na disciplina, “Coisa mais que linda! Emocionei!” e no grupo, “amei tantoooo”; o da

amiga de disciplina Tania Lucía Maddalena, “Que fotos lindas Máira Pereira e que legal que você esteja aproveitando o campo e a sua pesquisa esses dias! Parabéns!”; do amigo do grupo, também na disciplina, Marcos Serra, “Que beleza! Seguindo com vcs, descobrindo possibilidades e encantamentos! Muito Axé pra ti”; e do companheiro do grupo Cristiano Sant’Anna, “Que lindo Máira Pereira!! Encantado!! Muito show!”.

Figura 115 – Fotografia que chamei de “Beijo de Infinito no Oceano” no Sétimo Presente de Iemanjá



Fonte: Foto da autora

Meus sentimentos e meu encantamento com a pesquisa, o que inclui seus profundos desafios e dilemas, foram compartilhados com pessoas igualmente importantes em minha formação como pesquisadora, em uma espécie de ampliação dos meus sentimentos e do meu percurso. Também se forma e se aprende assim. Tive, dessa forma, experiências significativas de aprendizagens e de colaboração no período do Sétimo Presente de Iemanjá, tanto com os interlocutores da pesquisa quanto com minhas redes do Doutorado, do grupo de pesquisa e da vida.

Trago algumas perspectivas de Macedo (2012) para a aprendizagem multirreferencial, com as quais entrelaço meu percurso de pesquisadora em formação e também me inspiro para compreender os caminhos e práticas dos interlocutores da pesquisa-rio:

Trabalhar intensamente a produção de sentidos no aprender, visto que toda e qualquer via de possibilidade para se realizar o fenômeno da aprendizagem apresenta-se como estruturada e estruturante, mesmo a partir das elementares experiências sensíveis.

Ouvir sensivelmente as aprendizagens e acolher os seus processos honestos de errância e de ambivalência.

(...)

Distinguir e relacionar conhecimento e competência qualificada, pois, nos cenários de aprendizagem, o conhecimento por si não garante a qualificação que implica conhecer com *autorização* para uma prática técnica e politicamente reflexiva.

Desconstruir a hierarquização das aprendizagens em termos socioculturais, mesmo no necessário reconhecimento de que existem aprendizagens prioritárias em determinados campos e tempos, visando à humanização radical do aprender.

(...)

Instituir a aprendizagem solidariamente transgressiva, divergente, questionante.

(...)

Garantir a aprendizagem para a vida, implicando o exercício profissional, político, estético e o da cidadania democraticamente enraizada.

Reconhecer que se aprende pelos sentimentos e que os sentimentos aprendem, compreendendo que o fenômeno da aprendizagem é também do âmbito do estético e do erótico.

Instaurar vigorosamente uma aprendizagem pela inteligência e para a inteligência geral, aquela que, ao lidar com as especificidades, as especializações, é também capaz de produzir conhecimento relacional e globalizado. (MACEDO, 2012, pp. 57-59)

O oceano de aprendizagens, sentimentos e redes se ampliou com o Sétimo Presente de Iemanjá de São Gonçalo. Esse fluxo de mudanças embalou a todos e todas no balanço das ondas e no movimento iniciado por Mãe Márcia e seguido por Arethuza, Brenno, Vitoria, Adelaine, que estava grávida de Victor Hugo na época, e os demais membros do terreiro para atravessar o ano de 2016 e para realizar o seu primeiro evento de forma ainda mais criativa e colaborativa. Aprendi e me formei também com muitas redes: a dos interlocutores da pesquisa, a do Doutorado, as da vida.

Na noite daquele domingo, 31 de janeiro de 2016, Mãe Márcia publicou em sua linha do tempo uma das fotos que fiz durante a manhã com um agradecimento para mim:

Queria dizer como é bom ter amigos. Amigos como você, querida Máira, que mesmo com o tempo apertado encontra espaço no coração como o seu. Que todas as águas te abençoem e lhe retribuam em carinhos e afetos. Bjs no coração. Amigo é algo que não se paga. Modupé<sup>126</sup>. (Márcia Dória Pereira, Mãe Márcia d'Oxum, interlocutora da pesquisa)

<sup>126</sup> Como se agradece no *yorubá* falado nos terreiros da Nação Ketu. Existe igualmente a forma *Adupé*.



Figura 116 – Rosilânia no Sétimo Presente de Iemanjá



Fonte: Foto da autora

Presentes, surpresas, carinhos, desafios, acontecimentos e delicadezas do caminho da pesquisa. Relações dinâmicas, vivas, afetivas, em que se ensina e se aprende mutuamente. A foto que Mãe Márcia escolheu para acompanhar sua narrativa foi a que fiz da Rosilânia Pimentel, sua filha de santo, iniciada para Iemanjá, enquanto ela, em silêncio e um pouco afastada do grupo, saudava com respeito as águas do mar logo após a entrega do barco.

Caminho para o encerramento desta seção, em que caberiam tantas águas e mais reflexões sobre todas as aprendizagens vividas no Presente de 2016, com a benção de Mãe Márcia em forma de narrativa digital, deixada por ela na noite do dia 31 de janeiro no Facebook. Vitoria e seus cabelos de ondas também me fazem companhia. Em 3 de julho de 2016, quase seis meses após o Presente de Iemanjá daquele ano, Vitoria publicou mais uma *selfie* no Facebook em uma narrativa que expressa seu tédio ao ouvir sugestões para alisar seus cabelos cacheados, com a *hashtag* #amomeuscachos.

Figura 117 – *Post* de Vitoria no Facebook em reação às sugestões para alisar seu cabelo



Fonte: linha do tempo de Vitoria no Facebook

Entendo com os *posts* de Mãe Márcia e Vitoria que o Facebook é, como observaram Macedo e Ribes (2014), “uma grande arena de encontro, de diálogo e de produção de sentidos. Assim, toda interação verbal online pode ser caracterizada pela troca de enunciados, entendidos como elaborações da língua no intuito de comunicar e se dirigir ao outro” (p. 152).

Tive a oportunidade de estar com os membros do *Omidayè* pouco após o Sétimo Presente de Iemanjá, no dia 02 de fevereiro, dia em que se festeja Iemanjá no Brasil e dia do *Odun* de Mãe Márcia. Pude conversar mais uma vez com todos e todas e pude ouvir suas avaliações sobre o evento de domingo. Na oportunidade, foi gravado o vídeo<sup>127</sup> em homenagem aos 48 anos de iniciação de Mãe Márcia d’Oxum, divulgado dias depois no YouTube e no Facebook.

Sigo na pesquisa-rio na companhia dos interlocutores e de muitas narrativas, imagens e fotografias. Trago a seguir duas fotografias feitas por Brenno: a primeira, na oficina em que crianças e jovens do *Ilè Omidayè* construíram o barco de Iemanjá e sua a rede e a segunda, durante o xirê, que me mostra em campo, ao fundo, com os passos de dança de Vitoria, companheira em meus diálogos com o Presente de Iemanjá de São Gonçalo e que seguirá junto a mim na seção seguinte, em que navego na oitava edição do evento-dispositivo, em 2017.

<sup>127</sup> Vídeo de Brenno Santos, disponível em: <[https://www.youtube.com/watch?v=Fo7xQw4wg\\_g](https://www.youtube.com/watch?v=Fo7xQw4wg_g)>. Acesso em: 21/5/2016.



Figura 118 – A rede de Iemanjá



Fonte: Foto de Brenno Santos

Figura 119 – Vitória durante o xirê no Sétimo Presente de Iemanjá



Fonte: foto de Brenno Santos

### 3.3 Presente de Iemanjá de 2017: os movimentos de Vitoria em espaços multirreferenciais de aprendizagens

Figura 120 – Stela fotografando Vitoria no Presente de Iemanjá de 2017



Fonte: Foto da autora

“Vitoria não para de se movimentar este ano, de gesticular, de falar... Estou aqui tentando fotografá-la... Ela vai pra lá, vem pra cá, dá ordens, diz onde cada um deve ficar. Está organizando tudo para a saída do barco”. Essa foi a fala de Stela ao tentar fotografar Vitoria no momento em que o barco deixava a Praia das Pedrinhas no Oitavo Presente de Iemanjá de São Gonçalo, no dia 05 de fevereiro de 2017.

Embora eu tenha conseguido capturar um instante de Stela fotografando Vitoria, pude compreender profundamente o que ela me dizia. Os movimentos de Vitoria que desafiavam Stela ao fotografá-la vinham se formando como ondas há algum tempo, em seu percurso de aprendizagens no *Ilè Omidayè*.

Pouco antes do Presente, no dia 16 de janeiro de 2017, foi realizada a reunião da comissão organizadora. Como representantes do *Ilè Omidayè*, além de Mãe Márcia, estavam presentes Ogan Raoni, ao fundo, de barba, na foto a seguir, e Vitoria.

Figura 121 – Reunião da Comissão Organizadora do Presente de Iemanjá de 2017



Fonte: Linha do tempo de Mãe Márcia no Facebook

A narrativa era acompanhada do seguinte texto de Mãe Márcia:

Parabéns para todos nós de diferentes nações, mas com o mesmo objetivo: o respeito, a diversidade cultural e plural de um povo que atravessou o Atlântico escravizado e que luta até hoje pelo direito de ter liberdade de expressão. Celebrar Iemanjá é uma das maiores expressões da cultura Afro. (Mãe Márcia, em narrativa no Facebook em 16/01/2017)

Ao encontrar o *post* de Mãe Márcia no Facebook, escrevi esta nota em meu fotodiário *online*: “Vitoria se forma com o *Omidayè*, se forma com o Presente de Iemanjá, se forma com Mãe Márcia, seus irmãos e também com membros de outros terreiros do município”.

Buscando compreender minhas próprias compreensões ao reler a nota do meu fotodiário *online*, ressignificando-as enquanto navego na pesquisa-rio, recordo do que nos ensinou Paulo Freire (1983) sobre como as pessoas se educam: “Ninguém educa ninguém, ninguém educa a si mesmo, os homens se educam entre si, mediatizados pelo mundo” (p. 79). Tem sido assim com Vitoria em suas interações com Mãe Márcia, seus irmãos de santo, pessoas de outras redes, assim como em seu percurso de experiências formativas no Presente de Iemanjá, dispositivo da pesquisa.

Nesta pesquisa-rio com os cotidianos, considero, ao lado dos autores que trabalham com a multirreferencialidade, que o ser humano é multirreferencial em sua essência, constituindo-se, de modo dinâmico, na relação com o outro. Fróes Burnham (2000, 2012) contribui para a minha compreensão dos movimentos de Vitoria no Presente de Iemanjá em paralelo com as redes educativas tecidas no *Ilè Omidayè* ao desenvolver a noção de espaços multirreferenciais de aprendizagem, que são os espaços onde há a perspectiva de aprendizagem a partir de uma multiplicidade de referenciais. Na companhia da autora e

sempre inspirada em Alves (2008, 2015), compreendo o *Ilè Omidayè* como *espaçotempo* multirreferencial de aprendizagens, em que seus membros se articulam em diversas redes educativas, potencializando e acionando em Vitória seus movimentos de formação (MACEDO, 2010, 2013) e autorização (ARDOINO, 2003).

Chamam a atenção não apenas os locais – singulares, geográficos – de aprendizagem, mas também as redes locais que as pessoas tecem intra intersubjetivamente: num mesmo período de suas vidas elas convivem muito proximamente (no tempo e espaço) nos ambientes da escola, do lar, do parque de lazer, do terreiro de candomblé, do *shopping center*...  
Nesses lugares entram em contato com diferentes formas de conhecer e organizar o conhecimento; expõem-se e interagem com diferentes referenciais de leitura da realidade. (FRÓES BURNHAM, 2000, pp. 292-293).

A própria autora afirma que esses referenciais de leitura da realidade circulam em variados lugares, como, por exemplo, nas comunidades étnico-religiosas, em que as pessoas acionam diferentes formas de conhecer “através de mitos e das formas de conhecimento religioso” (FRÓES BURNHAM, 2000, p. 293). No terreiro, florescem projetos e eventos, como o Presente de Iemanjá de São Gonçalo, que mobilizam em seus membros e fazem circular saberes, conhecimentos e competências requeridos em determinados contextos. O *Ilè Omidayè* pode ser igualmente compreendido como fonte geradora, com suas águas fecundas, de outros espaços multirreferenciais de aprendizagem. Além disso, o caráter de espaço relacional do terreiro e, mais especificamente, do próprio Presente de Iemanjá, corroboram sua caracterização como espaço multirreferencial de aprendizagem (FRÓES BURNHAM, 2000, 2012).

Concordo com Fróes Burnham (2000) quanto à relevância da identificação desses múltiplos *espaçostempos* em nossa sociedade para viabilizar a construção de esquemas *teóricopráticos* que desafiem e desloquem a forma hegemônica de lidar com o conhecimento e compreender a formação de indivíduos e coletivos sociais, em linha com o conceito de redes educativas (ALVES, 2008) e com os movimentos do *Kékeré*, nosso grupo de pesquisa.

Assim, explicitar os espaços multirreferenciais de aprendizagem como *loci* sócio-culturais onde as interações se processam no sentido da construção de indivíduos e coletivos sociais – que tem na produção material e imaterial lastros para tecer a autoria de suas produções e tem autonomia coletiva para compreender o significado de sua participação na constituição de sua participação na construção social de si mesmos, do conhecimento e da sociedade – é um propósito a ser alcançado para ajudar a edificar uma sociedade mais digna e solidária.  
(FRÓES BURNHAM, 2000, pp. 305-306).



Fróes Burnham (2012) associa os espaços multirreferenciais de aprendizagem, sejam físicos ou *online*, ambos relacionais e relacionados, a uma expressão de resistência à segregação sociocognitiva, entendida como restrições de grandes parcelas da população às possibilidades de apreender, apropriar-se, criar e produzir conhecimentos (p. 102). Concordo com a autora de que é preciso, para converter o conhecimento em bem público e superar lacunas resultantes dessa segregação, encontrar espaços para socializá-lo, com “modos para publicizar a informação e mediadores para atuar nos processos de transformar informação em conhecimento e este em bases para a construção da subjetividade” (FRÓES BURNHAM, 2012, p. 103). Esses espaços sociais, que prefiro chamar *espaçostempos*, “vêm assumido, intencionalmente, o papel de lócus de mediação de relações com o conhecimento” (p. 115), alguns deles dedicados às interações voltadas à formação mais ampla.

Há muitos exemplos que confirmam e ilustram tal compreensão nas narrativas escutadas e rastreadas, pessoalmente e no Facebook. Mãe Márcia e os membros do *Ilè Omidayè*, por sua implicação (ARDOINO, 2003), aprendem e se formam na prática ao longo das edições do Presente de Iemanjá, tido como um desdobramento do espaço do terreiro em interface com a cidade e, portanto, articulado com a cibercultura. Mãe Márcia me contou que se preocupou muito, desde a primeira edição do Presente, em fazer um barco ecologicamente sustentável, biodegradável para as oferendas. Ela e alguns membros do terreiro buscaram oficinas para conhecer as técnicas para que pudessem construir o barco e os objetos para o Presente. Eles se formaram no processo e frequentemente realizam cursos e oficinas de atualização, convidando membros mais novos a participarem. Esse é apenas um exemplo entre muitos.

Ainda no que se refere ao cuidado com a preservação do meio ambiente, outro exemplo é a preocupação de Mãe Márcia com a limpeza da Praia das Pedrinhas no dia do evento, sobretudo a partir de 2015, quando ela ficou muito triste com o lixo deixado pelas pessoas no local. Desde então, ela tem priorizado a campanha de coleta do lixo nas areias da praia, em data anterior a realização do evento, assim como a coleta seletiva do lixo no dia do Presente. Além dessas campanhas específicas, o próprio processo de diálogo, interação e negociação com os membros de outros terreiros de São Gonçalo participantes tem se mostrado formativo. O cuidado demonstrado por Mãe Márcia não é o de formar somente os membros do seu terreiro, mas envolver os membros dos demais terreiros e “deixar essa mensagem e ajudar a desenvolver essa consciência em todas as pessoas que circulam no Presente, do Candomblé ou não”, como me disse uma vez.

Acrescento que o terreiro como espaço multirreferencial de aprendizagem e com suas redes educativas tecidas cotidianamente deve ser compreendido como movimento dinâmico que cria, amplia e atualiza um importante projeto multirreferencial em articulação com a cidade e o ciberespaço, o Presente de Iemanjá, propiciando igualmente uma avaliação crítica de seus participantes a cada nova edição, em que buscam novas práticas, novas formas de planejar, divulgar e de fazer o evento. Ainda que não existam papéis muito definidos acerca dos atores que participam do processo, as redes sociais *online* também podem ser compreendidas como espaços multirreferenciais de aprendizagem por sua dimensão relacional (Santos, R, 2015, p. 39). O terreiro *Ilê Omidayê*, campo da pesquisa-rio, atravessa com suas águas a cidade e as redes sociais, especialmente o Facebook, articulando-se com esses demais *espaçostempos*, nos quais são constituídas e ampliadas muitas redes educativas.

Concordo com Macedo (2010) quando o autor explica a formação como fenômeno que se faz fazendo. Foi fazendo que Vitoria também se formou e se forma nas redes educativas tecidas com os cotidianos do terreiro. No Presente de Iemanjá, ela participou de reuniões de planejamento, de ensaios, de oficinas no terreiro para confecção do barco, de apresentações culturais. Ela também está em movimento, no vaivém das ondas. As mudanças de Vitoria ao longo das edições do Presente de Iemanjá que acompanhei e também em seus rastros digitais (BRUNO, 2013) no Facebook podem ser compreendidas como um deslocamento, uma alteração, que é o “processo a partir do qual o sujeito muda, move-se interativamente” (MACEDO, 2013, p. 95), que está no cerne da aprendizagem e da formação.

Assim como Santos, R. (2017), compreendo que a formação é um fenômeno que se configura numa “experiência profunda e ampliada do praticante que aprende interativamente, de forma significativa, imerso numa cultura, numa sociedade, como produção de subjetividades” (p. 7). Essa perspectiva acerca da noção de formação é fundamental, confirmando-se nesta pesquisa e iluminando novas compreensões relativas às experiências de Mãe Márcia, Vitoria e demais membros do *Ilê Omidayê*.

Em um de meus primeiros encontros com Vitoria, em 2014, na oficina de Literatura Infantil Afro-Brasileira que Mãe Márcia realizou no I Seminário Internacional Fela Kuti da UERJ, narrado no Capítulo 2 desta tese, ela não conseguia ainda falar das discriminações sofridas em sua escola em seu período de preceito e em outros momentos. Vitoria se emocionava e não conseguia continuar contando o que havia vivido e sentido. Foi assim também em outras oportunidades, como no I Encontro das Mulheres Negras e de Matrizes Africanas de São Gonçalo, em agosto de 2015, que será abordado no próximo capítulo.

Vitoria afirmava desejar contar a sua história, mas não conseguia. Ela silenciava suas dores em um oceano profundo. Sua voz se fez correnteza em movimentos, em sua participação, nas “ordens” para dizer onde cada um deveria ficar, como observou Stela, no Oitavo Presente de Iemanjá, em 2017.

Vitoria também navegou com algumas narrativas pessoais no Facebook, tendo sido a que escolhi para abrir este capítulo a primeira delas, considerada muito significativa por demarcar que tinha ido ali com o objetivo de dizer alguma coisa a alguém. Vitoria publicou sua narrativa em seu próprio tempo, em sua linha do tempo, e com a sua *selfie*, da forma com que gostaria de ser vista, tomando as suas próprias decisões sobre quando, como, onde e com quem falaria de si. É possível compreender o processo de Vitoria com o conceito de autorização (ARDOINO, 2003), que significa a capacidade que pode ser desenvolvida, por meio da educação, para que alguém se torne autor de si mesmo. Autorizar-se é assumir a construção do próprio destino, de forma emancipada, com seus passos de ondas, como Vitoria. Os *espaçotempos* multirreferenciais de aprendizagens nos quais Vitoria está inserida, assim como as redes educativas nas quais participa, contribuem para a sua formação e para seus movimentos de autorização.

Outra compreensão possível com que costuro minha leitura em relação à narrativa de Vitoria no Facebook com que abro o capítulo, diz respeito à exposição de si, de sua vida privada, suas dores e experiências, assim como sua religiosidade, seu pertencimento ao Candomblé, na rede social *online* como estratégia para se proteger de novas manifestações de preconceitos, resultantes da vigilância de algumas pessoas. Minha compreensão inspira-se em Bruno (2013, p. 133), quando a autora afirma que a “exposição de traços e narrativas pessoais na Internet pode ser o meio mesmo de escapar, subverter ou resistir ao olhar vigilante”. Bruno (2013) chegou a essas conclusões no contexto da discussão e da pesquisa sobre mecanismos e dispositivos variados de vigilância na Internet, como, por exemplo, *softwares* de monitoramento de atividades *online*, investigações policiais que incluem a observação dos rastros digitais como evidências e diferentes usos dessas observações de narrativas digitais, como os realizados por empresas, seja para “investigar” a vida de candidatos a posições profissionais em processos seletivos ou para controlar as atividades de funcionários expostas em redes sociais como o Facebook. Esses mecanismos de vigilância, segundo a autora, e a “suposição de que tais procedimentos permitem aceder a uma *evidência digital*” (p. 132) baseados em uma pressuposição de autenticidade dessas narrativas pessoais na Internet, se colocam a serviço e excitam tanto a vigilância policial e corporativa quanto a curiosidade, a



desconfiança e até mesmo o zelo das relações afetivas e pessoais. Essas considerações se aplicariam às políticas públicas de segurança e também às relações pessoais, corporativas e sociais (Bruno, 2013, p. 132).

Ainda que situadas em outro recorte e contexto de análise, as compreensões de Bruno me auxiliam em minhas próprias compreensões das narrativas pessoais de Vitoria no Facebook, mais especificamente aquelas em que expõe seu pertencimento ao Candomblé e denuncia a discriminação sofrida, fonte de tanta dor que não tinha, até aquele momento, conseguido ser por ela verbalizada. Em sua narrativa pessoal no Facebook com que abro este capítulo, Vitoria se posiciona, se permite a autoria em relação à sua vida, controla as variáveis, tempos e formas em que essa exposição será realizada, quando se sente pronta e confortável, educa e expande suas próprias aprendizagens, participa da luta contra o racismo religioso e também, possivelmente, se protege contra novos ataques e também da curiosidade da sua rede de contatos no Facebook. Bruno (2013) prossegue afirmando que:

Alguns pesquisadores têm insistido que a exposição da vida pessoal na Internet, sobretudo por parte dos jovens, não demonstra necessariamente um descaso com a privacidade, podendo envolver uma sabedoria em construir uma face pública e social de si mesma (Boyd, 2007). Esta sabedoria implica modular aquilo que se mostra segundo a audiência esperada, envolvendo por vezes construir pequenas armadilhas para as esperadas inspeções familiares, policiais ou institucionais (Idem). (BRUNO, 2013, p. 133).

Em algumas oportunidades, como na oficina de Mãe Márcia no I Seminário Fela Kuti da UERJ no e I Encontro das Mulheres Negras e de Matrizes Africanas de São Gonçalo, presenciei e percebi, com o convite feito a Vitoria para contar sua experiência de discriminação religiosa, uma expectativa de que ela se manifestasse. Embora seu silêncio e sua dor tivessem sido respeitados e acolhidos em todas as oportunidades que acompanhei, sem qualquer tipo de insistência para que falasse, infiro (e aqui tenho o cuidado de sublinhar que se trata mesmo de uma inferência, pois Vitoria não me revelou ter agido dessa forma para lidar com a expectativa de sua exposição nos momentos que presenciei), que sua narrativa no Facebook em outubro de 2015, após esses momentos em que foi convidada a falar e não conseguiu, também pode ser compreendida como estratégia para lidar com a situação, que pode envolver algum nível de expectativas, expondo o que tinha vivido e que, embora desejasse, não conseguia expressar pessoalmente em público.

Minha inferência se deve às próprias características de um terreiro e de um coletivo, inspirados pela implicação e ativismo de Mãe Márcia com a causa da liberdade religiosa, em que a manifestação oral, a denúncia, a constituição de espaços de partilha solidária de

experiências e de histórias pessoais fazem parte dos cotidianos da comunidade, sobretudo em eventos e em projetos que trazem essa intencionalidade e o desejo de promover a visibilidade de dores muitas vezes negligenciadas e invisibilizadas. Lembro que os indivíduos são atravessados pelas ideias, afetos, cultura, valores e posicionamentos políticos presentes nas redes educativas com as quais se vincula, se forma e se constitui. O apoio de seus irmãos e irmãs de terreiro ao *post* de Vitoria por meio do elevado número de curtidas e alguns comentários, assim como o compartilhamento por Mãe Márcia, demonstram esse ambiente de acolhimento e um movimento de reconhecimento e orgulho, como muitos manifestaram, à decisão de Vitoria de falar de si.

Essas mesmas constatações de Bruno (2013) também me permitem inferir que Vitoria endereça duplamente (ou multiplamente) a sua narrativa pessoal: aos membros do seu terreiro, que incentivam, acolhem, reconhecem, apoiam e se orgulham dessa atitude, e às pessoas que a discriminaram e a discriminam, para quem esse endereçamento é mais explícito. Em diálogo com as narrativas, imagens e fotografias de Vitoria como personagens conceituais (Alves, 2015), desenvolvendo meus pensamentos e retornando muitas vezes a essas notas de campo e ideias, pareceu-me pertinente trazer para cá as contribuições de Bruno (2013) no que se refere à consideração das narrativas pessoais na Internet como meio de escapar e subverter o olhar vigilante e, acrescento, preconceituoso para ampliar a compreensão de outra tática já conhecida acionada por crianças e jovens de terreiros: a de não expor o seu pertencimento ao Candomblé em redes sociais digitais, justamente por temerem ser alvos de exclusão e discriminação, principalmente no espaço escolar.

A pesquisa de mais de 20 anos de Caputo (2005, 2012a, 2012b, 2014, 2016) e os trabalhos de Caputo e Pereira (2014, 2015, 2016, 2017) revelam que esconder a religião é uma tática usada pelas crianças e jovens de Candomblé para se relacionarem em espaços de hostilidade e geração de sofrimento pelo racismo religioso. Caputo (2016) narra uma interação com crianças em seu campo de pesquisa em que estas se mostravam apreensivas e cautelosas quando ela lhes perguntava se poderia publicar as fotos que fazia no Facebook. As crianças queriam sim ver as fotografias publicadas na rede social, mas pediam para não ser identificadas, marcadas, para que os contatos de sua rede de amigos, também colegas de escola, não as vissem com trajes do Candomblé. “Tenho medo de perder meus amigos. Na escola, todo mundo me zoa quando vê meu Face”, lhe explicou uma das crianças (CAPUTO, 2016, p. 279).

A tática da autopreservação em relação ao olhar vigilante do outro por meio da tentativa de ocultação ou alguma forma que dificulte a localização de rastros digitais nas redes sociais pode se desdobrar, em alguns casos, em outra tática ou estratégia pelo movimento oposto, o da exposição de si. “A melhor maneira de proteger a sua vida privada é torná-la pública”, nos diz Bruno (2013, p. 133) em um contexto bem diferente, mas que me inspirou e permitiu que eu chegasse a novas compreensões, ao trazer o caso do artista Hasan Elahi, alvo de suspeita de terrorismo pelo FBI em 2002 e que usa estrategicamente a visibilidade, por meio da postagem de fotos pessoais nas redes sociais, para driblar a vigilância sobre sua vida privada.

Proteger-se estrategicamente do olhar vigilante e preconceituoso do outro pode ser traduzido em um jogo de esconder-se ou de expor-se à visibilidade. Ambas as táticas me convidam a reflexões e diálogos em minha pesquisa. No caso de Vitoria, com base em minhas observações e em meu mergulho no campo, percebo o quanto estar inserida e se constituir, formando-se e autorizando-se, em redes educativas tecidas no espaço multirreferencial de aprendizagem de seu terreiro, também caracterizado pelo ativismo e militância de sua *Ïyálorixá* e em interface com outros *espaçostempos* de aprendizagens, contribuiu para que ela fizesse seus movimentos e atuasse, tanto em outubro de 2015 quando publicou sua primeira narrativa no Facebook se afirmando candomblecista e enviando um recado à pessoa que a discriminou em sua escola, quanto em postagens seguintes e em sua crescente implicação com a organização do Presente de Iemanjá, até que se sentisse autorizada a “dar ordens” e dizer onde cada um deve ficar para garantir que tudo fosse feito da melhor forma em sua oitava edição.

Proponho um movimento retrospectivo em meu texto para seguir adiante narrando alguns acontecimentos (MACEDO, 2016) que marcaram o Oitavo Presente de Iemanjá de São Gonçalo. Retorno a momentos anteriores à realização do Presente para apresentar algumas estratégias de divulgação no Facebook.

“O que nos une é mais forte do que nos separa”. Essa frase em estilo de *slogan* foi escolhida por Mãe Márcia, em janeiro de 2017, para publicar no Facebook a divulgação do Oitavo Presente. Há algumas tensões entre membros dos terreiros participantes e também dos representantes do poder público que integram a comissão organizadora do Presente no período de planejamento do evento. Contudo, o sentido de coletividade e a causa comum, que une a todos, devem predominar, segundo Mãe Márcia. Esta é a busca, ao menos. Esta é a mensagem de Mãe Márcia para inspirar a colaboração, a solidariedade, o respeito e a

identificação entre as partes, alimentando o desejo de fazer junto, fazer com, ser com. Uma estratégia de resistência e de criação coletiva, sem negar seus desafios, dilemas e dificuldades. Há desgastes a cada ano.

É o que tenho acompanhado e escutado no contexto do *Ilè Omidayè*, casa idealizadora do projeto e que costuma assumir parte significativa da sua organização e programação. Entretanto, a alegria no fazer com, no pensar junto o Presente, como, por exemplo, nos ensaios e oficinas realizados no terreiro, parece superar as limitações e até alguns conflitos que emergem, unindo ainda mais os membros do *Omidayè*. Todo o processo, que envolve o antes, o durante e o depois do Presente, com especificidades a cada nova edição, tem se revelado uma experiência e um acontecimento (MACEDO, 2015, 2016) formativos e formadores para os membros do *Omidayè*, principalmente os jovens. A história do Presente atravessa a história de Mãe Márcia, do terreiro e alguns de seus membros, como Vitoria, e também a história e a dinâmica de São Gonçalo. O Presente ocupa os terreiros e a cidade, o espaço público da Praia das Pedrinhas, as redes sociais digitais, especialmente o Facebook.

Igualmente em janeiro de 2017, foi lançada no Facebook a campanha para se alterar o tema da foto de perfil como estratégia de divulgação e apoio ao Oitavo Presente de Iemanjá. A iniciativa foi de *Ogan Raoni*<sup>128</sup>, que criou a campanha pelo *Twibbon*<sup>129</sup>.

---

<sup>128</sup> Perfil pessoal de Raoni Roque no Facebook: <<https://www.facebook.com/raoni.roque>>. Acesso em: 02/01/2018.

<sup>129</sup> “*Twibbon* é um site gratuito de criação e adesão de campanhas para apoiar causas, marcas ou organizações em redes sociais, como Facebook e Twitter, com um filtro temático para foto de perfil. Qualquer usuário poder criar sua campanha e divulgar com o mundo.” Fonte: <<http://www.techtudo.com.br/tudo-sobre/twibbon.html>>. Acesso em: 02/01/2018.

Figura 122 – Mãe Márcia divulga campanha para troca de perfil em apoio ao 8º Presente de Iemanjá



Fonte: Linha do tempo de Mãe Márcia (<https://twibbon.com/support/8%C2%BA-presente-de-iemanj%C3%A1-de-sg>)

Ao conversar com Mãe Márcia *inbox*, via *Messenger*, sobre a iniciativa de alteração do tema da foto de perfil, ela afirmou que "em tempos de crise, é preciso ter mais criatividade". Ao ler seu comentário tempos depois em minhas notas de campo, lembrei-me do que nos ensinou Paulo Freire (1996, p. 32): “Não haveria criatividade sem a curiosidade que nos move e que nos põe pacientemente impacientes diante do mundo que não fizemos acrescentando a ele algo que fazemos”. Esse mundo que não fazemos, recebe nossas criações e invenções, em um movimento de impaciência criativa, em que nos formamos fazendo.

Ao encontrar o evento<sup>130</sup> no Facebook criado pelos membros do *Ilè Omidayè* para a oitava edição, assim como as fotos de perfil e de capa de Mãe Márcia atualizadas, publiquei a seguinte nota em meu fotodiário *online*:

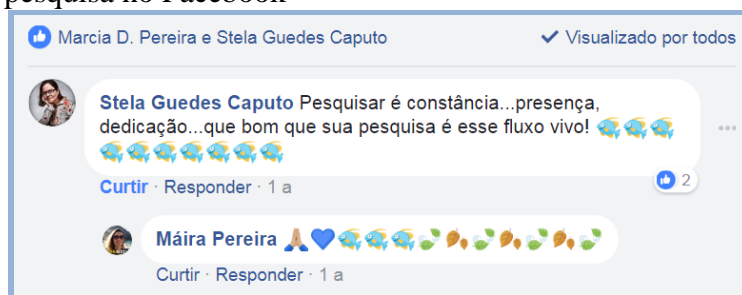
{VIII Presente de Iemanjá de São Gonçalo} Alegria imensa viver a pesquisa nesse fluxo de afetos, sob o olhar carinhoso e atento do Tempo. Coisa boa encontrar fotos de capa e de perfil de Mãe Márcia atualizadas, anunciando um momento tão importante do ano. Essas imagens também já circulam em outras linhas do tempo, de membros e amigos do Omidayè. Oitavo Presente de Iemanjá de São Gonçalo. Minha terceira vez na Praia das Pedrinhas se aproxima. Celebração à Senhora do Ori e à ocupação do espaço público com história e cultura negra. Até lá, queridas Marcia

<sup>130</sup> Evento é um recurso do Facebook que permite que se organizem reuniões sociais convidando pessoas da rede de contatos. É possível criar um evento de qualquer natureza, desde um jantar de aniversário até uma reunião para levantar fundos para uma escola. Ao criar um evento, pode-se controlar quem poderá ver ou participar do evento. Este é o endereço para o evento/convite para o 8º Presente de Iemanjá de São Gonçalo: <<https://www.facebook.com/events/1871620369788206/?ti=icl>>. Acesso em: 14/11/2017.

D. Pereira e Stela Guedes Caputo! 🍷🍷 (nota da autora em fotodiário *online* de pesquisa no Facebook em 12/01/2017)

Trago o comentário de Stela ao meu *post* no fotodiário *online* para tentar traduzir a importância do tempo, sem linearidades, com idas e vindas às análises dos fenômenos e experiências emergentes no campo, com a presença e a implicação do pesquisador, em movimentos de mergulho, reflexões e afastamentos temporários para novas imersões, no vaivém das ondas do mar que banha a Praia das Pedrinhas, para a constituição da dinâmica de uma pesquisa viva, aberta ao acontecimento (MACEDO, 2016):

Figura 123 – Comentário de Stela no fotodiário *online* de pesquisa no Facebook



Fonte: Fotodiário *online* da autora no Facebook

Em um novo movimento de brincar com o tempo dentro do Oitavo Presente de Iemanjá, saio de janeiro para dezembro de 2017, para dialogar com narrativas emergentes no fluxo da pesquisa-rio que se encontra com o mar. Trago a narrativa de *Ogan* Raoni no Facebook no dia 07 de dezembro de 2017: “Hoje visitei a exposição “Parede|Meia – Novas Confluências”. Simplesmente encantador e o melhor é ver que a sua vida cotidiana faz parte disso. *Asè Omidayè*”.

Raoni se referia à exposição realizada em um *shopping center* de São Gonçalo<sup>131</sup> que trouxe entre as obras uma fotografia de Vitoria feita pela fotógrafa Laura Lima<sup>132</sup> no Presente

<sup>131</sup> Outras informações sobre a exposição “Parede|Meia”: Artistas: J. Medeiros, Laura Lima, Roberto Monteiro, Thomas Jefferson. Curadoria: Bruno Albert. Produção Executiva: Rafael Massoto. Realização: Secretaria de Cultura de São Gonçalo, Shopping Partage São Gonçalo.

<sup>132</sup> Laura Lima é jornalista, fotógrafa e pesquisa em sua especialização o papel cultural da fotografia na construção e desconstrução do imaginário do candomblé. Laura, moradora de São Gonçalo e amiga de alguns jovens membros do *Ilè Omidayè*, esteve presente em muitos eventos como nas três edições que acompanhei do Presente de Iemanjá e em minha conversa de pesquisa realizada no terreiro, discutida no Capítulo 4 da tese. As fotos de Laura Lima costumam ser compartilhadas no Facebook por Mãe Márcia e pelos membros do terreiro e há algumas delas nesta tese. Tive algumas conversas com Laura ao longo da pesquisa a respeito de nossas inquietações, dúvidas, encantamentos e reflexões sobre fotografias no terreiro. Laura Lima no Instagram: <<https://www.instagram.com/lauralimadss/>>. Acesso em: 02/01/2018.



de Iemanjá no início daquele ano. Considero importante trazer também o texto completo da curadoria da exposição, informado por Laura Lima:

Mostra coletiva que enxerga limites espaciais inventivos e os atravessa. O termo “parede e meia” é popularmente conhecido por representar distância entre construções vizinhas em zonas metropolitanas. A coletiva usa o termo como suporte subjetivo para levantar pontes entre trabalhos de artistas de São Gonçalo, Rio de Janeiro, visando apresentar ao público um espelho da cidade enquanto produção de cada artista.

A delimitação é uma das características básicas do ser humano, seja no espaço físico, metafísico ou cibernético. As diferenças, limites e paredes são fundamentalmente imaginativos, pois toda materialização humana tem sua gênese no campo das ideias. Como algo construído num plano criativo, diante de situações rígidas, a fluidez humana em alguns casos quebra ou redesenha tais barreiras, as transformando em pontes. Antes de todo muro de concreto há um pensamento sem teto. A cidade é fruto da razão e da técnica, mas também é lugar da manifestação afetiva, fazendo da construção urbana uma estrutura viva. Parede|Meia é o som do vizinho do outro lado da divisa, é conjugação de mundo na primeira do plural, é abrigo poético para o desenvolvimento artístico da cidade de São Gonçalo. (Bruno Albert, curador da exposição Parede|Meia, 2017)

Considero que o texto da curadoria ergue pontes para novas travessias e diálogos, guardando muitas conexões de sentido com o que desenvolvi neste capítulo. Cada frase mereceria novas reflexões e articulações com a pesquisa, mas destaco o aspecto da fluidez presente no texto para seguir no curso da pesquisa-rio. Costuro esse elemento fluido do texto da curadoria com as interfaces entre terreiro e cidade em tempos de cibercultura observadas no Presente de Iemanjá de São Gonçalo, em que o atravessamento supera as delimitações. Aciono também a noção de espaços intersticiais (SANTAELLA, 2010) em minha costura entre as bordas de espaços físicos e digitais que se conectam, com fronteiras e delimitações arrastadas pelas águas, rompendo muros e dicotomias, tornando-se rio que se funde ao mar.

Em espaços intersticiais, também denominados espaços híbridos (SOUZA e SILVA, 2006), não é preciso se retirar, sair de um espaço físico para estar em espaços digitais, uma vez que estamos imersos nesses espaços. Mãe Márcia, Vitoria e os membros do *Ilè Omidayè* estão, ao mesmo tempo, em conexão, nos eventos e projetos realizados no terreiro, na Praia das Pedrinhas e em suas narrativas no Facebook. Essa fluidez, como águas a correr, também se relaciona com as temporalidades não lineares, que retornam em ondas. Em dezembro de 2017, *Ogan Raoni* visita e se emociona na e com a exposição e, ao mesmo tempo, no ciberespaço por meio de seu *post* no Facebook, navegando e comunicando seus sentimentos nesse interstício.

A fotografia de Laura Lima, que seguiu com Vitoria no barco para a entrega do presente ao mar e fez parte da exposição, nos sinaliza que muitos diálogos são possíveis nessa

cidade plural que se reinventa e cria, hibridizando fronteiras entre modos de viver, saberes e conhecimentos, entre eles os gerados e praticados no *Ilê Omidayê* de forma multirreferencial.

Um dos amigos de Raoni no Facebook comentou o seguinte em seu *post*: “Mano, o *shopping* acaba de pedir a galeria e a exposição tem que sair de lá até dia 11. Só consigo pensar nessa questão da perseguição”. O amigo de Raoni referia-se à discriminação religiosa. Vitoria respondeu assim ao comentário: “Olá, boa noite! Se for por conta disso mesmo, por favor, me avise que eu vou querer falar com o responsável do *shopping* para esclarecer algumas coisas a ele ❤️”.

Raoni publicou no Facebook a foto da foto que o encantou na exposição, cuja versão digital me foi gentilmente enviada pela própria Laura Lima para inclusão em minha tese:

Figura 124 – Fotografia de Vitoria no 8º Presente de Iemanjá na exposição Parede|Meia



Fonte: Foto de Laura Lima

Encerro este capítulo com outro comentário de Vitoria ao *post* de Raoni: “É muito bom saber que posso ajudar meu Ilê e meu povo de alguma forma ❤️”. Com os seus movimentos de oceano que ligam histórias, memórias, experiências, afetos, saberes e conhecimentos que atravessam continentes, cidades, terreiros, *espaçostempos* diversos, entre eles o ciberespaço, conectando pessoas, me aproximo da nona edição do Presente de Iemanjá de São Gonçalo, programada para o dia 04 de fevereiro de 2018. Entro no Facebook e vejo em

minhas atualizações as fotos de perfil dos interlocutores da pesquisa com o novo tema e os *posts* de divulgação do evento. Ouço o mar batendo na areia da Praia das Pedrinhas e voltando em um movimento infinito.

#### 4 A BARCA DE OXUM: TRAVESSIAS DE FORMAÇÃO NA PESQUISA-RIO

A rí idẹ gbé ọ  
 Omi ró, a! wàrà-wàrà omi ró  
 O fi' de sẹ' mọ l'Òyó  
 Omi ró, a! wàrà-wàrà omi ró  
 O fi' de sẹ' mọ l'ọwọ  
 Omi ró, a! wàrà-wàrà omi ró  
 O fi' de sẹ' mọ l'òrun<sup>133</sup>

Recordo-me do meu encantamento ao presenciar a barca de Oxum, cheia de crianças, atravessar o salão principal do terreiro do Gantois na festa de Oxum em novembro de 2014. Fui a convite de Mãe Márcia com minha amiga Edméa. Todo ano Mãe Márcia vai a Salvador para participar da festa e dos rituais que acontecem nos dias anteriores e posteriores a celebração aberta ao público.

Mãe Márcia também segue a tradição de sua casa matriz. Em toda festa de Oxum no *Ilè Omidayè*, geralmente realizada no mês de maio, há o momento tão esperado em que uma barca de madeira, adaptada com rodinhas, é empurrada por um grupo de pessoas levando todas as crianças que estiverem no terreiro, dando uma volta completa no salão ou barracão. Particpei das festas de Oxum no *Ilè Omidayè* em 2015, 2016 e 2017.

Para dialogar com os significados da imagem da barca de Oxum, tomada como um personagem conceitual (ALVES, 2015) na travessia de toda pesquisa-río e apresentar os objetivos deste capítulo, trago uma nota-narrativa do meu fotodiário *online*, escrita pouco tempo após a festa de Oxum de 2016.

A inspiração para a escrita da nota foi uma foto de capa publicada por Mãe Márcia em seu perfil pessoal no Facebook em 04 de junho de 2016. Nela, estou ao lado de outros membros do terreiro, Carlos André de Logunedé e Marcia Denise de Oxum, enfeitando com flores a barca de Oxum para a festividade. Era 15 de maio de 2016 e passei o dia inteiro no

<sup>133</sup> Tradução da cantiga de Oxum: “Aquele que consegue fazer soar as pulseiras como uma canção. Soam como o barulho das águas rápidas. Ela balança as pulseiras em Oió. Soam como o barulho das águas rápidas. Ela balança as pulseiras com respeito. Soam como o barulho das águas rápidas. Ela balança as pulseiras no Orum.” (PESSOA DE BARROS, 2009, p. 163)

terreiro, imersa no campo, conversando com os interlocutores da pesquisa, aprendendo e contribuindo com os preparativos da festa.

Figura 125 – Florindo caminhos com a barca de Oxum



Fonte: Perfil pessoal de Mãe Márcia no Facebook em 04/6/2016 – Foto de Brenno Santos

{Travessias} Foto de capa de Mãe Márcia. No comentário, suas palavras: "A barca, a travessia dos ancestrais e dos orixás no coração de Oxum". A foto foi feita por Brenno no dia 15 de maio, no dia da festa de Oxum.

Reflito e aprendo com as travessias ancestrais que resistem, se transformam e se recriam nos cotidianos dos terreiros e em tantas expressões da cultura negra e afrodescendente em nosso país.

Travessias que são atualizadas e redimensionadas em tantas histórias de vida, em tantas lutas, desafios e conquistas.

Em um pequeno afluente desse rio que se encontra com o mar, nossas pesquisas e próprias travessias. Águas que se encontram em um abraço de Oceano tão imenso, cujo fluxo segue, sem parar de verter seus mistérios, invenções, contradições, riquezas, novas e antigas perguntas, lamentos, celebrações, memórias na correnteza.

A barca de Oxum como uma lembrança materializada desse percurso, como um convite para atravessar com ela, aprender com ela. Travessia que também é nossa, que viajamos com ela, que continuamos escrevendo essa história. Na noite da festa, a barca, repleta de crianças do terreiro, aponta que a travessia é hoje e que mira o futuro.

(nota da autora no fotodiário diário *online* no Facebook, em 04/06/2016)

Este foi o comentário de Mãe Márcia em relação à minha nota no fotodiário *online* de pesquisa: “Adoro quando transcreve o que conversamos e faz disso uma poesia. Viajar na oralidade que passa se escrita com todo respeito e poesia. Beijos”.

Minha experiência com a barca de Oxum, desde que a vi na festa no Gantois em 2014, prolonga-se e atualiza-se com os demais acontecimentos e encontros que emergiram em campo. Compreendo os sentidos da experiência na pesquisa com Macedo (2015), quando este

se inspira em Arendt (1969) ao afirmar que não há experiência pessoal, uma vez que a experiência é formada pelos acontecimentos vividos. Para o autor, “a experiência não é algo que sucede, é o que nos implica, portanto nos afeta, nos toca, nos mobiliza e também nos impõe, nos compromete. A experiência nunca nos deixa indiferentes” (MACEDO, 2015, p. 25).

A barca não está neste ou naquele capítulo da tese. Ela a atravessa, ou melhor, ela me acompanha na travessia. Na barca de Oxum, em suas águas, realizei minha travessia na pesquisa-rio, na companhia dos interlocutores da pesquisa e de muitas referências. Revitalizo a minha primeira experiência com a barca com tudo o que vivi em campo e com a própria experiência etnográfica da escrita. “Assim, o vivido pensado, simbolizado, é o acontecer da experiência” (MACEDO, 2015, p. 25). Na travessia, me formei e acompanhei experiências formativas dos interlocutores. Compreendo formação no sentido expresso por Macedo (2016) em seus contextos de pesquisas “como o que acontece a partir do mundo/consciência do *ser* ao aprender formativamente, isto é, *transformando em experiência significativa acontecimentos, informações e saberes que o envolvem*” (MACEDO, 2016, p. 144).

Para dialogar com as experiências de formação na pesquisa, as narrativas, incluindo as minhas próprias narrativas no fotodiário *online*, desempenham um papel fundamental. Concordo com Macedo (2015) quando o autor realça que “a narrativa constitui a nossa própria história de sujeitos em formação” (MACEDO, 2015, p. 47).

Se chegarmos à conclusão que a formação é experiencial e pertence portanto aos âmbitos da intimidade existencial e cultural, só pela narrativa podemos ter acesso a esse fenômeno e sua complexidade existencial e sociocultural. Se precisamos do ponto de vista do sujeito, que define situações, para sabermos da qualidade da sua formação, a narrativa passa a ter um status de centralidade para trabalharmos a formação como fenômeno humano. (MACEDO, 2015, p. 47)

No mergulho multirreferencial em campo, vivi e me formei com muitas experiências, me surpreendi e aprendi com as narrativas dos interlocutores da pesquisa. O *Ilè Omidayè* é uma rede educativa (ALVES, 2008) complexa, um espaço multirreferencial de aprendizagem (FRÓES BURNHAM, 2000, 2012) em que os interlocutores acionam múltiplos dispositivos por meio dos quais os dados da pesquisa são produzidos.

Como estratégia para lidar com o volume e a complexidade de narrativas produzidas nessas experiências na travessia, que são os dados construídos em campo, e organizá-las de modo não linear em meu texto, selecionei alguns momentos na acontecimentalidade da pesquisa para apresentar neste capítulo. Cada seção traz um ou alguns momentos que

considerarei relevantes no sentido da experiência formativa, para mim e para os interlocutores, relacionados a projetos, eventos ou atividades realizadas no terreiro que acionei como dispositivos. Trago esses momentos e narrativas também por meio de notas no fotodiário *online* de pesquisa para, com elas, estabelecer mais alguns diálogos e reflexões. Sublinho que minha seleção de momentos e acontecimentos da travessia para apresentá-los e discuti-los com algumas narrativas é pessoal e singular, pois “o acontecimento é aquilo que se tornará para nós” (MACEDO, 2016, p. 72).

Concluí meu texto de qualificação com a foto de Brenno Santos que trouxe há pouco neste capítulo. No dia da apresentação, aquela foi a última imagem projetada seguida de minha fala sobre os próximos passos da pesquisa-rio. A fotografia, embora tenha sido capa do perfil pessoal de Mãe Márcia em junho de 2016, despertou nela muitos sentimentos e sentidos. Conversamos muito após a minha qualificação. Mãe Márcia queria saber o que era epistemologia, como narrei no primeiro capítulo, desejava comentar as falas das professoras da banca e falar da fotografia em que eu, Marcia Denise e Carlos André, enfeitávamos a barca de Oxum.

Máira, querida, aquela foto da barca que você apresentou lá na quali... olha, eu fiquei tão emocionada... Fui levada a tantos lugares com a barca da minha mãe Oxum. Três pessoas tão queridas e especiais na foto com a barca, demonstrando tanto carinho e concentração com o que estavam fazendo que nem perceberam que estavam sendo fotografadas. Achei uma imagem representativa do amor de minha mãe Oxum. Esse amor que é o cuidado nas pequenas coisas. Mas sabe a coisa que mais mexeu comigo? Foi ver o Carlinhos ali, bem grande naquela foto. Fiquei pensando na importância do Carlinhos para o *Omidayê*, o Carlos André, sabe? Ele sempre está presente em todos os projetos, ajudando em tudo, mas sempre nos bastidores, sempre comigo, mas quase não sai nas fotos. E ele aparece naquela foto e em outras do seu texto da quali. Como você o enxergou tão bem? Ele é quieto no Face... quase não posta. Não gosta de aparecer. Você tem um olhar muito sensível. O Brenno também por ter feito a foto. Eu fiquei ali com vontade de chorar... Eu conto sempre com ele, mas eu me dei conta que eu não falei quase nada sobre ele em nossas conversas para a pesquisa. Como pode? Eu falei que a entrada dele no terreiro foi pelo Matrizes Que Fazem? Primeiro, ele se matriculou como aluno. Depois, ficou voltando, se oferecendo para ajudar nas oficinas. Daqui a pouco, foi atuando como monitor nas oficinas do projeto. Tem muita habilidade manual e se saiu muito bem nas oficinas de artesanato. Também tem muito jeito com crianças e participou das oficinas de contação de histórias. Te falei que ele está quase se formando em Pedagogia na UERJ de São Gonçalo? Fez de tudo um pouco no Matrizes e sempre ajudando. Ele me disse um dia que queria ser meu filho de santo. Fiquei preocupada no começo. Quis deixar o foco no projeto. Eu tinha receio de falarem que eu queria converter pessoas, sei lá... Ele insistiu. Isso levou tempo. Mais de um ano. Aparecia sempre. Foi se chegando, me conquistando, trabalhando nos projetos, se dava bem com todo mundo. De todos os jovens da comunidade que passaram pelas oficinas do Matrizes, ele foi o único a se tornar meu filho de santo. Eu sempre tive cuidado com isso. Eu usei a foto como capa no meu Face porque amei a foto, mas foi ali na sua quali que fiquei tão tocada pensando no meu filho Carlinhos, tão especial, tão presente e tão reservado. Foi ali que eu vi a foto de verdade, entende? Preciso ligar pra ele. Ele está em todos os projetos. Não falta. É ótimo filho de santo também. Mas acho que já tem um tempo que a gente não



conversa. Vou procurar uma foto bonita dele comigo pra postar no meu Face. A gente gostava muito de caminhar juntos de manhã. Ele mora lá perto da minha casa. Mas nessa correria dos projetos, já viu... paramos de caminhar faz um tempo. A gente conversava muito nessas caminhadas juntos. Um dava força para o outro emagrecer. Minha mãe Oxum fez isso comigo através de você. Colocou meu filho Carlinhos, Dofonitinho de Logunedé, que eu amo tanto, naquela tela para eu olhar bem pra ele. As pessoas que estão mais do lado da gente, mais presentes. São essas que a gente precisa aprender a ver. (Mãe Márcia d'Oxum, interlocutora da pesquisa)

Compreendo que Mãe Márcia também tenha se formado ao longo da pesquisa, assim como eu. Aprendo com seu cuidado com cada filho e filha. Aprendo com sua abertura ao acontecimento, à experiência e com seu posicionamento de que é preciso aprender a ver, a sentir, a valorizar quem está próximo e implicado, como Carlos André. Mãe Márcia me faz lembrar Paulo Freire (1996), nessa e em outras experiências, quanto à abertura ao querer bem. Essa abertura ao querer bem significa que a expressão da afetividade não assusta. Para Freire (1996), estar aberto ao querer bem, no contexto da relação do professor com seus alunos, representa “a maneira que tenho de autenticamente selar o meu compromisso com os educandos, numa prática específica do ser humano” (FREIRE, 1996, p. 141). No caso de Mãe Márcia, compreendo que sua relação com seus filhos é também formativa e profundamente nutrida pelo querer bem e pelo cuidado, entendido como um gesto ético-político por Macedo (2013).

Se ao aprender envolvemos sensibilidades, sabemos também que as sensibilidades aprendem. Se o ato de cuidar é acima de tudo um gesto ético-político, aí está imbricado também um gesto sensível que envolve o ato de aprender. (MACEDO, 2013, p. 99)

Com Macedo (2012), reflito o quanto é fundamental reconhecer que “se aprende pelos sentimentos e que os sentimentos aprendem” (MACEDO, 2012, p. 59). Eu e Mãe Márcia nos implicamos em nossas travessias, compartilhando e aprendendo com nossas sensibilidades e sentimentos.

São essas sensibilidades, cuidados e delicadezas da travessia por meio de experiências formativas que compartilho neste momento do texto dialogando com narrativas dos interlocutores em nossos encontros no terreiro e no ciberespaço e com minhas notas no fotodiário *online*.

#### 4.1 Os Idés de Oxum e o Elo Que Nos Une

Figura 126 – Idés de Oxum



Fonte: Foto da autora

{Elo que nos une} Foto de Mãe Márcia segurando idés<sup>134</sup>, pulseiras na língua *yorubá*, que distribuiu como lembrança no I Encontro de Mulheres Negras e de Matrizes Africanas de São Gonçalo, realizado no Egbe Ilè Iyá Omidayè Aşé Obalayo em 22/8/2015. Em cada um dos idés, uma fitinha dourada ou amarela com as palavras "elo que nos une", uma mensagem importante do evento. Mulheres convidadas e implicadas com o Candomblé e/ou com questões associadas à temática do evento foram convidadas a dizer qual era, em suas opiniões, o elo que nos unia. Narrativas emocionantes. Uma delas de Mãe Márcia. Uma delas de minha avó Edelzuíta, que reencontrei naquele dia. Uma delas, a minha narrativa, carregada de emoção, gratidão, alegria e também responsabilidade por estar ali. Em minha fala, me apresentei e apresentei o grupo de pesquisa. Falei das crianças de terreiros que podem viver cotidianos de discriminação e hostilidade nas escolas e de como todos e todas nos terreiros são importantes para essa escuta, esse acolhimento e para orientar, educar, formar no coletivo. Em minha fala, referi-me ao meu falecido pai de santo. Terá sido a presença de minha avó de santo que trouxe ainda mais lembranças dele e de mim mesma, como sua filha? Lembrei-me de suas palavras quando eu era ainda adolescente. Ele dizia que havia um fio invisível que unia a todos nós, filhos da casa. Poderíamos um dia seguir diferentes rumos, mas o fio continuaria nos unindo, pois a nossa raiz era comum. Eu disse, então, que todos aqueles e aquelas ali reunidos, sendo ou não do Candomblé, mas implicados com a matriz africana, também eram unidos por um fio e que o encontro era uma oportunidade de tornar aquele fio visível, assim como outras ações e iniciativas cotidianas. Falei outras coisas também. Senti-me feliz. Nos dias que se seguiram, me questionei acerca daquelas minhas palavras. A gente sempre acha que poderia ter

<sup>134</sup> A grafia *yorubá* é *idê* e não possui a forma plural. Optei por usar a forma aportuguesada no texto por corresponder ao modo como a palavra é falada no *Ilè Omidayè* e em outros terreiros.

falado tantas outras coisas. Ainda assim, gostei do que disse. Vida, memórias, afetos, pesquisa. Tudo assim misturado. Pode ser tão bom e acho que deve ser assim. Por outro lado (ou do mesmo lado), há alguns dilemas frequentes no caminho da pesquisa. Gosto de ter esses dilemas e questionamentos por perto também. Evita olhares acostumados, como diria Stela. Olhar ou escuta acostumada com a pesquisa e com interlocutores tão especiais seria desrespeito, no mínimo. Portanto, ao lado dessa alegria imensa em pesquisar o que pesquiso, há sempre espaço para algum desconforto, algum estranhamento, uma nova questão. Eu fiz a foto com meu iPad quando Mãe Márcia sentou-se ao meu lado, após entregar alguns idês às mulheres presentes. As fotos, por sinal, fiz atendendo ao seu pedido. Havia muitas pessoas fotografando e filmando o evento. Entre elas, Brenno, seu filho de santo que preparou um documentário de curta-metragem com imagens e depoimentos durante o evento, e um fotógrafo contratado, que fez a foto de capa deste diário online em que apareço na roda. Múltiplos olhares sobre o evento. Narrativas fotográficas diversas. Mostrei para Mãe Márcia esta foto que fiz sem que ela tivesse percebido. Ela sorriu e gostou tanto. Em seguida, afirmou: "acho que será capa do meu livro". Outras perspectivas foram acenadas no evento, como a de chamar de "Elo que nos une" um encontro seguinte, um desdobramento deste. (nota da autora no fotodiário online de pesquisa em 28/9/2015)

A nota acima foi uma das minhas primeiras no fotodiário *online* de pesquisa, criado após o *I Encontro de Mulheres Negras e de Matrizes Africanas de São Gonçalo: vida, identidade e resistência*, que aconteceu no *Ilê Omidayè* dia 22 de agosto de 2015. Foi nesse encontro, um evento-dispositivo da pesquisa-rio, que fiz a foto que acompanha a nota, publicada logo em seguida por Mãe Márcia no Facebook e que foi a capa do seu perfil pessoal por algum tempo.

O evento, que considero multirreferencial, assim como alguns outros que acompanhei, nasceu do desejo de Mãe Márcia promover o encontro de mulheres negras, de variadas gerações e formações, que exercem diferentes atividades, para dialogar sobre temáticas diversas e que se conectam por dizerem respeito aos percursos de resistência, criação, lutas e empoderamento dessas mulheres, em variados campos. Por conviver com essas mulheres nos terreiros, na militância e nas atividades culturais em São Gonçalo, Mãe Márcia acompanha suas itinerâncias, com suas dificuldades e conquistas, e pensou que promover o encontro entre elas seria uma forma de estreitar laços, diálogos e somar esforços. As mulheres que consultou concordaram com ela.

O *Egbé Ilê Iyá Omidaye Aşé Obalayo* foi o local escolhido para o evento, embora nem todas as participantes fossem candomblecistas, para, de acordo com Mãe Márcia, situá-las em uma origem, uma ancestralidade comum. Para Mãe Márcia, o terreiro de Candomblé, independentemente das religiosidades das mulheres convidadas, traz uma série de valores, filosofias e heranças culturais que lhe são comuns. Além disso, o terreiro ocupa um papel importante em sua localidade, abrigando atividades culturais variadas.

A programação do evento incluiu atividades nos períodos da manhã e da tarde. Na parte da manhã, após o café da manhã de boas-vindas e as conversas iniciais, o tempo foi dedicado às falas e à partilha de experiências das sacerdotisas e líderes religiosas do Candomblé presentes, de diferentes terreiros e nações. A manhã foi chamada de período da ancestralidade e a imagem a seguir, feita por mim e compartilhada por Mãe Márcia no Facebook, traz um dos seus momentos.

Figura 127 – I Encontro de Mulheres Negras e de Matrizes Africanas de São Gonçalo



Fonte: Foto da autora

O almoço também foi de interação e continuidade das conversas. A parte da tarde trouxe uma mesa formada por mulheres negras, de diferentes idades e profissões, todas, de alguma forma, implicadas com pautas relacionadas aos papéis da mulher negra na sociedade, independentemente de sua religiosidade.

Figura 128 – Mesa da tarde no I Encontro de Mulheres Negras e de Matrizes Africanas de São Gonçalo



Fonte: Foto da autora

Como exemplos de assuntos abordados e colocados na roda da conversa pelas participantes da mesa da tarde, houve a discussão sobre a mulher negra no meio acadêmico, com o relato de Samara Freire, doutoranda de Antropologia do Museu Nacional – Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ. Samara, que é também membro do *Ilê Omidayê*, é a primeira estudante cotista do Museu Nacional e trouxe em sua apresentação, além de sua própria história, dados relativos à inclusão de mulheres negras no ensino superior no país.

Foi durante o evento que Brenno Santos gravou parte do material para o vídeo *Elo Que Nos Une*<sup>135</sup>, em roteiro concebido com a colaboração de Mãe Márcia, apresentado como trabalho final de seu curso de documentário social, sugerido a ele por mim, realizado no Sesc São Gonçalo<sup>136</sup>. Ele apresentou uma prévia do vídeo no início do encontro.

Este é o descritivo do vídeo *Elo Que Nos Une* publicado por Brenno no YouTube em 21 de outubro de 2015:

Para mim é muito difícil ver toda essa guerra religiosa e não fazer nada. Então, coloquei a mão na massa. No dia 13/09/2015 concluí meu curso de documentário com o Prof. Clementino Júnior e Erika Pessanha no Sesc de São Gonçalo. E tenho fé que esse vídeo irá fazer as pessoas repensarem um pouco mais antes de nos atacarem, seja fisicamente ou com palavras. Mais amor ao próximo! Com vocês meu 1º Documentário: *Elo que nos Une*. Lembrando que esse foi o meu 1º e só para avisar eu não vou parar por aqui. COMPARTILHEM! (Brenno Santos, interlocutor da pesquisa, no descritivo do vídeo *Elo Que Nos Une* no Youtube)

No vídeo, há declarações de algumas crianças do *Ilê Omidayê* sobre como compreendem o Candomblé na parte intitulada “Nossas Crianças”. Trago a seguir a fala de Vitoria<sup>137</sup>, na época aos 12 anos de idade, com sua compreensão do Candomblé:

O Candomblé pra mim é o amor, a amizade, a felicidade, a risada, a tristeza também... Porque a gente também fica triste quando se vai um de nós... É tudo isso... É tudo e mais um pouco... É uma família. Uma família de gente que se conhece, mas não se conhece. (Vitoria Dias, interlocutora da pesquisa, no vídeo *Elo Que Nos Une*)

Chamou-me a atenção Vitoria ter definido o Candomblé como algo feito de múltiplos sentimentos e vínculos. Compreendo a sua compreensão do Candomblé como uma tentativa

<sup>135</sup> Endereço do vídeo “Elo Que Nos Une”, com duração total de 12 minutos e 37 segundos, no YouTube, amplamente divulgado no Facebook: <<https://www.youtube.com/watch?v=aFca08jAKno>>. Acesso em: 01/10/2017.

<sup>136</sup> Portal Sesc Rio, com informações sobre a unidade São Gonçalo: <<http://www.sescrio.org.br/unidades/sesc-sao-goncalo/informacoes>>. Acesso em: 26/9/2016.

<sup>137</sup> Fala de Vitoria no vídeo *Elo Que Nos Une* a partir dos 6 minutos e 25 segundos (6:25): <<https://www.youtube.com/watch?v=aFca08jAKno>>. Acesso em: 01/10/2017.

de explicitar sua experiência com o *Ilê Omidayê*. Como aprendi com Macedo (2015), “pesquisar-com a experiência significa encontrar mundos subjetivados, incertos, ligados ao acontecer, ao singular. Portanto, acompanhar a experiência é mostrar as relações que estabelece com os acontecimentos” (MACEDO, 2015, p. 52). A declaração de Guilherme<sup>138</sup> de Xangô, com 12 anos na época, relaciona diretamente o Candomblé a uma experiência: “O Candomblé pra mim é uma experiência de vida, onde nós podemos conhecer coisas diferentes, como pessoas e formas de olhar as coisas”.

Refleti e me questioneei sobre a inclusão no vídeo dessa parte com as declarações das crianças e adolescentes do *Ilê Omidayê*, sobretudo porque o foco era o combate ao racismo religioso. Perguntei ao Brenno e a Mãe Márcia o que os levou a tomar essa decisão e ouvi de ambos algo mais ou menos semelhante quanto à importância de valorizar e mostrar o que pensam as crianças do terreiro, o que poderia gerar muitas identificações com outras crianças, uma vez que elas não mencionam rituais e práticas específicos desse ou daquele lugar ou características do culto. Como me disse Mãe Márcia, “elas falaram espontaneamente de suas experiências e emoções. Achei muito interessante quando vi porque tudo isso significa um laço. É o que elas podem ter em comum com crianças e adolescentes de outros terreiros e de outras religiões também”.

Na parte intitulada “O Elo<sup>139</sup>” do vídeo, Mãe Márcia fala sobre a vinda violenta do continente africano dos povos escravizados para o nosso país, chamando a atenção para o elo que os unia na tão dolorosa e brutal travessia do oceano. Para ela, esse sentimento de união, valorizando o que há em comum nessa diversidade e nessa mistura de gentes e tradições, deve prevalecer entre os membros de terreiros de Candomblé de diferentes nações e segmentos para que, juntos, possam combater as discriminações e preservar a cultura afrodescendente. “É preciso que não nos percamos em nossa história”, alerta Mãe Márcia no vídeo. Ela recomenda pensar como Oxum, que significa pensar como laço, como elo, como círculo. “É preciso que a gente pense como Oxum”, ela diz. Ela mostra o idé de Oxum como símbolo desse elo e fala de sua forma circular, redonda.

A simbologia do círculo é, para ela, presente e muito forte nas tradições de matriz africana como o Candomblé. Ela fala do xirê, em que se dança em círculo, e das rodas de conversa. Ela diz se espantar quando participa de atividades acadêmicas em que propõem a

<sup>138</sup> Fala de Guilherme no vídeo Elo Que Nos Une a partir dos 6 minutos e 48 segundos (6:48): <<https://www.youtube.com/watch?v=aFca08jAKno>>. Acesso em: 01/10/2017.

<sup>139</sup> Fala de Mãe Márcia no vídeo Elo Que Nos Une a partir dos 9 minutos e 40 segundos (9:40): <<https://www.youtube.com/watch?v=aFca08jAKno>>. Acesso em: 01/10/2017.

formação de uma roda como algo inovador. Eu já tinha ouvido ela me dizer isso outras vezes, antes e depois do vídeo. “Olha, inovador pode até ser, mas não é novo não. Nós já fazemos isso há muito tempo. Já aprendemos e contamos histórias em círculo há muito, muito tempo. É que parece que a nossa sabedoria é invisível”, me disse Mãe Márcia em uma de nossas conversas.

Relaciono essas narrativas no vídeo *Elo Que Nos Une* sobre a simbologia do círculo, do idé, com outra experiência formadora com Mãe Márcia, mais de um ano após o *I Encontro de Mulheres Negras e de Matrizes Africanas de São Gonçalo*.

Participávamos de uma reunião para compartilhar as primeiras ideias para a produção de outro documentário, relativo ao seu *Odun* de 50 anos, comemorado em 2018, quando Mãe Márcia mencionou a cantiga de Oxum que escolhi como epígrafe deste capítulo. Ela falava de sua vida entrelaçada a de Oxum. Disse que viver o Candomblé é buscar sempre compreender o Candomblé, o que pode levar tempo, até para uma pessoa com a experiência dela. Ela cantou um pedacinho da cantiga e nos disse que já a havia cantado tantas vezes que tinha perdido a conta. Contudo, tinha sido somente recentemente, refletindo sobre os sentidos de sua missão, de seu trabalho no terreiro e com os projetos, que havia se dado conta de um aspecto, escutando a cantiga de outro jeito.

Sabe quando a letra fala do barulho das pulseiras de Oxum que é como o barulho das águas? *A rí idẹ gbé ọ... Omí ró, a! wàrà-wàrà omí ró...* É preciso entender que os significados são muito maiores. Acho que a cantiga não fala somente de uma mulher vaidosa que faz barulho por onde passa ao balançar suas pulseiras... Oxum é uma presença. Essa presença se escuta como uma música, deixa marcas. *O fi' de şe' mo l'òrun...* percebem? Ela balança as pulseiras no Orum. Quando ela balança as pulseiras no Orum, eu tento escutar, tento aprender o que ela quer me dizer. Quando a gente balança as pulseiras daqui, também se ouve no Orum, acredito. É essa conexão. É o que a gente diz, o que a gente faz que reverbera aqui, no Orum, em toda parte. Quando me sinto muito cansada de insistir nos projetos, penso nisso. Para mim, o que eu faço daqui, falando, lutando, balançando minhas pulseiras, é ouvido no Orum. Alguém sempre pode ouvir. É muito sério isso. Um compromisso. E mais! Oxum ocupa todos os espaços, porque ela é a água. Outro ensinamento importante. Dá pra ouvir os idés de Oxum em todo lugar porque ela ocupa todos esses lugares. É uma mulher que ocupa todos os lugares e é ouvida. Por isso, eu digo que se eu sou feminista, é Oxum. Ela é feminista. As pessoas em geral não dedicam tempo e escuta para compreender os significados maiores, mágicos em coisas pequenas do Candomblé. Muitos ficam querendo saber cantar tudo, conhecer a tradução de cantigas e rezas. É importante sim, mas do que adianta cantar certo e não buscar outros significados que a tradução não revela? Uma simples cantiga que a gente repete tanto. Eu acho que só fui compreender bem outro dia. (Mãe Márcia d'Oxum, interlocutora da pesquisa)

Eu vinha refletindo já há algum tempo sobre o papel formador de Mãe Márcia, que busca escutar de novas formas e aprender sempre, que reconhece as incompletudes e falhas de



suas próprias compreensões, que se relaciona e forma pelo cuidado com o outro e pelo querer bem, que sonha, que quer criar junto, que se autoriza a ocupar os espaços que desejar para ser ouvida. Passei a pensar também no *idé* como símbolo e metáfora de sua epistemologia e de sua pedagogia, do seu jeito de conhecer, de aprender e de formar. O círculo que representa o feminino, a fecundidade, assim como a cabaça, o *abèbè*, a saia rodada, a roda de conversa. O círculo que une início e fim, como a serpente sagrada, *Dan*, símbolo de Oxumarê, Orixá de Brenno. Círculo que tudo contempla e inclui, em que tudo é conhecimento em potencial.

Compreendo com Macedo (2012), a formação em uma perspectiva multirreferencial. O que mobiliza o pensamento multirreferencial, na base do sentido de formação, “é a busca incessante do conhecimento que vive a falta e que se faz relevante, porque se faz a partir da plural emergência das maneiras humanas de conhecer e criar soluções para suas comuns, mas, ao mesmo tempo, diversas problemáticas de vida” (MACEDO, 2012, p. 37). Reitero a compreensão de que a formação é experiencial. Percebo como eu e Mãe Márcia nos formamos com as experiências e também uma com a outra. A formação, para Macedo (2013):

Realiza-se na existência de um ser social que, ao transformar em experiências significativas os acontecimentos, informações e conhecimentos que o envolvem, nas suas itinerâncias e errâncias aprendentes, ao aprender com o outro, suas diferenças e identificações (heteroformação/transformação), consigo mesmo (autoformação), com as coisas, os outros seres e instituições (ecoformação), emergirá “formado” na sua incompletude infinita. (MACEDO, 2013, p. 45)

No contexto dessa experiência formadora e escutando sensivelmente a fala de Mãe Márcia sobre sua busca compreensiva de significados maiores em cantigas, preces e outras referências do Candomblé, aciono a noção de autorização (MACEDO, 2013), igualmente vinculada ao seu posicionamento sobre a importância de ser água e de ocupar espaços, fazendo-se ouvida, em projetos, em vídeos, nas suas criações, nas redes sociais *online*, em atividades e narrativas diversas *dentrofora* do terreiro. Também relaciono a noção de autorização ao buscar compreender, de forma implicada, as narrativas e percursos de Brenno, de Vitoria e de Ade ao longo da travessia na pesquisa-rio.

Entendida como a capacidade adquirida e conquistada de alguém se fazer a si mesmo autor, a *autorização* está ancorada na nossa condição de decidir sobre meios que dependem efetivamente de nós, como princípios que governam nossa existência; *isso significa se autorizar*. (MACEDO, 2013, p. 93)

Concluo esta seção trazendo mais uma nota-narrativa de pesquisa do fotodiário *online*, publicada em 28/9/2015, sobre o vídeo *Elo Que Nos Une*, que ultrapassou 7.000 visualizações

no YouTube e atingiu mais de 30.000 mil visualizações no Facebook, uma vez que foi compartilhado não somente nos perfis pessoais de membros e amigos do terreiro, mas por muitas páginas ligadas ao Candomblé. Como declarou Mãe Márcia em relação ao evento do dia 22/8/2015, o *I Encontro de Mulheres Negras e de Matrizes Africanas de São Gonçalo*, ao publicar o vídeo em seu perfil pessoal no Facebook: "foi um dia muito feliz para todos nós e ainda não está terminado".

Figura 129 – Brenno no I Encontro de Mulheres Negras e de Matrizes Africanas de São Gonçalo



Fonte: Foto da autora

{Elo que nos une - vídeo de Brenno Santos} Brenno é filho de Mãe Márcia. Antes mesmo de iniciar meu Doutorado, já conhecia algumas imagens de Mãe Márcia feitas por Brenno. As narrativas digitais produzidas por ele estão em redes sociais como Facebook e YouTube. Brenno costuma responder às perguntas postadas por internautas em diferentes vídeos sobre Mãe Márcia e seu terreiro no YouTube. Brenno sempre me recebeu com muita simpatia no terreiro. Quando recebi dele a solicitação de amizade no Facebook, pude acompanhar um pouco mais "de perto" seu percurso de vida traduzido em imagens e outras narrativas. Ele fazia e faz cursos de fotografia e divulga seus exercícios nesta rede. Fotos lindas. Um dos cursos que faz é no Observatório das Favelas, na Maré. Preciso conversar ainda mais com ele e entrevistá-lo sobre esses cursos, experiências e como tudo isso o constitui e o forma e pode também se relacionar com sua religião, com os ensinamentos de Mãe Márcia e com causas como educação inclusiva e antirracista e com lutas contra a discriminação. Brenno também costuma fotografar e filmar momentos das festas e dos eventos culturais no terreiro. Clementino Júnior é professor e cineasta. Participou do I Seminário Internacional Fela Kuti da UERJ, em outubro de 2014, oferecendo uma oficina de cinema negro. Na oportunidade, produziu um vídeo com depoimentos de participantes do Seminário, que foi realizado pelo nosso grupo de

pesquisa. Mãe Márcia também ofereceu uma oficina no mesmo Seminário, sobre literatura afro-brasileira. Adelaine Neves, sua filha de santo e pedagoga, ofereceu oficina de tranças-afro. Eu coordenei as oficinas do Seminário. Há pouco mais de dois meses, Clementino Júnior, também meu amigo no Facebook, divulgou um curso de documentário social que ofereceria gratuitamente no Sesc-São Gonçalo aos domingos, em parceria com outra professora. Pela ênfase em projetos sociais e tendo como público alvo líderes comunitários, e também pela localidade, divulguei o curso para Mãe Márcia e, em particular, para o Brenno, que imediatamente se inscreveu. Posso me lembrar nitidamente das conversas pelo Messenger naquele dia com Mãe Márcia e com Brenno, tão animado. Também conversei pelo Messenger com Clementino, que me falou um pouco de suas expectativas em relação ao projeto e ao público. Clementino disse que desejava alcançar o maior número possível do "povo negro e de Axé" com seu curso. No I Encontro de Mulheres Negras e de Matrizes Africanas de São Gonçalo, realizado em 22/8/2015, Brenno estava filmando tudo e foi anunciado a todos e todas por Mãe Márcia que ele produziria um documentário com as imagens e depoimentos gravados no evento. Brenno sempre atento, focado. Um primeiro vídeo feito por Brenno, de chamada para o evento e previamente divulgado no Face como um convite para o dia 22/8, foi exibido para explicar os objetivos do vídeo que seria produzido por Brenno como um trabalho final de seu curso de documentário social com Clementino Júnior. O vídeo final, que compartilho aqui, um documentário de curta-metragem, está no YouTube e no Facebook, compartilhado por Mãe Márcia, por Brenno, por Arethúza, filha de Mãe Márcia, além de filhos de santo e amigos. A potência da autoria (e de autorias plurais das pessoas que aparecem no vídeo, entre elas, crianças, autoras de suas próprias narrativas) deste primeiro trabalho um pouco mais profissional de Brenno é algo encantador. Ao publicá-lo em sua linha do tempo, Mãe Márcia declara sobre o evento de 22/8: "foi um dia muito feliz para todos nós e ainda não está terminado". Ainda não está terminado, Mãe Márcia. O vídeo feito pelo Brenno mostra apenas um dos caminhos, em movimento circular de transformação e mudança. Água. Cores do arco-íris. Conexão entre a Terra e o Céu. Elo que nos envolve e une no abraço sem fim da Grande Dã. Arrobòbòì. (narrativa da autora no fotodiário online de pesquisa)

## 4.2 Conversas de Pesquisa no *Ilè Omidayè*

{Post de 03/8/2016 na página Mãe Márcia d'Oxum<sup>140</sup>} Da alegria de encontrar este post com texto produzido pela Equipe de Comunicação Ilè Omidayè. Um texto autoral que expressa a leitura da equipe do trabalho que estou desenvolvendo: uma das surpresas mais lindas e delicadas da pesquisa-rio. Deixo aqui o rastro afetivo em meu diário online:

"Foi realizada ontem a banca de Qualificação da Tese de Doutorado da Educadora Máira Pereira, cujo tema de estudo busca entender como ocorre a produção de redes educativas, a partir das narrativas digitais veiculadas por terreiros de Candomblé, bem como por personagens que compartilham do culto aos ancestrais.

A banca de qualificação foi composta pelas Professoras Nilda Alves, Maria Luiza Süsseskind e Edméa Santos. A pesquisa conta com a orientação da Professora Stela Guedes Caputo.

Uma das palavras chave do estudo é ciberespaço, sendo o Facebook o espaço escolhido pela autora, com fins de entender como nessas narrativas digitais ocorrem processos pedagógicos específicos que, por sua vez, tendem a suscitar alguma

<sup>140</sup> Página Mãe Márcia d'Oxum no Facebook, administrada com a colaboração de membros do Ilè Omidayè, participantes da Equipe de Comunicação Ilè Omidayè: <<https://www.facebook.com/maemarciadeoxum/>>. Acesso em: 14/11/2017.

mudança em nós e na maneira como nosso cotidiano pode ser influenciado por estas construções em redes.

Chama atenção a maneira como a Professora Máira busca articular como os saberes e preceitos do candomblé - que como sabemos possui uma profunda raiz com as oralidades - ocupam os discursos presentes nas redes sociais, estimulando, assim, múltiplas formações de significados, apropriações e um dinamismo político crescente, que agora ocupa as redes cibernéticas.

Como bem disse Máira: “As narrativas digitais produzidas por candomblecistas e compartilhadas em redes sociais digitais constituem um acervo dinâmico, que se amplia a cada clique, a cada comentário, a cada compartilhamento”.

Nossa Iyá é uma das personagens dessa pesquisa, uma vez que possui uma participação singular, na produção de conteúdos digitais relacionados ao candomblé, bem como seus vídeos na plataforma Youtube têm alcançado milhares de pessoas em âmbito nacional e global.

Por isso, é com alegria que Nós, do Egbe Ilê Iyá Omidayê Asé Obalayo e da Equipe de Comunicação Ilê Omidayê, parabenizamos a educadora Máira Pereira por essa conquista e expressamos nossa alegria por fazermos parte desse importante estudo sobre as relações do Candomblé com as redes digitais.

Estimamos votos de que essa etapa final da escrita da tese seja repleta de sucesso, inspiração e axé.

Parabéns Máira Pereira!!! Parabéns Mãe Márcia!!!

Equipe de Comunicação Ilê Omidayê.” (narrativa da autora no fotodiário online de pesquisa)

Figura 130 – Após a qualificação, com Nilda Alves, Maria Luiza Sússekind, Edméa Santos, Stela Guedes Caputo e Mãe Márcia



Fonte: Foto de Valda Pereira

Este foi o comentário de Stela em minha nota de pesquisa:

[Stela Guedes Caputo](#): Esse compartilhar da experiência vivida é muito especial. O texto, produzido pela equipe de comunicação do Ilê Omidayê, reforça nosso sentimento de caminhar juntos. Obrigada Mãe Márcia, agradeço também ao terreiro

e a Máira, por juntar-nos todos aqui e fora daqui. (Stela Guedes Caputo, no fotodiário online de pesquisa)

Tecendo narrativas e atualizando memórias da travessia com minhas experiências de formação com os acontecimentos na pesquisa-rio, incluo em meu texto final de tese a nota do meu fotodiário *online* que traz minha surpresa e alegria ao encontrar o *post* no Facebook assinado pela Equipe de Comunicação *Ilè Omidayè* a respeito da etapa de qualificação do Doutorado. Com o *post*, encontrei algumas fotos que eu havia publicado em meu perfil pessoal no dia da qualificação, entre elas, a que trouxe para acompanhar minha nota-narrativa.

Compreendi com o *post* que minha qualificação, um momento formativo profundamente relevante, tornou-se também dispositivo para produção de novos dados e novas compreensões dos e com os interlocutores da pesquisa, entre os quais me incluo na perspectiva de *interlocutores em interação* (MACEDO, 2016). Gostei muito de encontrar o texto autoral da equipe, expressando suas próprias compreensões do meu texto, revelando que o haviam lido atentamente. Com o resumo que foi elaborado de maneira original pelos membros da equipe, pude perceber os aspectos centrais por eles apreendidos. Pouco tempo após o *post*, chegou o convite para que eu apresentasse a pesquisa no terreiro na roda de conversa de setembro.

As rodas de conversa já aconteciam regularmente no terreiro como atividade interna, entre os seus membros. Nessas oportunidades, Mãe Márcia planeja atividades do ano com seus filhos e filhas, ensina rezas e cantigas, compartilha preocupações e desafios de projetos e novas atividades, conta *itàn*, além de conversar com eles sobre rituais e ensinamentos do Candomblé em geral. Em 2016, o *Ilè Omidayè* passou a organizar rodas de conversa mensais, abertas ao público externo, geralmente aos sábados, com uma programação feita de atividades diversas relacionadas a uma temática central, como exibição de filmes seguida de debate, atividades culturais, como roda de coco e jongo e apresentações de dança.

Quando conversei com Mãe Márcia e com Rodrigo Ramos<sup>141</sup>, doutorando de História, membro do terreiro, dofonitinho de Oxóssi e um dos organizadores das rodas de conversa e outras atividades culturais em 2016, sobre o nome da minha apresentação para incluir na programação que seria informada no convite/evento no Facebook, lhes disse que gostaria que se chamasse *conversa de pesquisa*. Na proposta inicial com a arte do convite compartilhada comigo para aprovação, haviam nomeado minha participação como palestra. Pareceu-me um nome incompatível com meu mergulho com todos os sentidos nos cotidianos do *Ilè Omidayè*.

<sup>141</sup> Perfil pessoal de Rodrigo Ramos no Facebook: <<https://www.facebook.com/rodrigoramos.lima.9>>. Acesso em: 17/11/2017.



Figura 131 – Programação de Roda de Conversa no Ilê Omidayê

**Roda de Conversa  
Ilê Omidayê**

**Programação: 10/09  
Sábado**

- 09:30h  
Café da manhã

- 10:30h  
Máira Pereira (Doutoranda da UERJ)  
Conversa de pesquisa

- 12:00h  
Almoço beneficente R\$ 15,00

- 13:00h  
Filme Temático

- 15:00h  
Mãe Marcia D'Oxum

- 16:00h  
Roda de Coco  
Mestre Ogan Romeu

\*Simultaneamente atividades  
educativas para as crianças.

Local:  
Egbe Ile Iya Omidaye Ase Obalayo  
Rua Dalmir da Silva, Lote 8  
Sacramento - São Gonçalo  
Tel.: 2724-5612

Iyalorixá  
Mãe Marcia D'Oxum

Fonte: perfil pessoal de Mãe Márcia no Facebook

A programação incluiu exibição e debate do curta-metragem “O Tempo dos Orixás<sup>142</sup>”, de Eliciana Nascimento, que levei a pedido da comissão organizadora do evento após eu ter divulgado a página<sup>143</sup> do filme em meu perfil pessoal no Facebook. Um ponto que me chamou a atenção foi o cuidado em oferecer, simultaneamente, atividades educativas para as crianças, que iriam com seus pais. Essas atividades para crianças foram coordenadas e mediadas por Carlos André, estudante de Pedagogia, membro do *Ilê Omidayê*, dofonitinho de Logunedé. As crianças, que brincavam na brinquedoteca do terreiro, foram convidadas a assistir conosco o filme. Todas de olhos grudados na tela, cochichando alguma coisa nos ouvidos das outras em alguns momentos. Ao final, trouxeram seus comentários e dúvidas,

<sup>142</sup> “O Tempo dos Orixás”, título original “The Summer of Gods”, é um curta de gênero fantasia que mostra a experiência de Lili, uma menina de 7 anos que tem a habilidade de se comunicar com os ancestrais. Ao visitar a sua avó em uma pequena vila localizada em uma ilha na Bahia, ela descobre que tem uma missão com os Orixás. A sua avó é a líder espiritual de sua comunidade. Ela realiza anualmente uma festa dedicada a Yemanjá. Essa celebração está correndo o risco de ser extinta porque a avó de Lili está prestes a falecer. Para salvar essa tradição, os Orixás introduzem Lili em uma aventura mágica que simboliza a sua iniciação na tradição. O filme de 20 minutos, dirigido por Eliciana Nascimento, foi lançado em 02/02/2014. Fonte: site do filme: <<http://www.thesummerofgods.com/filme/>>. Acesso em: 17/11/2017.

<sup>143</sup> Página do filme no Facebook: <<https://www.facebook.com/TheSummerOfGods/>>. Acesso em: 17/11/2017.

sobretudo em relação a alguns rituais apresentados na narrativa, comparando-os aos que conheciam. Algumas delas, já iniciadas, relacionaram algumas cenas às próprias experiências, apontando diferenças, situação que contou com a mediação de Mãe Márcia, que lhes explicou que há singularidades em cada casa porque há práticas e tradições culturais e religiosas diversas.

Nossa *conversa de pesquisa*, dispositivo precioso forjado em interação com os interlocutores no campo, tecido com as redes educativas do *Ilè Omidayè*, contribuiu muito com minha formação e forneceu pistas e novos dados para a continuidade da travessia. Rodrigo, por exemplo, quis saber se a pesquisa era bem recebida na universidade e se eu sentia que havia alguma forma de discriminação por parte de meus colegas e professores, questão que nos mobilizou muito a problematizar os modos áridos ainda vigentes em muitos programas de pós-graduação de se conceber ciência. Encontrei também na questão trazida pelo Rodrigo a oportunidade de explicar um pouco mais a linha de pesquisa no ProPEd/UERJ em que o grupo de pesquisa e, conseqüentemente, minha pesquisa, se insere – *Cotidianos, Redes Educativas e Processos Culturais* – com proposições, noções, perspectivas, epistemologias e abordagens outras ao *fazerpensar* as pesquisas e produzir ciência no campo educacional.

Expliquei também a perspectiva da multirreferencialidade (ARDOINO, 2003; MACEDO, 2012, 2013, 2016), na qual demonstraram muito interesse, e a existência de um *rigor outro* (MACEDO, 2009, 2012) na pesquisa, em que a busca compreensiva se constitui como ato de rigor (MACEDO, 2009), contemplando, ainda, inventividade e criticidade. Preparei-me para a *conversa de pesquisa*, levando comigo algumas anotações e livros. Baseando-me em Macedo (2009), lhes expliquei que “a busca do rigor significa a busca da qualidade epistemológica, metodológica, ética e política, socialmente referenciadas, da pesquisa dita qualitativa” (MACEDO, 2009, p. 75). Segui compartilhando mais um trecho com eles em função do interesse demonstrado por muitos membros do *Ilè Omidayè* que são mestrandos, doutorandos ou que desejam pesquisar o Candomblé:

Assim, tomando o nosso contexto de preocupações como centralidade, é bom que saibamos que a qualidade do conhecimento que produzimos sobre o mundo não está separada da qualidade antropossocial que queremos para o mundo. Inspirado em Bernadete Gatti, estamos convencidos, por exemplo, que a democracia precisa da boa (in)formação. É bom que saibamos também que as comunidades acadêmicas e científicas, nas suas perspectivas culturais, contradições, ambivalências, desconstruções, ou mesmo pelas suas especificidades históricas, políticas e éticas, sempre nos cobrarão a construção de um certo sentido de rigor. Nestes termos, esta problemática não se coloca tratando do domínio de uma forma exata de pensar, construir e socializar conhecimentos, ou de trilhar os caminhos sacrossantos que



pretendem nos levar até a verdade, mas sobre uma inserção no debate e na defesa, de jeitos, etnométodos, de pensar e de construir os caminhos da pesquisa, em termos técnicos, éticos, estéticos e políticos, que nos possibilite qualidade na produção do conhecimento e suas implicações. Eis a nossa questão. (MACEDO, 2009, p. 76)

A conversa igualmente inspirou muitas considerações acerca das pesquisas relativas à temática do Candomblé em geral, com suas possíveis distorções, excessos, distanciamentos e algumas caricaturas. Também compartilhei alguns dilemas que enfrento na busca do equilíbrio na escrita de experiências complexas em campo, no rastreamento e organização de dados dispersos no Facebook, com tantas narrativas produzidas como ressonâncias das atividades e projetos do *Ilê Omidayê*, na seleção de momentos relevantes para discussão e no próprio cuidado do meu modo de *fazerpensar* a pesquisa, em interação, em mergulho, assumindo os riscos e desafios de aprender fazendo uma etnografia.

Ao final, Mãe Márcia sentou-se ao meu lado para dialogar e trazer comentários sobre a apresentação da pesquisa que acabara de acontecer no terreiro e também sobre o momento da qualificação, que tinha sido realizada há pouco mais de um mês. Mãe Márcia queria contar aos participantes algumas questões apresentadas pela banca na qualificação. Ela afirmou ter sido a primeira vez que tinha sido convidada para uma qualificação e o quanto a experiência foi importante para ela. Aqueles momentos tão especiais em minha e em nossa travessia foram capturados por Brenno, que filmou a *conversa de pesquisa*, e por Laura Lima, que fotografou o encontro.

Figura 132 – Na conversa de pesquisa no Ilê Omidayê



Fonte: Foto de Laura Lima

Este foi o comentário de Stela quando compartilhei minha experiência na *conversa de pesquisa* em uma nota no fotodiário *online* com a fotografia feita por Laura Lima, após encontrá-la circulando em algumas narrativas de Mãe Márcia e outros membros do *Ilè Omidayè* no Facebook: “A experiência vivida na pesquisa profunda permite imagens como essa. Eu não quero experimentar outro modo de pesquisar que não seja esse”.

Comuniquei na *conversa de pesquisa* a mudança de nome do nosso grupo de pesquisa, naquele mesmo mês de setembro de 2016, para *Kékeré*, que significa pequeno em *yorubá*. A mudança teve o objetivo de demarcar a centralidade da pesquisa com crianças de terreiro. Permanecem, no entanto, os referenciais estruturantes e as principais inspirações, entre as quais, a noção de *redes educativas*, desenvolvida pela Professora Nilda Alves. Mãe Márcia adorou o novo nome, comentando que além de pequeno, miúdo, a palavra *kékeré* pode ser usada no sentido de um diminutivo carinhoso.

Mãe Márcia também compartilhou na *conversa de pesquisa*, quando se sentou ao meu lado, no final, seus questionamentos e inquietações que haviam se intensificado desde a qualificação.

Será que consigo educar? Eu leio seu texto, Máira querida, e reflito muito no compromisso imenso que abracei com os projetos que eu desejo tanto que tenham continuidade. Os recursos estão cada vez mais limitados com a perda dos principais patrocínios. Fica o sonho, o desejo de fazer, tentar fazer com o pouco que temos, nos unindo para fazer acontecer. Mas fico pensando muito nisso, com ou sem financiamento: será que consigo educar? Os desafios são muito grandes. Consigo educar ou ajudar a formar as pessoas de fora nos projetos e eventos? E os aqui de dentro, será que consigo educar? Eu preciso muito que eles também se comprometam com isso. No Facebook, por exemplo. Eu peço que prestem muita atenção ao que postam nas redes sociais, que tenham cuidado, que eles compreendam o que eles representam, de onde eles vêm, que eles são o *Omidayè*... porque é preciso entender que tudo isso está ligado e voa longe. A gente se empenha, fazendo tudo com carinho, para compartilhar o amor, a cultura ancestral e toda uma consciência... todos nós devemos compreender que é preciso haver coerência. Adoro momentos como esse pra gente conversar, parar, pensar na educação, em nosso papel em tudo isso. (Mãe Márcia d’Oxum, na conversa de pesquisa)

Trouxe comigo a questão de Mãe Márcia: “será que consigo educar?”. Mãe Márcia fala de si e também de muitos outros, de dentro e de fora do terreiro. Barbosa (2012) contribui com minhas compreensões ao refletir sobre as práticas educativas e formativas a partir do pensamento multirreferencial de Ardoino. Ele analisa o que chama a *difícil arte de se autorizar*, tornar-se autor de si mesmo, face à alteridade do outro.

Quando nos referimos à educação é preciso considerar não somente uma elaboração sobre o outro, mas também sobre si próprio, pois nos encontramos inseridos nesse

processo relacional entre sujeitos que se instituem na relação um perante o outro. Mais uma vez vale destacar a visão multirreferencial que se alicerça na ideia de heterogeneidade explicitada por Jacques Ardoino como a “experiência mais extrema, às vezes a mais cruel, mas provavelmente também a mais enriquecedora que podemos ter da heterogeneidade é a que nos é imposta através do encontro com o outro, enquanto limite de nosso desejo, de nosso poder e de nossa ambição de domínio.” (BARBOSA, 2012, p. 69, citando ARDOINO, 2002, p. 553)

Eu já havia acionado essas mesmas reflexões inspiradas em Ardoino sobre a experiência do encontro com o outro no processo de *fazerpensar* a pesquisa no primeiro capítulo desta tese, na seção em que apresento os interlocutores. Esse encontro, tanto na pesquisa, na perspectiva de interlocutores em interação, quanto na relação educador-educando e nos vínculos que nos formam, desestabiliza, transforma, inquieta, desloca. O encontro com o outro é fundamental para o processo de formação pensado de modo multirreferencial, experiencial, relacional e implicado.

Reflito também sobre a importância do encontro com o outro, da abertura ao outro, para um processo de formação vivo, que comporta lacunas, lapsos, incertezas, inacabamentos. A *conversa de pesquisa* nos oportunizou aprender sobre o papel da dialogicidade na experiência formadora. Como destacado por Paulo Freire (1996), ensinar, educar, formar exige disponibilidade para o diálogo. Sobre a abertura ao outro, como expresso na narrativa de Mãe Márcia, a disponibilidade curiosa e corajosa à vida e aos seus desafios, como saberes necessários à prática educativa, aprendemos com Freire, e não somente em relação ao trabalho do professor, mas também em relação às experiências formadoras e à atitude do formador em contextos diversos, que:

Viver a abertura respeitosa aos outros e, de quando em vez, de acordo com o momento, tomar a própria prática de abertura ao outro como objeto da reflexão crítica deveria fazer parte da aventura docente. A razão ética da abertura, seu fundamento político, sua referência pedagógica; a boniteza que há nela como viabilizadora do diálogo. A experiência da abertura como experiência fundante do ser inacabado que terminou por se saber inacabado. *Seria impossível saber-se inacabado e não se abrir ao mundo e aos outros à procura de explicação, de respostas a múltiplas perguntas.* O fechamento ao mundo e aos outros se torna transgressão ao impulso natural da incompletude.

O sujeito que se abre ao mundo e aos outros inaugura com seu gesto a relação dialógica em que se confirma como inquietação e curiosidade, como inconclusão em permanente movimento na História. (FREIRE, 1996, p. 136, grifos da autora)

A roda de conversa de setembro de 2016 no *Ilè Omidayè* teve uma ressonância no Facebook, além das fotografias do momento da *conversa de pesquisa*, que ampliou e aprofundou minhas compreensões, deslocando-as, acerca da beleza e da importância do encontro com o outro para a experiência formadora e, de modo mais abrangente, para o centro das discussões sobre educação nos terreiros (CAPUTO, 2012). Essa ressonância no Facebook

se expressou em forma de narrativa ou *fotonarrativa poética*, como denominou Stela em uma de nossas interações a respeito dela no fotodiário *online* de pesquisa.

Refiro-me ao *post* de Celinha Rosa<sup>144</sup>, colaboradora de alguns projetos do *Ilè Omidayè*. Logo após a *conversa de pesquisa*, enquanto o almoço era servido, ela fotografou, de longe, uma cena com seu filho Matheus e com Ana Luiza, criança iniciada por Mãe Márcia para o Orixá Oxóssi aos dois anos de idade. Este foi o texto que acompanhou sua publicação com uma sequência de quatro fotografias do momento que testemunhou em sua linha do tempo no Facebook:

Durante a pausa para o almoço, fiquei observando meu filho e as outras crianças, no evento que aconteceu no *Egbe Ile Iya Omidaye Ase Obalayo*: A interação e cuidado mútuo entre eles, muito me chamou a atenção. Não deu para eu registrar tudo a tempo, mas um pouco dá para observar... Os maiores conseguiram subir, os menores ficaram tentando escalar. Matheus tinha conseguido subir, depois de muita luta. Mas ele desceu para dar a mão e ajudar a Ana Luiza a subir também. Estou apaixonada ❤️

Figura 133 – Ana Luiza e Matheus no Ilè Omidayè



Fonte: Foto de Celinha Rosa em sua linha do tempo no Facebook

Conversando depois com Mãe Márcia, também encantada com a *fotonarrativa poética* de Celinha, ela disse ter aconselhado Celinha a levar o Matheus com ela sempre que pudesse, deixando-o cada vez mais livre para interagir com as crianças do terreiro. Mãe Márcia disse a

<sup>144</sup> Perfil pessoal de Celinha Rosa no Facebook: <<https://www.facebook.com/cellimajeed>>. Acesso em: 23/12/2017.

ela que as crianças encontrariam, por elas mesmas, maneiras de se relacionarem, de se entenderem, e que nem sempre era necessária a intervenção dos adultos. “Elas dão seu jeito, se entendem e são capazes de encontrar suas soluções... Até se brigarem”, afirmou Mãe Márcia.

Relacionei as considerações de Mãe Márcia com a noção de *cultura de pares* (CORSARO, 2011), que em nosso grupo de pesquisa tem sido importante para seguirmos aprendendo com nossas pesquisas com as *redes educativas* nos/dos/com os terreiros de Candomblé, sobretudo com crianças. Na potente rede de criações cotidianas dos terreiros, temos tido por escolha fundamental de pesquisa, olhar e conviver mais com o que passamos a chamar de relações horizontais entre crianças e jovens. Corsaro (2011) trouxe um conceito mais pertinente ao que pensávamos, ainda que não pesquisasse crianças em terreiros.

Em consonância com nossa abordagem interpretativa, defino cultura de pares infantis como um conjunto estável de atividades ou rotinas, artefatos, valores e preocupações que as crianças produzem e compartilham em interação com as demais. (CORSARO, 2011, p. 128)

Corsaro (2011) estava interessado em compreender o que considera *reprodução interpretativa* em que, como ele mesmo diz, o foco está no lugar e na participação das crianças na produção e reprodução cultural, em vez de estar na internalização privada de habilidades e conhecimentos adultos pelas crianças. Para o autor, é justamente por meio da produção e participação coletivas nas rotinas, que as crianças tornam-se membros tanto de suas culturas de pares quanto do mundo adulto onde estão situadas. Em nosso grupo de pesquisa, pensamos de maneira parecida, mas realçamos que os terreiros guardam singularidades importantes: se para o Candomblé, a *idade iniciática* garante às crianças e jovens cargos na hierarquia e, com isso, reconhecimento, *status* e até privilégios, não existe tanta cisão entre o mundo da criança e o mundo adulto. Estes estão tão imbricados que invertem, de maneiras muito específicas, a lógica adultocêntrica do mundo e, ao menos para nós, também a lógica e a dinâmica das pesquisas.

Ao encontrar minha nota no fotodiário *online* de pesquisa a respeito da *fotonarrativa* de Celinha, Stela deixou suas observações, destacando a centralidade da noção de *redes educativas* (ALVES, 2003, 2008, 2012) em nossas pesquisas. O fundamental conceito se revitalizou em cada momento da minha experiência formadora naquele sábado de setembro com a *conversa de pesquisa* no *Ilè Omidayè*. Com as palavras de Stela encerro esta seção para

continuar a travessia de mãos dadas com as crianças, seus saberes, suas delicadezas e invenções.

Stela Guedes Caputo: Estou olhado e reolhando as imagens e ainda não consegui absorver toda beleza e complexidade delas, que, em si, já seriam belos presentes. Mas o relato da mãe, a iniciativa da mãe não só em fotografar, mas refletir através do fotografado mostra o que tantas vezes repetimos: os terreiros de candomblé são redes educativas com profundas relações e circulações de conhecimentos. Seus sujeitos (e, no nosso caso, interessam mais as crianças), experimentam as redes, investigam nas redes e a si mesmos nas redes. A fotografia potencializa a experiência da reflexão seja dos sujeitos de candomblé, seja dos pesquisadores de candomblé. Mãe Márcia, mais do que apresentar à mãe a cultura de pares partilhada pelas crianças, acredita, confia nessas culturas como relações de criações, tensões e afetos. (Stela Guedes Caputo, no fotodiário online de pesquisa)

#### 4.3 Notas de uma experiência *Kékeré* na pesquisa-rio

Aberta à experiência acontecimental (MACEDO, 2015, 2016) na pesquisa, compartilho nesta seção algumas notas baseadas em meu fotodiário *online* em relação a um importante momento vivido em campo, no *Ilê Omidayè*, por mim e por Stela em novembro de 2017. Além de apresentar novas formas de compreender as *redes educativas* (ALVES, 2008) e a *cultura de pares* (CORSARO, 2011) no terreiro pesquisado por meio das dinâmicas entre e com as crianças na travessia da pesquisa-rio, trazendo-as comigo na barca, celebro a vitalidade dos saberes *kékeré* que iluminam as pesquisas do nosso grupo de pesquisa. É preciso reparar miúdo e narrar *kékeré*, como nos diz Stela. Outro ponto importante é que se estamos falando de travessias de formação na barca de Oxum, estamos falando também de crianças, remetendo aos rituais que presenciei quando a mãe da água do mundo foi celebrada no Gantois e no *Omidayè*.

Stela e eu fomos juntas ao *Ilê Omidayè* para participar do encontro *Cultura Afro em Ação em São Gonçalo*, no dia 04 de novembro de 2017. Stela havia sido convidada por Mãe Márcia para apresentar e comentar o vídeo *Crianças de terreiros, redes educativas e diferenças*<sup>145</sup>, produzido por ela com o grupo, lançado em 5 de outubro de 2017, na Audiência Pública: *Intolerância Religiosa e Ataques a Terreiros*, na Assembleia Legislativa do Rio de Janeiro – ALERJ.

<sup>145</sup> Endereço para o vídeo "Crianças de terreiros, redes educativas e diferenças" no YouTube: <<https://www.youtube.com/watch?v=0-PEVAyl8I0>>. Acesso em: 30/10/2017.



Figura 134 – Capa do evento Cultura Afro em Ação em São Gonçalo no Facebook



Fonte: Perfil de Mãe Márcia no Facebook

O desejo ao produzir o vídeo *Crianças de terreiros, redes educativas e diferenças* foi mostrar como crianças e jovens de terreiros sentem orgulho de suas comunidades e de si mesmas. Como aprendem e ensinam, como partilham conhecimentos, como brincam, imitam Orixás, imitam também as pessoas do terreiro. Como subvertem e fazem travessuras.

Para Stela e para nosso grupo de pesquisa, os terreiros existem como testemunho material e imaterial de um modo de vida que não foi submetido pela colonialidade. Da página no Facebook *Educação nos Terreiros – Pesquisa com crianças e jovens de terreiro – Kékeré*<sup>146</sup>, concebida por Stela em 2012 e, em dezembro de 2017, com mais de 16 mil curtidas, trago algumas outras informações e compreensões resultantes da pesquisa com crianças que inspiraram a produção do vídeo:

As crianças levam cantigas de terreiro para creches, para suas casas, o terreiro vai com elas, está nelas. Na escola, porém, a maioria é discriminada e humilhada. O vídeo pretende ser uma contribuição do grupo *Kékeré* na luta contra o racismo religioso. Gostamos de pensar que professores e professoras poderão usar nossa produção para conversar sobre uma escola mais justa, laica e plural onde as crianças e jovens de terreiros não sejam discriminadas. Gostamos de pensar que todas as crianças de terreiros fazem parte desse vídeo onde ensinam alegria, amor à ancestralidade, solidariedade e respeito. (Página *Educação nos Terreiros – Pesquisa com crianças e jovens de terreiro – Kékeré* no Facebook: <<https://www.facebook.com/educacaonosterreiros/>>).

Chegamos de manhãzinha no *Ilè Omidayè*, com bastante antecedência, e ficamos conversando sob as árvores sagradas enquanto aguardávamos o início do evento. Tudo o que se passou em nossa tão enriquecedora espera foi experienciado por nós como presente trazido na barca de Oxum, carregada de crianças, com suas criações e autorias audiovisuais, seu fascínio pela fotografia digital e seus saberes *kékeré* tão imensos.

<sup>146</sup> Página *Educação nos Terreiros – Pesquisa com crianças e jovens de terreiro – Kékeré* no Facebook: <<https://www.facebook.com/educacaonosterreiros/>>. Acesso em: 23/12/2017.



As crianças se aproximaram de nós, foram nos mostrando as árvores do terreiro, os brinquedos, o jogo da memória com palavras em *yorubá* criado por Mãe Márcia, perguntando sobre funções das câmeras fotográficas de Stela e dos nossos dispositivos móveis, nossos *smartphones*. Em poucos instantes, totalmente imersas e envolvidas, como que suspensas no tempo, na dinâmica que as crianças – Júlia, Ana Clara, Beatriz, Safyra, Letícia, Rafaela, João Pedro e José – criaram e mediaram, estávamos sendo dirigidas por elas, que filmavam e fotografavam, revezando-se e ensinando umas às outras como usar cada artefato.

Stela gravou um pequeno vídeo<sup>147</sup>, publicado por ela no Facebook, de um instante da nossa experiência em que Júlia Pereira, neta de Mãe Márcia, com sete anos de idade na época, nos dirigia para produzir novas fotografias. Júlia me incluiu em sua direção fotográfica, posicionando-me junto a uma das árvores sagradas do terreiro ao lado de Beatriz, Ana Clara e Letícia.

A seguir, compartilho as notas-narrativas que escrevi em meu fotodiário *online* de pesquisa com algumas interações com Mãe Márcia e Stela em seus comentários. Essas notas, além de se relacionarem à delicadeza da nossa experiência formadora em campo, também contemplam algumas importantes reflexões sobre o *pensarfazer* a pesquisa e sobre a relação viva, aprendente e dinâmica com os interlocutores em campo.

Figura 135 – Fotografias Kékeré no Ilê Omidayè



Fonte: fotos da autora

<sup>147</sup> Vídeo de 24 segundos feito por Stela no Ilê Omidayè em 04/11/2017, intitulado “Elas dirigem”. Disponível no Facebook de forma pública em: <[https://www.facebook.com/stelinhaguedes/videos/vb.100001884824280/1740607882678689/?type=2&video\\_source=user\\_video\\_tab](https://www.facebook.com/stelinhaguedes/videos/vb.100001884824280/1740607882678689/?type=2&video_source=user_video_tab)>. Acesso em: 29/12/2017.

Deixando aqui em meu fotodiário online um pouco da experiência de sábado no Ilê Omidayê, durante o Encontro de Cultura Afro em Ação em São Gonçalo. Para agradecer também por tanto amor e alegria. Amanhã compartilharei um pouquinho do meu percurso de pesquisa, feito com a participação de tantas pessoas fundamentais, e falarei também deste dispositivo que é o fotodiário online no II e-Doc - Encontro Internacional Docência e Cibercultura, na UERJ. Fotografar é também anotar o campo, como nos ensinaram Verger, Bresson, Stela e as crianças do terreiro, autoras de grande parte das imagens que trago. Para refletir, dialogar e continuar criando coletivamente com a inspiração dessas narrativas ao longo da pesquisa-rio, que não se encerra com a conclusão do Doutorado. Com Júlia, Ana Clara, João Pedro, Beatriz, Safyra, José, Letícia, Rafaela, Vitória, Brenno e as queridas Stela e Mãe Márcia. Obrigada sempre Mãe Márcia e cada membro do Ilê Omidayê por nos receberem sempre com carinho e generosidade 🍷 (nota da autora no fotodiário)

Stela Guedes Caputo: Um dia especial de mergulho na pesquisa. Muitos aprendizados. As crianças usam a câmera com facilidade, aprendem o que não sabem rapidamente. Enquadram, possuem excelente sensibilidade estética. Compartilham a máquina, dirigem as cenas. Muito a escrever...

Marcia D. Pereira: Amei ter vocês por perto. Espero ter alcançado o objetivo no evento que era usar a cultura como elemento modificador de comportamento e como inclusão desses jovens que morrem todos os dias por racismo, preconceito, violência, desamparo, sendo negado a eles a identidade. Espero que através da cultura possa bater forte no peito deles que não precisamos lutar separados, que podemos pensar diferente. Existe um elo que nos une. Pode ser minha utopia, mas sinto que é preciso ensinarmos a sonhar, a ter esperança. Terreiro, samba, capoeira, samba de roda, funk, dança do passinho... tudo disso um pouco no Cultura Afro em Ação. Feliz porque nossa amiga Stela estava também hoje conosco.

Figura 136 – Com Stela, Júlia e João Pedro no Ilê Omidayê



Fonte: foto de Ana Clara Pereira (com 8 anos de idade na época)

Reflieto com os movimentos e autorias de Júlia, Ana Clara e Bia sobre a autonomia que exercem na criação de autorrepresentações, concordando com Gonçalves e Head (2009) quando afirmam que um mundo sociocultural, comparável a um trabalho artístico, só pode ser produzido pelos indivíduos que fazem parte dele, com imaginação situada na criação desse mundo, deles próprios e de suas perspectivas sobre esse mundo. Para os autores, o *devir-imagético* contempla essa autonomia do indivíduo na sua possibilidade de autorrepresentar-se criativamente:

Seguindo este paradigma, a realidade sociocultural nada mais é do que as histórias contadas sobre isso, as narrativas pelas quais ela representa e apresenta esta realidade através de si e do outro (Overing & Rapport, 2000: 206-207).

O *devir-imagético* dá conta desta autonomia do indivíduo e sua possibilidade de auto-representação criativa que não coincide com a idéia clássica de 'representação coletiva'. A individuação criativa dos personagens-pessoas desenvolve uma autonomia de significados que não está submetida diretamente à força imanente da sociedade. Pelo contrário, o improvisado, a fala, a narração, não exercem o papel de uma discursividade neutra, são puras agências de sentido de que criam e agregam novos significados ao mundo e às coisas ao mesmo tempo em que transformam aqueles que constroem a narrativa etnográfica, seja o antropólogo, seja seu personagem etnográfico. Seguindo esta premissa, a realidade sociocultural não é apreendida a partir de uma concepção de representação, mas de experientiação do mundo.

Neste sentido, mais uma vez, o conceito de indivíduo e sua variável, a individuação, comparece na formulação de um projeto etnográfico ou etno-imagético. (GONÇALVES e HEAD, 2009, p. 26)

A possibilidade de autorrepresentação criativa via *devir-imagético* e autorias audiovisuais de Júlia, Ana Clara, Bia e outras crianças do *Ilè Omidayè* foram evocadas na experiência formadora em campo naquela manhã de sábado, mas podem ser igualmente observadas em outros interlocutores, como Brenno, Vitoria e Ade, que também produzem suas próprias etno-imagens e etnonarrativas para representar a si mesmos e seus mundos. A ideia desenvolvida por Gonçalves e Head (2009) acerca da autorrepresentação e da individuação dos interlocutores em interação como constituintes de um projeto etnográfico e etno-imagético parece-me muito pertinente com o que esta etnografia na cibercultura revelou. Também articulo essas considerações com a noção de *autorização* (ARDOINO, 2003; MACEDO, 2013), compreendida como a capacidade que pode ser desenvolvida para que alguém se torne autor de si mesmo.

Constatarei o quanto é fundamental em uma experiência aprendente e implicada, que é como concebo a prática etnográfica, em linha com o nosso grupo de pesquisa, que os sujeitos se reconheçam no que é feito porque eles também fazem. A experiência da pesquisa ocorre



com esse reconhecimento. Para continuar em diálogo com essa ideia, apresento a seguir mais uma nota do fotodiário *online* com comentários de Mãe Márcia e Stela.

Figura 137 – Com Ana Clara



Fonte: foto de Júlia Pereira (com 7 anos de idade na época)

Dos presentes colhidos na pesquisa-rio: eu com Ana Clara. Foto: Júlia Pereira, de 7 anos de idade, com a Canon da querida Stela Guedes Caputo. Júlia aprendeu a usar a câmera fotográfica naquele mesmo dia, em que dirigiu, criou... Fez fotos e pequenos vídeos. Olhar sensível, talento e criatividade de Júlia, que teve também autonomia para nos dirigir e para tomar as próprias decisões, enquanto se articulava e negociava diretamente com Ana Clara, Bia, Safyra e José, com alguma mediação pontual nossa, sobre o uso da câmera e dos celulares (meu e de Stela), que eram compartilhados com as demais crianças. Esses acordos entre as crianças, com alguma participação nossa, podem ser compreendidos como uma dinâmica característica de uma cultura de pares, conceituada por Corsaro (2011). O nosso campo de pesquisa é por nós anotado de diferentes maneiras, incluindo as anotações feitas com a câmera. No sábado, as crianças anotaram o nosso campo com suas autorias e narrativas. A delicadeza da mãozinha de Ana Clara envolvendo o meu braço chamou a atenção de Stela na foto. Esse apoio, esse acolhimento, esse cuidado, essa mensagem “estou com você”, de forma tão aberta e espontânea, nutrem a nossa pesquisa e nos renovam para continuar caminhando com nossos interlocutores. Para agradecer ❤️

Foto: Júlia Pereira, em 04/11/2017, no Ilê Omidayê durante o Encontro Cultura Afro em Ação em São Gonçalo. (nota da autora no fotodiário)

[Marcia D. Pereira](#): Que lindo texto e linda foto! Olhar sensível, pensamentos leves de grande beleza.

[Stela Guedes Caputo](#): Na conferência que o professor Roberto Macedo proferiu ontem, na UERJ, uma das coisas que mais me chamou a atenção, foi quando ele

disse que é muito ruim quando os sujeitos da pesquisa não se reconhecem nela, nem no processo, nem na sua finalização. De acordo com ele, a experiência de pesquisa ocorre quando os sujeitos se reconhecem no que fazemos e trazemos porque eles fazem e trazem. A fala de Mãe Márcia, aqui, nos coloca na experiência da pesquisa proposta por Roberto Macedo. Ela reconhece sua casa, sua neta, a sensibilidade e a beleza do que você compartilhou, porque a sensibilidade e a beleza estão lá, na sua casa, campo por você pesquisado. Tendo a supor, que os sujeitos com os quais interagimos no campo, se reconhecem no que escrevemos e fotografamos, como Mãe Márcia e como outros e outras. Com esse seu post Máira, acho que podemos avançar ainda mais no que Roberto disse: creio que os pesquisadores também precisam se reconhecer naquilo que fazem. Temos essa sorte. Eu me reconheço no campo, reconheço você e acho que você também se reconhece no que faz. Sem as imagens isso ocorreria. Com as imagens isso desborda e espalha. Experiência ampliada.

Máira Pereira: Sim, querida. Há esse reconhecimento mútuo e em rede nas pesquisas que realizamos, felizmente. Considero esse reconhecimento de si mesmo como pesquisador fundamental e estou atenta a ele o tempo inteiro, em suas expressões e confirmações na experiência e no acontecimento da pesquisa. Por isso, trabalho aqui desde o início e também levei para o texto de qualificação e da tese as reflexões acerca das imagens produzidas por Brenno e outros sujeitos da pesquisa que me mostram em campo, numa forma de me reconhecer na pesquisa e a eles próprios também, em uma relação. Também por isso, o *itàn do abebé* que levei para a quali e mantenho na tese, com essa leitura ampliada. Para a tese, para artigos futuros, para a vida, inspirando nossos modos de estar em campo e de pensar sempre a pesquisa em sua dimensão ética e relacional. Beijo

Máira Pereira: Outro ponto sobre o qual tenho pensado muito é o de que esse reconhecimento, dos sujeitos e do próprio pesquisador, é dinâmico, se atualiza e pode se ampliar no percurso da pesquisa, na complexidade de uma experiência que nos convoca ao exercício da compreensão de outras maneiras, em um esforço para “compreender a compreensão”. Acho isso importante ao pensar pesquisas como a sua que tem uma história. Veja os exemplos recentes em relação aos 25 anos da matéria no Jornal O Dia, em que os sujeitos falaram desse percurso de reconhecimento disparado pela sua matéria e, conseqüentemente e mais radicalmente, pela sua pesquisa. Houve casos de sujeitos que se revelaram para você, em sua implicação, após tanto tempo... porque a pesquisa e suas ressonâncias podem sempre surpreender e nos ensinar. Isso porque é viva, é dinâmica. A minha pesquisa, embora tão mais recente e com suas especificidades, traz também, penso, essa perspectiva de continuidade e a dimensão de uma pesquisa-rio, com seus tempos, velocidades, afluentes.

Na experiência formadora *kékeré* na pesquisa-rio, que nos prepara e nos refina em delicadezas, vibra e inspira, entre tantas potências e aprendizagens, o comentário de Stela no fotodiário *online*: “a experiência de pesquisa ocorre quando os sujeitos se reconhecem no que fazemos e trazemos porque eles fazem e trazem”. Continuo compartilhando experiências formadoras, de (co)autorias e autorizações, com os interlocutores em interação, na seção seguinte.

Para iluminar e preparar o caminho para que a barca possa seguir seu curso ao encontro das festividades de Oxum, trago uma reza, cuja letra me foi enviada por Lucio

Sanfilippo<sup>148</sup>, doutorando e membro do grupo de pesquisa *Kékeré*, entoada em rituais de Candomblé para encantamento<sup>149</sup> de folhas sagradas. Chama-se de encantamento, a evocação, por meio de palavras, rezas e cânticos, que ativam o Axé, das propriedades místicas e curativas de folhas e ervas. São crianças tão pequenas, com seus saberes miúdos singulares, com autorias e invenções, que fazem grandes coisas. Quando a palavra *kékeré* antecede o nome litúrgico de uma planta, alude a um conjunto em que o tamanho da espécie é o referencial, relacionando-se a ervas, arbustos e plantas pequenas, delicadas e rasteiras (Pessoa de Barros, 2011).

*E omodé kékééré ènyin  
ènyin nsé idi n'kan nlá  
ènyin nsé idi n'kan nlá  
K'àwa fún nwon láse o  
Àwa nsé idi n'kan nlá  
E omodé kékééré ènyin  
Àwa nsé idi n'kan nlá  
K'àwa fún nwon láse o  
Àwa nsé idi n'kan nlá*

*E omodé kékééré ènyin  
ènyin nsé idi l'oşun  
ènyin nsé idi l'oşun  
K'àwa fún nwon láse o  
Àwa nsé idi l'oşun  
E omodé kékééré ènyin  
Àwa nsé idi l'oşun  
K'àwa fún nwon láse o  
Àwa nsé idi l'oşun<sup>150</sup>*

#### 4.4 A Festa de Oxum: ocupando o Facebook com narrativas da água e reflexões sobre (co)autorias curriculantes no *Ilè Omidayè*

Gostaria de concentrar-me neste momento da travessia na perspectiva de *ser água* como estratégia para posicionar-se e lidar com os desafios da vida, ocupando espaços,

<sup>148</sup> Perfil pessoal de Lucio Safilippo no Facebook: <<https://www.facebook.com/lucio.sanfilippo.9>>. Acesso em 14/01/2018.

<sup>149</sup> Em candomblés de origem Ketu, costuma-se chamar o ritual de encantamento de folhas sagradas sassanha ou sassanhe, considerado o momento de “cantar as folhas”, numa alusão aos cânticos que são entoados para ativar o princípio mítico, mágico e curativo de cada planta (Pessoa de Barros, 2011).

<sup>150</sup> Crianças pequenas, vocês estão fazendo coisas grandes (também festa grande, em algumas traduções). Vocês estão fazendo coisas grandes. Por isso, nós lhe damos Axé. Na segunda parte: crianças pequenas, vocês estão fazendo festa de Oxum. Vocês estão fazendo festa de Oxum. Por isso, nós lhe damos Axé (Pessoa de Barros, 2011).



autorizando-se, fazendo-se ouvir, aberta ao acontecimento, como aprendi com Mãe Márcia e venho costurando em meu texto desde o primeiro capítulo.

O objetivo desta seção é narrar uma experiência de criação conjunta, minha e de Mãe Márcia, que teve seu início cerca de um mês antes da festa de Oxum de 2015. Para tanto, aciono a Festa de Oxum, principal evento no calendário religioso do *Ilè Omidayè*, como dispositivo da pesquisa em suas edições de 2015, 2016 e 2017, sempre no mês de maio e para além de datas, atemporal e transversal, tanto nos cotidianos dos membros do terreiro quanto no desenvolvimento desta pesquisa-rio.

Mãe Márcia me chamou pela “caixinha”, como chama o aplicativo *Messenger* do Facebook, e propôs criarmos, juntas, o que chamou de “belas imagens com textos, como se fossem postais ou cartões digitais” para divulgar a Festa de Oxum no Facebook. Ela me pediu ideias e sugestões de como fazer, de que aplicativo usar, perguntando se eu gostaria de participar. Ela já tinha como ponto de partida pequenos textos com mensagens e frases relacionadas à temática escolhida para aquele ano. Ela me explicou que existe um tema inspirador a cada ano para a Festa de Oxum, que norteia a decoração do terreiro e, acima de tudo, diz respeito à “mensagem que devemos espalhar, o aspecto de Oxum a ser enfatizado”, em suas palavras.

*Oxum: água da vida*, este foi o tema da festa de 2015. Aceitei o convite para participar e comecei a receber de Mãe Márcia frases ligadas ao tema para compor esses “cartões digitais”. Ela falou que eu me sentisse à vontade para editar as frases, interferir no processo e criar. Também conversamos por telefone sobre as suas compreensões da temática, sobre *ser água*, sobre Oxum e a água. Em nossa conversa, Mãe Márcia falou do seu desejo de inundar as pessoas com as mensagens de Oxum, encantando-as e possibilitando “uma experiência cultural e afetiva” com Oxum. Além disso, ela falou do “caráter educacional” desses cartões digitais, uma vez que gostaria que eles contribuíssem para a compreensão da importância da água em nossas vidas e da sua preservação em nosso planeta.

Ela também contou do seu desejo de levar essa experiência para o terreiro, no dia da festa, expondo objetos, fotografias e criando ambientes que remetessem ao tema das águas: “Quero que as pessoas tenham uma experiência com a água de Oxum, que aprendam com o Candomblé, que se sintam entrando numa exposição de arte lá no *Omidayè*, que se sintam convidadas a interagir e a aprender desde o início”.

Busquei e experimentei, então, alguns aplicativos, fazendo alguns testes com as imagens que eu já tinha reunido em um pequeno banco para criar os cartões digitais. Gostei mais do resultado obtido com um deles<sup>151</sup>.

A seguir, um exemplo do conjunto de 20 cartões digitais que transbordaram no Facebook nas semanas que antecederam a festa de Oxum de 2015. No dia da festa, as cópias impressas dos cartões estavam organizadas em um belo varal em uma das varandas do terreiro. “Quis trazer a exposição do Facebook pra cá e juntar com os outros objetos, fotos e flores que enfeitam o terreiro hoje”, me disse Mãe Márcia.

Figura 138 – Cartão digital divulgado no Facebook em 2015



Fonte: cartão criado pela autora com texto em coautoria com Mãe Márcia

Essa experiência alude à noção de espaços intersticiais (SANTAELLA, 2010), já abordada nesta tese, sobre a mistura entre o espaço físico do terreiro e o ciberespaço. O que pude relacionar de forma mais incisiva com a experiência, no entanto, foi a compreensão do *Ilè Omidayè* como uma sofisticada e complexa rede educativa (ALVES, 2003, 2008, 2015) multirreferencial em interface com outros *espaçostempos* e também como espaço multirreferencial de aprendizagem (FRÓES BURNHAM, 2000, 2012).

Eu e Mãe Márcia criamos nosso próprio ritual de criação conjunta a cada edição da festa de Oxum, desde 2015. A cada ano, a festa de Oxum atualiza-se como dispositivo da pesquisa, inspirando novas conversas e interações com os interlocutores, especialmente com

<sup>151</sup> Aplicativo *Martha Stewart CraftStudio for iPad*. O aplicativo é apresentado neste vídeo disponível no YouTube: <<https://www.marthastewart.com/908075/introducing-martha-stewart-craftstudio-app>>. Acesso em: 12/01/2018.

Mãe Márcia, e também como dispositivo de novas invenções e produções coletivas no *Ilê Omidayê*. Em 2016, o tema da festa de Oxum foi *amor e prosperidade*. Apresento a seguir três exemplos de cartões digitais que circularam no Facebook naquele ano.

Considero dois pontos importantes a respeito das experiências de criação desses cartões digitais após a festa de 2015. O primeiro é que percebo que a temática, embora diferente a cada ano, se vincula de alguma forma com a *água da vida* na perspectiva da pesquisa-rio e dos cotidianos do *Ilê Omidayê*. O segundo é que percebo outra fluidez e fluência na dinâmica de elaboração desses cartões, possivelmente por eu ter me formado e me autorizado ao longo do processo, de forma implicada.

A primeira imagem traz uma fotografia que fiz de Mãe Márcia e sua filha Arethuza no *I Encontro das Mulheres Negras e de Matrizes Africanas de São Gonçalo*.

Figura 139 – Cartão digital divulgado no Facebook em 2016 – com Arethuza e Mãe Márcia



Fonte: cartão criado pela autora, com foto da autora e texto em coautoria com Mãe Márcia

O segundo cartão traz a fotografia de uma roda de conversa realizada no início de 2016 no terreiro.

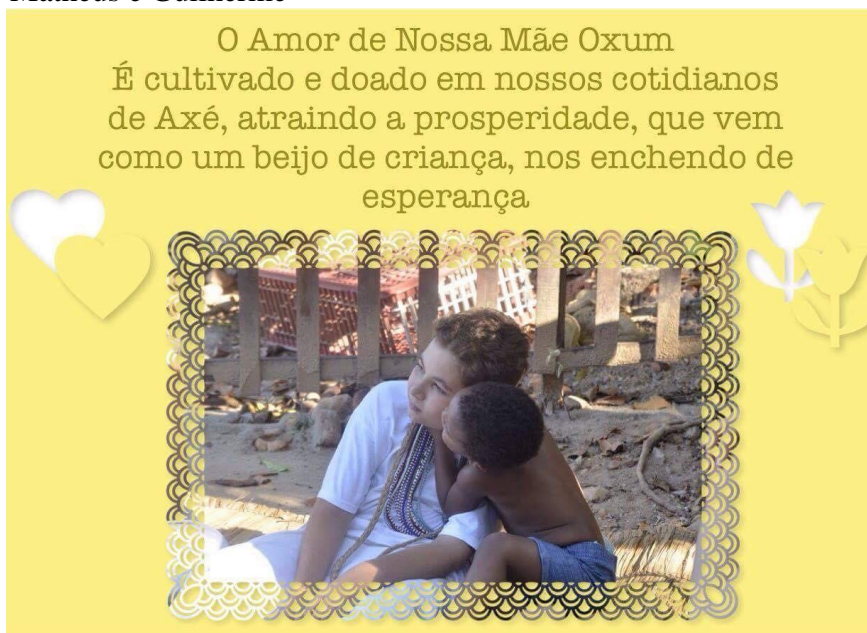
Figura 140 – Cartão digital divulgado no Facebook em 2016 – roda de conversa



Fonte: cartão criado pela autora com texto em coautoria com Mãe Márcia

O terceiro exemplo traz a fotografia do beijo de Matheus em Guilherme de Xangô durante uma roda de conversa.

Figura 141 – Cartão digital divulgado no Facebook em 2016 – com Matheus e Guilherme



Fonte: cartão criado pela autora com texto em coautoria com Mãe Márcia

Em 2017, o tema da festa de Oxum foi *harmonia e paz* e trago a seguir um exemplo de cartão digital com fotografia de Mãe Márcia feita por Brenno para campanha contra a discriminação religiosa no Facebook.



Figura 142 – Cartão digital divulgado no Facebook em 2017 – com Mãe Márcia



Fonte: cartão criado pela autora, com foto de Brenno Santos

Optei por compor os cartões em 2016 e em 2017 com fotografias que tinham sido compartilhadas pelos membros do terreiro no Facebook, costurando as mensagens com etno-imagens de suas vidas cotidianas no terreiro por acreditar que estas podem ser entendidas como representações contextualizadas das temáticas da festa de Oxum. Com Gama (2009), reflito sobre a compreensão das imagens como uma “representação que fala” e das etnografias como textos e construções:

Hoje, seria impossível pensarmos em uma leitura imagética como se fosse equivalente a uma leitura de documentos escritos. Entretanto, devemos entender as imagens como uma espécie de representação que ‘fala’, ou seja, que contém informações objetivas e subjetivas que, por sua vez, são interpretadas por um leitor. Nesse sentido, a fotografia – assim como documentos verbais – não são verdades dadas, mas representações construídas. (...)

Diversos autores discutem os usos sociais da fotografia percebendo-as como representações – não a ‘realidade’ em si – do mesmo modo que podemos entender as etnografias como textos, construções. Ambas seriam *ficções*, não no sentido de ser algo falseado, mas no de serem interpretações. (GAMA, 2009, p. 107, grifo da autora)

Em 2018, o tema da festa de Oxum no *Ilê Omidayê* relaciona-se ao *odun* de 50 anos de Mãe Márcia, o que tem mobilizado seus membros há mais de dois anos. Entre seus planos e suas criações, o desejo de celebrar a data com a produção de um documentário sobre o percurso dos seus 50 anos de aprendizagens com Oxum e também o projeto de um livro com a sua biografia.

Esta foi a declaração de Mãe Márcia em uma reunião de planejamento para o projeto do filme no *Ilê Omidayê*:

Gostaria de deixar uma espécie de herança. De contar minha história no Candomblé, que começou quando eu era criança, até chegar aos meus 50 anos de iniciada. Quero uma história minha, mas que não fale só de mim, mas da minha trajetória de resistência na religião e na vida. Minha história é feita com muita gente. Por isso, quero um filme feito na companhia de quem me conheça, pessoas que façam parte da minha vida, amigos, filhos, irmãos. O filme é para partilhar esse caminho, ensinar um pouco sobre o Candomblé por meio do que vivi e aprendi. Seria tão bom que o filme ajudasse a combater o preconceito e o racismo religioso, mostrando as belezas do culto aos Orixás e da vida no terreiro... Mostrando os desafios, as dificuldades também.

Vocês, jovens aqui do terreiro, estão animados, engajados em fazer o filme acontecer, levar o projeto adiante. Isso é muito bom. É importante esse amor, esse compromisso. Vocês vão aprendendo também. Aprendem fazendo e isso é o mais bonito. Eu só quero muito que todos compreendam que tudo isso que vivi ao longo desses 50 anos não foi mérito meu. Não sou eu sozinha. Não quero um filme para falar dos meus feitos... Imagina! As pessoas que irão se envolver com o projeto precisam entender que minha vida, toda ela, minha família, minhas escolhas, minha militância, tudo isso é Oxum. A mulher que luta, ama, sonha, cria e resiste é Oxum. Ela é minha vida. Ela é meu caminho. O *Odun* de 50 anos é de Oxum. É Oxum quem conta a minha história. (Mãe Márcia d'Oxum, interlocutora da pesquisa)

A história de vida de Mãe Márcia é feita de e com muita gente, no encontro, compartilhando, lutando, aprendendo e ensinando, no curso das águas dos rios. O nome escolhido para o documentário é *Quem Conta é a Água*, com roteiro em que a narradora da história é Oxum. Participei das conversas e reuniões iniciais para discutir as ideias relacionadas ao documentário. O nome do filme emergiu em uma delas, em que participaram, além de Mãe Márcia, sua filha Arethuza, alguns membros da equipe de produção cultural do *Ilê Omidayê*, como Rodrigo Ramos, assim como Stela e João Velho, cineasta e amigo. Os projetos do filme e do livro são dispositivos em potencial de novas aprendizagens e novas buscas compreensivas.

Algum tempo depois, Mãe Márcia me contou que, inspirada na reunião em que foi escolhido o nome do documentário, da qual participei, o tema da festa de Oxum de 2018 seria também *Quem Conta é a Água* para marcar a história de 50 anos contada por Oxum. O nome inspirou um conjunto de atividades, além do filme, do livro e da festa, que, como Mãe Márcia explicou, configura-se como o grande projeto *Quem Conta é a Água*.

Sobre os cartões digitais criados desde a festa de Oxum de 2015, tive uma grata surpresa no finalzinho de dezembro de 2017 ao visualizar o *post* de Marcos Serra<sup>152</sup>, professor de Artes, ator, doutorando em Educação do ProPEd/UERJ, amigo do grupo de pesquisa e

<sup>152</sup> Perfil pessoal de Marcos Serra no Facebook: <<https://www.facebook.com/marcosserrablack>>. Acesso em: 04/01/2018.



filho de Xangô, no Facebook com uma dessas criações, só que para a festa de Xangô de 2015 no *Ilè Omidayè*. Imediatamente, entrei em contato com ele, contando-lhe a história. Ele não sabia que imagem e texto eram resultantes da minha experiência de pesquisa. Conversamos sobre nossas compreensões e vínculos com Xangô e sobre a dinâmica do ciberespaço, em que imagens e narrativas diversas são sopradas e chegam a tantos lugares e pessoas, com ressonâncias e enredamentos que não somos capazes de rastrear e de imaginar.

Fiquei muito feliz por ter reencontrado um dos “cartões digitais” dessa forma, com Marquinhos, amigo do *Kékeré* e filho de Xangô, no final da minha escrita da tese. A travessia, aberta que é ao acontecimento, revela o tempo inteiro muitos laços, redes e conexões. Trago a seguir a imagem que me reencontrou no Facebook com o *post* do Marcos:

Figura 143 – Cartão digital para a festa de Xangô de 2015 no *Ilè Omidayè*



Fonte: cartão criado pela autora com texto em coautoria com Mãe Márcia

Como, de acordo com Mãe Márcia, quem luta, quem sonha, quem deseja transformar e quem resiste é Oxum, sigo para as conclusões desta seção e deste capítulo em sua barca apresentando passagens da sua itinerância de ativismo e militância.

Em 16 de abril de 2016, Mãe Márcia publicou como sua foto de capa no Facebook uma imagem, com fotografia feita por Brenno, em apoio à democracia com uma referência ao

Orixá Xangô. Sua mobilização no Facebook pela democracia nos primeiros meses de 2016, bem como sua itinerância de engajamento em causas ligadas à cultura afro-brasileira, ao combate ao racismo e à discriminação religiosa e pela inclusão como um todo, inspirou o movimento chamado “Axé pela Democracia”<sup>153</sup>, que teve seu primeiro encontro realizado no município de São Gonçalo.

Figura 144 – Mãe Márcia pela democracia



Fonte: foto de Brenno Santos

O movimento deu origem a um manifesto que recolheu assinaturas e foi entregue em Brasília e também a um conjunto de encontros denominado “O Povo de Santo e a Ameaça à Democracia”, motivado pela votação do processo de *impeachment* e pelo viés religioso conservador presente nos discursos de muitos parlamentares ao declararem seus votos na Câmara dos Deputados, em sessão realizada no dia 17 de abril de 2016. Esse conservadorismo e obscurantismo, segundo os participantes do movimento, representa uma forte ameaça à laicidade do Estado, com riscos à liberdade religiosa, sendo os adeptos da Umbanda e do Candomblé considerados particularmente vulneráveis.

Esses encontros foram realizados na Universidade do Estado do Rio de Janeiro – UERJ. Um deles aconteceu em 18 de maio, na UERJ/FFP, e outros dois, em 21 de junho e 28 de julho, na UERJ/Maracanã. Mãe Márcia, em redes educativas que atravessam também a UERJ, presente aos encontros ao lado de outras lideranças religiosas do Candomblé e da Umbanda, bem como professores e pesquisadores, foi considerada a madrinha do “Axé Pela Democracia”.

<sup>153</sup> Página do Axé Pela Democracia no Facebook: <<https://www.facebook.com/Ax%C3%A9-pela-Democracia-472648889588813/?fref=ts>>. Acesso em: 10/6/2016.

No vídeo “Mãe Márcia d'Oxum – Povos Tradicionais de Matrizes Africanas pelo Estado Democrático de Direito”<sup>154</sup>, gravado e publicado no YouTube por Brenno Santos e também publicado no Facebook em 10 de abril de 2016, Mãe Márcia posiciona-se favoravelmente à democracia e contra o golpe, convocando os seus pares, os adeptos das religiões de matrizes africanas, a se posicionarem. Trago minha narrativa em meu fotodiário *online* relativa ao vídeo e após acompanhar as primeiras ressonâncias e comentários a ele relacionados no Facebook:

{Pela democracia - vídeo gravado em 10/4/2016} Trazendo seu vídeo, Marcia D. Pereira, para o diário *online* da pesquisa. Parafrazeando o Jonathan em um comentário ao seu *post*, ser Mãe de Santo em um país que nega e rejeita as religiosidades e as culturas de origem africana é um ato político. Educar e formar pessoas no terreiro (e também fora de seus limites físicos) também é um ato político, acrescento. Como diz minha amiga e pesquisadora da cibercultura Edméa, com a internet 2.0 o polo de emissão está liberado. Acompanho desde o início da pesquisa as narrativas digitais produzidas pela senhora, seus filhos e filhas de santo nas redes sociais. Foi o que despertou meu interesse, desde a foto da Adelaine com seu barco, cheio de crianças, após a iniciação. Talvez tenha sido aquele o primeiro *post* que me levou a senhora. Um ato político também, em que Adelaine assumia e declarava sua religiosidade e sua identidade. Ato somente possível em uma democracia. Ato que pode estar ameaçado em um contexto de predominância obscurantista e de vigilância e controle da internet, como propõe um temerário projeto de lei divulgado há cerca de duas semanas com o suposto título de "CPI dos crimes da internet". Seus *posts* e de seus filhos e netos são ressonâncias de atos políticos. Ressonâncias da resistência. Rastros da força criativa e da voz que não se permite silenciar, em que vocês se autorizam a ocupar espaços para compartilhar mensagens, valores, lutas e saberes. Neste momento de risco à democracia, a narrativa de Mãe Márcia tem endereço certo: seus pares. Aqueles que sofrem com o racismo e a discriminação. Aqueles a quem se quer calar. Aqueles que resistem, criam e ocupam espaços. Aqueles que precisam estar juntos para atualizar memórias, preservar e reinventar tradições, garantir conquistas. Aqueles que precisam se reconhecer como pares e se enxergar no cenário de ameaça à democracia. Mãe Márcia lembra um forte conceito de origem africana em uma sequência de fotos publicada neste mesmo domingo em que gravou o vídeo. Ubuntu. Eu sou porque nós somos. (narrativa da autora no fotodiário *online* no Facebook, em 10/04/2016)

Além do ato político que percebo no posicionamento assumido por Mãe Márcia, como incluído em minha nota-narrativa do fotodiário *online* acima, compreendo suas formas de *ser água*, com proposições e intervenções críticas no mundo, *autorizando-se*, sendo coautora de si, como sujeito social, como *atos de currículo* (MACEDO, 2011, 2013). Baseada em Macedo (2013, pp. 428-429), afirmo que Mãe Márcia é criadora de sentidos e não somente portadora de sentidos por meio de seus processos aprendentes.

<sup>154</sup> Vídeo “Mãe Márcia d'Oxum – Povos Tradicionais de Matrizes Africanas pelo Estado Democrático de Direito” no YouTube: <<https://www.youtube.com/watch?v=IREROqXHp4U&feature=share>>. Acesso em: 10/4/2016.

*Atos de currículo* se inserem em uma perspectiva sistêmica e acionalista de concepção de *currículo*, referindo-se à compreensão da *formação como experiência dos sujeitos*, sendo considerados potentes dispositivos de formação. O conceito de *ato de currículo* emerge e torna-se denso, como explicita Macedo (2013, pp. 21-22), como criação e como acontecimento no contexto dos trabalhos de pesquisa e formação desenvolvidos com seu grupo de pesquisa. Para compreendê-lo, é necessário, perspectivar o conceito como:

(...) um pensar-propositivo, forjado em anos de experiências construídas com atores sociais que colocam as questões do currículo e da formação nos âmbitos das suas *ações implicadas* (MACEDO, 2007; 2012) e de movimentos sociais e culturais que tomam o *conhecimento eleito como formativo* – entendemos isso como uma questão inerente ao currículo –, como uma luta por significantes e por recursos socioculturais em meio às batalhas por pautas e conquistas educacionais. (MACEDO, 2013, p. 22)

Pensar em Mãe Márcia como *criadora de atos de currículo*, como *autora curricular*, situada e profundamente *implicada* em seu contexto sociocultural, sintetiza minhas compreensões acerca de suas itinerâncias e de seus modos de *ser água*, ocupando espaços, propondo atividades e projetos inspirados em demandas e necessidades socialmente construídas em seus cotidianos de lutas. Ao criar *atos de currículo*, ela encontra córregos e riachos para atravessar com a barca trechos áridos e hegemônicos, tornando visíveis saberes, conhecimentos e pautas, irrigando as redes educativas semeadas *dentrofora* do *Ilè Omidayè* em tempos de cibercultura, em interface com a cidade e com o ciberespaço, com a participação de outros membros, como Ade, Brenno e Vitoria.

Considero importante realçar que o conceito-dispositivo de *ato de currículo* compreende um gesto ético-político, conectando conteúdo, processo e sentido, sem privilegiar, portanto, o conteúdo do ato (MACEDO, 2013, p. 27). Também destaco o caráter plural de *experiências curriculares* relacionadas à emergência dos *atos de currículo*, instituídas como *temporalidades outras, realizações curriculares outras, bricolagens outras* (MACEDO, 2013, p. 22). Assim, igualmente aciono o conceito-dispositivo de *atos de currículo* para compreender os eventos-dispositivos e projetos-dispositivos, concebidos por Mãe Márcia em interação com outros membros do *Ilè Omidayè*, acionados nesta pesquisa-rio.

Vídeos, como o que trouxe há pouco em minha nota-narrativa do fotodiário *online*, produzidos por ela com a colaboração de outros membros do terreiro, campanhas *online* contra a discriminação religiosa, com narrativas, fotografias e imagens diversas disponibilizadas nas redes sociais digitais, podem ser compreendidos como *(co)autorias curriculares*. Também compreendo os “cartões digitais”, narrativas criadas por nós duas

como *interlocutoras em interação* (MACEDO, 2016) para as festas de Oxum e de Xangô, como *(co)autorias curriculantes* (MACEDO, 2013).

Com as palavras de Macedo (2013) a seguir, fundamento minhas compreensões acerca dos eventos-dispositivos e projetos-dispositivos do *Ilè Omidayè* como *atos de currículo*, propiciando *experiências curriculantes* e *formadoras* associadas à emergência desses atos, e de Mãe Márcia como *autora curricular implicada*, formadora e criadora de *atos de currículos*:

O currículo no contemporâneo vive (in) tensamente um começo instituinte que aponta para vislumbres desconstrucionistas, narrativos, propositivos, coalizionalis, com ampliados processos acionalistas-semantizantes. Nas experiências cotidianas miúdas, nas brechas, nas frestas e nas fissuras, nas reexistências afirmativas, nas transgressões, nas rasuras, nas rebeldias e nas traições cotidianas, nas opacidades, na clandestinidade, nas diversas micro-ousadias, nas *epifanias* que irrompem, acontecem *ações instituintes*. Plurais e muitas vezes não normatizadas, podemos falar mais uma vez de experiências *curriculantes* que se instituem como *temporalidades outras, realizações curriculares outras, bricolagens outras*. Fachos de luz caminhando e iluminando situações curriculares, fundando uma heterogeneidade que queremos cada vez mais ampliada, cada vez mais irreduzível, cada vez mais socialmente referenciada e que pode nascer de *com-versações* socialmente engendradas. Nesse ínterim, muitas vezes em opacidade, visibiliza-se e empodera-se nos contemporâneos *atos de currículo* como intensas heterogêneses formativas, antes recalçadas e naturalizadas como epifenômenos educacionais. (MACEDO, 2013, p. 22)

Macedo (2013) diz que *atos de currículo* “formulam, propõem e realizam, num cenário heterogêneo de práticas sociais, o que é a educação” (p. 68). O conceito de *ato de currículo implicado à formação* possui potência praxica, sendo o caminho, tanto epistemológico quanto pedagógico, de compreender a conexão entre currículo e formação e também uma maneira de empoderar e radicalizar, multirreferencialmente, sua vinculação aos interesses de pessoas e segmentos sociais (MACEDO, 2013, p. 44), o que corrobora minha leitura acerca de sua pertinência para compreender as formas de *fazerpensar* e educar, sendo água, de Mãe Márcia, expressas nas criações diversas, nos projetos, eventos, encontros e atividades culturais fecundadas, gestadas e realizadas no *Ilè Omidayè*.

Aproximo-me das (in)conclusões desta tese na companhia de Oxum e também de Xangô, orixás a quem o *Egbé Ilè Iyá Omidaye Aşé Obalayo* é consagrado, refletindo acerca da itinerância de Mãe Márcia e de minha própria itinerância na travessia da pesquisa-rio, em que nós duas nos modificamos e nos formamos, implicadamente, em interação, com as redes educativas que nos atravessam, com nossos múltiplos sistemas de referências, com nossos sonhos, nossas invenções, nossos afetos, nossas alegrias, nossas esperanças, nosso respeito e confiança mútuos, nossos equívocos, nossas incompletudes.

O orixá Oxóssi, também conhecido como Odé, o caçador de uma única flecha, que nos traz alimentos, sobretudo para a alma e para os sentimentos, e prosperidade, também me faz companhia no termo provisório deste trabalho. São de Odé a mãe biológica de Mãe Márcia, Dona Ivone, de quem herdou a missão espiritual, e Rhuan Lima, o primeiro *iyáwò* iniciado por Mãe Márcia há mais de 20 anos, quando ele era uma criança. Odé é considerado o Rei da Nação Ketu, que caracteriza o *Ilè Omidayè*, assim como o Gantois. Na imagem a seguir, que fiz para homenagear o *odun* de 50 anos de Oxum e que traz uma fotografia de Arethuza Dória divulgada no Facebook, feita em um dos rituais que integram os festejos de Oxum de 2017, Rhuan conversa com sua Ialorixá e a ampara. Ambos sorriem. Ambos se encontraram no curso de suas vidas. Ambos aprendem e ensinam. Ambos no rio. Ambos em travessia. Muitas histórias contadas pela água.

Figura 145 – Cartão digital em homenagem ao *odun* de 50 anos de Oxum de Mãe Márcia



Fonte: cartão criado pela autora, com foto de Arethuza Dória



## VAMOS COMIGO CONHECER A HISTÓRIA DESSE RIO QUE AINDA ESTÁ A CORRER?

E o rio-rio-rio, o rio – pondo perpétuo.

*João Guimarães Rosa*

A pesquisa-rio segue em fluxo. Em sua abertura à experiência e ao acontecimento, acolhe encantamentos, incertezas, algumas respostas provisórias, estranhamentos e novos questionamentos que se desdobram em novas perspectivas-afluentes. A pesquisa-rio pondo perpétuo.

Nestas (in)conclusões, encontro no convite para conhecer a história do rio que está a correr, feito por uma menina, companhia para esta etapa da travessia. A menina se chama Márcia Dória Pereira e tem nove anos de idade. Ela me chama com voz delicada, fininha, mas consigo escutá-la nítida e sensivelmente. Entre nós há 50 anos de história de uma vida que se fez rio e continua correndo para encontrar o mar, para contar novas histórias e reunir mais gente.

Essa voz de criança que ouço aqui e agora e que traz o convite vem do passado, de muito longe, e é correnteza de desejo e esperança para o futuro que se faz a partir de hoje. Embarcamos juntas na barca que nos levou na aventura pensada da pesquisa-rio com nossas singularidades, muitas histórias para contar e para escutar. Aprendemos a navegar assim por algum tempo, ora lado a lado, ora um pouco mais distantes.

A voz que me trouxe o convite para continuar navegando, em fluxos renovados de aprender e conhecer sempre, de ver e transver o mundo com sentidos despertos e curiosidade afinada, chegou a mim pela primeira vez em um áudio enviado por Mãe Márcia d'Oxum pelo *WhatsApp*<sup>155</sup> há pouco mais de seis meses. A voz era de sua neta Júlia interpretando o texto inspirado no sonho iniciático que Mãe Márcia teve aos nove anos de idade, contado a sua Ialorixá, Mãe Menininha do Gantois.

O sonho iniciático de Mãe Márcia inspirou a criação do texto que ouvi na voz de Júlia, base para o roteiro de um pequeno vídeo<sup>156</sup> para provocar curiosidade e interesse, como um

<sup>155</sup> *WhatsApp* é um aplicativo multiplataforma de mensagens instantâneas e chamadas de voz disponível para *smartphones*. O aplicativo permite também o envio de vídeos, fotos e áudios através de uma conexão a internet.

<sup>156</sup> Vídeo de 2 minutos e 37 segundos com *teaser* do filme *Quem Conta é a Água* no YouTube: <<https://www.youtube.com/watch?v=kR6Hotj8auc>>. Acesso em: 14/01/2018.

*teaser*, em relação ao filme que está sendo produzido para homenagear seu *odun* de 50 anos. O que motivou a realização do *teaser* foi o lançamento de uma campanha de financiamento coletivo nas redes sociais *online* para viabilizar a produção do filme.

Toda concepção do roteiro, desde a produção dos dados com a escuta do sonho iniciático e das histórias de Mãe Márcia até a redação do texto, de autoria de Rodrigo Ramos e que trago a seguir, assim como a produção e a edição do *teaser*, foi feita, com recursos próprios, pela equipe de produção cultural do *Ilê Omidayê*, formada por um grupo de jovens do terreiro, que são pedagogos, professores, estudantes de cinema e de produção cultural, mestrandos e doutorandos de História, Antropologia e Ciências Sociais. Brenno Santos também faz parte da equipe de produção cultural do *Ilê Omidayê*, filmando, editando e fotografando, assim como Vitoria Dias, que faz penteados e maquiagens, além de cuidar dos figurinos nesses vídeos.

Eu sou uma criança que conhece o terreiro. Daqui de casa posso ouvir o toque do Gantois. É uma sensação boa. É um convite e dá vontade de ir correndo. Será que mainha sabe que eu amo Mãe Menininha?

Meu bisavô uma vez me disse que trouxe da África uma pedra de Xangô. E dela não poderia me separar mais...

Mas é com as águas que eu me sinto diferente...

Uma vez sonhei que caía no rio e tinha a sensação de que ia me afogando quando descia as profundezas do rio. Quando tudo parecia perdido e não sentia mais o chão, um peixe me amparou com a cabeça. Ele me levou a uma viagem no fundo das águas e lá havia muitas riquezas. Vi lugares brilhantes e peixes encantadores. Admirava cada canto, sentia a sensação das águas tocando meu rosto e eu respirava dentro das águas. Foi quando o mesmo peixe que me levava naquele passeio inesquecível, me jogou de volta para a terra e eu acordava, sem esquecer a imagem daquele peixe e dos mistérios no fundo dos rios.

A cada ano que passa, o dia do *Odun* é tempo de reunião para celebrar o reencontro com minha mãe Oxum.

Como eu poderia imaginar que essa história me levaria à defesa dos povos de matriz africana, à militância a favor do meu povo e a fazer parte de uma família imensa?

Essas águas me levaram ao meu *Odun* de 50 anos.

E você agora faz parte dela. Eu te contei um segredo. Vamos comigo conhecer a história desse rio que ainda está a correr? (Texto de Rodrigo Ramos para o *teaser* do filme *Quem Conta é a Água*)

Trouxe neste momento o texto inspirado no sonho que Mãe Márcia teve quando era menina, que também é base do roteiro do *teaser* do filme *Quem Conta é a Água*, por alguns motivos. Eu o compreendo como convite para continuar navegando, aprendendo, criando, conhecendo e embarcando em novas viagens. Com ele, olho, escuto, sinto, percebo este momento de término do Doutorado com a perspectiva do devir, desejando e vislumbrando a continuidade dos caminhos de pesquisa, feitos de águas fluidas e correntes, e de muitas outras histórias.

Eu também o compreendo como convite para reembarcar na pesquisa-rio, em retrospectiva, reconhecendo seus encontros, achados, dilemas, conquistas, alegrias, aprendizados, equívocos e inacabamentos. A água também me conta a história do meu mergulho em campo, de forma multirreferencial e implicada, e do meu *fazerpensar* a pesquisa. Desse mergulho profundo submerjo com a tese, materializada como memória e registro parcial da aventura experienciada com os interlocutores da pesquisa, meus companheiros de travessia, e das minhas compreensões do processo. Seguindo na barca, visito e revisito paisagens com alguns momentos e alguns achados da pesquisa-rio.

O objetivo geral da pesquisa foi compreender as redes educativas constituídas no *Ilè Omidayè* e como elas se relacionam com os percursos formativos dos membros da comunidade-terreiro por meio de suas narrativas em interface com outros *espaçostempos* da cibercultura, especialmente o Facebook, e nos projetos e atividades culturais com os quais estão implicados.

Ao longo dos quatro capítulos, respondi as questões da pesquisa, reunindo elementos para compreender que as narrativas produzidas e circuladas *dentrofora* do *Ilè Omidayè* em interface com outros *espaçostempos* da cibercultura, mais notadamente o Facebook, constituem, criam, recriam e ampliam redes educativas. Para tecer minhas argumentações, em uma busca compreensiva, acionei os eventos e projetos culturais concebidos no terreiro como dispositivos da pesquisa.

Lidar com dados complexos, produzidos em volume e em fluxo nos espaços intersticiais (SANTAELLA, 2010) do terreiro e do Facebook, foi um dos maiores desafios da pesquisa. Para tanto, empreendi esforços em um trabalho etnográfico, aprendendo enquanto fazia. Na experiência vinculante, implicada e aprendente da minha *etnografia na cibercultura*, pude compreender como o *Ilè Omidayè* é uma sofisticada rede educativa atravessada por muitas outras, constituídas, recriadas e ampliadas com as narrativas produzidas, circuladas e em trânsito nos interstícios terreiro-cidade-ciberespaço.

As noções de redes educativas (ALVES, 2003, 2008) e de espaço multirreferencial de aprendizagem (FRÓES BURNHAM, 2000, 2012) foram valiosas para a compreensão do *Ilè Omidayè*, de seus projetos e das narrativas de seus membros.

Avançando um pouco mais para o começo com o objetivo de contextualizar saberes e culturas muitas vezes invisibilizados como o Candomblé, compreendi mais profundamente como seus referenciais e epistemologias próprias se atualizam por meio de variadas práticas,

fazeres, criações, narrativas e modos de estar no mundo instituindo experiências curriculantes, o que pode ser potencializado e mais visibilizado pelo digital em rede.

Compreendi que alguns riscos assumidos em meu mergulho e em meus posicionamentos, como estar aberta ao acontecimento, permitiu que os rumos da pesquisa fossem delineados em fluxo, construindo no processo, exigindo de mim uma escuta sensível e uma competência para identificar e compreender que saberes e experiências emergiam como relevantes para os interlocutores com as pistas, enunciações e texturas de suas etnonarrativas.

Pesquisar a experiência viva, pulsante de atores sociais em contextos culturais complexos nesses *espaçostempos* em articulação na cibercultura – terreiro, cidade e ciberespaço –, requer outras formas de conceber a ciência e *fazerpensar* a pesquisa. Acredito, portanto, que esta tese possa contribuir para novas conversas e diálogos teóricos e, sobretudo, metodológicos em pesquisas antropossociais.

Penso que a explicitação dos modos como mergulhei e naveguei na pesquisa-rio, acionando dispositivos multirreferenciais como o *fotodiário online* e também os eventos-dispositivos e projetos-dispositivos concebidos pelos próprios interlocutores, possa contribuir de modo ainda mais específico para a cena das pesquisas em e com candomblés, sobretudo pelo caráter implicado, aprendente, interativo e coautoral com que me relacionei com os interlocutores, seus saberes, suas invenções e narrativas. São eles *cronistas cotidianos do mundo*, termo que aprendi com Macedo (2012).

Mãe Márcia d'Oxum, particularmente, além de cronista cotidiana do mundo, pode ser considerada formadora socioculturalmente referenciada, acionando seus saberes, dispositivos e modos de se relacionar e de ser água. Ela se formou e se forma com o mundo, com o Candomblé, com suas tantas experiências, em muitas redes educativas, uma delas tecida na e com a própria pesquisa-rio, e com Oxum, que, além de orixá, se apresenta como fonte de tantas inspirações e como princípio cosmológico vinculado ao elemento água.

Com a forte simbologia do elemento água e todas as referências, domínios e atributos que possam ser associados a Oxum, como a fertilidade, o poder feminino, a diplomacia, o amor e a estratégia, Mãe Márcia é criadora de experiências curriculantes e de atos de currículo. Ela opera com um rico sistema de referências e pensa em sua própria existência e em sua história como um rio de Oxum. Seu modo de ser água como estratégia de enfrentamento das adversidades, de criação e de ocupação dos múltiplos espaços disponíveis, no próprio terreiro, na cidade e no ciberespaço, propicia seu processo de autorização, em que se torna autora de si mesma.

Sendo água, Mãe Márcia cria, em interação com membros do *Ilè Omidayè*, por meio de seus projetos, atividades, vídeos, imagens e narrativas diversas, experiências curriculantes e oportunidades para reexistência. Com seu próprio processo de autorização, ainda que com inacabamentos, Mãe Márcia é mediadora de outros processos de autorização em seus filhos e filhas, que aprendem a ocupar os espaços que desejarem, como evidenciado ao longo dos capítulos da tese nos percursos de formação de Ade, Brenno e Vitoria. Portanto, ela é educadora e formadora em seu contexto cultural e institui, embora de modo não sistematizado, o que pode ser tomado como uma *pedagogia da água* nos projetos, criações e eventos que apresentei e discuti nesta tese.

É também o que estou nomeando *pedagogia da água*, ou ao menos um de seus efeitos, que inspira e dinamiza o fluxo de narrativas produzidas e circuladas no *Ilè Omidayè* articulado ao ciberespaço, em especial ao Facebook, que se constituem em novas, recriadas e ampliadas redes educativas. Com sua *pedagogia da água*, Mãe Márcia me ensinou que tudo é conhecimento e que é preciso pensar como Oxum, como ela afirma em um dos vídeos produzidos por Brenno e em nossas conversas, que significa pensar como laço, como elo, como idé, o que permite, empaticamente, vincular e reunir pessoas para o fazer coletivo e colaborativo em projetos, nos quais se formam *aprendendofazendo*, na prática, reconhecendo e respeitando diferenças e valorizando causas comuns, como é traduzido na frase que gosta de dizer: “o que nos une é mais forte do que o que nos separa”.

O sonho iniciático de Mãe Márcia aos nove anos de idade que trouxe na forma adaptada do texto do *teaser* também remete a uma das experiências mais significativas de formação no Candomblé: a iniciação, que concentra os primeiros aprendizados de forma intensiva durante o período de recolhimento. Diz-se que o iniciado nasce ou renasce para uma nova vida, em que se formará perenemente e deverá buscar em suas ações e comportamentos formas de ativar e fortalecer o axé do seu orixá, tornando-o cada vez mais presente e perceptível em suas formas de estar no mundo e se relacionar com ele. Agir de modo apartado do princípio cosmológico do próprio orixá o distancia, afrouxa os elos com ele. É preciso buscar compreender esse princípio, conhecendo mais e mais o orixá, em sua complexidade, sempre aprendendo, o que pode oportunizar o autoconhecimento, o qual, por sua vez, por trazer a consciência do inacabamento, pode vir a favorecer o encontro com o outro, em uma abertura ao diálogo, empaticamente, o que é fundante para a educação.

Considero bonita e delicada a escolha de Mãe Márcia, em interação com os membros do terreiro, integrantes da equipe de produção cultural do terreiro, de retornar ao momento de

seu nascimento no Candomblé, em que tudo é possibilidade e abertura, na nascente do percurso que se fez e continua se fazendo rio, para falar do seu *odun* de 50 anos.

Volto a escutar a voz da menina no *teaser* do filme *Quem Conta é a Água*. Sua voz é plural. É a voz de Júlia, neta de Mãe Márcia, narradora da pequena história, de Mãe Márcia, que viveu a história. Chegando ao fim da tese, também ouço a voz da menina que fui, que sou e que serei. Ela sabe que há novos caminhos de pesquisa a seguir, como prolongamentos ou afluentes desta também. Ela também se escuta afirmando “Eu sou uma criança que conhece o terreiro”. Essa menina permaneceu em mim, aguçando a curiosidade e os sentidos *kékeré*, de reparar miúdo, importantes para atravessar o tempo da pesquisa.

Sou a primeira de nosso grupo de pesquisa a chegar ao término do Doutorado, o que me traz muita alegria, ao lado de uma imensa responsabilidade e algumas inseguranças. Algumas vezes, senti-me como a menina Mãe Márcia em seu sonho iniciático, afundando no profundo do rio, tamanhos os desafios enfrentados, até que voltava a apreciar, com leveza, aberta ao acontecimento, a experiência inesquecível que tem sido mergulhar e navegar na pesquisa-rio, encantada com seus mistérios, potências e belezas.

Chego até aqui, sentindo-me grata e feliz com o que aprendi e com o que pude compreender e produzir, trazendo alguns achados do mergulho para a superfície, igualmente ciente das incompletudes e equívocos deste trabalho, que permanece aberto, em fluxo. Encontro nas considerações de Paulo Freire (1996) elos com o que vivi e aprendi na pesquisa-rio em minhas relações com o mundo e com outras pessoas. Identifico laços e conexões, principalmente, com o que sinto neste momento importante, necessário e (in)conclusivo:

Continuemos a pensar um pouco sobre a inconclusão do ser que se sabe inconcluso, não a inconclusão pura, em si, do ser que, no suporte, não se tornou capaz de reconhecer-se interminado. A consciência do mundo e a consciência de si como ser inacabado necessariamente inscrevem o ser consciente de sua inconclusão num permanente movimento de busca. Na verdade, seria uma contradição se, inacabado e consciente do inacabamento, o ser humano não se inserisse em tal movimento. É neste sentido que, para mulheres e homens, estar no mundo necessariamente significa estar com o mundo e com os outros. Estar no mundo sem fazer história, sem por ela ser feito, sem fazer cultura, sem “tratar” sua própria presença no mundo, sem sonhar, sem cantar, sem musicar, sem pintar, sem cuidar da terra, das águas, sem usar as mãos, sem esculpir, sem filosofar, sem pontos de vista sobre o mundo, sem fazer ciência, ou teologia, sem assombro em face do mistério, sem aprender, sem ensinar, sem ideias de formação, sem politizar não é possível.

E na inconclusão do ser, que se sabe como tal, que se funda a educação como processo permanente. Mulheres e homens se tornaram educáveis na medida em que se reconheceram inacabados. Não foi a educação que fez mulheres e homens educáveis, mas a consciência de sua inconclusão é que gerou sua educabilidade. É também na inconclusão de que nos tornamos conscientes e que nos insere no movimento permanente de procura que se alicerça a esperança. (FREIRE, 1996, pp. 57-58)



O campo fértil e generoso do *Ilê Omidayê* articulado a outros *espaçostempos* da cibercultura, até o término temporário da pesquisa-rio, ofereceu peixes para me indicar caminhos nas águas, concebendo dispositivos que aciono, como os projetos realizados com os quais dialoguei ao longo da tese, e agora, o *teaser* do filme, que também considero dispositivo para a elaboração destas (in)conclusões.

A conclusão provisória da travessia na pesquisa-rio aponta para recomeços, com vigor de criança que deseja conhecer o mundo. O rio que me formou autora da pesquisa e me impulsiona a continuar me aventurando, também formou e continua formando Mãe Márcia como autora do livro em que pretende contar sua história de vida com a chegada do seu *odun* de 50 anos. Há também novos sonhos e projetos, como o filme, que é parte do grande projeto *Quem Conta é a Água*. Seguiremos nos formando, aprendendo, inquietas, esperançosas, inseridas no movimento de procura permanente. Correnteza. Idés que soam como as águas rápidas.

Figura 146 – Conversas com Mãe Márcia no quarto de Oxum



Fonte: foto de Brenno Santos

## REFERÊNCIAS

ADÚN, Guellwaar; ADÚN, Mel; RATTTS, Alex (orgs.). *Ogum's Toques Negros: coletânea poética*. Salvador: Editora Ogum's Toques Negros, 2014.

ALVES, Nilda. Cultura e cotidiano escolar. *Revista Brasileira de Educação*, número 23, maio/junho/julho/agosto, 2003.

\_\_\_\_\_. Sobre Movimentos das Pesquisas nos/dos/com os Cotidianos (2008). In: GARCIA, Alexandra; OLIVEIRA, Inês Barbosa de (orgs.). *Nilda Alves: praticantepensante de cotidianos – textos selecionados de Nilda Alves*. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2015.

\_\_\_\_\_. Faz Bem Trabalhar a Memória: criação de currículos nos cotidianos, em imagens e narrativas (2007). In: GARCIA, Alexandra; OLIVEIRA, Inês Barbosa de (orgs.). *Nilda Alves: praticantepensante de cotidianos – textos selecionados de Nilda Alves*. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2015.

\_\_\_\_\_. Sobre o movimento das pesquisas nos/dos/com os cotidianos. In: OLIVEIRA, Inês Barbosa; ALVES, Nilda (Orgs.). *Pesquisa no/do cotidiano das escolas: sobre redes de saberes*. Petrópolis: DP&A, 2008.

\_\_\_\_\_. Tecer conhecimento em rede. In: ALVES, N.; GARCIA, R. L. (Orgs.). *O sentido da escola*. Rio de Janeiro: DP&A, 2002, p.26-38.

ALVES, N.; GARCIA, R. L. *O sentido da escola*. Petrópolis: DP Et Alii, 2008.

AMANTE, L. Facebook e Novas Sociabilidades: contributos da investigação. In: PORTO, C., and SANTOS, E., (orgs.). *Facebook e educação: publicar, curtir, compartilhar*. Campina Grande: EDUEPB, 2014.

ARDOINO, J. Abordagem multirreferencial (plural) das situações educativas e formativas. In: BARBOSA, J. G. (Coord.). *Multirreferencialidade nas ciências e na educação*. São Carlos: EdUFSCar, 1998, p.58-78

\_\_\_\_\_. *Para uma pedagogia socialista*. Brasília: Plano, 2003.

BARBIER, R. A escuta sensível na abordagem transversal. In: BARBOSA, Joaquim (Coord.). *Multirreferencialidade nas ciências e na educação*. São Carlos: Editora da UFSCar, 1998.

\_\_\_\_\_. *A pesquisa-ação*. Brasília: Plano, 2002.

\_\_\_\_\_. Sobre o Imaginário. *Em Aberto*. Brasília: v. 14, n. 61, p. 15-23, jan/mar, 1994.

BARBOSA, J. G; HESS, R. *O Diário de Pesquisa: o estudante universitário e seu processo formativo*. Brasília: Liberlivro, 2010.

BARROS, Manoel de. *Livro sobre nada*. 5ª.ed. Rio de Janeiro: Record, 1997, p. 47.

BERNARDO, Teresinha. *Negras, Mulheres e Mães: lembranças de Olga de Alaketu*. Rio de Janeiro: Pallas, 2003.

BRUNO, Fernanda. *Máquinas de ver, modos de ser: vigilância, tecnologia e subjetividade*. Porto Alegre: Sulina, 2013.

BUCCI, Eugênio. Álbum de Família - Meu pai, meus irmãos e o tempo. In: *8 X Fotografia*. MAMMI, Lorenzo e SCHWARCZ, Lilia (ORG). São Paulo: Cia das Letras, 2008.

BRESSON, H. C. O instante decisivo. Tradução livre e informal do inglês por Paulo Thiago de Mello de trecho do livro *The Decisive Moment*. New York: Verve and Simon and Schuster, 1952.

BURKE, Peter. *Testemunha Ocular - História e Imagem*. São Paulo: Edusc, 2004.

CABRAL, Muniz Sodré A. *A narração do fato: notas para uma teoria do acontecimento*. Petrópolis: Vozes, 2009.

CAPUTO, Stela G. *Educação nos terreiros: e como a escola se relaciona com crianças de Candomblé*. 1ª. ed. Rio de Janeiro: Pallas, 2012a.

\_\_\_\_\_. Artefatos nas redes educativas dos cotidianos de terreiros de candomblé nas relações possíveis com as escolas: discutindo as noções de tradição, cultura e identidade. In: ALVES, N.; LIBÂNEO, José C. (orgs). *Temas de pedagogia: diálogos entre didática e currículo*. São Paulo: Cortez, 2012b.

\_\_\_\_\_. Fotografia e pesquisa em diálogo sobre o olhar e a construção do objeto. *Revista Teias*, ano 2, n. 4, p. 115-122, jul/dez. 2001.

CAPUTO, Stela Guedes; PEREIRA, Máira. C. A. *Crianças de Candomblé: redes educativas, narrativas, saberes e fotografias nos cotidianos dos terreiros*. In: Cortesão, Irene; Neves, Maria Ivone; Pequito, Paula; Samagaio, Florbela; Trevisan, Gabriela. (Org.). *Travessias e Travessuras nos Estudos da Criança - Atas do III Simpósio Luso-Brasileiro em Estudos da Criança*. 1ed.Porto: Edições ESE Paula Frassinetti, 2016.

\_\_\_\_\_. *Narrativas digitais nas diversas redes educativas que atravessam as aprendizagens em terreiros de Candomblé*. In: Currículo na Contemporaneidade: internacionalização e contextos locais - ATAS do XI Colóquio sobre Questões Curriculares; VII Colóquio Luso-Brasileiro Sobre Questões Curriculares; I Colóquio Luso-Afro-Brasileiro Sobre Questões Curriculares. Braga: Instituto de Educação/Universidade do Minho e FCT, 2014, p. 32-3543.

CASTELLS, M. *A sociedade em rede - a era da informação: economia, sociedade e cultura*; v. 1. São Paulo: Paz e Terra. 6ª. ed., 1999.

CLIFFORD, J.; MARCUS, G. E. *A Escrita da Cultura: poética e política da etnografia*. Rio de Janeiro: EdUERJ: Papéis Selvagens Edições, 2016.

CORSARO, William, A. *Sociologia da Infância*, Porto Alegre: Artmed, 2011.

COULON, Alain. *Etnometodologia e Educação*. Petrópolis: Vozes, 1995.

FRAGOSO, Suely; RECUERO, Raquel; AMARAL, Adriana. *Métodos de Pesquisa Para Internet*. Porto Alegre: Sulina, 2011.

FREIRE, P. *Pedagogia do Oprimido*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1983.

\_\_\_\_\_. *Pedagogia da Esperança*. 13 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2006.

\_\_\_\_\_. *A Educação na cidade*. Prefácio de Moacir Gadotti e Carlos Alberto Torres; notas de Vicente Chel. 5 ed. São Paulo: Cortez, 2001.

\_\_\_\_\_. *Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa*. 29 ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

FRÓES BURNHAM, Teresinha. *Análise Cognitiva e Espaços Multirreferenciais de Aprendizagem: currículo, educação a distância e gestão/difusão do conhecimento*. Salvador: EDUFBA, 2012.

\_\_\_\_\_. Sociedade da informação, sociedade do conhecimento, sociedade da aprendizagem: implicações ético-políticas no limiar do século. In: LUBRISCO, N. L.; BRANDAO, L. B. (Orgs.). *Informação e Informática*. Salvador: EDUFBA, 2000, p.283-306.

GAMA, F. Etnografias, auto-representações, discursos e imagens: somando representações. In: GONÇALVES, M. A.; HEAD, S. *Devires imagéticos: a etnografia, o outro e suas imagens*. Rio de Janeiro: 7Letras, 2009.

GARCIA, Alexandra; OLIVEIRA, Inês Barbosa de (orgs.). *Nilda Alves: praticantepensante de cotidianos – textos selecionados de Nilda Alves*. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2015.

GEERTZ, Clifford. *A Interpretação das Culturas*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2015.

\_\_\_\_\_. Do ponto de vista dos nativos: a natureza do entendimento antropológico. In: *O Saber Local: novos ensaios em Antropologia Interpretativa*. Petrópolis RJ: Vozes, 1997.

\_\_\_\_\_. *Obras e Vidas: o antropólogo como autor*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2002.

GONÇALVES, M. A.; HEAD, S. *Devires imagéticos: a etnografia, o outro e suas imagens*. Rio de Janeiro: 7Letras, 2009.

GUIMARÃES ROSA, João. *Ficção completa*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1994.

HINE, C. *Virtual Ethnography*. London: SAGE Publications, 2000.

LEMOS, A. *Cibercultura: tecnologia e vida social na cultura contemporânea*. 5ª. ed. Porto Alegre: Sulina, 2010.

\_\_\_\_\_. *Cibercultura: alguns pontos para compreender a nossa época*. In: LEMOS, André; CUNHA, Paulo (orgs). *Olhares sobre a Cibercultura*. Porto Alegre: Sulina, 2003.

LEMOS, A.; LÉVY, Pierre. *O futuro da internet: em direção a uma ciberdemocracia planetária*. São Paulo: Paulus, 2010.

LIMA, Luís Filipe de. *Oxum: a mãe da água doce*. Rio de Janeiro: Pallas, 2012.

LODY, Raul. *O Povo de Santo: religião, história e cultura dos orixás, voduns, inquices e caboclos*. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

KIRKPATRICK, D. *O efeito Facebook: os bastidores da história da empresa que conecta o mundo*. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2011.

MACEDO, Nélia; RIBES, Rita. Ser amigo e ter amigos no Facebook. In: PORTO, C., and SANTOS, E., (orgs). *Facebook e educação: publicar, curtir, compartilhar*. Campina Grande: EDUEPB, 2014.

MACEDO, Roberto Sidnei. *A etnopesquisa crítica e multirreferencial nas ciências humanas e na educação*. Salvador: EDUFBA, 2000.

\_\_\_\_\_. *A etnopesquisa implicada: pertencimento, criação de saberes e afirmação*. Brasília: Liber Livro, 2011.

\_\_\_\_\_. *A Pesquisa e o Acontecimento: compreender situações, experiências e saberes acontecimentais*. Salvador: EDUFBA, 2016.

\_\_\_\_\_. *A Teoria Etnoconstitutiva de Currículo: teoria-ação e sistema curricular formacional*. Curitiba: CRV, 2016.

\_\_\_\_\_. *Atos de currículo e autonomia pedagógica*. Petrópolis: Vozes, 2013.

\_\_\_\_\_. *Atos de currículo, formação em ato?* Ilhéus: Editus, 2012.

MACEDO, Roberto Sidnei. Multirreferencialidade: o pensar de Jacques Ardoino em perspectiva e a problemática da formação. In: MACEDO, R. S.; BORBA, S.; BARBOSA, J. G. *Jacques Ardoino e a Educação*. Coleção Pensadores e Educação. Belo Horizonte: Autêntica, 2012, p.68-96.

\_\_\_\_\_. *Pesquisar a Experiência: compreender/mediar saberes experienciais*. Curitiba: CRV, 2015.

\_\_\_\_\_. *Um rigor outro sobre a qualidade na pesquisa qualitativa: educação e ciências humanas* / Roberto Sidnei Macedo, Dante Galeffi, Álamo Pimentel; prefácio Remi Hess. Salvador: EDUFBA, 2009.

MACEDO, R. S.; BORBA, S.; BARBOSA, J. G. *Jacques Ardoino e a Educação*. Coleção Pensadores e Educação. Belo Horizonte: Autêntica, 2012.

MACEDO, R. S; GUERRA, Denise. Reflexões sobre a Exteriorização de Experiências Formativas Via Diários Online em Contextos Multirreferenciais de Pesquisa-Formação. In: SANTOS, E (org). *Diário Online: dispositivo multirreferencial de pesquisa-formação na cibercultura*. Portugal: Whitebooks, 2014.

MACEDO, R. S; MACEDO DE SÁ; S. M. *Etnocurrículo: etnoaprendizagens: a educação referenciada na cultura*. São Paulo: Edições Loyola, 2015.

MACEDO DE SÁ, S. M. Etnoaprendizagem: a aprendizagem como experiência cultural. In: MACEDO, R. S; MACEDO DE SÁ; S. M. *Etnocurrículo: etnoaprendizagens: a educação referenciada na cultura*. São Paulo: Edições Loyola, 2015.

MARTINS, Cléo; MARTINS, Roberval. *Iroco: o orixá da árvore e a árvore-orixá*. Rio de Janeiro: Pallas, 2002.

MITSUISHI, Y. Entre graphos e ethos: uma abordagem crítica a etnografia virtual. In: RIBEIRO, J.; BAIRON, S. (Orgs.). *Antropologia Visual e Hipermissão*. Lisboa: Edições Afrontamento, 2007.

MORIN, Edgar. *Introdução ao Pensamento Complexo*. 4ª.ed. Porto Alegre: Sulina, 2011.

\_\_\_\_\_. *Ciência Com Consciência*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2002.

\_\_\_\_\_. (Org.). *A religação dos saberes: o desafio do século XXI*. Tradução de Flávia Nascimento. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2007, p. 195.

NÓVOA, A. (Org.). *Profissão professor*. Porto, Portugal: Porto, 1991.

\_\_\_\_\_. *Formação de professores e trabalho pedagógico*. Lisboa: Educa, 2002.



OSWALD, M. L. M. B.; COUTO JÚNIOR, D. R.; WORCMAN, K (orgs). *Narrativas Digitais, Memórias e Guarda*. Curitiba: CRV, 2014.

PEIRANO, Mariza. *A favor da etnografia*. Série Antropologia – DAn /UnB. Brasília: DAn/UnB, 1992.

PEREIRA, Máira. C. A. Entre labirintos e fuxicos: encontrando novos caminhos e tecendo saberes na formação de professores on-line. In: SANTOS, Edméa; ALVES, Lynn (Org.). *Práticas Pedagógicas e Tecnologias Digitais*. 1ed. Rio de Janeiro: E-papers, 2006, p. 199-214.

\_\_\_\_\_. Narrativas Digitais nas Diversas Redes Educativas Que Atravessam as Aprendizagens em Terreiros de Candomblé no Brasil. In: MARANHÃO FILHO, Eduardo Meinberg de Albuquerque. (Org.). *Religiões e Religiosidades no (do) Ciberespaço*. 1ed. São Paulo: Fonte Editorial, 2013, p. 05-326.

PEREIRA, Márcia Dória (Mãe Márcia d'Oxum). *Candomblé: um culto à natureza*. Rio de Janeiro, 2011.

PESSOA DE BARROS, José Flávio. *A Floresta Sagrada de Ossaim*. Rio de Janeiro: Pallas, 2011.

\_\_\_\_\_. *A Fogueira de Xangô, o Orixá de Fogo: uma introdução à música sacra afro-brasileira*. Rio de Janeiro: Pallas, 2009.

\_\_\_\_\_. *Na Minha Casa: preces aos orixás e ancestrais*. Rio de Janeiro: Pallas, 2010.

PIMENTEL, A. Considerações sobre a autoridade e o rigor nas etnografias da educação. In: MACEDO, R. S. *Um rigor outro sobre a qualidade na pesquisa qualitativa: educação e ciências humanas* / Roberto Sidnei Macedo, Dante Galeffi, Álamo Pimentel; prefácio Remi Hess. Salvador: EDUFBA, 2009.

POLIVANOV, B. *Etnografia Virtual, Netnografia ou Apenas Etnografia? Implicações dos Termos em Pesquisas Qualitativas na Internet*. Anais do XXXVI Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação (Intercom), Manaus, 2013.

PORTO, C., and SANTOS, E., (orgs). *Facebook e educação: publicar, curtir, compartilhar*. Campina Grande: EDUEPB, 2014.

ROCHA, P; MONTARDO, S. *Netnografia: incursões metodológicas na cibercultura*. E-Compós, dez. 2005.

SÁ, S. *O samba em rede – comunidades virtuais, dinâmicas identitárias e carnaval carioca*. Rio de Janeiro: E-papers, 2005.

SÁ, S.; POLIVANOV, B. *Materialidades da comunicação e presentificação do self em sites de redes sociais*. Anais do XXI Encontro Anual da Compós, Juiz de Fora, 2012.

SANDOVAL SCHMIDT, Maria Luisa. Pesquisa Participante e Formação Ética do Pesquisador na Área de Saúde. *Ciência & Saúde Coletiva*, 2008, 13 (marzo-abril).

SANTAELLA, Lucia. *Leitura de imagens*. São Paulo: Editora Melhoramentos, 2012.

\_\_\_\_\_. Intersubjetividade nas redes digitais: repercussões na educação. In: PRIMO, Alex (org). *Interações em Rede*. Porto Alegre: Editora Sulina, 2013.

\_\_\_\_\_. *A ecologia pluralista da comunicação: conectividade, mobilidade, ubiquidade*. São Paulo: Paulus, 2010.

SANTAELLA, L.; LEMOS, R. *Redes sociais digitais: a cognição conectiva do Twitter*. São Paulo: Paulus, 2010.

SANTOS, Boaventura de S. *Pela mão de Alice: o social e o político na pós-modernidade*. São Paulo: Cortez, 1995.

SANTOS, B. S.; MENESES, M. P. (Orgs.). *Epistemologias do Sul*. São Paulo: Cortez, 2009.

SANTOS, Edméa (org). *Diário Online: dispositivo multirreferencial de pesquisa-formação na cibercultura*. Portugal: Whitebooks, 2014.

\_\_\_\_\_. *Educação online: cibercultura e pesquisa-formação na prática docente*. Tese (Doutorado em Educação). Orientação: Roberto Sidnei Macedo. Universidade Federal da Bahia. FAGED-UFBA, Bahia, 2005.

\_\_\_\_\_. *Pesquisa-formação na cibercultura*. Santo Tirso, PT: Whitebooks, 2014.

SANTOS, E; WEBER, A. A criação de atos de currículo no contexto de espaços intersticiais. *Revista teccogs* n. 7, 156 p, jan.-jun, 2013.

\_\_\_\_\_. Diários Online, Cibercultura e Pesquisa-Formação Multirreferencial. In: SANTOS, E (org). *Diário Online: dispositivo multirreferencial de pesquisa-formação na cibercultura*. Portugal: Whitebooks, 2014.

SANTOS, Rosemary S. *Formação de Formadores e Educação Superior na cibercultura: itinerâncias de Grupos de Pesquisa no Facebook*. Tese (Doutorado em Educação). Orientação: Edméa Oliveira dos Santos. Universidade do Estado do Rio de Janeiro. ProPEd/UERJ, Rio de Janeiro, 2015.

SANTOS, Rosemary S.; SANTOS, Edméa O. Cibercultura: redes educativas e práticas cotidianas. *Revista Eletrônica Pesquiseduca*, pp. 159-183, v. 04, n. 07, jan-jul 2012.

SODRÉ, Muniz. *A narração do fato: notas para uma teoria do acontecimento*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009, 287p.

SOUTY, Jérôme. O lugar da imagem na pesquisa. In: *Pierre Fatumbi Verger – do olhar livre ao conhecimento iniciático*. Bahia: Editora Terceiro Nome, 2011.

\_\_\_\_\_. A relação com a escrita. In: *Pierre Fatumbi Verger – do olhar livre ao conhecimento iniciático*. Bahia: Editora Terceiro Nome, 2011.

SOUZA, Elizeu Clementino de. OUTRAS FORMAS DE DIZER: diálogos sobre pesquisa narrativa em/com Nilda Alves. *Revista Teias* v. 13, n. 29, 61-72, n. especial, 2012.

TACCA, Fernando de. *Imagens do Sagrado*. São Paulo: Editora Unicamp, 2009.

TAVARES, Ildásio. *Xangô*. Rio de Janeiro: Pallas, 2<sup>a</sup>. ed, 2008.

THEODORO, Helena. *Iansã: rainha dos ventos e das tempestades*. Rio de Janeiro: Pallas, 2013.

VELHO, Gilberto. Observando o familiar. In: Nunes, Edson de Oliveira (org.) *A Aventura Sociológica: objetividade, paixão, improviso e método na pesquisa social*. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1978.